

Família Fortes Bustamante



Com as pesquisas, textos e anotações de:

Luiz Carlos Pinto Bustamante

José Sebastião Rezende Monti "Zezé Monti"

Antonio Nélcio Abreu "Chinho"

Adauto de Andrade

Há pessoas que não apreciam "Genealogia", não se interessam por saber quem é seu avô, bisavô ou trisavô; não querem saber de onde vêm, quais são os seus ascendentes. Ora, a Genealogia é a Ciência da nossa racionalidade, da marca indelével das nossas origens; diz de onde viemos, diz quem somos, diz quais são as nossas raízes, mostra-nos a nossa importância. A Genealogia exige paciência, perseverança e intercâmbio, mostra a necessidade da comunicação com outros Genealogistas e causa grandes surpresas e grandes emoções. Enfrenta grandes obstáculos, terríveis barreiras, surpreendentes interrogações. A Genealogia é uma paixão e quem nela entra dela não sai mais. A Genealogia é amor; amor aos antepassados. A Genealogia é gratidão; gratidão aos que nos antecederam nesta vida. A Genealogia é memória imperecível. A Genealogia quase se confunde com a Heráldica. A Genealogia atesta a importância de uma Família. A Genealogia é como o Livro; conserva a memória das gerações passadas contra a tirania do tempo e contra o esquecimento dos homens, que ainda é a maior tirania, e enaltece as gerações hodiernas. A Genealogia move os ânimos e causa grandes efeitos.

Padre Reynato Breves no artigo "Novas Revelações da Genealogia" publicado em 1998 no Jornal da Cidade, de Barra do Piraí, RJ.

FAMÍLIA FORTES BUSTAMANTE

- 2021 -

Luiz Carlos Pinto Bustamante

José Sebastião Rezende Monti

“Zezé Monti”

Antonio Nélcio Abreu

“Chinho”

Família Fortes Bustamante

1ª Edição

2021

Adauto de Andrade

(organizador)

São José dos Campos – SP

Família Fortes Bustamante / organização Adauto de Andrade 1.ed. – São José dos Campos, São Paulo: O Organizador, 2021.

Luiz Carlos Pinto Bustamante;
José Sebastião Rezende Monti; e
Antonio Nélcio Abreu.

A565ff

240 p.; 21cm.

ISBN (em registro)

1. Genealogia 2. Famílias 3. História I. Título

CDD 529.2
CDU 529.521




Creative Commons
Atribuição Uso Não Comercial 4.0 Internacional

Você tem a liberdade de **compartilhar** – copiar, distribuir e transmitir esta obra, bem como de **remixar** – criar obras derivadas, sob a condição de não utilizar nenhuma das informações aqui contidas para fins comerciais ou para causar qualquer tipo de dano moral a quem quer que seja.

Contato com o organizador:

Adauto de Andrade

 (12) 98113-1300

adauto@legal.adv.br

*A organização deste livro somente
foi possível graças à generosidade de
Mauro José Fortes
por compartilhar os arquivos
que lhe foram confiados por
Antônio Carlos Fortes (o “Fortinho”)
que por sua vez havia guardado
as pesquisas e anotações de
Luiz Carlos Pinto Bustamante.*

INTRODUÇÃO

Este livro começou como uma brincadeira a partir de um início de levantamento genealógico da família *Fortes* que já há muitos anos tentei fazer para minha amiga Milena. Acontece que, na época, Rodrigo, o primo dela (que eu sequer conhecia), estava para se casar com uma amiga em comum, a Sheila. Como eu não sabia lá muito bem qual seria o grau de parentesco entre ambos, então resolvi montar um genograma para, no final, demonstrar como é que a Sheila passaria a ser “sua prima”...

Fiz então uma pesquisa bem básica, lastreada praticamente nas informações passadas verbalmente por ambas – e cheguei num denominador comum!

Entretanto, nessa mesma época eu estava aprofundando as pesquisas de minha própria família e “me educando” para somente inserir na árvore genealógica as informações que pudessem ser comprovadas documentalmente. E eis que em dado momento resolvi novamente me debruçar sobre aquele genograma, que até então subia apenas umas duas gerações, e ainda assim somente da família Fortes.

Pesquisei um pouco mais, levantei alguns documentos públicos, localizei os históricos de projetos de lei na Câmara Municipal de Jacareí, SP, consultei um inventário no Fórum local – o de praxe para qualquer pesquisador.

Subi mais umas duas gerações e eis que, novamente, me encontrei no que costumamos chamar de “beco sem saída”, ou seja, não me foi possível levantar mais nenhuma informação que me permitisse avançar nas pesquisas.

Isso até meados do ano de 2021.

Em plena pandemia – já que o maldito Coronavírus veio a nos obrigar a não sair de casa, tal qual na obra *O Decamerão*, de *Giovanni Boccaccio* – comecei a fuçar em minhas antigas anotações e a consultar os links e textos que havia guardado como referência dessa pesquisa (todo genealogista, quer seja amador ou profissional, sempre tem uma coletânea de notas para “verificar depois com calma”). E ali encontrei, devidamente arquivado nas entranhas das catacumbas de meu computador, “*O Trabalho de Pedralva*”, cujo detalhamento está no Título IX desta obra.

Pelos locais, pelos nomes, pelas coincidências, me veio a certeza de que tratava-se dos antepassados da família *Bustamante Fortes* de Jacareí, SP. Mas ainda faltava uma conexão, ainda havia um “elo perdido” necessário para confirmar essa ligação. Ainda assim, tendo por base essas informações e um tanto de lógica dedutiva – *não se iludam: todo aspirante a genealogista se acha um detetive!* – tracei as origens dessas famílias e publiquei lá no meu blog, em <http://legal.adv.br/gen/20210615/fortes-de-bustamante>.

Na sequência, mesmo após tantos anos, resolvi conversar com minha amiga Sheila sobre esse assunto e ela me veio com a melhor notícia possível para um pesquisador: um estudo nesse sentido já havia sido feito por um membro da família (infelizmente já falecido) e os arquivos digitais estavam todos guardados com seu sogro, o Sr. Mauro José Fortes!

Ele teve a gentileza de me ceder esses arquivos e ao juntar esses levantamentos e anotações com meus estudos das origens dessas famílias e mais o Trabalho de Pedralva, foi então possível traçar uma linha única desde os primórdios, por volta do **ano 1350**, na Espanha, até os dias de hoje.

Para que não se perdesse esse minucioso levantamento, que certamente deve ter levado décadas e o esmero de diversos pesquisadores, resolvi organizar todo esse material no formato de livro. Sem entrar no mérito das informações contidas nos textos anteriores, meus próprios levantamentos abrangeram as origens das famílias, conforme consta no Título VI, e minha intervenção maior se deu na ordenação de seus descendentes, no Título VII, e na construção da árvore com seus ascendentes, Título VIII.

Foi essa minha contribuição. A organização de todas essas informações guardadas a respeito da família *Fortes Bustamante* para que sua história se perpetue para a posteridade – mas já vou lhes avisando: se houver quaisquer inconsistências ou equívocos em alguma parte deste livro, *isso é normal*. Não se arregimenta *quase sete séculos de história* sem o risco de algum deslize. Portanto deixarei para o futuro e para os verdadeiros descendentes dessa família desvendarem eventuais mal entendidos que possam ter ocorrido.

Adauto de Andrade
Organizador

<http://www.legal.adv.br>

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	11
I	SOBRE AS ORIGENS	13
I	ORIGENS DOS SOBRENOMES FORTES E BUSTAMANTE	13
II	SOBRE A SUPOSTA ASCENDÊNCIA FRANCA AO SOBRENOME ..	16
III	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO POLO DE IRRADIAÇÃO CANTÁBRIA – UM POUCO DE SUA HISTÓRIA	22
II	DIFUSÃO DO SOBRENOME	31
I	DIFUSÃO NA AMÉRICA LATINA	31
II	DIFUSÃO NA AMÉRICA DO NORTE	33
III	DIFUSÃO NA EUROPA	34
IV	DIFUSÃO NA ÁSIA	35
V	DIFUSÃO NA ÁFRICA	37
	NOTAS AO TÍTULO II – DIFUSÃO DO SOBRENOME	38
III	O SOBRENOME NO BRASIL	38
I	EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL	38
II	ANTIGUIDADE DO SOBRENOME EM MINAS GERAIS	46
III	A DISPERSÃO PARA OUTROS ESTADOS	54
IV	RAMOS FAMILIARES – A JUNÇÃO DE OUTROS SOBRENOMES .	57
IV	ALGUMA HISTÓRIA	61
I	CRONOLOGIA	61
II	FAZENDA SANTA CLARA – SUA HISTÓRIA	79
V	O JUIZ DE FORA INCRIMINADO?	87
VI	RASTREANDO A ORIGEM DE “FORTES DE BUSTAMANTE”	91

VII	“FORTES DE BUSTAMANTE” NO BRASIL	97
I	LUIZ FORTES DE BUSTAMANTE E SÁ	97
II	MANOEL FORTES BUSTAMANTE DE SÁ E FIGUEIREDO	117
III	IGNÁCIO DE LOYOLA BUSTAMANTE FORTES	120
IV	PHILADELPHO JOAQUIM NOGUEIRA DE CARVALHO	191
V	IGNÁCIO DE LOYOLA BUSTAMANTE FORTES	198
VIII	ÁRVORE DE ASCENDENTES	219
IX	O TRABALHO DE PEDRALVA E A AUTORIA COLETIVA	225
I	“O TRABALHO DE PEDRALVA” – CITAÇÕES	225
II	AUTORIA COLETIVA – COLABORAÇÃO DA FAMÍLIA	227
X	FONTES, REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA	229

APRESENTAÇÃO

Dar atenção, cuidar e preservar a memória dos ancestrais, sempre esteve enraizado na cultura de todos os povos, em todos os tempos. Repetir seus nomes, lembrar suas virtudes e o papel que tiveram na história da linhagem, acaba conduzindo à necessidade de fixá-las pela escrita. Também é quase certo que imagens iconográficas – ontem, representadas nos retratos pintados, hoje, nas fotografias – tinham e têm, também, a função de preservar a memória de nossos antecedentes, a lembrança dos ancestrais.

Quem sabe o gosto arraigado pela fotografia seja, no fundo, uma vontade secreta de legar para a posteridade uma lembrança, um instrumento de rememoração de pessoas e lugares. Achamos que sim!

O epitáfio e o nome gravado na pedra ou lápide de uma sepultura, em honra do ancestral morto, ou mesmo de um ente querido recém falecido, também não seria uma maneira de conservar sua memória, de cuidar para que seu nome não caia no esquecimento?

Nos serviços religiosos de qualquer credo sempre foi preciso se conhecer os nomes dos ancestrais, os nomes dos que se foram desta vida, para que fossem lembrados, e por eles os fiéis e seus descendentes orassem. Na Idade Média era costume se compor “Manuais de Ancestrais”, que nada mais eram do que listas ditadas e escritas dos ancestrais de uma família, de uma determinada linhagem, para as finalidades mais diversas, religiosas ou políticas, por exemplo, conforme o nível ou hierarquia das famílias na sociedade. Os monges escreviam esses tipos de listas e nos mosteiros uma enorme quantidade de nomes se achava assim armazenada. Porém, durante esse tempo, e por ainda alguns séculos a mais, ter os registros ou listas das linhagens era privilégio das castas nobres ou mais abastadas. Claro, estamos falando da Europa.

Enfim, no que nos diz respeito, no início por curiosidade, e depois motivado pelo que passamos a denominar de “O Trabalho de Pedralva” e, também, ainda por gosto pessoal e pela força do incentivo e das importantes participações de familiares, ou seja, dos muitos e amáveis “primos” recém descobertos, propusemo-nos, também, a escrever a nossa lista de ancestrais acompanhada do nosso manual de descendências, ou seja, como apraz à maioria, a nossa árvore genealógica. No nosso caso, o manual de genealogia da família Bustamante.

Luiz Carlos Pinto Bustamante

TÍTULO I

SOBRE AS ORIGENS

SUBTÍTULO I

ORIGENS DOS SOBRENOMES FORTES E BUSTAMANTE

Temos aqui duas importantes famílias que vieram da Espanha e Portugal e cujos descendentes até hoje estão espalhados pelo Brasil, às vezes com o nome de “*Fortes Bustamante*”, às vezes com o nome de “*Bustamante Fortes*”, sendo que em outros casos restou apenas o “*Bustamante*” ou somente o “*Fortes*”. Tendo primeiramente se estabelecido em Minas Gerais, também encontramos os descendentes de seu tronco principal no Rio de Janeiro, São Paulo, Piauí e mesmo alguns em Mato Grosso. A grande dificuldade que encontramos para traçar as corretas linhas genealógicas de descendência dessa numerosíssima família foi a gigantesca quantidade de homônimos que encontramos geração após geração, de modo que muitos genealogistas (e dos mais experientes!) já se equivocaram ao construir essa árvore – o que não significa que estejamos isentos a esse mesmo tipo de erro: o tempo e as revisões o dirão...

Mas, conforme se verá, foram necessárias doze gerações a partir da família Fortes, desde a mais antiga ocorrência que encontramos desses nomes, para que chegássemos no formato composto hoje tão conhecido por aqueles que são da família.

FORTES é um sobrenome de origem patronímica (ou seja, formado a partir do nome do pai), tomado de antigo nome de batismo medieval, *Fortún* > *Fortes*. Na Espanha, *Fuertes*. Do adjetivo forte. O local primitivo da família Fuertes encontra-se nas Astúrias,



Espanha, tendo a sua origem e fundação num dos castelos ou casas fortificadas que foram mandadas construir no Concelho de Cangas, por ordem do Rei Dom Alfonso el Casto (*759 +842), quando, vitorioso na Batalha de Lutos contra os mouros, queria proteger todo aquele território de novas invasões.

BUSTAMANTE, por sua vez, é um sobrenome de origem toponímica (geográfica). Família originária de Castela, que tomou o seu sobrenome do Lugar de Bustamante, de que foram senhores, de modo que o nome dessa localidade foi incorporando-se também como



o nome das famílias que eventualmente viviam naquele lugar – ou seja, se alguém fosse fazer referência a uma pessoa que morasse naquela região, diria algo como “*Fulano, que mora na região de Bustamante*” ou, melhor dizendo, “*Fulano de Bustamante*”. Essa localidade pertence hoje ao Município de Valderredible, na Província da Cantábria, Espanha. Passaram seus descendentes a Portugal, de onde se acabaram também vindo para o Brasil.

No centro-norte da Espanha, na Cantábria, uma província que se limita ao norte pelo mar cantábrico, a leste pelo País Basco, ao sul por La Rioja, Castela e Leão, nesta ordem, e a oeste pela Astúrias, existia um ajuntamento ou aldeia que se chamava Bustamante. Existia, porque hoje a região está inundada por um lago formado por uma barragem que foi construída nos anos sessenta. Nessa aldeia se originou, ou nela se registrou pela primeira vez, alguém de uma família cujo chefe ou líder que ali vivia e possuía bens ou terras, passaria a se fazer conhecer e a portar o sobrenome *de Bustamante*. À família, o sobrenome foi dado com o nome do lugar: **de Bustamante**; procedimento comum naquela época. Aos sobrenomes com nomes de lugares, ou de origem geográfica, denominamos sobrenomes toponímicos.

Já a própria palavra Bustamante pode ser alusiva a pasto, local de pastoreio de gado. Na península ibérica em geral, como talvez em boa parte da Europa, não era incomum os ajuntamentos e aldeias ficarem conhecidos pelos nomes dados aos pastos destinados ao gado; na época o gado vacum e ovino era recurso econômico tão importante quanto a agricultura. Na Cantábria, como em todo o norte da Espanha, o clima úmido tornava a região ideal para a formação de pastagens, portanto, ideal para a criação de gado. Em um documento datado de 831, em espanhol antigo, podem-se ler as palavras “*bustar*” e “*pastizal para bueyes*” com o significado de terras de fazenda de gado (*fonte da referência:*

Rodolfo Emilio Bustamante – Tirado do Cartório de Liebana, Cantábria). Enfim, a acepção exata do topônimo *Bustamante* viria a ser: “*Uno que es amante de los pastos o vinas – alguém que ama os pastos ou vinhas*”. A palavra é castelhana, senão asturo-galega; de qualquer forma o sobrenome, não há mais dúvida, é castelhano.

Dessa aldeia, e já carregando após o nome, o sobrenome *de Bustamante*, saíram os nossos antepassados que, fundamentalmente, deram origem a dois ramos familiares distintos, estabelecidos ainda a princípio na província da Cantábria, e depois, nas províncias vizinhas de Astúrias, de Leão, Castela e La Rioja. O primeiro ramo fixou-se no lugarejo denominado Quijas, e, para esse ramo, costumava-se dizer: “*con condes casan sus hijas – com condes casam suas filhas*”. O segundo ramo fixou-se no lugar denominado Los Corrales, e, para esse ramo, costumava-se dizer: “*las casan con animales – as casam com animais*”. Parece ter existido entre os dois ramos, radicados em lugares próximos um do outro, uma certa rivalidade, talvez provocada por uma rápida ascensão social e econômica de um dos ramos, em detrimento do outro. As localidades de Quijas e Los Corrales estão próximas entre si e também de um enclave medieval, que por sua vez fica próximo das cavernas com pinturas rupestres de Altamira, denominada Santillana Del Mar. Lá existem, ainda hoje, duas mansões – são dois solares nos quais ainda se poderão ver os escudos adornados com as armas dos Bustamante, ou seja, treze ruelas azuis sobre um campo de ouro.

Hoje, a Cantábria tem uma população de cerca de 580.000 habitantes. No seio dessa população são bastante numerosas as famílias que carregam o sobrenome *Bustamante* ou *de Bustamante*. São famílias que podem ser encontradas dispersas em uma faixa localizada principalmente na região central da Cantábria, entre as cidades de Reinosa, Torrelavega, Santillana, Quijas, Los Corrales e o Valle de Toranzo. Por último, mas talvez a mais importante por ser, por excelência, o porto de emigração dos cântabros, a capital da província, a cidade de Santander, situada aproximadamente no centro da faixa litorânea.

SUBTÍTULO II

SOBRE A SUPOSTA ASCENDÊNCIA FRANCA AO SOBRENOME

Encontramos disseminada no seio da família Bustamante, não só aqui no Brasil, mas também em outras latitudes e longitudes, em lugares tão díspares como México e Filipinas, a informação transmitida como verdade, de que a linhagem da família Bustamante iniciou-se com um sobrinho de Carlos Magno, de nome Don Rodrigo, tendo este fundado, no ajuntamento (aldeia) do Valle de Campo de Uso, na Cantábria, o solar dos Bustamante. Supostamente poderia até ser um fato verídico. Mas...

Aqui, para prosseguirmos, temos que rememorar um pouco de história da Idade Média. Para a maioria dos historiadores, o ano de 476 d.C., ano da queda do Império Romano do Ocidente, assinala o início da Idade Média. Nas décadas finais da Idade Antiga, começo da Idade Medieval, entre 406 e 493 d.C., visigodos, ostrogodos, anglos, jutos e saxões, burgúndios, vândalos, alamanos e francos, todos povos de origem nórdica ou germânica, haviam invadido e repartiam a Europa em vários reinos. Os visigodos, que em 410 d.C. invadiram a Itália e pilharam Roma, seguindo depois caminho para submeter a Espanha, e os ostrogodos, que em 493 d.C. substituíram os visigodos remanescentes na posse da Itália e criaram seu reino, eram dois ramos do mesmo povo godo. Os godos na verdade englobavam várias etnias germânicas – álanos, germanos, alamanos, borgúndios, longobardos, suevos e francos, etc, e viviam na região situada ao sul do mar Báltico; por motivos diversos deslocaram-se em direção ao Mar Negro, para uma região que fica entre os rios Danúbio e Dniester, e no que é hoje a Rússia meridional; ali fundaram um império. Os povos das tribos ocidentais ficaram conhecidos como “*westar gothen*” ou visigodos, e os do lado oriental como “*oester gothen*” ou ostrogodos. Foram dispersos depois de atacados pelos hunos. Os hunos era um povo de origem asiática, que em 350 d.C. já haviam invadido a Pérsia e a Índia, e deslocavam-se em direção à Europa, onde no ano de 370 fizeram sua primeira aparição. Os anglos, jutos e saxões realizam a conquista da Inglaterra em 449. Os vândalos invadem e devastam a Gália em 406, e de passagem, a Espanha em 409; estabelecem seu reino no norte da África. Todos tiveram vida efêmera, com exceção do Reino Franco. O reino dos ostrogodos (Itália) e o dos vândalos (norte da África) foram conquistados pelo Império Bizantino em 533 d.C. O reino dos visigodos (Espanha) acabou destruído pelos árabes, quando seus exércitos, comandados

por Tarik Ibn Musa vence os exércitos de D. Rodrigo na batalha de Guadalete, em 711, e destitui com rapidez inusitada o poder da monarquia visigoda.

Apenas os francos, também uma tribo germânica estabelecida na região em que hoje fica a Bélgica, unificados por Clóvis, que em 481 d.C. torna-se o Rei dos Francos, e em 497 converte-se junto com seu povo ao cristianismo, estabeleceram o reino germânico de vida mais longa, dentro dos limites do antigo Império Romano. O Reino Franco lançou os fundamentos da França moderna, tendo em Carlos Magno (742-814) o seu soberano de maior expressão.

No ano de 751, o filho de Carlos Martel, Pepino, o Breve, afastou o último soberano franco da dinastia merovíngia iniciada com Clóvis, proclamando-se ele próprio, então, rei dos francos, e inaugurando a dinastia carolíngia. Esta dinastia ficou assim conhecida devido ao nome do mais importante de seus representantes: Carlos Magno. O primeiro rei carolíngio, Pepino, morreu em 768, sendo sucedido por seus filhos Carlos Magno e Carlomano. Com a morte de Carlomano em 771, Carlos Magno não respeitou o direito dos sobrinhos, anexou os territórios de seu irmão, e assumiu sozinho o Reino Franco. Carlos Magno reinou durante 45 anos; durante esse tempo, através de inúmeras expedições militares realizadas com seu grande exército, e levando junto a ele o estandarte do cristianismo, expandiu o Reino Franco. Com sua morte em 814, sucedeu-o seu filho Luís, o Piedoso, governando de 814 a 840. Após a morte deste, no ano de 843, em decisão tomada no Tratado de Verdun (prenúncio do que seriam mais tarde a França e a Alemanha), seus três filhos dividiram o império.

1ª Conclusão: Rememorados os fatos históricos acima, podemos inferir que não deveria haver dúvidas quanto à existência de sobrinhos de Carlos Magno, que seriam, no mínimo, os filhos de seu irmão Carlomano. Também, que sua ascendência era germânica – tribo dos francos, originária do lugar que hoje compreende a Dinamarca e o extremo norte da Alemanha (Schleswig-Holstein).

Voltando à Idade Média, porém, para as proximidades do ano de 1147, ano da Segunda Cruzada organizada por Luís VII, rei de França, e Conrado III, imperador do Sacro Império Romano Germânico, sabemos que apenas as linhagens de castas nobres (condes, marqueses e barões, nessa ordem) e, mais

ainda, com maior presença apenas no Reino da França, podiam conservar em mosteiros listas de ancestrais. O principal objetivo dessas listas, contudo, era o da proibição do incesto; as autoridades eclesiásticas vigiavam de perto essas famílias para impedir os descendentes de um mesmo ancestral de esposar-se entre si, até o nível de sete gerações. Essa imposição os obrigava a estar sempre em condições de colocar sob os olhos dos prelados uma genealogia, também ela construída em sete andares, nomeando os homens e as mulheres do clã. No entanto, via de regra, excluída a nobreza, os homens da época conseguiam, no máximo, fazer seguir de seu nome, para frente ou para trás, de dois outros, ou seja, para frente o seu filho e seu neto, e para trás o seu pai e seu avô. Fora desse raio a memória falhava. Ela era viva apenas, no máximo, por um século, ou menos que isso. Por aquela época, a estrutura elementar de um lar reunia praticamente apenas duas gerações, e o vocabulário do parentesco então em uso o atesta; muito pobre, seus únicos termos precisos distinguiram: o pai e a mãe, o irmão e a irmã, o filho e a filha, o marido e a esposa. Depois desses termos, para designar o conjunto dos parentes não havia mais que palavras vagas (*fonte de referência: Georges Duby, historiador francês e renomado medievalista*).

Nota: se prestarmos atenção, vamos concluir que mesmo em tempos ainda próximos, época de nossos bisavós ou trisavós, portanto estamos falando de ancestrais recentes, a dificuldade de se nomear parentes além dos avós, também continua grande. A memória e a transmissão da história da família, que era feita por via oral, também não ultrapassava ou ia além de cem anos. Os registros eram ou continuam sendo falhos e ineficientes, quando não inexistentes, pela ocorrência de alguma catástrofe, enchente ou incêndio, por exemplo. Isso explica uma parte da grande dificuldade que encontramos para traçarmos as linhas de ascendências de nossas famílias; chegamos a encontrar os nomes, mas no mais das vezes, continuamos desconhecendo as datas dos eventos principais da vida de cada um: nascimento, casamento e morte.

2ª Conclusão: Considerando que a transmissão da memória das linhagens e das listas de descendências (genealógicas), ainda a mais de trezentos anos depois da morte de Carlos Magno, no geral eram orais, às vezes escritas e preservadas apenas para a nobreza da época (século XII) e mesmo assim quase que somente no Reino de França, e, mais ainda, mesmo essas muitas vezes interrompidas ou destruídas por guerras, saques e incêndios, nos permite, ainda que

subjetivamente, afirmar que dificilmente, no século VIII (quando viviam os sobrinhos de Carlos Magno), existiriam essas listas ou registros; ainda mais na Espanha, que à época, fazia pouco, havia sido dominada pelos mouros – ainda que a Cantábria, pela situação geográfica e dificuldades topográficas, tenha sido preservada do domínio mouro.

Conclusão Final: Praticamente em todas as descrições, informações, “diplomas” e documentos assemelhados de origem da família Bustamante, e que citam o começo da linhagem na pessoa de Don Rodrigo, sobrinho de Carlos Magno, o fazem de maneira afirmativa, porém simplista.

Nunca mencionam como, nem quando, nem o porquê Don Rodrigo teria ido parar no centro-norte da Espanha; não mencionam sequer nenhum fato histórico. Lembramos que quando Carlomano, possível pai de Don Rodrigo, morreu no ano de 771, a exatos sessenta anos que os árabes haviam invadido a península ibérica, e chegaram a fustigar, cruzando os Pirineus, as províncias francas da Aquitânia e do Roussillon. Variando apenas a ordem das palavras, todos eles dizem: “*descende de um sobrinho de Carlos Magno, chamado Don Rodrigo (...)*”; uma vez que não são apresentados elementos convincentes, motivações ou fatos corroborados por documentos históricos confiáveis do que afirmam, e, ficam apenas no dizer, julgamos, a bem da verdade histórica, até que se tenha testemunho ou prova documental do contrário, que não devemos dar crédito a essa “informação”, por mais que um ancestral desse quilate nos enchesse de orgulho.

Não bastando isso, podemos ainda observar que os traços fisionômicos e o biótipo (padrão de altura, inclusive) da maioria dos membros da família no Brasil, na Espanha ou em outras plagas, conforme pudemos observar, não se assemelham ao biótipo do povo nórdico (germânico, no caso – altos, loiros, de pele clara e olhos azuis). Ao contrário, os traços se assemelham ao biótipo dos povos ibéricos nativos em geral, dolicocefalos, e, apesar da possível mistura lateral de sangue visigótico (germânico) são, em geral, de estatura mediana, pele morena e cabelos e olhos escuros. É de se supor que um ancestral direto, de pura origem franca, portanto germânica, teria, forçosamente, transmitido alguns dos traços étnicos (genéticos) compatíveis com os seus, aos seus descendentes.

De todo modo, já que estamos falando das origens, cabe observar que o povo ibérico em geral, espanhóis e portugueses, etnicamente, em derredor do século X, era já o produto de uma mistura dos homens pré-históricos dos vales do rio Ebro, do Douro e do Tejo, entre outros. Ao longo dos séculos, essa mistura se transformou nas várias tribos autóctones esparramadas pela península, já pacíficas e receptivas a ondas migratórias de outros pontos da Europa. Uma das primeiras ondas, ainda que de média intensidade, foi a dos celtas, que introduziram o domínio da metalurgia; em redor de 300 a.C. algumas tribos já haviam se instalado na Galícia, e depois se esparramaram por outras regiões: ficaram conhecidos como os celtiberos. Depois vieram os romanos que se apoderaram da Espanha em 206 a.C, após vitoriosos sobre os cartagineses na península ibérica, já nos últimos anos da segunda guerra púnica, vencida em 202 a.C. Nos seiscentos anos seguintes, após natural miscigenação, se chegou a um povo urbano, meio escravo e meio livre, que falava um latim vulgar e carregado de vocábulos autóctones.

Algumas décadas perto do fim próximo do Império Romano começaram na península as invasões bárbaras: primeiro os alanos caucasianos, os vândalos germânicos e escandinavos e os suevos; da mistura com esses povos aparecem os ibéricos de pele e olhos mais claros. Com os suevos, que logo escolhem terras para trabalhar, inicia-se a fase de desenvolvimento da agricultura. Em seguida, final do século V, entram os visigodos já romanizados ou federados, pois era assim que os romanos chamavam os povos conquistados. A presença visigoda, muito maior e mais intensa, se sobrepõe a dos vândalos e dos alanos, então vencidos pelos primeiros. Os suevos, miscigenados mais devagar, ocupam o noroeste da península, atual Galícia, e resistem por quase 150 anos aos visigodos. Com o reino visigodo então estabelecido ficam definidos os diferentes estamentos da sociedade ibérica medieval, ou seja: o clero, a nobreza e o povo. Passados três séculos, os árabes e os mouros, tribos islamizadas do Marrocos e da Mauritânia, invadem a península; surgem novas falas, novas técnicas e uma nova arquitetura. Por último, nem por isso menos importante, desde que os romanos derrotaram os judeus rebelados em 132 d.C., resultando numa nova diáspora, uma onda migratória desses judeus que se dispersaram e que passam a serem designados como sefarditas, posto que Sefarad era o nome em hebraico para a Espanha, aportaram na península ibérica no decorrer dos anos seguintes; lá encontraram conterrâneos que já habitavam a Ibéria desde época anterior a Cristo. Passado o tempo, após sofrerem nas mãos dos reis

visigodos na última metade do século VII, com a Espanha sob domínio mouro, entre os séculos VIII à X os islâmicos e os judeus sefarditas eram povos que conviviam bem e que interagiam sem culpas. A miscigenação continuava produzindo seus efeitos, e, nos séculos VII, VIII e IX é que vão aparecer os diversos subgrupos que povoaram a península ibérica, subgrupos esses muito representativos da milenar cruzada de raças. No que diz respeito aos lusitanos, sabemos tratar-se de um povo receptivo e useiro em misturar o próprio sangue ao sangue dos visitantes.

É muito mais provável que tenha sido nos alvares desse tempo, que haja surgido na Cantábria um núcleo ou clã familiar, na localidade conhecida como Bustamante e, que foi denominado ou se autodenominou: *de Bustamante* (fonte de referência: *Ângela Dutra de Menezes. O Português que nos pariu*).

SUBTÍTULO III

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO POLO DE IRRADIAÇÃO

CANTÁBRIA – UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

A província da Cantábria, com uma superfície territorial de 5.300 km², fica na parte central do litoral norte da Espanha, tendo os seus 200 km de costa banhados pelo Mar Cantábrico, no Golfo de Gasconha; é o seu limite ao norte. Limita-se à leste pelo País Basco (Vizcaya, Bilbao e San Sebastián), ao sudeste por La Rioja (Lograño), ao sul com Castela e Leão (Palencia e Burgos) e à oeste com as Astúrias (Oviedo). O nome Cantábria apareceu por escrito designando esse território por volta do ano 195 a.C. A população de cerca de 580.000 habitantes está dividida em 102 municípios. Santander é a capital da Cantábria, e fica situada próxima do centro da faixa costeira. Foi da província da Cantábria que partiram os emigrantes portando o sobrenome da família *Bustamante* ou *de Bustamante*. Os *Bustamante* ou *de Bustamante* eram cântabros. Em toda a província e na capital Santander, ainda hoje, o sobrenome Bustamante identifica muitas famílias disseminadas e residentes na região.

Pré-história

Com 10.000 anos de existência, as famosas pinturas rupestres das cavernas de Altamira e de Puente Viesgo se apresentam para oferecer ao homem moderno o testemunho da genialidade da espécie humana. As cavernas de Altamira distam apenas dois quilômetros da Vila de Santillana Del Mar, que é uma das povoações mais antigas da Cantábria, e nasceu como núcleo urbano na época romana. Santillana, por sua vez, fica na costa ocidental da província, a oeste de Santander, da qual dista 31 quilômetros. Estudos arqueológicos comprovam que os homens pré-históricos ibéricos já se assemelhavam aos modernos: eram de estatura mediana e doliocéfalos.

Cântabros

Ao redor do ano 1000 a.C. vamos encontrar dois grandes povos habitando a Península: a) Os Iberos: povos que se estendem pelo Mediterrâneo e pela Andaluzia, e que se tem como certo terem procedência norte-africana ou mediterrânica; esses povos comerciaram com os fenícios, com os gregos e com os cartagineses; tinham um nível cultural avançado e fundaram a misteriosa civilização de Tartessos. b) Os Celtas: de procedência centro-europeu,

mesclados étnica e culturalmente com os habitantes autóctones da Península; ocupavam o interior, todo o norte e parte ocidental da Península Ibérica, correspondendo hoje, mais ou menos, a região da Aquitânia ou sudoeste da França, e, na Espanha, o País Basco, a Cantábria, a Astúrias, a Galícia e parte do Leão, e, em Portugal toda a região acima do Rio Douro; eram menos cultos e mais belicosos que os Iberos; de todo o norte da Espanha foi o mais temido. Nos vales da região centro-norte e nordeste habitavam alguns desses povos de origem celta, que formavam o que passou a ser conhecido como confederação de Autrigones, Carístios e Várdulos, povo esse muito rude, selvagem e belicoso. Ao unificá-los, perto de mil anos depois, os romanos os denominaram de “*cântabros*”. Por antonomásia, um povo guerreiro. Eram grupos primitivos que viviam em organização tribal, já dentro de uma cultura da idade do ferro, e que se dedicavam fundamentalmente ao pastoreio e à caça. Falavam uma língua parecida com o corso (da ilha de Córsega). Hoje, a ideia que prevalece e que é considerada a mais razoável, é a de que os *cântabros* seriam o resultado da fusão de povos autóctones, de origem talvez Iberos ou Lígures (Ligúria – região de Gênova, na Itália continental, mas que compreendia também a ilha de Córsega), com os Celtas, a partir do século VIII a.C.

Então, como vimos acima, o nome *Cantábria* aparece na História a partir do ano de 195 a.C., quando os romanos, presentes na Espanha e em fase final de expulsão dos cartagineses da Península (segunda guerra púnica), registra por escrito que o “*rio Ebro nasce no país dos Cântabros*”; os romanos identificavam então os Cântabros como um povo diferenciado dos que habitavam o norte ocidental da Espanha: Astúrias, noroeste do Leão e Galícia. Também é havido que o próprio termo *cântabro* procede da raiz “*cant*”, frequente em nomes celtas e que significa *rocha*, e do sufixo “*abr*”, utilizado em numerosas regiões celtas; disto se deduz que o termo “*cântabro*” teria o significado de: “*povo que habita as montanhas, ou melhor, montanhês*”.

Passados mais ou menos 160 anos do final da segunda guerra púnica, as legiões romanas tiveram enorme dificuldade de submetê-los. De fato, quando Otávio Augusto, imperador dos romanos, no ano de 38 a.C. declara a anexação da *Hispania* ao Império Romano, faltavam os *cântabros*, então organizados em clãs, unificados e liderados por “*Corocotta*”, aos quais ainda tinham que vencer. Após dez anos de luta, a vitória foi conseguida pelo imperador em pessoa, comandando seis legiões; crucificaram os principais guerreiros

cântabros; dispersaram os outros, vendendo-os como escravos por toda *Hispania*. Dois anos depois os cântabros se sublevam, matam seus amos e voltam para suas montanhas, onde recomeçaram, novamente, a lutar contra os romanos. Essa última terminou em uma guerra de extermínio, dirigida por Marco Vipsânio Agripa, grande general, amigo e genro de Otávio Augusto, em 25 a.C.

Romanos

Os romanos chegaram à península Ibérica no ano de 218 a.C., com o desembarque do general romano Cneu Cornélio Cipião e de seu irmão Públio Cornélio Cipião (O Velho) logo a seguir, para dar combate e expulsar os cartagineses da Espanha; corria solta a segunda guerra púnica. Cneu Cipião morreu em combate sete anos depois de chegar à Península, e vinte e nove dias após a morte de seu irmão, ambos combatendo os generais cartagineses Asdrúbal (filho de Amílcar, e este, irmão de Aníbal) e Magão, que haviam feito junção de seus exércitos. O filho de Cneu, Públio Cornélio Cipião (O Novo; tinha o mesmo nome do tio), mais tarde cognominado “*Cipião, o Africano*”, vence os cartagineses, primeiro na Espanha, depois com seu exército já na África, vence o próprio Aníbal, colocando um ponto final na segunda guerra púnica; eram passados 488 anos da fundação de Roma.

Em princípio, o que era uma operação militar contra os cartagineses serviu de desculpa para uma ocupação permanente da costa mediterrânica. Ao longo do século II a.C., o poder de Roma se estendeu para o interior peninsular, em direção ao norte, numa longa luta contra os povos indígenas. Os últimos a serem submetidos foram os cântabros e os asturianos, cuja independência não era bom exemplo para os demais povos peninsulares já romanizados, ou seja, submetidos a “*pax romana*”.

A guerra durou do ano 29 a 19 a.C. A diferença de culturas e a supremacia técnica das legiões conduziram à rendição dos cântabros, e a sua lenta (200 anos) absorção pela civilização romana. O cântabro já romanizado Lucio Lupo casa-se com a neta do imperador, e a Cantábria passava a ser uma parte da grande província Tarraconense, e depois, do convento cluniense. No século IV d.C. o processo de romanização da Cantábria estava concluído; a Cantábria se integrava ao restante do território da península ibérica, resguardando, contudo, muitas de suas características regionais; as ruínas romanas de Julióbriga e de Camesa-Rebolledo, entre outras, dão testemunho dessa época.

Visigodos

A partir do final do século III d.C. começa a desintegração e a queda do Império Romano, que culmina, no ano de 476, com a sua extinção no ocidente (para muitos autores, o início da Idade Medieval). A Cantábria, como as demais regiões da *Hispania*, rompidos os laços da administração central com a metrópole, recupera parte de sua identidade e comportamento independente, voltando os cântabros a habitarem os antigos “castros” e vilas rurais; as estruturas urbanas se debilitam e são abandonadas ou destruídas pelos “bárbaros” que começavam a chegar, como é o caso de Julióbriga, acima citada; foi uma época obscura com relação à história, da qual bem pouco se conhece; porém, em dois aspectos muito importantes os romanos deixaram sua marca: a linguagem e a religião.

Como vimos antes, povos germânicos atraídos pelas ricas terras do Império, e empurrados a partir do Leste por povos das Estepes, como os hunos de Átila, avançaram sobre Roma. Em alguns casos, assentamentos pacíficos como o dos visigodos foram consentidos por Roma. No entanto, no ano de 409 d.C., vários povos germânicos entraram na *Hispania*, enfrentando as forças romanas acantonadas na Península. É muito provável que os vândalos e os suevos atravessaram a Cantábria a caminho da Galícia. Mesmo com a ocupação da península pelos visigodos no final do século V, a Cantábria permanece inconquistada até o ano de 574, quando o rei dos visigodos, Leovigildo, tentando unificar a Península sob sua liderança, toma Amaya. Mais tarde, sob o reinado de Ervígio (680 – 687) criou-se o ducado da Cantábria, dirigido por um “dux” ou duque; Amaya era a capital. Mesmo assim, parece que somente os cântabros meridionais foram afetados; habitavam estes as zonas mais romanizadas, as mais importantes segundo o julgamento dos visigodos. Após a invasão árabe, o duque Pedro viria a ser personagem chave na luta contra os muçulmanos, pois durante seu ducado teria continuidade a introdução do cristianismo na Cantábria, de presença tímida durante o domínio romano. Apesar desse ducado ter abrangido uma área maior do que a da atual província da Cantábria, e da presença disseminada dos visigodos, poucos vestígios remanesceram dessa época.

Árabes

No começo do século VIII (711), os exércitos árabes de Tariq Ibn Musa, auxiliados pelo de Ibn Ziad, invadem a península e derrubam rápido o poder da

monarquia visigoda, se aproximando das bordas das montanhas cantábricas. Apesar de boa parte da nobreza visigótica ter aceitado os invasores a fim de manterem seus privilégios e propriedades, outra parte se deslocou para o norte, de forma que quando Tariq entrou em Toledo, encontrou uma cidade meio deserta, pois muitos habitantes tinham se deslocado para Amaya, capital do Ducado da Cantábria, ou para as Astúrias. Apenas os povos do norte se mantiveram independentes até que Tariq, em 714, ataca e destrói Amaya, provocando a fuga, novamente, da nobreza visigótica e do duque Pedro, bem como da imensa parte dos habitantes da cidade, que se refugiaram nas montanhas cântabras, onde Tariq não se aventurou. Era chegado o momento de uma nova resistência contra o invasor. Desta vez, levada a cabo por grupos cântabro-romanos e por descendentes de visigodos e outras gentes que lograram se unir. A penetração árabe nessa terra tornou-se assim impossível, porém, esse êxodo massivo de gentes provocou o fim do povo cântabro como tal, pois com a mistura racial e cultural, perderam definitivamente sua identidade como raça pura, indômita e bravia. Esses povos, unidos, se opuseram aos muçulmanos como antes não haviam feito aos romanos ou aos visigodos.

Nasceria, desse modo, um pouco mais tarde, a monarquia astur-cântabra, coroando-se rei Alfonso I, filho de Pedro, duque de Cantábria, o qual se casa com Hermesinda, filha de Don Pelayo. Don Pelayo (ou Pelágio – nome muito comum entre os suevos e os visigodos do norte da Ibéria) era um nobre visigodo, que foi o primeiro rei da Astúrias a partir do ano de 718, e que quatro anos depois, em 722, havia sublevado os povos indígenas das Astúrias. Alfonso I, não tendo força suficiente, consegue com a tática de rápidas investidas nos territórios sob domínio dos árabes reunir, conduzir e assentar nas terras cantábricas numerosos cristãos que estavam submetidos aos árabes no planalto espanhol; reforçava com eles a população da Astúrias e da Cantábria. Depois, aos poucos, já no final do século VIII, e pouco mais além com seu sucessor, Alfonso II, no início do século IX, quando o reino astur-cântabro havia progredido até a Galícia e planuras da calha do rio Douro, ondas migratórias de povoadores dos montes cântabros demandavam em direção ao sul; começaram a atravessar esses montes – passaram a ser denominados de foramontanos, e levavam consigo sua cultura e também seu idioma, derivado do latim, como já vimos, e que com o tempo deu origem ao castelhano; dão início à construção de bases de proteção, no mais das vezes monastérios, com o objetivo de impedir o avanço muçulmano.

De qualquer forma, na região astur-cântabra a pressão muçulmana foi bastante inferior a da existente na região dos Pirineus, posto que os islamitas, firmemente instalados no vale do rio Ebro, instalaram força militar com a finalidade de se contrapor ao possível perigo franco, o que pode explicar a maior rapidez do avanço de reconquista pelo ocidente (partindo do noroeste da Península), do que pelo lado oriental (leste-nordeste da Península).

Coube então à monarquia astur-cântabra a grande tarefa de dar início ao processo de recomposição da unidade da Espanha (a Reconquista), que os visigodos antes haviam conseguido. Na Cantábria ficaram os vestígios dessas bases avançadas, e que são as conhecidas igrejas rupestres e os cemitérios escavados na rocha. No restante da Península o clima reinante era de florescimento da cultura árabe, em detrimento da cultura latina; na Espanha, principalmente, os usos e costumes dos cristãos, sua cultura e tudo mais relativo ao modo de vida, inclusive a maneira de se vestir e de se alimentar, haviam e continuavam sofrendo profundas mudanças; os judeus entravam na sua Idade de Ouro, à vida judaica aproveitava o clima de tolerância e progresso propiciado pela interação entre muçulmanos e judeus.

No final do século X, quando os cristãos já haviam conseguido reconquistar e repovoar a meseta espanhola (o vale do *Duero*, no século XII), a Cantábria, já agora alijada dos centros de poder (época dos reis de Leon e dos condes de Castela), passa um pouco para um segundo plano.

Os séculos XI e XII

Com a europeização trazida pelos reis da dinastia navarra e pelos reis Alfonso VII e VIII de Castela, os vales da Cantábria se enchem de igrejas românicas. O estilo gótico começa a chegar ao mesmo tempo em que decai o poder monástico, para dar lugar ao poder das classes nobres locais. Entre a Cantábria, La Rioja e Burgos, é criada por essa época a língua castelhana, derivada do idioma cantábrico, que por sua vez era derivado do latim. Os reis de então são os de Leão e Castela, e toda a rica herança e história da Cantábria irá contribuir, no futuro, com os empreendimentos nacionais: liberação de Sevilha, descobrimento da América, etc.

Para pensar: tendo o sobrenome Bustamante provavelmente surgido em meados do século IX, não teria sido em algum momento situado no espaço de tempo abrangido por estes dois séculos, que houve a passagem de um ou mais membros da família para Portugal?

O século XVI

A partir do início do século XVI, os cântabros, recolhidos em suas montanhas, começam a se voltar para o mar. Algumas cidades cantábricas formam a “Irmandade das Vilas da Costa”, que defendem seus privilégios sobre as rotas comerciais e pesqueiras do Mar Cantábrico. Essa marinha Cantábrica, sob o comando de Bonifaz, foi quem conquistou Sevilha. Dela também veio Juan de la Cosa, armador e piloto de Cristóvão Colombo.

Os séculos XVII, XVIII e XIX

Nesses séculos se produzem três fatos importantes.

Primeiro: a economia agrária sofre modificação com a aclimação de raças europeias que deslocam as autóctones e com a plantação de eucaliptos.

Segundo: surge a emigração, voltada preferencialmente para a América. Talvez seja aí, dos meados do século XVI aos primórdios do século XVII, que os *Bustamante* ou *de Bustamante*, excetuados os chegados ao Brasil via Portugal (e já aportuguesados), foram dar com os costados em quase todos os outros países latino-americanos, que por essa época eram colônias da Espanha, e alguns ainda nem nome tinham. Como estamos conjecturando, temos que ter em mente que durante sessenta anos, a partir de 1580, Portugal foi anexado e administrado pela Espanha. Por esta época, é quase certo que a família *Bustamante* ou *Fortes Bustamante*, radicada em Portugal, havia se aportuguesado totalmente; já era lusitana, pertencia à classe privilegiada, era fidalga, instruída e culta, e possuía magistrados em seu seio.

Terceiro: é criada a província de Santander (1799) separada da de Burgos; Santander passa a ser a capital da região no ano de 1817. Santander se torna um ativo porto para toda a Castela, e desenvolve as comunicações para toda a região.

Por volta de 1640, ano da restauração do trono português, no âmbito das várias ramificações da família, ocorridas quer pela dispersão na própria Cantábria, ou nas províncias vizinhas de Astúrias, Leão, Castela, La Rioja e País Basco, um sem número de cavaleiros dessa linhagem *de Bustamante* ingressaram nas muitas Ordens Militares Espanholas, tais como as de Alcântara, Calatrava, Santiago, Carlos III, e muitas outras. É razoável supor que alguns deles, como

componentes dessas ordens, seguiram com missões militares ou mesmo religiosas para a América Espanhola e, porque não, para a vizinha Portugal, talvez em missão governamental, pois que se separavam novamente os Estados (*ver: Difusão na América Latina e Difusão na Europa*).

No ano de 1642, um dos ramos, com certeza, há bastante tempo estava radicado na província de La Rioja, podendo ser localizado mais precisamente em Logroño, capital de La Rioja. Um membro desse ramo foi personagem importante na história de Logroño. Para ilustrar, citamos a seguinte passagem:

“Em Logroño, na Ruavieja, pode-se visitar a Ermida de San Gregório, reconstruída hoje no mesmo lugar em que estava a original, edificada no século XVI. San Gregório, bispo de Ostia, na Itália, foi enviado a La Rioja pelo papa Benedicto IX; morreu em Logroño no ano de 1044. No mesmo lugar em que viveu e morreu o santo, se fez construir uma Ermida em sua honra e glória, pelo “Regidor Perpétuo” da cidade: Don Alonso de Bustamante y Torreblanca, no ano de 1642.”

O século XX

Após a crise colonial de 1898, se acentua na Cantábria, como principais fontes econômicas, a criação de gado e a pesca. Nesse século, a guarnição de Santander não se une ao levante contra a república, e a Cantábria, mais concretamente Santander, é tomada pelo general F. Dávila em 1937. Depois de quarenta anos de franquismo, em 1982, a Cantábria é declarada comunidade autônoma.

Esta é um pouco da história da Cantábria que temos para contar. Província onde surgiu o sobrenome toponímico *Bustamante*, que se disseminou, como veremos adiante, não só na própria Península Ibérica ou na América Latina, de influência espanhola ou portuguesa, mas também em regiões tão díspares como Índia, Malásia, África, ou Canadá em época mais recente (*fonte de referência: Tito Lívio – História de Roma; site da www.cantabriajovem.com/história; Adeline Rucquoi – História Medieval da Península Ibérica; Leonel Itaussu A. Mello – História Antiga e Medieval*).

TÍTULO II

DIFUSÃO DO SOBRENOME

SUBTÍTULO I

DIFUSÃO NA AMÉRICA LATINA

Vimos que, principalmente pelo porto marítimo de Santander, capital da moderna Cantábria, no início do século XVII começou uma onda de emigração que, preferencialmente, demandava rumo às Américas. Esses emigrantes, levando os nomes de família, se assentaram por todo o continente Latino-Americano. Alguns saídos, imbuídos apenas de espírito aventureiro, um atributo da cultura ibérica (sair, enriquecer e voltar para a terra natal), ao retornarem enriquecidos, iriam competir com a nobreza local na construção de edifícios imponentes, de mansões, e no enriquecimento e embelezamento de suas igrejas. No entanto relembramos aqui, porque já não é para se ter dúvidas, que o sobrenome *Bustamante* ou *de Bustamante* dos vários ramos deste tronco familiar, no Brasil, provém de *Luiz Fortes de Bustamante e Sá*, o migrante saído de Vila de Ourém, Portugal, em 1711, para o Brasil, por haver sido nomeado pelo rei Dom João V para exercer o cargo de “juiz-de-fora” na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. É praticamente certo ter sido o primeiro *Bustamante* a pisar em solo brasileiro, e sem dúvida procedia de Portugal, para onde sua família deveria ter passado em época anterior, possivelmente entre os meados do século XIV aos meados do século XV, e também provavelmente após fazer uma escala no Reino de Castela, núcleo da corte espanhola.

Nota: alguns autores, dentre os quais Sanches Baena (Livro II, página 34), definem o sobrenome da família como sendo de origem geográfica, e originária de Castela; “*de Castela passaram a Portugal, de onde se transplantaram para o Brasil*”; contudo, não mencionam datas.

Mas um grande número de emigrados que demandou para o novo mundo, alguns na esperança de encontrar um “*eldorado*”, outros para construir uma nova vida, fincou raízes, e hoje seus descendentes esparramam o sobrenome por todas as Américas. Vamos encontrar famílias com o sobrenome *Bustamante* em praticamente todos os países latino-americanos, da Argentina ao México, e estas, sim, de origem puramente espanhola. Uma das maneiras de conferirmos a existência e intensidade dessa disseminação pode nos ser dada quando, em visita aos nossos países vizinhos, simplesmente compulsamos suas listas telefônicas. Citemos alguns nomes como exemplos:

Alonso de Bustamante, natural de Campoó, por prova de documentação existente pode ser considerado o primeiro cântabro que pisou em solo argentino. Alonso participou da expedição de Sebastián Gavoto que fundou, em 1527, o forte de “*Sancti Espiritu*”, que foi o primeiro assentamento espanhol no Rio da Prata. Esta mesma expedição, também, foi a primeira a percorrer os rios Paraná, Paraguai e Pilcomayo. O forte de “*Sancti Espiritu*” foi atacado e destruído pelos índios em setembro de 1529.

Vamos encontrar no Chile, na Bolívia, no Peru, no Equador, na Colômbia e na Venezuela, descendentes de emigrantes cântabros, com sobrenome Bustamante. Dão testemunho da chegada ou de sua presença, registros nos quais se mencionam: *Clemente Bustamante*, que chegou ao Peru em 1586; *Domingo Alfonso de Bustamante*, nascido em Lima, Peru, e que ingressou na Ordem de Santiago em 1667. Temos *Manuela Bustamante*, nascida em Pisco, Peru, em 1678.

No México, as famílias de ancestrais cântabros e de outras regiões da Espanha com sobrenome Bustamante são relativamente numerosas. Grande personalidade mexicana com esse sobrenome foi o General e Presidente do México: *Don Atanásio Bustamante* (1780 – 1853).

Um dos nomes mais respeitados no direito civil é o de *Antonio Sanchez de Bustamante* (1865 – 1951), natural de Cuba; foi o autor do denominado “*Código de Bustamante*”, que regula a legislação pertinente à segurança internacional da pessoa e da propriedade.

Na cidade de Rocha, no Uruguai, nasceu *Isabel Domingas Bustamante*, filha de João Francisco Bustamante e de Eleutheria dos Santos. Isabel casou-se com José Theodoro Alves Nunes, nascido em 1824 e falecido em 1878, em Santa Vitória do Palmar, RS, onde também está sepultada Isabel, esta, falecida em 20/11/1893. Ainda na capital do Uruguai, Montevideo, nasceu *Maria Antônia Bustamante*, no ano de 1716. Era filha de Antônio Bustamante Serrano, natural de Córdoba, na Andaluzia, Espanha, e que faleceu em Buenos Aires, Argentina em 27/10/1753; sua mãe, Maria Lopez de Viveros, nasceu em 1696, em Buenos Aires, Argentina. Maria Antônia casou-se com Juan Gonzalez no ano de 1744, em Montevideo; tiveram um único filho: Eugênio Jorge Gonzalez, nascido em 1746. Maria Antônia morreu em 29/04/1782. Poderíamos ainda continuar citando muitas outras pessoas com o sobrenome *Bustamante*; pessoas que, a partir do século XVI, chegaram e construíram suas vidas nas Américas.

SUBTÍTULO II

DIFUSÃO NA AMÉRICA DO NORTE

Fica muito complicado afirmar ou negar a emigração direta da Cantábria para a América Franco-anglo-saxônica (USA e Canadá), pela dificuldade, até o momento, de se encontrar fontes confiáveis, ou até mesmo referências ou citações quaisquer que fossem. Uma coisa é certa: a presença do sobrenome Bustamante, hoje, nos Estados Unidos, é uma realidade fácil de ser observada. Excluídos os migrantes contemporâneos, ou melhor, das duas ou três últimas gerações, que podem estar radicados em qualquer ponto do território norte-americano, bem como podem proceder tanto da Espanha ou de qualquer outro país europeu ou latino-americano, as demais famílias com sobrenome Bustamante, um pouco mais antigas, eram emigrantes que na verdade desembarcaram em território mexicano. Após as guerras por territórios entre o México e os EUA, acabaram ficando naqueles conquistados e que hoje fazem parte dos EUA: parte da Califórnia, Arizona, Novo México e Texas, ou seja, territórios que formavam a faixa norte do México, hoje, a faixa sul dos EUA. Nesses estados americanos, o sobrenome Bustamante não se faz difícil de ser encontrado.

*Adrian Bustamante, residente no estado do Novo México, assim se refere à sua família: “Minha família vem de **Santander** e do pequeno povoado de Tagle. O pai de Joseph Antonio Bustamante e Tagle, que emigrou para o Novo México quando a província ainda pertencia ao México, em meados do século 18, vivia em Aranda Del Duero, e exercia o cargo de procurador do Conselho das Índias. A mãe de Joseph Antonio era da família Bracho. Joseph Antonio foi o meu ancestral, aqui na América do Norte”.*

SUBTÍTULO III

DIFUSÃO NA EUROPA

Quanto à Europa em geral, por não possuímos dados objetivos, nos é difícil fazer comentários seguros sobre o papel que possa ter exercido como polo de atração de imigrantes cântabros de sobrenome *Bustamante* ou *de Bustamante*. Difícil negar que possa ter havido a passagem de indivíduos com este sobrenome da Espanha para, pelo menos, algum dos países vizinhos: Portugal, provavelmente entre os séculos XIII e XV – onde se tornaram nas famílias *Fortes Bustamante* ou *Fortes de Bustamante*, por exemplo, que já estavam aporuguesadas, eram fidalgas e aproximadas da Corte quando demandaram o Brasil; na França, provavelmente nas regiões sul e sudoeste.

De qualquer modo, hoje não seria incomum encontrarmos em qualquer país da Europa, mesmo em número reduzido, indivíduos ou famílias com *Bustamante* no sobrenome. Assim como na América do Norte, essa população provém mais de migração de membros isolados da família, quando não provenientes da Espanha, no mais das vezes já originários do Brasil ou da América Latina (durante as quatro ou cinco últimas décadas). Da migração que poderíamos reputar como recente vamos encontrar o sobrenome principalmente nos países de forte industrialização, tais como: Alemanha, França, Inglaterra e Itália.

Com relação à presença na própria Espanha, o testemunho de Manuel Bustamante diz tudo: *“Fico surpreso ao ver quão longe chegou minha família, quando eu, na realidade, permaneço vivendo a uns 70 km do lugar no qual se originou nossa família, ou pelo menos deixou sua primeira marca, e que foi no lugar chamado de Bustamante. Esse povoado ou aldeia situada na Cantábria, ao Norte da Espanha e nos limites com Castela, ficava em uma zona que hoje está inundada pelas águas represadas por uma barragem construída nos anos sessenta. Dali partiram nossos antepassados que se dividiram em dois ramos: o primeiro se fixou no lugarejo denominado Quijas, e o segundo em Los Corrales. As duas localidades encontram-se muito próximas de um enclave medieval pouco distante das cavernas de Altamira, que é Santillana Del Mar. Existem ali dois solares e, em ambos, estão afixados os escudos adornados com as armas dos Bustamante. Tenho para dizer que nesta região da Cantábria o sobrenome Bustamante é muito comum, e que essas famílias estão dispersas por uma franja localizada principalmente na zona central, entre Reinosa, Torrelavega, Santillana Del Mar, Quijas, Los Corrales e o Vale do Toranzo.”* (fonte de referência: genforum.genealogy.com/bustamante).

SUBTÍTULO IV

DIFUSÃO NA ÁSIA

Não nos deveria causar surpresa encontrarmos o sobrenome Bustamante em lugares da Ásia ou da Oceania; olhando para o mapa, bastar-nos-ia dirigir os olhos para aqueles países ou regiões que, em determinada época, foram colônias ou protetorados da Espanha ou de Portugal, e pesquisar sua história. No início do século XVI, no auge da era dos descobrimentos, os primeiros europeus chegam ao Sudeste Asiático; espanhóis e portugueses criaram os primeiros entrepostos comerciais; em 1571 Manila já era a capital espanhola das Ilhas Filipinas, nome este dado em homenagem ao rei espanhol Filipe. Goa, situada na costa ocidental da Índia havia sido conquistada pelos portugueses em 1510, e permaneceu portuguesa até 1961; era considerada a capital do Império Português do Oriente.

Portanto seria perfeitamente plausível que, junto às missões religiosas, militares ou comerciais despachadas pelas metrópoles, seguissem indivíduos, de nacionalidade espanhola ou portuguesa portando o sobrenome Bustamante. Também, para administrar os entrepostos, feitorias e povoados eram enviados das matrizes, Espanha e Portugal, administradores, governadores e feitores, e mais todo o pessoal necessário para o perfeito controle das possessões; novamente, algumas dessas pessoas poderiam ter o sobrenome Bustamante, o que de fato ocorreu.

Rodolfo Emilio Bustamante, hoje residente no Canadá, assim se refere à sua família em mensagem para “*Cristina Bustamante y Manuel Bustamante, de las Cantabrias*”, e seu testemunho é elucidativo da presença do sobrenome Bustamante nas Ilhas Filipinas: “*Quero me apresentar: Rodolfo Emilio Bustamante, originalmente das Ilhas Filipinas, e na maior parte, crescido na ilha de Negros Occidental, a região açucareira das Filipinas. Nas Filipinas, dão testemunho do sobrenome Bustamante o Governador General Bustillo de Bustamante, que foi assassinado em Manila, depois de conduzir uma investigação sobre as contas de algumas ordens religiosas que administravam algumas empresas em nome do rei da Espanha, naqueles tempos.*”

Do arquivo de Gilson Nazareth, tiramos: “*(...) registra-se em Goa, na Índia, onde aportou a 13 de Setembro de 1556, o impressor João Bustamante que, em 1559, era proprietário de uma tipografia na mesma cidade*”.

Esta última citação pode nos levar a suposição, correta, de que *João Bustamante* era português (mesmo que de ancestralidade cântabra); entendemos que para ser proprietário de uma tipografia em Goa, atividade esta que por motivos óbvios estaria sob controle rígido da Coroa, uma das condições seria ter a nacionalidade portuguesa. Goa foi uma possessão portuguesa conquistada em 1510 e que seria anexada à Espanha em 1580; essa dependência terminou em 1640 com a restauração da coroa portuguesa. Esse raciocínio nos conduz a conclusão de que já em meados do século XVI a família *de Bustamante* ou *Fortes de Bustamante*, originária da Cantábria, estava radicada em Portugal e, como vimos antes, com escala em Castela, Espanha. Essa migração poderia ter ocorrido entre um e três séculos antes de 1550 (entre 1250 e 1450, por suposto). A segunda hipótese, a menos provável segundo nosso conceito, é a de que João Bustamante era de nacionalidade espanhola, da Cantábria ou de qualquer outra província espanhola, e, num século marcado por aventuras e conquistas ibéricas, assentou-se em terras portuguesas de ultramar. Sem querer alongar, lembramos que a pessoa com sobrenome Bustamante, pessoa essa tida como a mais antiga conhecida do ramo da “*nossa família*” em Portugal, até o momento, foi *Antônio Fortes Bustamante*, pai do *Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá*, nascido em 1678, em Vila de Ourém, Portugal.

SUBTÍTULO V
DIFUSÃO NA ÁFRICA

Não temos informações e nem dados sobre a ocorrência do sobrenome Bustamante na África. Contudo, achamos razoável que nos países que foram colônias ou possessões espanholas, e também portuguesas, possa existir pequenos grupos familiares assinando *Bustamante* ou *de Bustamante* como sobrenome. Uma pesquisa merece ser feita nos seguintes países: Marrocos, Mauritânia, Argélia, Moçambique e Angola, para começar. Lembremo-nos de que foi do norte da África que saiu Tariq Ibn Musa, com seu exército, em 711, para a conquista das Espanhas, incluindo a Luzitânia.

NOTAS AO TÍTULO II – DIFUSÃO DO SOBRENOME

1. Como dissemos, comprovadamente o sobrenome *Bustamante* ou *de Bustamante* é de pura origem espanhola (Cantábrico). No entanto, quanto ao conjunto de letras que o definem, ou seja, com relação à ortografia, existem algumas variações formadas ao longo do tempo, como é normal de ocorrer com a maioria dos sobrenomes; essas variações incluem: *Bustamant*, *Bustamantee*, *Bustaman*, *Bustam*, e outras. Não temos nenhuma dúvida ao afirmar que *Bustamante* ou *de Bustamante*, tanto faz, é a forma básica. As outras são variantes ortográficas do sobrenome, registradas, umas em virtude de eventual mudança da língua, no caso de migrações para países de língua francesa ou inglesa, ou outra qualquer; outras variações simplesmente apareceram em consequência de erros de notários ou de párocos de igreja, ao fazerem assentamentos de batizados (nascimentos), casamentos e mortes.
2. Quanto ao sobrenome *Fortes*, este admite três origens: espanhola, inglesa e francesa. De origem espanhola temos as variantes: *Fortes*, *Fortiz*, *Ortiz*, *Hortiz*, *Hortez*, e outras; as formas *Hortiz* e *Hortez* derivaram do hábito espanhol de trocar o F por H; é muito provável que este sobrenome tenha tido seu início nas Astúrias, onde fez junção com o sobrenome *Bustamante*, passando então na sua forma composta, *Fortes Bustamante*, para Castela, de onde se transplantou para Portugal. Também devemos observar que em Portugal existiu a variante *Forte*, que é como este sobrenome foi grafado no documento assinado por Dom João V, nomeando para o cargo de “juiz-de-fora” no Rio de Janeiro o Dr Luiz *Forte* Bustamante e Sá. De origem inglesa temos as variantes: *Fortes*, *Forte*, *Forts*, *Fort*, *Foorte*, *Foortes*, e outras; provável ter-se iniciado em Lancashire, onde foram agraciados com terras dadas por Guilherme, o Conquistador (1066 d.C.). De origem francesa, temos: *Dufort*, *Duforte*, *Deforte*, *Desforte*, e outras; encontrado na Gascogne, onde teve seu início.
3. Foi graças ao gênio de Afonso Henriques, o pai da pátria portuguesa, que Portugal se tornou a *primeira nação europeia* a se estabelecer como Estado independente; então, já tinha sua língua própria: o galaico-português. Nascido em Coimbra em 1109, morreu na mesma cidade em 1185. Era filho de dona Teresa, bastarda do rei Afonso VI de Leão e Castela, e do conde Henrique de Borgonha. Decorridos entre 150 a 200 anos de sua morte, pode ter ocorrido a passagem dos *Fortes Bustamante*, senão a dos *Bustamante* ou *de Bustamante*, de Castela (Espanha) para Portugal.

TÍTULO III

O SOBRENOME NO BRASIL

SUBTÍTULO I

EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

O início da colonização portuguesa do Brasil começou de fato, ainda que de forma incipiente, por volta de 1530, trinta anos depois de descoberto por Cabral; porém, foi bem mais tarde que o Brasil colônia recebeu uma densa corrente migratória vinda da metrópole, parte da qual passaria a ocupar e desbravar seus ermos sertões. Segundo estimativas dadas como confiáveis, durante o ciclo do ouro, iniciado com a descoberta do metal em 1693 na província das Minas Gerais, entre os finais do século XVII e o primeiro quartel do XVIII, provavelmente, cerca de 800.000 pessoas fixaram-se no Brasil, maioria esmagadora de portugueses. Dentro desse contingente de imigrantes portugueses, com certeza, veio um grande número de cristão-novos de origem portuguesa ou espanhola, como também espanhóis nativos ou seus filhos já nascidos em Portugal, principalmente procedentes das regiões vizinhas da fronteira, como da Galícia, Astúrias, Cantábria, Leão e Castela, os quais, por motivos diversos, haviam buscado refúgio em Portugal na época da anexação, como também uma minoria de pessoas de outras nações.

Os *Bustamante* ou *Fortes Bustamante e Sá*, ao longo do tempo, naturalmente mesclar-se-iam com outros inúmeros sobrenomes de outras famílias; basta passar os olhos pelos índices onomásticos dos relatórios ou livretos de descendência que elaboramos. Por esse e outros motivos achamos de bom alvitre transcrever, *ipsis literis*, no final desta seção, um trecho do artigo disponível na homepage de Rubens Câmara, que fala sobre sobrenomes portugueses de origem judaica. Estando o artigo de conformidade com a posição de muitos outros autores e pesquisas de historiadores, segundo nosso juízo, achamos a transcrição importante porque ajuda a desmistificar conceitos errôneos arraigados entre nós brasileiros, no que diz respeito à adoção ou imposição de nomes e sobrenomes aos judeus convertidos, chamados marranos ou cristão-novos, quando estes foram batizados à força – a tal história de imposição de nomes de plantas e animais. Ressaltamos, no entanto, novamente com base em autoridades no assunto, que o Brasil é mesmo, certamente, uma nação que possui no seio de sua população um grande contingente de

descendentes de cristão-novos. Basta lançar um olhar na relação de sobrenomes listada no artigo, ou em outros trabalhos que versam sobre o assunto, tais como nos trabalhos desenvolvidos por *Anita Novinsky*, e como no *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes*, editado pela Editora Fraiha no ano de 2003.

Voltando ao fato de que indivíduos ou famílias espanholas à época do Brasil colônia, ou mesmo até bastante antes, como no caso dos *Fortes Bustamante* que devem ter passado para Portugal entre os anos de 1250 e 1450, e ainda provavelmente em maior número entre os que habitavam próximo da fronteira leste-nordeste, haviam se passado para Portugal em busca de refúgio ou por qualquer outro motivo que fosse, sabemos hoje que uma boa parcela deles, agora certamente em busca de melhores oportunidades de qualidade de vida, ou da pura sobrevivência, agregou-se ao contingente de emigrantes que deixaram aquele país com destino ao Brasil. Não custa lembrar que Portugal foi anexado pela Espanha em 1580, dois anos após a batalha de Alcácer-Quibir (04/08/1578), permanecendo sob seu domínio até 1640, quando, com a restauração da coroa, Dom João IV ocupou o trono português; foi o primeiro governante da Casa de Bragança. É também quase certo que esses hispano-lusitanos vieram e permaneceram nas terras do Brasil, não procurando outras regiões de colonização espanhola, por já terem absorvido os usos e os costumes dos lusitanos; já estavam aculturados. Podemos aventar a hipótese de que no meio desses espanhóis já então meio aportuguesados, poderia ter vindo um ou mais membros da família *Bustamante* ou *de Bustamante*, ou mesmo *Fortes de Bustamante*, porém, até o momento presente não conseguimos identificá-los, exceção a ser feita para um parente do próprio Dr Luiz Fortes de Bustamante e Sá, no caso um irmão, como veremos a seguir, porém numa data que ainda não conseguimos precisar. Voltamos assim a repetir uma citação de Sanches Baena: “*Bustamante – sobrenome de origem geográfica. Famílias originárias de Castela, que tomou o seu sobrenome do lugar de Bustamante, de que foram senhores. Passaram a Portugal, de onde se transplantaram para o Brasil*” (citação de Sanches Baena, II, 34).

Assim, torna-se lícito e possível afirmarmos que a família *Bustamante*, no Brasil, tenha sua origem no tronco radicado em Vila de Ourém – Portugal, tronco este representado por *Antonio Fortes Bustamante*, casado com *Angélica Maria de Sá e Figueiredo*, pais de *Luiz Fortes de Bustamante e Sá* e de *Manoel Fortes de Sá e Figueiredo*, todos, pais e filhos, nascidos na citada Vila de

Ourém. Não sabemos, por enquanto, se o casal Antonio e Angélica tiveram outros filhos; esses dois, até o momento, foram os que nos foi dado conhecer, talvez por ter sido os que vieram para o Brasil. Realmente, fica fácil afirmarmos que o irmão de Luiz Fortes, Manoel Fortes, também veio para o Brasil, pois aqui se casou com *Lucrecia Leme Borges*, nascida em São Paulo, neta de *Fernão Dias Paes*, nascido em 1608 e falecido em 1681, o guerreador de índios, desbravador dos sertões e “descobridor das esmeraldas”. A descendência de Manoel e Lucrecia, até o nível dos trinetos, está discriminada na segunda secção da 2ª parte do Relatório Genealógico¹ – Antecedentes da Família, prefaciado por um breve histórico da junção das famílias Paes Leme e Fortes Bustamante, junção essa ocorrida provavelmente entre os anos de 1720 a 1725. Chamamos a atenção para o fato observado de que os descendentes, tanto os de Luiz quanto os de Manoel, ficaram reconhecidos preponderantemente por sobrenomes compostos dos seguintes nomes: *Fortes*, *Bustamante* e *Sá*, além de outros que foram acrescentados pelos casamentos. Nesses sobrenomes compostos a colocação das preposições conjuntivas “e” e “de” não obedeciam a critérios formais, por isso vamos encontrar, para um mesmo indivíduo, duas ou mais formas de grafia para seu sobrenome. Outro motivo de encontrarmos diferentes grafias para um mesmo nome ou palavra era a incipiente ou mesmo a inexistência de regras gramaticais e ortográficas; poucas eram as pessoas que sabiam ler e escrever, e essas, na maioria escrevendo de acordo com suas próprias regras, eram os padres e os notários ou escreventes, e foram das mãos deles que saíram os documentos ou registros que hoje podemos consultar.

Quanto ao sobrenome *Fortes*, trata-se de um sobrenome patronímico, que são aqueles que se formam a partir de um nome próprio masculino ou do chamado nome gentílico. No caso específico de nosso ramo familiar, o ancestral primordial chegou ao Brasil trazendo o sobrenome *Forte Bustamante e Sá*, também grafado na maioria das cópias dos documentos existentes a que tivemos acesso, originados no Brasil, como *Fortes Bustamante e Sá*, ou ainda *Fortes de Bustamante e Sá*, e por isso assim grafado nos nossos relatórios. Outra duas citações, de Antenor Nascentes e Sanches Baena: “*Fortes – sobrenome de origem patronímica, tomado de antigo nome de batismo medieval: Fortún > Fortes. Do adjetivo forte*” (citação de Antenor Nascentes,

1 Nota do Organizador: não tivemos acesso, quando da compilação das informações e notas deixadas por Luiz Carlos Pinto Bustamante, do relatório genealógico citado neste parágrafo.

II, 116). E ainda: “*Família originária de Astúrias (assim como a região de origem da família Bustamante, esta também está localizada no centro-norte da Espanha, a oeste da Cantábria), descende de Fortún Bermudo, ou com grafia moderna, Fortes Bermudo, cujo nome depois se converteu em sobrenome*” (citação de Sanches Baena, II, 71).

Fácil deduzir sobre a probabilidade e a facilidade que existia para a junção dos dois sobrenomes: *de Bustamante* e *Fortes*; a geografia ajudava, e muito. Restamos descobrir se a juntada dos dois nomes se deu mesmo na Espanha ou em Portugal.

Quanto aos sobrenomes “*Sá*”, “*Figueiredo*”, ou em sua forma composta “*de Sá e Figueiredo*”, podemos ver que procedem da esposa de Antonio Fortes Bustamante: *Angélica Maria de Sá e Figueiredo*. Ao filho Luiz apenas o “*de Sá*” foi acrescido ao sobrenome composto do pai, ou seja, ao *Fortes Bustamante*, ficando no final: *Luiz Fortes Bustamante (do pai) de Sá (da mãe)*; sobre Luiz, estes foram os sobrenomes que, com algumas variantes ortográficas advindas do emprego aleatório das preposições conjuntivas “*e*” e “*de*”, foram transmitidos aos seus descendentes. Ao filho Manoel foi acrescido o sobrenome completo da mãe, o “*de Sá e Figueiredo*”, a apenas o “*Fortes*” do sobrenome do pai, ficando no final: *Manoel Fortes (do pai) de Sá e Figueiredo (da mãe)*; sobre Manoel, estes sobrenomes, após ter sido excluído o “*Figueiredo*” e retornado o “*Bustamante*” foram os transmitidos aos seus descendentes. Para ambos, todavia, como veremos a seguir nas fichas de descendências, não houve critérios ou regras na colocação ou transmissão desses sobrenomes; vamos ver irmãos com sobrenomes diferentes, ainda que empregados dentre os acima citados, mas que aparentam terem sido escolhidos de forma aleatória, ou seja, sem regra definida. É também muito curioso observarmos, nos sobrenomes de Luiz e Manoel, o antigo costume ibérico do emprego do sobrenome paterno ao lado do materno colocado no final. Na Espanha ainda existe esse costume; a geração seguinte mantém o sobrenome paterno colocado no meio do nome, e troca o materno colocado no final. Em Portugal, ao longo do tempo esse costume foi invertido: no meio o sobrenome materno e no final o paterno; como regra geral foi a que nos chegou hoje; as gerações futuras substituem o sobrenome do meio, o materno, e mantém o paterno no final. Há ainda a ser considerado que a importância do ramo materno exercia bastante influência na adoção e na disposição dos sobrenomes. Essa fase de mudanças na ordem de colocação de sobrenomes, talvez explique a aparente “anarquia” que vamos

encontrar nos nomes de muitos dos descendentes de Luiz Fortes de Bustamante e Sá. Finalmente, para esgotarmos esse assunto temos de conhecer a classificação a ser dada aos sobrenomes Sá e Figueiredo. Os sobrenomes “Sá” e “*Figueiredo*” são do tipo que tem origem em características pessoais, tais como: porte físico, caráter, local de habitação, vida familiar, de condição social e de origem. O nome Sá significa pousada, e o nome *Figueiredo* significa plantação de figueiras. Dentro do universo da Península Ibérica, estes dois nomes em particular são tipicamente portugueses, mas podem também, os dois, identificar (ou não) cristãos-novos naturais de Portugal. Parece que no caso de Angélica Maria sua ancestralidade era mesmo portuguesa – até porque não temos dados para afirmar o contrário.

Mas afinal, quem foram os *Fortes Bustamante* de Vila de Ourém? Esta pergunta só poderá ser respondida com mais acerto depois de mais pesquisas a serem conduzidas em Portugal sobre a antiguidade, modo de vida, nível social e sobre os casamentos havidos no seio da família. Pesquisas a serem feitas por qualquer um que se interesse pela história da família. Que um ou mais personagens desta família foram tomados como fidalgos pela Coroa, também não resta dúvida; o próprio Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá, bacharelado em Coimbra, juiz-de-fora em Portugal e depois no Brasil, foi tratado como tal em documentos diversos ou artigos em que figura como personagem principal ou como figurante. Assinalamos também que as quatro ou cinco gerações seguidas ao Dr. Luiz Fortes Bustamante e Sá continuaram formando bacharéis, e, mesmo dentre aqueles que se voltaram para o comércio ou para a agropecuária, a maioria continuou a receber, em geral, uma educação formal esmerada no tocante às letras, ou seja, sabiam ler e escrever; bacharelaram-se vários, e alguns chegaram à magistratura. Esses cuidados só poderiam existir se houvesse cultura, inteligência e precedentes para tal; também devemos lembrar que naqueles tempos, saber ler e escrever era privilégio das classes formadas pelo clero, pelos notários, por muitos fidalgos (nem todos os nobres sabiam ler e escrever) e por raros burgueses abastados.

A seguir, com o pedido de permissão, a transcrição do artigo disponível na homepage de Rubens Câmara:

Sobrenomes Portugueses de Origem Judaica

“A presença judaica na Península Ibérica é de remotíssima memória, já se referindo a ela o Concílio de Orleans, realizado no ano de 538, bem como

o de Toledo, em 633. Por essa época os judeus ostentavam nomes e sobrenomes hebraicos.

Mais tarde, com a ocupação muçulmana, a antroponímia judaica também assimilou essa influência, aparecendo nomes de sonoridade árabe, ao lado dos puramente hebraicos e espanhóis.

Em 1492, os Reis Fernando e Isabel de Castela, conhecidos como Reis Católicos, decretaram a expulsão dos judeus da Espanha. Em razão disso, cerca de cento e vinte mil pessoas foram buscar refúgio em Portugal e, nessa mudança, levaram consigo sobrenomes árabes, hebraicos e espanhóis, além dos nomes de família representados por topônimos.

O crescimento da comunidade judaica em Portugal não agradou aos Reis Católicos, que passaram a exercer pressão política sobre o rei português no sentido de que este também expulsasse os semitas do território lusitano. Em 1496, D. Manuel I decretou a expulsão dos judeus de Portugal, oferecendo, contudo, a oportunidade de permanecerem no país, mediante conversão ao catolicismo.

Essa conversão, através do batismo, exigia nomes cristãos e, via de regra, o converso assumia nome e sobrenome tipicamente portugueses. Muitos mantinham, reservadamente, seus nomes originais, pois grande parte das conversões era apenas de fachada, preservando a fé na lei mosaica na intimidade da família.

Com o estabelecimento do Tribunal da Inquisição, em 1536, iniciou-se uma caçada aos cristão-novos. A bem da verdade, o escopo do Santo Ofício era expurgar da sociedade os “infectos de sangue” (árabes, negros, mulatos, judeus, ciganos, etc) e os de conduta reprovável (feiticeiros, adúlteros, sodomitas, etc). Ocorre que a comunidade judaica era a de número mais significativo, e sempre associada, pelo anti-semitismo popular, à imagem de assassinos de Cristo, passando, portanto, a sofrer maior perseguição.

Nas listas dos processados pelo Santo Ofício, por serem judeus ou cristão-novos, encontram-se milhares de nomes e sobrenomes genuinamente portugueses, causando mesmo estranheza que nomes hebraicos raramente sejam mencionados.

Analisando essas listas, nota-se que qualquer sobrenome português poderá ter sido, em algum tempo ou lugar, usado por um judeu ou cristão-novo. Não escaparam ao uso sobrenomes bem cristãos, tais como “dos Santos”, “de Jesus”, “Santiago”, etc. Certos sobrenomes, porém, aparecem com maior frequência, tais como “Mendes”, “Pinheiro”, “Cardoso”, “Paredes”, “Costa”, “Pereira”, “Henriques”, etc. O de maior incidência, no entanto, foi o “Rodrigues” [Aqui, por nossa conta, podemos relacionar ainda os seguintes sobrenomes, que na maioria podem e serão encontrados no Brasil: Mendes Caldeira, Fonseca, Penteado, Camacho, Figueiredo, Gonçalves, de Sá, Serrão, Moura, Tavares, Gomes, Leme, Nunes, Pinto, Barreto, Viana, Vale, Mariz, Sampaio, Melo, Mello, Moraes, Morais, Pedrosa, Araújo, Silva Araújo, Teixeira, Soares, Andrade, Dinis, Vaz, Nóbrega, e muitos outros].

Costuma-se dizer que os judeus tomavam como sobrenomes nomes de árvores e de animais. Mas, a bem da verdade, esses sobrenomes já apareciam na antroponímia portuguesa, desde que se tornou usual a adoção de um nome de família, não sendo, portanto, de ocorrência exclusiva entre os hebreus.

O Brasil Colonial recebeu um grande contingente de imigrantes portugueses. Estima-se que durante o ciclo do ouro cerca de 800 mil pessoas fixaram-se em nosso país. Entre esses adventícios, certamente, vieram os cristão-novos. Nas listas dos Autos-de-fé da Inquisição, mencionam-se centenas de processados nascidos no Brasil ou aqui radicados. Contudo, identificar algum deles em pesquisas genealógicas não constitui tarefa fácil.

Muitos judeus modernos, descendentes dos expulsos da Espanha e Portugal, que hoje vivem principalmente na Holanda, Itália, USA e Israel, preservam seus sobrenomes portugueses, às vezes com grafia já deturpada.

Em resumo, em termos genealógicos, a incidência de determinado sobrenome português, que tenha sido de frequente uso entre judeus, por si só não autoriza dizer que determinada família seja de origem judaica ou cristã-nova. Por outro lado, nem os sobrenomes tipicamente cristãos garantem que a família seja, usando a terminologia da época, cristã-velha.”

SUBTÍTULO II

ANTIGUIDADE DO SOBRENOME EM MINAS GERAIS

Em 1678, quando fazia apenas trinta e oito anos da restauração da coroa portuguesa, faltava ainda quinze para a descoberta do ouro na província das Minas Gerais, era assentado em Vila de Ourém, Portugal, o registro da data do nascimento do *Doutor Luiz Fortes de Bustamante e Sá*, filho de *Antônio Fortes Bustamante* e de *Angélica Maria de Sá e Figueiredo*, ambos naturais da mesma Vila de Ourém. Sabemos que Antônio Fortes Bustamante (ou Antonio Fortes de Bustamante), que até o momento havemos como o nome mais antigo da família, por volta do primeiro quartel do século XVIII, ou seja, entre 1700 a 1725 já tinha seus dois filhos Luiz e Manoel radicados na Colônia, senão também ele próprio e esposa. Sobre Antonio e Angélica Maria podemos apenas estimar que nasceram, ele entre os anos de 1652 a 1658, e ela, porque naquela época as mulheres se casavam muito jovens, entre os anos de 1658 a 1662.

Antônio e Angélica Maria, pelo que já vimos e sabemos até o momento, tiveram ao menos dois filhos: o primeiro filho, *Luiz Fortes de Bustamante e Sá* viria a ser o nosso ancestral primordial no Brasil, o *primus* patriarca do ramo da família Bustamante ao qual pertencemos, e que deixaria sua descendência no que são hoje os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais; nós, nascidos no Sul de Minas, somos todos seus descendentes. O segundo filho, *Manoel Fortes de Sá e Figueiredo*, que se casou com *Lucrécia Leme Borges*, esta, neta do bandeirante *Fernão Dias Paes*, esparramou sua descendência, sobretudo, no que é hoje o estado de São Paulo. Estamos falando do tempo que permeia os anos compreendidos entre 1705 a 1725.

Luiz Fortes de Bustamante e Sá, nascido em Vila de Ourém, Portugal, no ano de 1678, faleceu em São João del-Rei, MG, no ano de 1741, aos 63 anos de idade.

Luiz bacharelou-se pela Universidade de Coimbra no ano de 1700, aos vinte e dois anos de idade. Depois de ter exercido o cargo de juiz-de-fora da Vila de Santiago de Cacém, em Portugal, entre os anos de 1705 e 1711, foi nomeado por Dom João V para exercer o mesmo cargo na cidade de São Sebastião da Capitania do Rio de Janeiro, por três anos. Em seguida exerceu o cargo de juiz-de-fora na Zona da Mata Mineira até o ano de 1718. No ano de 1704, portanto ainda residindo em Portugal, Luiz casou-se com *Luiza Maria Xavier da*

Fonseca; tiveram ao menos os filhos: Joseph, Maria Angélica, Ritta Luiza Victoria, Thomaz e Francisco Xavier. A esses filhos coube a propagação da descendência de Luiz Fortes de Bustamante e Sá na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (Maria Angélica e Thomaz), mais tarde apenas Rio de Janeiro, e muito mais intensamente em Minas Gerais (Joseph e Ritta Luiza), notadamente no centro-sul de Minas; em Minas, o polo de irradiação foi a cidade de São João del-Rei, lugar que o juiz-de-fora escolheu para empreender e também passar o resto de sua vida, e onde morreu, estando aí sepultado. A disseminação do sobrenome nos estados vizinhos próximos, e depois em todo território brasileiro dar-se-ia a partir desses polos.

À medida que o sertão das Minas Gerais ia sendo desbravado e conhecido suas verdadeiras dimensões pelos soberanos portugueses, mais estes estimulavam a distribuição de enormes porções de terras a particulares, com o tácito compromisso de povoá-las, cultivá-las e defendê-las; eram as grandes glebas que passaram a serem conhecidas como “*sesmarias*”. Em 1710 o governador da capitania do Rio de Janeiro contemplou seu secretário, João de Oliveira, com uma sesmaria que abrangia uma grande área na região da Zona da Mata Mineira, a qual já estava sendo desbravada pela abertura do que viria a ser conhecido pelo nome de “*Caminho Novo*”. Esse caminho, uma trilha de penetração que começava no Rio de Janeiro e apontava para o sertão das Minas Gerais, foi iniciado em 1701 pelo *Capitão-mor Garcia Rodrigues Paes* (*1661 +07/03/1738), filho de *Fernão Dias Paes* (*1608 +1681), e destinado ao transporte de ouro e diamantes; em 10 de julho de 1701 Garcia Rodrigues escreve a el-Rei dando conta de que, às suas custas, havia começado o caminho; passados seis anos, enfrentando grandes dificuldades de prosseguir com sua obra, pela escassez de recursos, Garcia Rodrigues Paes se instala no começo desse caminho, próximo à Barbacena, e planta roças; porém, o fôlego foi renovado com os reforços aportados pelo paulista *Domingos Rodrigues da Fonseca Leme* (o qual se utilizou de dezoito escravos) que permitiu-lhe, após cinco meses e meio, a conclusão da nova via de escoamento das riquezas das Minas Gerais. Por esse e outros feitos, um dos quais foi ter acompanhado por quatro anos a Garcia Rodrigues Paes na epopeia do descobrimento das esmeraldas, Fonseca Leme recebe a patente de coronel da nobreza, expedida pelo capitão-general de São Paulo, Rodrigo César de Menezes (*fonte de referência: Ephemérides Mineiras, de José Pedro Xavier da Veiga, ano 1897, pág. 100, vol. 4*).

Lembramos que Garcia Rodrigues Paes foi o pai de Lucrecia Leme Borges, que se casou com Manoel Fortes de Sá e Figueiredo, irmão do nosso juiz-de-fora. O “*Caminho Novo*” veio se contrapor aos “*Caminhos Velhos*”, que partiam do planalto de Piratininga, São Paulo, seguiam pelo litoral, atravessavam a região dos Campos dos Goitacás, atual Campos, e chegavam aos rios que permitiam, em sentido inverso ao do seu curso, o acesso ao sertão do ouro e das pedras preciosas. A história do Caminho Novo se mistura com a história das origens da cidade de Juiz de Fora. Convém lembrar, porém, que a trilha conhecida como “*Caminho Velho*”, em parte de seu trecho que para os mineiros ficou conhecido por “*Estrada Velha dos Bandeirantes*”, já nas terras do sul das Minas Gerais, não teve nada a ver com a região da Zona da Mata Mineira. O “*Caminho Velho*”, que se consolidou com a expedição de Fernão Dias Paes, teve muito a ver com a história do desbravamento do Sul de Minas; começava no Rio de Janeiro e ia até Parati por via marítima; daí, por uma vereda até Taubaté; de Taubaté a Pindamonhangaba e desta a Guaratinguetá; de Guaratinguetá, subia e ultrapassava a serra da Mantiqueira pela garganta do Embaú, e descia semeando os povoados que se transformaram nas atuais cidades de Passa Quatro, Itanhandu, Santana do Capivari, Pouso Alto, Baependi, e outras, até chegar aos rios das Mortes, Doce e das Velhas.

Por volta de 1713, então exercendo o cargo de juiz de fora na região da Zona da Mata Mineira, ou depois de destituído desse cargo, para lá se deslocado por vontade própria, Luiz Fortes de Bustamante e Sá compra de João de Oliveira sua sesmaria, que passa a ser conhecida como “*Sesmaria do Juiz de Fora*”, cuja sede então denominada “*Fazenda Velha*”, passa depois a ser conhecida como “*Fazenda do Juiz de Fora*”; sua localização a meio caminho do “*Caminho Novo*”, daria origem a uma cidade que, nascida de uma simples fazenda, hoje é a segunda maior do estado de Minas, cidade polo da Zona da Mata, e cuja referência geográfica lhe deu o nome: *Juiz de Fora*. Antes de receber a denominação de Juiz de Fora, nome proposto pelo Barão de São Marcelino em 1865, a cidade havia percorrido uma trajetória semelhante as das demais cidades mineiras nascidas no período colonial. De Fazenda do Juiz de Fora passou a categoria de Arraial, depois em 1850 para Vila, com o nome de Vila de Santo Antônio do Paraibuna, desmembrando-se de Barbacena; em 1856 a Vila transformou-se em Cidade do Paraibuna; em 1865 em Cidade de Juiz de Fora.

Em 1728 Luiz Fortes vende sua sesmaria para seu genro Roberto Carr Ribeiro, casado com sua filha Maria Angélica de Sá. Dez anos depois, em 1738, é a vez de Roberto e Maria Angélica venderem a Fazenda para o hispano-lusitano Antônio Vidal, em poder de cuja família permaneceu até 1812.

Luiz Fortes e Luiza Maria tiveram, pelo menos, os seguintes filhos:

1. **Joseph Fortes Bustamante e Sá:** nasceu provavelmente na Vila de Santiago de Cacém, Portugal, no ano de 1705; em 14 de fevereiro de 1756, com 51 anos de idade, declara título de posse de casas na cidade de São João del-Rei, cidade para onde foi levado por seu pai, e onde morreu.
2. **Maria Angélica de Sá:** como seu irmão, também deve ter nascido na Vila de Santiago de Cacém, no ano de 1706; casou-se com o Desembargador Juiz do Fisco Roberto Carr Ribeiro; em 1728, aos 22 anos, junto com o marido, compra de seu pai a “*Sesmaria do Juiz de Fora*”, vendendo-a dez anos depois.
3. **Ritta Luiza Victoria de Bustamante:** nasceu no Rio de Janeiro, onde seu pai ainda morava, antes de mudarem para São João del-Rei. Casou-se com o Capitão-mor Manoel Antunes Nogueira e teve ao menos cinco filhos que chegaram à idade adulta, e deixaram descendência.
4. **Thomaz Fortes Bustamante e Sá:** nasceu no Rio de Janeiro e se mudou para São João del-Rei com a família; para o Rio de Janeiro retornou mais tarde, onde se casou e deixou descendência.
5. **Francisco Xavier Fortes de Bustamante:** nasceu no Rio de Janeiro. Foi ordenado padre secular em 20 de julho de 1755, provavelmente com a idade de 24 anos.

Nota: é bastante provável e quase certo que *Luiz Fortes e Luiza Maria* tivessem tido outros filhos; desses, ainda não temos meios ou informações seguras para que possamos relacioná-los. Na época, a taxa de mortalidade infantil era elevada. Outros prováveis filhos que podem ter chegado à idade adulta, não deixaram descendência.

Vimos que os nomes *Sá* e *Figueiredo*, do sobrenome da esposa de Antonio Fortes Bustamante, foram, no todo ou em parte, em caráter permanente ou

transitório, transmitidos ao longo do tempo pelas gerações futuras, ainda que sem regras definidas, ou seja, de forma aleatória. Como já foi dito anteriormente, podemos, deste fato, levantar a hipótese da relevância ou importância dos nomes de família da esposa de Antonio. No que diz respeito aos nomes “*Xavier*” e “*Fonseca*” que compõem o sobrenome de Luiza Maria, esposa de Luiz Fortes Bustamante e Sá, filho de Antonio, tal não ocorreu; estes nomes não aparecem, de conformidade com os dados de que dispomos até o momento, em nenhum dos sobrenomes dos filhos, netos ou bisnetos de Luiz e Luiza Maria. Não quer dizer que não pertencesse a famílias ilustres; apenas a do marido, provavelmente pela relevância do cargo ocupado, ou por haver sido tomado como fidalgo por el-Rei Dom João V, se sobrepôs a todos os outros. O sobrenome “*Xavier*” é do tipo que também tem origem em características pessoais, tais como: porte físico, caráter, local de habitação, vida familiar, de condição social e de origem; nesse caso seria local de habitação, pois o nome *Xavier* significa casa nova, e é de origem basca, portanto, tipicamente espanhol; pode também identificar famílias de cristãos-novos. Já o nome “*Fonseca*” tem origem toponímica; *Fonseca* era nome de lugar, no caso, uma vila na Espanha, e, portanto, também é um nome tipicamente espanhol; como, também, praticamente é nome de identidade de famílias de cristãos-novos. Assim, ambos podem identificar famílias portuguesas de origem judaica, que tiveram suas raízes na Espanha, ou de lá foram expulsas pelo édito publicado em 1492, de expulsão dos judeus da Espanha, decretado pelos Reis Católicos Fernando e Isabel. Na verdade, o sobrenome Fonseca, de famílias espanholas ou das já aportuguesadas é hereditário, e via de regra identificava mesmo cristão-novo, e também famílias dos que retornaram ao judaísmo. Parece que no caso de Luiza Maria, por estarem juntados os dois sobrenomes (talvez, mais do que mera coincidência) e pela força de cristão-novo do nome “*Fonseca*”, podemos afirmar quase que sem medo de errar, que ambos são sefaraditas, que é como são chamados os sobrenomes dos cristãos-novos da península Ibérica. Sefarad é o nome hebraico para a Espanha. Assim, a ancestralidade de Luiza Maria poderia ser mesmo, sem receio de incorrer em pleonasma, sefaradita-espanhola. Considerando que o ano de 1704 (ano do casamento de Luiz e Luiza Maria) ainda era época de caça às bruxas, digo, época de poderio da instituição da Inquisição, talvez fosse conveniente para quem ambicionava deter cargos na corte, ou porque já os detivesse, escamotear a parcela de sangue sefaradita de sua descendência. Por conseguinte, os filhos do casal Luiz e Luiza Maria não

ficaram conhecidos como *da Fonseca Bustamante e Sá*, ou, como da forma ainda usual na Espanha, *Bustamante e Sá da Fonseca*. Por exemplo, Joseph herdou o sobrenome completo do pai: *Fortes Bustamante e Sá*; Angélica, apenas o último: *de Sá*, e, até agora, não aparece em documentos de nosso conhecimento com qualquer dos sobrenomes do marido: *Carr e Ribeiro*; apesar disso, um de seus filhos recebeu o nome de Antonio Fortes Bustamante e Sá – nome completo do avô materno (Antonio Fortes Bustamante), acrescido do sobrenome do meio da avó materna (de Sá), sobrenomes que transmitiu a sua descendência; tudo isso em detrimento de qualquer dos nomes ou sobrenomes do lado paterno.

Para reforçarmos a idéia de antiguidade do sobrenome *Bustamante*, *de Bustamante* ou *Fortes (de) Bustamante* em Minas Gerais, transcrevemos abaixo alguns trechos de textos de notações cartoriais ou de documentos diversos, que mencionam, junto de alguns nomes da família, algumas datas e os assuntos pertinentes.

- a) “(...) Em 1776 lavrou-se escritura de compra de duas moradas de casas, situadas no Morro da Prainha e que pertenceram ao Ajudante Manoel José Martins. O morro Carlos Sânzio, que se limita com a praça da antiga Estação Rodoviária, até hoje é conhecido com o nome de morro Manoel José. A aquisição foi feita pelo *Capitão-mor Manoel Antunes Nogueira* e sua mulher *Ritta Luiza Victoria de Bustamante*, para reforço do patrimônio da Capela de Nossa Senhora da Conceição, que existiu no Matola. O casal doou as casas, cobertas de telhas, com seu quintal grande à Capela supra citada (...)”
- b) “(...) No Museu Regional de São João del-Rei – Referência Documentos Mineiros / Testamentos arquivados – consta no Livro nº 3, referente ao ano de 1784, o seguinte testamento: Testador/Capela: José Vieira de Almeida, Testamenteiro/Zelador: *Francisco Xavier Fortes de Bustamante Sá* (...)”
- c) “(...) Na Internet, no site <http://www.bqtur.hpg.ig.com.br> – História de Barbacena, podemos ler: 1791 = 14/08 – Criação da Vila de Barbacena. O nome foi dado em homenagem ao Visconde de Barbacena – Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro. O primeiro presidente da Câmara foi *Manoel de Sá Fortes Bustamante Nogueira*, que teve muita força política e exerceu vários mandatos (...)”

Finalmente, dentro desse contexto de antiguidade do sobrenome em Minas Gerais, resta-nos falar sobre o início da linhagem ou dos descendentes da família no Sul de Minas, notadamente nas cidades de Pouso Alto, Santana do Capivari, Itanhandu, Passa Quatro, e em menor grau nas circunvizinhas.

Segundo monsenhor José do Patrocínio Lefort, historiador sacro e bispo diocesano de Campanha, MG, o começo da linhagem da família do ramo dos **Fortes Bustamante**, na região do Sul de Minas, se deu com a chegada de **Ignácio de Loyola Bustamante Fortes**. Segundo versão passada por Abel Gomes Bustamante (filho de Zózimo Fortes Bustamante, bisneto de Ignácio de Loyola), à sua filha Francisca Tereza Bustamante Abreu (Zuza), Ignácio de Loyola teria chegado ao Sul de Minas, vindo provavelmente de Juiz de Fora ou de São João del-Rei. Sua chegada deve ter ocorrido em torno do ano de **1818 / 1819**. Segundo informações que nos foram passadas, mas que ainda não conseguimos confirmar com base em documentos ou fontes acreditadas, é dado como sendo filho de *Ignacio de Loyola e Silva* e de *Francisca Silva de Oliveira*, provavelmente naturais de São João del-Rei ou de Barbacena, e, ambos falecidos em Pouso Alto. Ignácio de Loyola e Silva, segundo monsenhor Lefort, foi batizado em São João del-Rei em 1678.

Foi em Pouso Alto que viveu Francisco Theodoro da Silva, o Barão de Pouso Alto, filho de Maria Angélica de Sá Menezes e do Coronel Carlos José da Silva; não há dúvidas de que Ignácio de Loyola (o filho) e Francisco Theodoro eram primos, resta, isso sim, determinar o grau e a linha do parentesco. Como **1793** é tido como o ano de seu nascimento, deve ter chegado ao Sul de Minas com a idade de 25 ou 26 anos. No ano de **1820**, passado pouco mais de um ano de sua chegada, correram os procedimentos de habilitação, os obrigatórios proclamas ou “banhos”, para seu casamento com **Anna Flora de São José**, conhecida pela alcunha de *Dindinha*.

Dindinha, filha de Antonio Joaquim Fernandes e de Gerônima Ribeiro Carvalho, era sobrinha dos donos da “*Fazenda Chapada Ribeiro*”, que se estendia por terras que hoje pertencem aos municípios de Passa Quatro e Itanhandu. Gerônima Ribeiro Carvalho era irmã de Maria Ribeira de Carvalho (isso mesmo, Ribeira ao invés de Ribeiro), mulher do Capitão *Custódio José Ribeiro Pereira Guimarães*, celebrizado na região do Sul de Minas, e que ficou conhecido pela alcunha de “*Chapada*”. Era irmão do fidalgo português Antonio José Ribeiro Pereira Guimarães, tronco de uma das famílias mais antigas e

tradicionais de Passa Quatro. O “*Chapada*”, com o título de capitão-mor e incumbido de defender interesses da Coroa, estabeleceu-se na serra da Mantiqueira, sul de Minas; viria a se tornar senhor de escravos e de muitas fazendas adquiridas de bandeirantes e aventureiros. A Fazenda do Jardim, uma de suas imensas propriedades, dentro da qual vamos encontrar o local que até os dias de hoje é reconhecido pela denominação de “*Curral-Falso*”, foi berço de várias gerações dos *Fortes Bustamante*; muitos “*Bustamante*” nasceram no Curral-Falso; provavelmente as terras em torno do Curral-Falso, caso não tenham sido adquiridas por compra pelos Bustamante, devem ter chegado em seu poder, transmitidas por direitos de herança de alguma maneira atribuídos a Anna Flora de São José.

Assim, as terras, ou parte das muitas terras que os Bustamante viriam possuir na região, teriam pertencido ao “*Chapada*”, que de alguma forma, por direitos de herança, por dote ou por simples legado passaram a Ignácio de Loyola Bustamante Fortes, através de sua mulher Anna Flora de São José.

Sobre Ignácio de Loyola Bustamante Fortes ainda temos muito a pesquisar, muitos dados a coletar e confirmar, sua linha de ascendência, datas de nascimento, de casamento, de morte, enfim, como viveu e tudo o mais que pudermos vir a conhecer. Aí, no que nos toca mais diretamente, teremos traçado a nossa linha de ascendência direta até o ancestral tido como o mais antigo, que foi *Antônio Fortes Bustamante*, natural de Vila de Ourém, Portugal.

SUBTÍTULO III

A DISPERSÃO PARA OUTROS ESTADOS

Vinte e oito anos depois de morto Luiz Fortes de Bustamante e Sá, o juiz-de-fora, o seguinte registro foi anotado, e hoje pertence à Coleção de Documentos da História de Atibaia, SP:

“(…) No dia seis de novembro de **1769**, por ordem do Governador e Capitão Mor da Capitania de São Paulo, o Ouvidor Geral de São Paulo, Antonio Pereira da Silva e o escrivão **Antonio Fortes Bustamante e Sá**, graduado em leis pela Universidade de Coimbra, procederam a vistorias em sobrado existente atrás da Igreja Matriz, a fim de verificarem se referido imóvel atenderia às necessidades que se exigiam para a instalação de Cadeia e Paço do Conselho. Vistoriado e aprovado, foi, nesse imóvel, que pertencia aos herdeiros de Cypriano da Costa, instalado o Paço Municipal, e, no dia dezenove de fevereiro de **1770**, foram nomeados os vereadores, presidente do Conselho e Escrivão” (*fonte de referência e citação: Persona – Alberto Censi*).

Ainda que não possamos nomear com toda segurança a ascendência imediata deste Antonio Fortes Bustamante e Sá, podemos, usando imaginação e fazendo comparações entre os nomes e as diversas datas que já conhecemos, supor que Antonio Fortes poderia ser um filho de Maria Angélica de Sá e de Roberto Carr Ribeiro, pois este casal teve um filho ao qual deram exatamente esse nome, ou seja, ao filho foi retornado os sobrenomes *Fortes Bustamante e Sá* do avô, o juiz-de-fora. Se assim for, este Antonio, nascido no Rio de Janeiro em torno de 1725, teria mudado para São Paulo, depois de morar algum tempo em Florianópolis, onde ele, casado com Severina Maria Pereira Pinto, tiveram os dois filhos que são do nosso conhecimento: Rosa Pereira Bustamante e Sá e Antonio Pereira Bustamante e Sá. Em 1769, Antonio deveria estar com 44/45 anos de idade.

É bom lembrar que a Capitania de São Paulo e Minas foi separada da Capitania do Rio de Janeiro em 1711; e que a Capitania das Minas Gerais havia sido separada da Capitania de São Paulo em 1720. Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais eram já, desde 1720, capitanias distintas.

Em época bem mais posterior, última década do século XIX, e na cidade do Rio de Janeiro, podemos mencionar a presença de **Luís Fortes Bustamante Sá**

fazendo parte do Conselho Municipal, no período de **1892 a 1895** (*fonte de referência: Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – Departamento de Arquivos*).

Em 31 de julho de **1907** nasceu no Rio de Janeiro **Rubens Fortes Bustamante Sá**, filho de Norberto Fortes Bustamante Sá e de Elízia Costa Sá. Casa-se com Amazilda Costa Sá e tem os seguintes filhos: Laci, Laila, Ivan, Luiz Carlos, Léia e Araquém. Grande pintor fluminense / carioca morre no Rio de Janeiro em 17 de março de 1988 (*fonte de referência: Enciclopédia de Artes Visuais – Itaucultural*).

Saindo do polígono formado por Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, e indo para o norte, podemos obter informações confiáveis e precisas sobre um dos ramos da linhagem de Ritta Luiza Victoria de Bustamante, filha do “juiz de fora”, e casada com o Capitão-mor Manoel Antunes Nogueira. Trata-se da descendência de um de seus filhos: **Luiz Fortes de Bustamante e Sá**, nascido em São José del-Rei, hoje Tiradentes, MG, e que se casou com Anna Tereza de Melo e Almeida de Souza Menezes. Começava aí a ramificação dos **Bustamante de Sá Menezes**. O filho mais velho de Luiz e Anna Tereza, **Luiz de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes**, supõe-se, teve que fugir da província das Minas Gerais, por, de alguma maneira, estar ou haver sido implicado em algum movimento de contestação à Coroa; é bom lembrar que a Inconfidência Mineira eclodiu em 1789, e esse Luiz de Souza Fortes nesse ano deveria ter apenas um ou dois anos de idade. Procurou inicialmente refúgio na província de Pernambuco; muito pouco tempo depois passou para o que hoje é o estado do Piauí. Seus descendentes atuais têm como certo que foi ele o primeiro dos **Fortes Bustamante** a chegar nessas plagas, possivelmente na segunda metade da década de 1800, com mais ou menos 20 anos de idade. De qualquer modo, em fins da mesma década de 1800 e já no Piauí, conheceu e casou-se com **Maria de Assunção Pires Ferreira**. Foram morar na Fazenda de Santa Cruz das Pedras Preguiça, no que viria a ser o município de Barreirinha, já no Maranhão. Maria de Assunção teve problemas na terceira gravidez, vindo a falecer no ano de 1811, na Fazenda Barra do Longá. A irradiação da família para terras do Maranhão, então, deu-se a partir do Piauí, com a descendência tanto de **Luiz de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes**, quanto com a de seu irmão caçula **Antônio de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes**, nascido em 1801, e que em 1823, com 22 anos, saiu à procura do irmão, que pouco conhecia, e tendo-o encontrado, acabou ficando com ele em suas terras.

Poderíamos, enfim, desfiar uma série de outros nomes para exemplificar a difusão ou dispersão do sobrenome *Fortes Bustamante* por outras províncias, entre os séculos XVIII e XIX. Com certeza, podemos afirmar que hoje, em todos os estados, vamos encontrar o sobrenome, senão o *Fortes (de) Bustamante*, certamente o *Bustamante*, mesmo que ligado a outros sobrenomes, e já então, não somente devido a migrações ocorridas entre 150 a 200 anos atrás, mas também aos intensos deslocamentos da população nos últimos quarenta anos.

SUBTÍTULO IV

RAMOS FAMILIARES – A JUNÇÃO DE OUTROS SOBRENOMES

A ocorrência da junção ou co-junção de sobrenomes aparece quando dois ou mais nomes de famílias, havidas como tradicionais, se juntam pelo casamento, e passam a serem transmitidos como se fosse um só sobrenome. Os patriarcas ou chefes dessas famílias, ao registrarem seus filhos, muitas vezes sem critério definido, davam início a ramos familiares, que às vezes, pareciam não ter relação com a origem comum. Era comum um chefe de família dar sobrenomes diferentes a vários de seus filhos; neste Relatório Genealógico encontramos a toda hora provas desta afirmativa. Nenhuma lei existia obrigando-os a seguirem um padrão, e os usos e costumes herdados dos primeiros colonizadores, lusos-ibéricos na maioria esmagadora, eram frequentemente subvertidos. Algumas das vezes, inclusive, o sobrenome de um filho não continha, aparentemente, nenhum sobrenome dele ou de sua mulher. Temos como exemplo a ficha de descendência de *Luiz de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes*, casado com *Maria da Assumpção Pires Ferreira*; o segundo filho do casal Luiz e Maria, *José Pires Ferreira (Neto)*, nome dado em homenagem ao avô, pai de Maria, transmitiu a toda a sua descendência, com preponderância total, o sobrenome composto *Pires Ferreira*; dos sobrenomes do pai, apenas veremos o *Souza e Fortes* aparecerem esporadicamente, e mesmo assim, motivado pela alta incidência de casamentos endogâmicos. Conclusão: centenas de indivíduos que descendem em linha direta de *Luiz de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes*, não assinam nenhum destes sobrenomes, e sim o *Pires Ferreira*, sobrenome composto do avô materno.

De todo modo, como falamos de faltas de regras, nada impedia, mais tarde, qualquer indivíduo de retomar, já para seus próprios filhos, os sobrenomes paterno e materno, juntos, ou mesmo somente o do pai ou da mãe. Na verdade isso ainda ocorre até hoje, porém em uma escala muito menor. Passemos a alguns exemplos que melhor ilustram o assunto.

1. *Antonio Fortes de Bustamante*, casado com *Angélica Maria de Sá e Figueiredo*. O casal registrou (?) seus filhos como:
 - a) *Luiz Fortes Bustamante e Sá*: dois sobrenomes do pai e um da mãe;
 - b) *Manoel Fortes de Sá e Figueiredo*: um sobrenome do pai, dois da mãe.

2. *Luiz Fortes Bustamante e Sá*, casado com *Luiza Maria Xavier da Fonseca*. Dentre os filhos do casal, os dois primeiros foram assim registrados:
 - a) *Joseph Fortes Bustamante e Sá*: todos os sobrenomes do pai;
 - b) *Maria Angélica de Sá*: o último sobrenome do pai, trocando o *e* por *de*; casada, manteve o nome de solteira, não acrescentando nenhum dos sobrenomes do marido, *Roberto Carr Ribeiro*.
3. *Ritta Luiza Victoria de Bustamante*, casada com *Manoel Antunes Nogueira*. O casal teve cinco filhos que registraram como:
 - a) *Luiz Fortes de Bustamante e Sá*: repetição dos nomes do bisavô materno; casou-se com *Anna Tereza de Melo e Almeida de Souza Menezes*. Os filhos deste casal deram origem aos sub-ramos da família: *Souza Fortes* (Luiz de Souza) e *Fortes de Sá Menezes* (Antônio), ambos em terras que hoje formam os estados do Piauí e Maranhão.
 - b) *Francisco Dyonisio Fortes de Bustamante*: retorno do sobrenome Fortes, sem o acréscimo de nenhum dos sobrenomes do pai, Antunes e Nogueira.
 - c) *Manoel de Sá Fortes Bustamante Nogueira*: re-introduzindo os sobrenomes de Sá do bisavô materno e, no final, o último sobrenome do pai, Nogueira.
 - d) *Luzia Felícia Sinfrona de Bustamante*: manteve o sobrenome *de Bustamante* de sua mãe.
 - e) *Maria Angélica de Sá Menezes*: após o sobrenome *de Sá* do avô materno, trocando o *e* pelo *de*, seguido do sobrenome Menezes. Casou-se com o coronel *Carlos José da Silva*. Ainda não sabemos a origem e o porquê do sobrenome Menezes. Algumas vezes é confundida com sua tia-avó, que se chama *Maria Angélica de Sá*, nascida em redor de 1706, na Vila de Santiago de Cacém - Portugal, e casada com *Roberto Carr Ribeiro*.

Poderíamos seguir dando mais exemplos de como a colocação de sobrenomes, após os nomes próprios, não seguiam padrões definidos. Inúmeros exemplos confirmam que no mais das vezes, as mulheres conservavam seus nomes de solteira (batismo?), mesmo depois de casadas, e não era nada raro, transmitirem a seus filhos seus sobrenomes, e não os dos maridos; contava bastante o grau de importância atribuído ao nome familiar do marido ou da esposa. Também não

podemos nos esquecer do costume herdado da Espanha, de se colocar o nome da esposa no final, e o do marido no meio.

Os sobrenomes do “*primus*” patriarca ancestral Antonio ***Fortes de Bustamante*** e de sua esposa Angélica Maria ***de Sá e Figueiredo***, através de numerosa e ramificada descendência, veio a se misturar aos de numerosas outras famílias: Xavier da Fonseca, Antunes, Nogueira, Silva, Silveira, Ribeiro, Pereira, Almeida, Souza Menezes e muitas outras no decorrer do tempo. No entanto, devemos observar que no eixo dos ramos de descendências diretas, continuou a haver a prevalência dos sobrenomes: *Fortes*, *Bustamante*, *Fortes Bustamante*, *Fortes de Bustamante*, *Fortes Bustamante e Sá*, *de Bustamante Sá*, *Bustamante e Sá*. Em todos eles, a presença do *Fortes* e o *de Bustamante* de Antonio Fortes de Bustamante, e o *Sá* ou *de Sá* de Angélica Maria de Sá e Figueiredo.

Por ser pertinente, devemos aqui fazer um comentário sobre o nome do que é havido como o quarto filho homem de Ignácio de Loyola Bustamante Fortes e de Anna Flora de São José, a *Dindinha*.

Na verdade, Ignácio Loyola Bustamante Fortes e Anna Flora de São José tiveram ao menos cinco (5) filhos que chegaram à idade adulta, e que foram:

1. Antonio José Fortes Bustamante;
2. Gerônima Fortes de Bustamante;
3. Ignácio de Loyola Fortes Bustamante;
4. Manoel José Ribeiro de Bustamante; e
5. Maria Romana Fortes de Bustamante.

Todos os três filhos homens, mesmo o que não apresentava o sobrenome Fortes, colocou-o na maioria de seus filhos; invariavelmente apuseram após o nome próprio de seus filhos o apelido *Fortes Bustamante* ou a variação *Fortes de Bustamante*.

Morto Ignácio de Loyola, Dindinha concebeu um sexto filho, sendo o pai *Ignácio Joaquim Nogueira de Carvalho*, que era padre, e foi pároco da paróquia de Pouso Alto, entre os anos de 1846 a 1850. A esse filho deram o nome de *Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho*, nascido em Pouso Alto,

MG, por volta de 1845. A criança foi criada por sua meia-irmã Maria Romana Fortes de Bustamante, a filha caçula de Ignácio Loyola e Dindinha. No ano de 1845, ano provável do nascimento de Philadelpho Joaquim, Maria Romana contava com 10 anos de idade, e seu irmão mais velho, Antônio José, tinha 18 anos de idade.

Ou seja, o sexto filho de Anna Flora de São José, filha do Alferes Antonio Joaquim Fernandes e de Gerônima Ribeiro de Carvalho, tendo como pai Ignacio Joaquim Nogueira de Carvalho foi *Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho*.

TÍTULO IV

ALGUMA HISTÓRIA

SUBTÍTULO I

CRONOLOGIA

EVENTOS IMPORTANTES X REGISTROS HISTÓRICOS DA FAMÍLIA

O propósito da série de eventos históricos descritos a seguir, ligados às suas datas de ocorrência, e no nosso julgamento considerados importantes, é o de relacionar os eventos e o caminho percorrido pela família *Fortes Bustamante*, ao contexto cronológico da história das Minas Gerais e do Brasil, desde o início da época colonial até a Proclamação da República. Alguns eventos que consideramos importantes:

Ano 1531

Primeira expedição após o descobrimento que, saída da baía da Guanabara no Rio de Janeiro, e caminhando para o noroeste, chegou a tocar as terras da Zona da Mata Mineira. O sertão das Minas Gerais ainda continuava terra ignota.

Ano 1554

Expedição de Brás Espinhosa, seguida da expedição de Martim de Carvalho em 1567, que, saídas de Porto Seguro no Sul da Bahia, e caminhando para o sul, chegaram também a tocar terras da Zona da Mata Mineira.

Ano 1646

Félix Jaquies foi o fundador do arraial de Taubaté (1636), o qual, dez anos depois, tendo atingido o status de vila, teve seu foro instalado em 2 de janeiro de 1646. Neste mesmo ano Félix Jaquies, a pedido do governador da Capitania do Rio de Janeiro, D. Duarte Corrêa Vasqueanes, empreende uma expedição que, após cruzar o sertão de Guaratinguetá, transpõe a serra da Mantiqueira pela garganta do Embaú, e explora o planalto até o Rio Verde. Assim sendo, o primeiro reconhecimento do território do sul de Minas foi feito por Jaquies, e, a garganta do Embaú, na serra da Mantiqueira (Cruzeiro / Passa Quatro), foi a primeira entrada franqueada aos futuros aventureiros ou desbravadores. Pouco tempo depois, passado vinte e oito anos, em 1674, seria a vez de Fernão Dias Paes; mas aí, já é outra história...

Ao redor do ano de 1646, não resta dúvida, a família Fortes Bustamante, ou Fortes de Bustamante, ou mesmo Forte Bustamante, certamente já estava assentada em Vila de Ourém, na região de Leiria, Portugal. Nesse meados do século XVII, com certeza, podemos considerar a família como totalmente aporuguesada, e isso devia ter ocorrido fazia já bastante tempo. Por essa época, membros da família haviam sido tomados como fidalgos, pelo Príncipe. O filho de Antonio Fortes Bustamante que consideramos como o alfa do nosso ramo familiar, o Juiz-de-fora Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá, recebia o tratamento de fidalgo em vários documentos oficiais. Ora, considerando que a hierarquia social no Portugal daquela época era rígida, portanto, é-nos lícito considerar: 1) a família já era tida e havida como portuguesa; 2) pertencia à classe abastada; 3) alguns de seus membros eram próximos do Príncipe, e por ele tomados como fidalgos.

Ano 1664

Neste ano o rei de Portugal, Dom Afonso VI, escrevia ao capitão Fernão Dias Paes: “*Eu, El Rei, Vos envio muito saudar. Bem sei que não é necessário persuadir-vos a que concorrais de vossa gente com o que for necessário para o descobrimento das minas (...)*” O monarca português rogava-lhe que desbravasse os sertões do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande. Nessa época, já se iniciara uma rápida expansão em direção aos chapadões mineiros, goianos e mato-grossenses. Partiam de cidades como São Vicente, São Paulo, Rio de Janeiro e Taubaté, levadas de homens que se deslocavam em direção aos vales e serras mineiras, deixando para trás suas famílias. Esses bandos eram organizados sob feitiço militar, e podiam contar com algumas dezenas ou várias centenas de homens. Eram as chamadas Bandeiras, ou Bandeiras Paulistas. *Antonio Fortes Bustamante, o pai de Luiz Fortes de Bustamante e Sá, era um menino que devia ter entre 5 a 10 anos de idade (fonte de referência: Mary Del Priore. História do Brasil, pág 86).*

Ano 1674

Dez anos depois, em 21 de julho de 1674, Fernão Dias Paes com a idade de 66 anos e tendo em mãos a carta patente que lhe atribuía o título de “*chefe e governador de sua leva e terra das Esmeraldas*”, e, organizada a “*bandeira*”,

partia com destino às regiões lendárias que ficavam no centro-norte das Minas Gerais, através da garganta do Embaú, na serra da Mantiqueira. Sob o aspecto tradicional das antigas entradas no solo mineiro, observamos que o itinerário pela serra da Mantiqueira através da garganta do Embaú tinha, como saída direta e natural, após passagem pelo Pinheirinho e Passa Quatro, o atual território de Itanhandu. Portanto, em qualquer história que se queira narrar de Itanhandu, faz-se mister assinalar que seu território foi, nos dois ou três anos que se seguiram a 1674, senão desbravado, com certeza percorrido pelos primeiros bandeirantes, e, atrás desses vieram, poucas décadas depois, os primeiros colonos.

Fernão Dias Paes, para os mineiros o bandeirante mais importante, foi quem deu o impulso colonizador da terra mineira; para alguns historiadores, o Patrono de Minas; pode-se mesmo considerá-lo como o criador das Minas Gerais, na medida que suas expedições deixavam um rastro colonizador: plantações, povoados, arraiais e vilas. Foi na esteira de suas jornadas que o ouro e as pedras preciosas acabariam sendo descobertos, e Minas Gerais faria sua entrada no processo civilizatório. A trilha nascida dessas expedições, mais tarde, ficou conhecida como o “*Caminho Velho*”; o seu trecho paulista, “*Caminho do Sertão*”; seu trecho no sul de Minas, e para os mineiros, “*Estrada Velha dos Bandeirantes*”. Fernão Dias Paes morreu entre 27 de março e 26 de julho de 1681, com a idade de 73 anos.

Passado mais ou menos 145 anos do início do périplo de Fernão Dias Paes, sai de São João del-Rei ou de Barbacena Ignácio de Loyola Bustamante Fortes, o patriarca de um dos ramos mais prolíficos da família Fortes Bustamante. Chegado em Pouso Alto, casa-se com Anna Flora de São José, sobrinha do maior dono de terras de toda a região – o Capitão Custódio José Ribeiro Pereira Guimarães. Entre 1820 a 1830, o casal já devia estar instalado no que viria a ser a Fazenda do Curral Falso, berço de muitos Bustamantes que propagariam o apelido ou sobrenome, primeiro para localidades circunvizinhas do Sul de Minas, em seguida, para os estados vizinhos de São Paulo (Vale do Paraíba) e Rio de Janeiro. Sem medo de cometer engano, podemos afirmar que a família é uma das mais antigas, pioneira mesmo, em um dos distritos de Sant’Anna do Capivary, que na época era conhecido por Rio Verde, mais tarde, Itanhandu.

Ano 1675

Nesse ano, os bandeirantes Manoel Borba Gato (genro de Fernão Dias Paes) e Matias Cardoso de Almeida, este acompanhado de dois de seus filhos, no rastro da expedição de Fernão Dias, à qual acabariam mais tarde se juntando, sobem a Mantiqueira, atravessam a garganta do Embaú, transpõem os rios Passa Quatro e Capivari e acampam em um sítio que mais tarde viria a ser conhecido como “*Pouso Alto*”. Foram atraídos pelas notícias que corriam sobre a existência de minas de ouro e o local acima mencionado já era uma referência desde 1673.

*Em 1678 nasce **Luiz Fortes de Bustamante e Sá**, filho de Antonio Fortes de Bustamante e de Angélica Maria de Sá e Figueiredo, ambos naturais de Vila do Ourém, Portugal. Bacharelou-se pela Universidade de Coimbra no ano de 1700, aos vinte e dois anos. Em 1704, com vinte e seis anos casa-se com **Luiza Maria Xavier da Fonseca**. Entre os anos de 1705 e 1718 exerce o cargo de Juiz de Fora, primeiro em Portugal, na Vila de Santiago de Cacém, e depois, em 1711, no Rio de Janeiro; a partir de 1713 na região da Zona da Mata Mineira. Morre em São João del-Rei no ano de 1741, com 63 anos de idade. Foi o ancestral patriarca do primeiroº ramo da família em terras do Brasil, portanto, do ramo que gerou descendência no Sul de Minas (o segundo ramo nasceu de seu irmão Manoel).*

Ano 1692

Dezessete anos depois da primeira incursão de Manoel Borba Gato e de Matias Cardoso de Almeida e seus filhos, foi a vez dos três bandeirantes paulistas de Taubaté, Antônio Delgado da Veiga, seu filho João da Veiga e Manuel Garcia serem atraídos para além da Mantiqueira, pelas notícias de que por lá existiam minas de ouro. Acompanhados de índios domesticados, atravessam a serra pela garganta do Embaú, descem por suas encostas, e vão dar em um aldeamento de índios onde pernoitaram. Depois, em cima de um morro, constroem um rancho com folhas de palmeira e o chamam de “*Pouso Alto*”; nesse mesmo local, mais tarde, seria construída a igreja matriz da cidade de Pouso Alto. O resultado dessa “*bandeira*” foi que o local passou a ser roteiro natural e referência para outros bandeirantes e sertanistas colonizadores, mas também para os mineradores, aventureiros e predadores de índios que se seguiriam. Torna-se

um importante ponto de entroncamento. Com certeza, pode-se dizer que é a localidade mais antiga do Sul de Minas. Mais nove anos decorridos, estamos em 1701, e o então arraial ganha uma maior expressão quando o bandeirante natural de Guaratinguetá, João dos Reis Cabral, com sua mulher D. Leonor Domingues Cabral, abre caminho para o já denominado “*Pouso Alto*”, constrói casa, planta roças e em seguida estabelece comércio com os centros de mineração, que se encontravam em franca fase de expansão (o auge da mineração do ouro ocorreria em 1720). Apesar de Antônio Delgado da Veiga, seu filho João da Veiga e Manoel Garcia terem sido os primeiros a chegar, o bandeirante João dos Reis Cabral é havido como o verdadeiro fundador de Pouso Alto. No entanto, coube aos três primeiros, após prosseguirem do “*Pouso Alto*”, seguindo o curso do Rio Verde, darem o nome de Baependi a um de seus afluentes – mesmo nome que foi dado também à povoação que ali logo se formou. (fontes de referência: <http://www.cidades.mg.gov.br/cidades>; <http://www.eubiose.com/sqsm/pouso>; e <http://www.geocities.com/thetropics>).

*Como vimos, falar da história do Sul de Minas implicará obrigatoriamente em falar da história de Pouso Alto. Foi em Pouso Alto, nos fins do século XVIII e começo do XIX, que alguns descendentes da família Fortes Bustamante e Sá se assentaram. Foi em Pouso Alto que viveu e morreu **Francisco Theodoro da Silva**, nascido em São João del-Rei, detentor do título de **Barão de Pouso Alto**, e que era filho de **Maria Angélica de Sá Menezes**, neto de **Ritta Luiza Victória de Bustamante**, bisneto de do **Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá**, o “juiz de fora”. Com sua esposa Ritta Isabel Pereira da Silva, teve seis filhos; sua filha Isabel Maria Pereira da Silva casou-se com seu primo-tio de 2º grau, Joaquim Pereira da Silva, o Barão do Monte Verde.*

*Ainda, Pouso Alto possivelmente foi a cidade que acolheu em sua chegada ao Sul de Minas, o patriarca **Ignácio de Loyola Bustamante Fortes**, entre os anos de 1818 / 1820. É provável que todos os seus filhos com Anna Flora de São José, a Dindinha, tenham nascido em Pouso Alto; transplantaram-se depois para Passa Quatro (Pinheirinhos), Itanhandu (Jardim / Curral Falso) e Santana do Capivari.*

Ano 1693

Expedição de Antonio Rodrigues Arzão, saída à procura do Itacolomi, que teve como resultado o começo ou introdução das Minas Gerais no empreendimento de colonização do Brasil, processo já em franco andamento no resto da colônia. Foi o início da época de outorga das sesmarias – grandes glebas doadas a nacionais portugueses, com a obrigação de colonizá-las e povoá-las.

Descoberta de ouro nas Minas Gerais. Entre 1693 a 1695, faisqueiras mineiras foram sendo encontradas, por grupos variados, em trechos dos vales dos rios das Mortes, Doce e das Velhas. Esses grupos de desbravadores eram formados todos eles por paulistas; Taubaté, principalmente, havia se tornado no pólo irradiador dos que demandavam no que viria a ser as Minas Gerais. Mas em pouco tempo, a partir de 1705, ondas de migrantes portugueses também afluíram para a região, e, junto com eles magotes de aventureiros e uma minoria de povos de outras origens; pelos paulistas que já haviam ocupado a região e estavam enraizados, esses forasteiros foram chamados de “*emboabas*”.

Para se chegar à região, ao longo do tempo, podia-se dispor de dois caminhos:

a) O primeiro caminho, consolidado a partir de 1695, mais ou menos, ficou conhecido pelo nome de “*Caminho Velho*”. Começava no Rio de Janeiro, e por via marítima ia até Parati. Do porto de Parati, através de uma vereda, chegava-se a Taubaté; também, saindo de São Paulo, do planalto de Piratininga, passando por Jacareí, chegava-se a Taubaté; Taubaté era o entroncamento. De Taubaté prosseguia até Pindamonhangaba, e desta até Guaratinguetá; seguia até as roças de Bento Rodrigues e daí, finalmente, iniciava-se a subida da serra da Mantiqueira. Esse trecho do Caminho Velho ficaria conhecido como: Caminho Geral do Sertão. A serra da Mantiqueira era ultrapassada no local denominado Garganta do Embaú. Aí, começava a descida; esse trecho, que deixou no seu rasto os povoados, depois as cidades de Passa Quatro, Itanhandu, Santana do Capivari, Pouso Alto, Baependi, etc, ficou conhecido pelo nome de “*Estrada Velha dos Bandeirantes*”, ou “*Caminho dos Bandeirantes*”. Esses trechos já eram percorridos ao redor de 1670 (em 1646, até o Rio Verde, por Félix Jaquies). O caminho seguia para a região norte do Rio Grande, próximo do qual uma bifurcação conduzia ao Rio Doce ou ao Rio das Velhas.

b) O segundo caminho, traçado e rasgado no auge do ciclo da mineração em 1720, por Garcia Rodrigues Paes, ia do sudoeste da Zona da Mata Mineira, entrava pelo vale do Rio Paraíba alcançando o Rio de Janeiro. Foi a primeira

via de circulação da Zona da Mata. O transporte do ouro foi o principal objetivo de sua abertura, e, para controlar esse fluxo, foram criados postos de fiscalização em lugares estratégicos de seu percurso, que eram denominados de “*Registros*”. O primeiro, tendo como início o começo da viagem do ouro e das pedras preciosas, localizava-se onde o caminho penetrava na floresta da Zona da Mata: era o chamado “*Registro do Ponto*”, que, mais tarde, deu origem a cidade de Barbacena. Para sair de Minas Gerais tinha-se o fisco de Matias Barbosa, e já no Rio de Janeiro, no “*Registro do Paraibuna*”, o fisco fluminense. Ao longo do “*Caminho Novo*”, no trecho mineiro, além de Barbacena, desenvolveram-se outras cidades importantes, como: Santos Dumont, Chapéu D’Uvas, *Juiz de Fora*, Matias Barbosa e Simão Pereira, que no início foram povoadas por forasteiros do litoral e de territórios fluminenses.

Ano 1700

A partir do ano de 1700, como vimos, uma grande leva povoadora formada de forasteiros de todas as procedências foi atraída para os sertões das Minas Gerais, pela descoberta do ouro e dos diamantes. Em poucos anos já era elevado o número de arraiais, nome que então era dado aos acampamentos ou povoações que iam sendo formados pelos desbravadores do novo território.

Por essa época o movimento migratório prevalecia-se das condições de uso do que passaria a ser conhecido como o “*Caminho Geral do Sertão*”, nos trechos fluminense e paulista, e o “*Caminho Velho dos Bandeirantes*”, no trecho além da Mantiqueira; era o único existente nesse tempo, e cujo percurso era feito com vagar. O ouro apressou a criação de povoados de relativo crescimento rápido, em virtude da passagem da avalanche de gente que procurava os principais núcleos de mineração. Para os que negociavam, ou para aqueles que se valiam dos campos agregando-se a terra, voltados para a agricultura ou para a criação de gado, a região que ia de Passa Quatro até Baependi, passando portanto por Itanhandu, oferecia vantagens pessoais a essas pessoas; essas conseguiam, logo de começo, uma estabilidade de vida e independência que permitiam conjugar seus interesses com a dispersa atividade dos “*mineiros*”.

Ano 1709

Guerra dos emboabas. Emboabas, como vimos, eram os “*não paulistas*”, e sobretudo, os “*filhos de Portugal*”, gente que, anos antes, chegara muito pobre, mas conseguira juntar fortuna nas zonas de mineração das Minas Gerais. As primeiras lavras de aluvião estavam quase esgotadas; agora, o ouro que antes se

faiscava ao alcance da mão, teria que ser extraído do seio das montanhas, e isso custava caro. Os emboabas, contudo, donos de escravos de origem africana, e com cobertura de comerciantes lusos estabelecidos no litoral, estavam aptos à empreitada. Quando em 1705 uma carta régia aboliu os privilégios dos paulistas pioneiros estabelecidos fazia tempo na região, estava aberto o caminho para a ação dos emboabas. Já em 1708, eles dominavam duas das três zonas auríferas. Muitos dos paulistas, então, empobrecidos e humilhados, retiraram-se para o distrito do Rio das Mortes ou foram à procura de melhor sorte em aluviões distantes, ou mesmo se voltaram para a criação de gado. No entanto, um pequeno grupo que permaneceu, acompanhados de seus escravos mamelucos e armados de facas e pistolas, passaram a afrontar seus inimigos, os emboabas. E foi nesse clima de beligerância que teve início o conflito que ensanguentou os rios da região. Corria o ano de 1709. A pacificação da região somente seria conseguida em 1711, pela ação do então governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, da Capitania de São Paulo e Minas, recém desmembrada da Capitania do Rio de Janeiro.

Ano 1710

No dia 6 de agosto chegava às costas do Rio de Janeiro uma esquadra francesa, capitaneada por Jean François de Clerc, que havia recebido o comando da expedição organizada pela Companhia de Chatelain-de-Newville, para atacar a cidade do Rio de Janeiro. No dia 27 de agosto as naus francesas fundearam na Ilha Grande, mas depois de alguns saques, foram repelidas. Na noite de 10 de setembro tentaram desembarcar duas léguas distantes da cidade; foram novamente repelidos. A primeira luta entre os franceses e as forças do governador da capitania, Coronel Francisco de Castro Morais, ocorreu a 18 de setembro, na região compreendida entre a Igreja do Desterro e os morros de Santa Tereza e Santo Antônio. No dia 20 de outubro os portugueses comemoravam a vitória sobre os franceses, mas sangue havia sido derramado. O rei português cuidou de aumentar a defesa da colônia; mandou para o Rio de Janeiro quatro navios de guerra, três fragatas, mais soldados, armas e munições.

Ano 1711

Criada a Capitania de São Paulo e Minas, quando, então, as regiões das minas ou de mineração foram separadas da Capitania do Rio de Janeiro. Seu primeiro governador nomeado foi Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Nesse mesmo ano haviam tomado corpo os arraiais do Carmo, futura cidade de Mariana, Vila Rica, futura cidade de Ouro Preto, e Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, futura cidade de Sabará. Promovidas a condição de vilas, as três foram os troncos iniciais, cada uma a seu tempo, por desmembramentos, das futuras vilas e depois cidades circunvizinhas.

Para vingar a derrota de “de Clerc”, René Duguay-Trouin, um dos mais renomados corsários franceses empreende uma nova expedição contra a cidade do Rio de Janeiro. Sua esquadra partiu em 7 de junho de 1711 do porto de La Rochelle; a 27 de agosto encontrava-se na altura da Baía de Todos os Santos; a 11 de setembro, ao amanhecer, chegaram à Barra do Rio de Janeiro. Depois de escaramuças e de trocas de tiros, os franceses desembarcaram, se apossando de lugares estratégicos. Duguay fez chegar às mãos do governador Coronel Francisco de Castro Morais, para intimidação do governo português, o aviso de que havia vindo em nome do rei da França, para reduzir a cinzas a praça do Rio de Janeiro.

*“O governador ponderou as colocações de Duguay e respondeu: quanto a entregar a cidade, pelas ameaças feitas, disse que, tendo a mesma sido confiada a ele pelo rei de Portugal, não teria outra resposta a dar, senão que defenderia a cidade até a última gota de sangue. Por conta disto, no dia seguinte, os franceses dirigiram o fogo de suas baterias contra os portugueses; sem energia para decidir por si, o governador resolveu ouvir a opinião de alguns de seus subordinados. Reuniu, assim, um conselho em que estavam presentes: os mestres de campo João de Paiva e Francisco Xavier, o Coronel do Regimento de Ordenança Baltazar de Abreu Cardoso e o **juiz de fora Luiz Forte de Bustamante e Sá**. Debatido o assunto, os mestres de campo foram de parecer que se devia largar a praça aos franceses; opuseram-se a essa solução o juiz de fora Bustamante e o coronel Baltazar. O governador, então, no mesmo dia, mandou avisar a todos os defensores que não podiam sair de seus postos, sob pena de morte; à noite, voltou a reunir o conselho.”*

Novas ameaças e novas batalhas houveram. Em 11 de outubro os franceses decidem partir; em 4 de novembro, efetuado o último pagamento do resgate acordado, Du Guay devolve a cidade, reembarca suas tropas, e a 13 de novembro de 1711, deixa o Rio de Janeiro.

*Nota: **Juiz de Fora** foi denominação utilizada até o ano de 1833, quando, com a primeira Organização Judiciária em Minas, suprimiu-se a denominação “de fora”, com sede nas vilas, e “ouvidor” com sede nas comarcas, pelas denominações: Juiz Municipal e Juiz de Direito, respectivamente.*

*Em 18 de março de 1711, o **Bacharel Luiz Fortes de Bustamante e Sá** é nomeado para o cargo de Juiz de Fora da Cidade de São Sebastião da Capitania do Rio de Janeiro, por Dom João V, “(...) por um tempo de três anos, e além deles, o mais que houver por bem (...)”.*

Ano 1713

O Arraial Novo do Rio das Mortes é elevado à Vila e recebe o nome de São João del-Rei, em homenagem a Dom João V, então rei de Portugal. No ano seguinte a vila é nomeada sede da Comarca do Rio das Mortes.

*Em 4 de setembro de 1713, na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, é passada a escritura de venda de uma légua de terras no Caminho das Minas que foram dadas por Carta de Sesmaria, pelo Governador e Capitão-General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, para seu secretário João de Oliveira. O comprador era o **Doutor Luiz Forte de Bustamante e Sá**, que havia sido Juiz de Fora da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (fonte de referência: pesquisa do Dr. Alexandre Miranda Delgado, na Seção Judiciária do “Arquivo Público Nacional”; documento traduzido e publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora, Ano IX, Fev-85).*

Ano 1718

Nesse ano é criada a Vila de São José del-Rei; mais tarde o nome vai ser mudado para Cidade de Tiradentes.

Ano 1720

É criada a Capitania das Minas Gerais, por desmembramento da Capitania de São Paulo e Minas. Vila Rica, futura cidade de Ouro Preto, passa a ser a sede da Capitania das Minas Gerais. O ciclo da mineração do ouro e das pedras preciosas havia atingido o seu auge; já fazia 18 anos (1702) da criação do

Registro de Capivari, pelo então governador Arthur de Sá Menezes. Fazia 45 anos que Manoel Borba Gato e companheiros haviam varado a garganta do Embaú e acampado em “*Pouso Alto*”; apenas vinte anos da chegada da grande leva povoadora.

Ano 1721

Em 18 de agosto de 1721, em Vila Rica, capital da então autônoma e recém-criada Capitania das Minas Gerais, por desligamento da Capitania de São Paulo e Minas, toma posse o seu primeiro Governador e Capitão-General, D. Lourenço de Almeida. Sucedeu no governo seu primo D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, que foi o último governador da Capitania de São Paulo e Minas. D. Lourenço de Almeida governou até 1º de setembro de 1732.

Ano 1764

No dia 15 de agosto, o Capitão-General Luiz Diogo Lobo da Silva, governador da Capitania das Minas Gerais, empossado em 28 de dezembro de 1763, sai de Vila Rica para uma viagem de reconhecimento e de inspeção na região sul-mineira. Seu itinerário: São João del-Rei, Jacuí, Cabo Verde, Ouro Fino, Camanducaia, “Registro” do Mandu, Sapucaí, Campanha do Rio Verde, Baependi, Pouso Alto, tendo visitado o “Registro” de Sant’Ana do Capivari, e daí, pela serra da Mantiqueira, por falta de estrada, vai ao arraial de Soledade de Itajubá (atual Delfim Moreira), de onde volta para Capivari pelo mesmo caminho da ida, e segue, depois, para o arraial de Alagoa e ao julgado de Aiuruoca. A finalidade da visita era regularizar as descobertas do ouro e evitar o seu extravio; ao findar seu giro, no relatório de viagem, consigna a existência do “*Registro de Sant’Ana do Capivari*”, definindo-o como o “*Registro do Caminho Velho*”, e cujo fim era proteger e guardar a saída da garganta do Embaú, no alto da serra da Mantiqueira. Portanto, o “Registro” de Sant’Ana do Capivari era, nessa época, e no local onde está atualmente a povoação do mesmo nome, uma base do sistema coletor do ouro proveniente do “quinto” e dos impostos oriundos dos passageiros que seguiam para São Paulo ou o Rio de Janeiro, utilizando-se do “Caminho Velho”.

Francisco Dionysio Fortes de Bustamante, filho de Ritta Luiza, neto de Luiz Fortes de Bustamante e Sá devia ter seus 20 anos de idade. Em breve seria nomeado Guarda-mor do Rio Preto, e, ao tomar posse de uma gleba de terras no vale desse rio, daria início a uma fazenda

que faria a história da região, a Fazenda Santa Clara. Receberia o título de Visconde do Monte Verde. Em Florianópolis, fazia um ano havia nascido Antonio Pereira Bustamante e Sá, neto de Maria Angélica de Sá e de Roberto Carr Ribeiro.

Ano 1786

A 11 de agosto é nomeado para Governador e Capitão-General da Capitania das Minas Gerais, o Visconde de Barbacena, Luiz Antônio Furtado de Castro do Rio Mendonça e Faro, nascido em Lisboa, em 7 de setembro de 1754. Dois anos depois teve que se haver com o movimento insurrecional mineiro, a Inconfidência Mineira, semente da ideia de independência da América portuguesa.

Ano 1789

Com suas raízes no ano de 1785, eclode o movimento insurrecional dos mineiros, que ficou conhecido pelo nome de Inconfidência Mineira. O plano mineiro era iniciar a revolta contra a Coroa por Minas Gerais, e, ao contrário de outros movimentos, tinha em vista a independência de todo o Brasil, e não apenas a implantação de uma república em Minas Gerais. Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi seu mártir; foi enforcado e esquartejado em 21 de abril de 1792, três anos após o início da devassa.

Um ano antes nasceu em São João del-Rei o segundo filho de Luiz Fortes de Bustamante e Sá, neto de Ritta Luiza, bisneto de Luiz Fortes de Bustamante e Sá: Luiz de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes. A mãe era Ana Tereza de Melo e Almeida de Souza Menezes; como vemos, o sobrenome materno no final. O primeiro filho de Luiz Fortes de Bustamante e Sá foi Luiz Fortes de Bustamante; nome igual ao do pai, exceto pela ausência do “e Sá”; a mãe, que permaneceu solteira, era Maria Leonarda da Silveira. Luiz de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes e seu irmão Antonio iriam deixar uma enorme descendência no norte do país, nos atuais estados do Piauí e Maranhão.

Ano 1791

Em 14 de agosto é criada a Vila de Barbacena. Localizada na cabeceira do Rio das Mortes, começou como uma aldeia dos índios Puris, depois ocupada por

portugueses e paulistas que se dedicavam a princípio à mineração e depois à lavoura e criação de gado. Passou a Arraial da Nossa Senhora da Borda do Campolide. Foi promovida à categoria de Cidade em 9 de março de 1840.

*O primeiro presidente da Câmara Municipal da recém criada Vila de Barbacena foi **Manoel de Sá Fortes Bustamante Nogueira**, filho de Ritta Luiza Victoria de Bustamante e de Manoel Antunes Nogueira. Era neto do “Juiz de Fora”.*

*1793 deve ser o provável ano do nascimento de **Ignácio de Loyola Bustamante Fortes**, patriarca da família Bustamante no Sul de Minas, para onde foi entre os anos de 1818 e 1820. Era filho de Ignácio de Loyola e Silva e de Francisca Silva de Oliveira, trineto do “juiz de fora” Luiz Fortes de Bustamante e Sá, falecido em 1741, portanto, há 52 anos antes de seu nascimento. Com Ignácio de Loyola e Silva inicia-se na família um encadeamento de “Ignácios de Loyola”, ou simplesmente “Ignácios”, que chega até os dias de hoje. O nome aparece como homenagem a Ignácio de Loyola, fundador da Ordem dos Jesuítas.*

Ano 1798

Em 20 de outubro foi criada a Vila da Campanha da Princesa da Beira, por desmembramento do termo de São João del-Rei. Iniciou-se como Arraial de São Cipriano; foi elevado à Freguesia com o nome de Santo Antônio do Vale da Piedade do Rio Verde. Em seguida muda o nome para Campanha do Rio Verde, que foi mantido até a criação da Vila. Hoje, o município se chama Campanha, apenas.

***Bernardo José Maria de Lorena** nasceu entre 1756 e 1758, e suspeita-se, era filho bastardo do rei D. José I. Em 1786 foi nomeado Governador e Capitão Geral da Capitania de São Paulo, cargo que assumiu no dia 05 de junho de 1788. Em 1797, mais ou menos aos 40 anos de idade, foi transferido para a Capitania de Minas Gerais, onde foi o governador até 1805. Ainda no Brasil, provavelmente quando governador da Capitania de Minas, casou-se com Dona **Marianna Angélica Fortes de Bustamante**, que morreu poucos anos depois. Dona Marianna Angélica era filha de Antonio Fortes de Bustamante*

Sá Leme e de Dona Anna Maria Xavier Pinto da Silva, e neta paterna de Manoel Fortes de Sá e Figueiredo (irmão do Juiz-de-fora Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá) e de Lucrecia Leme Borges (fonte de referência: <http://www.calcadadolorena.hpg.ig.com.br>).

Ano 1808

Em 8 de março de 1808, depois de haver aportado na Bahia, desembarca no Rio de Janeiro a Corte portuguesa; a rainha D. Maria, “A Louca”, o príncipe regente e futuro monarca D. João VI, e toda a sua família; para todos os efeitos, quem chegava não era um refugiado ou fugitivo (de Napoleão Bonaparte), e sim, o chefe de um Estado nacional que deliberara transmigrar para o Brasil. Em 1815 foi criado o *Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves*, prenúncio do fim da condição colonial do Brasil. O Brasil, no entanto, continuava com problemas de unidade interna. Em 1821, passados treze anos, D. João VI e uma parcela significativa de sua corte retornavam a Portugal.

Nesse ano nascia em Barreirinhas, no Maranhão, o filho primogênito de Luiz de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes e de Maria da Assumpção Pires Ferreira, que recebeu nome idêntico ao do pai, e, para diferenciá-los, acrescenta-se ao nome do filho a palavra “Filho”; morreria jovem, aos 28 anos de idade; casado com sua prima de 1º grau Marianna de Deus Pires Ferreira, deixou descendência.

Ano 1822

Em 9 de janeiro de 1822, resistindo às pressões para que retornasse a Lisboa, o Príncipe Regente D. Pedro torna pública sua decisão de continuar no Brasil. Em 7 de setembro de 1822, D. Pedro rompe definitivamente com a antiga pátria-mãe, declara a independência do Brasil, e, a 12 de outubro sagra-se imperador, com o nome de Pedro I.

Estava para fazer dois anos que o patriarca da família Bustamante no Sul de Minas, Ignácio de Loyola Bustamante Fortes, havia se casado com Anna Flora de São José. Novamente a família Bustamante se unia à família Ribeiro, também antiga na região, como o fizeram outras tantas vezes; esse fato nos leva a afirmar que todos nós nascidos no Sul de Minas, de uma maneira ou de outra, temos um

ancestral, um ascendente pelo lado paterno ou materno, quando não pelos dois, que pertence à família “Ribeiro”; aí, como curiosidade, lembramos que todos os “Ribeiros” vieram de Portugal, porém, lá mesmo, podiam pertencer a famílias distintas, e isso foi transplantado para o Brasil, inclusive para o Sul de Minas; assim dois “Ribeiros” podem não ser parentes (hoje mais difícil), mas mais difícil é encontrar alguém que não tenha um ancestral “Ribeiro”, seja de que ramo ou origem for.

Ano 1825

Ano de construção da Estrada Real ou Estrada do Imperador, que partindo de Areias, na província do Rio de Janeiro, atravessava a serra da Mantiqueira e avançava pelo sul de Minas, passando por São José do Picu (Itamonte), fazendo a ligação das demais localidades então existentes. Esta estrada, em Capivari, entroncava com o Caminho Velho dos Bandeirantes. Para Capivari foi fator de progresso, uma vez que havia perdido o Registro, ou posto fiscal, mudado para o alto da serra, na garganta do Embaú.

*Em 27 de julho de 1827 nasce **Antônio José de Bustamante**, filho de Ignácio de Loyola Bustamante Fortes e de Anna Flora de São José (Dindinha). Antônio José casou-se com Emerenciana Ribeiro de Bustamante e tiveram dois filhos: Ignácio Fortes Bustamante (*05/03/1856 -01/07/1930) e Zózimo Fortes Bustamante (*07/09/1859 -04/11/1933). Antônio José morreu em 6 de maio de 1907, com oitenta anos de idade, e foi sepultado em Sant’Ana do Capivari.*

Fazia um ano, em Santa Rita do Jacutinga, na sede da Fazenda Santa Clara, a “Mansão dos Fortes”, que Francisco Dionysio Fortes de Bustamante, o Visconde do Monte Verde, deixava para seu filho único, Francisco Tereziano Fortes, o Barão do Monte Verde, a Fazenda com todas as benfeitorias.

Ano 1868

No dia 15 de novembro, a Princesa Isabel então com a idade de 22 anos, e seu marido, o Conde d’Eu, deixam a Corte do Rio de Janeiro com destino ao Arraial de Caxambu, distrito do município de Baependi, na Província das Minas Gerais. Ia a procura de um tratamento, através das águas, que a levasse a

se engravidar; pelo que se sabe o remédio funcionou. No caminho, após atravessarem a serra da Mantiqueira, hospedaram-se no Hotel da Floresta, de propriedade do Sr. *Luiz Jardim*, que ficava a três quartos de légua abaixo do “Registro” do Picu, onde pernoitaram.

Nota: O sr. Luiz Jardim era avô do sr. Gastão Jardim, que no ano de 1900 se casaria com a senhora Hedwiges Bustamante, filha de Zózimo Fortes Bustamante (fonte de referência e citação: <http://www.palacehotel.com.br/diario.htm>).

*A comitiva da Princesa Isabel foi recepcionada em Caxambu, tendo ela sido recebida como hóspede no palacete de propriedade do **Sr. Dr. Carlos Theodoro de Bustamante**, que ficava em frente ao já demolido Parque Hotel, onde atualmente fica situado o edifício Pan América.*

Devemos notar que o tratamento dado a Carlos Theodoro de Bustamante foi o de doutor. Pelo tratamento, e considerando a época, podemos deduzir que esse ramo da família era abastado, e continuava mantendo, desde sua origem no juiz-de-fora Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá, o cuidado de continuar oferecendo a melhor educação possível a seus filhos, a par de se manterem como ricos proprietários rurais. É muito provável que o doutor Carlos Theodoro fosse bacharel, e ocupasse algum cargo de magistrado em Caxambu (falta pesquisarmos mais).

*No mesmo ano da visita da Princesa Isabel à Caxambu, os irmãos **Ignácio Fortes Bustamante**, e **Zózimo Fortes Bustamante**, filhos de Antônio José de Bustamante e de Emerenciana Ribeiro de Bustamante, tinham respectivamente 12 e 9 anos de idade.*

Ano 1874

Em 19 de dezembro, com a elevação da Freguesia à categoria de Vila, é criado o Município de Pouso Alto. O novo município foi desmembrado do município de Baependy. Quatro anos depois, em 19 de outubro de 1878, a Vila de Pouso Alto é elevada à categoria de Cidade.

*Em 1874 o primeiro neto de Ignácio de Loyola Bustamante Fortes e de Anna Flora de São José – **Ignácio Fortes Bustamante**, filho de*

Antonio José de Bustamante e de Emerenciana Ribeiro de Bustamante, tinha 18 anos. Em junho de 1875 Ignácio Fortes Bustamante se casaria com sua prima de 1º grau Maria Onolasca Bustamante. Muito provável, ou quase certo, tiveram escravos para as lidas do campo; 13 anos depois, a 13 de maio de 1888, era abolida a escravidão.

Ano 1884

Em 14 de junho é inaugurada a estrada de ferro Minas e Rio, de Cruzeiro, SP, a Três Corações, MG, com extensão de 170 quilômetros, e que contou com a presença de Dom Pedro II e comitiva, composta da Imperatriz Tereza Cristina, da Princesa Isabel, do Conde D'Eu e dos príncipes D. Pedro Augusto e Dom Augusto, netos do Imperador e filhos da princesa Dona Leopoldina. Quando de sua inauguração, a estrada de ferro Minas e Rio contava com as seguintes Estações: Cruzeiro, Perequê, Passa Quatro, Capivari (hoje Itanhandu), Pouso Alto (hoje São Sebastião do Rio Verde), Fazendinha (hoje Carmo de Minas), Soledade de Minas, Contendas (hoje Conceição do Rio Verde) e Três Corações.

*Na inauguração da estrada de ferro Minas e Rio, o comboio do Imperador parou apenas por duas vezes em todo o seu percurso de Passa Quatro a Três Corações, numa distância de 135 quilômetros. Parou na estação de Pouso Alto para receber o **Barão do Monte Verde, Joaquim Pereira da Silva**, casado com a filha do **Barão de Pouso Alto, Francisco Theodoro da Silva**. Parou uma segunda vez em Contendas, hoje Conceição do Rio Verde, para receber o Barão de Contendas.*

*Nesse mesmo ano de 1884, **Ignácio Fortes Bustamante** estava casado fazia nove anos, e já lhe tinha nascidos os seguintes filhos: Emerenciana (1876), Antônio (1878), Edemundo (1881), Maria Isolina (1882) e Maria Ritta (1883).*

Ano 1888

Abolição da escravatura. A 13 de maio de 1888, na ausência de D. Pedro II, a Princesa Isabel promulgou a Lei Áurea, declarando extinta a escravidão no Brasil.

*Em maio de 1888 já havia nascido o sétimo filho de **Ignácio Fortes Bustamante**, Edemundo Fortes Bustamante, que morreria vítima de queimaduras, quatro anos depois, em 1992.*

Ano 1889

Proclamação da República. A 15 de novembro de 1889, com as relações entre o exército e o governo imperial deterioradas, Deodoro da Fonseca, um dos principais líderes do exército, toma a iniciativa, decretando a prisão do Visconde de Ouro Preto, chefe do Gabinete e presidente do Conselho de Estado. A agitação do exército toma conta das ruas, e é proclamado o fim da monarquia. Dois dias mais tarde a família real embarca para a Europa, rumo ao exílio.

Ano 1912

O povoado do **Rio Verde**, que começou a tomar forma a partir da operação da Estação de Capivari, inaugurada junto com a estrada de ferro Minas e Rio, no ano de 1884, é desmembrado do distrito de Santana do Capivari, da comarca e termo de Pouso Alto, em 1911 (Organização Administrativa de 1911). Foi instalado em 1912 e, como já havia recebido a denominação de Povoado de Itanhandu em 15 de julho de 1904, na gestão política de Dario Augusto Guedes, recebe a denominação de **Distrito de Itanhandu**, continuando a fazer parte da comarca de Pouso Alto; o povoado em si passou a ser denominado Vila de Itanhandu. Sua primitiva capela, erigida em 1889, depois de estar anexada à Paróquia de Passa Quatro desde 17 de agosto de 1906, havia voltado a pertencer à Paróquia de Capivari, desde 13 de setembro de 1911; era então vigário o Padre Isidoro Varvello, que permaneceu em sua jurisdição até 22 de março de 1937. Em 15 de maio de 1937 foi nomeado vigário encomendado o Padre Ignacio Jansen Jatobá, o qual permaneceu até abril de 1945.

Ano 1923

Em 7 de setembro de 1923, de acordo com a Lei Estadual nº 843, é criado o Município de Itanhandu, por desmembramento do município de Santana do Capivari, ao qual pertencia.

SUBTÍTULO II

FAZENDA SANTA CLARA – SUA HISTÓRIA

A Fazenda Santa Clara, também conhecida pelo nome de Mansão ou Solar dos Fortes, fica situada a 27 quilômetros de Conservatória, localidade que pertence ao município de Santa Rita de Jacutinga, MG.



Teve sua origem na segunda metade do século XVIII, quando, por volta de 1765, o *Guarda-mor Francisco Dyonisio Fortes de Bustamante*, com aproximadamente 20 anos de idade, e contando com o apoio do governador da província das Minas Gerais, D. Luiz Diogo Lobo da Silva, tomou posse das terras situadas no Vale do Rio Preto. Foi o idealizador e o criador do engenho, ao qual deu o nome de “*Fazenda Santa Clara*”. Em meados da década de 1780, a gleba inicial já havia sido bastante aumentada com as aquisições de mais terras à margem esquerda do mesmo Rio Preto, e a sede da fazenda, numa fase embrionária, também foi iniciada por essa época.

Francisco Dyonisio Fortes de Bustamante era filho de Ritta Luiza Victoria de Bustamante e de Manoel Antunes Nogueira. Não usou nenhum dos sobrenomes paterno. Era neto materno do Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá, o “juiz de fora”, e de Luiza Maria Xavier da Fonseca. Francisco Dyonisio recebeu o título de *Visconde do Monte Verde*.

Mais ou menos sessenta anos depois, no ano de 1824, Francisco Dyonisio com a idade ao redor de 80 anos, sentindo próximo a morte, legou a fazenda com todas as benfeitorias ao seu único filho, *Francisco Tereziano Fortes*, que, dando um novo impulso, a transforma em um grande empreendimento agrícola, porém à custa de intensiva mão de obra escrava (chegou a possuir mais de 2.800 escravos). Francisco Tereziano negociava sem intermediação o café produzido na fazenda. O destino era o Rio de Janeiro; para isso mantinha postos e pousadas de abastecimento para suas

tropas, ao longo da trilha ou caminho que conduzia até o destino final, o porto de Parati.

Francisco Tereziano recebeu o título nobiliárquico de *Barão de Monte Verde*, em 1861. Recebeu também, por atos meritórios e de bravura, e por haver participado ativa e financeiramente da Revolução Liberal de 1842, a Comenda de Cavaleiro da Ordem de Cristo, título que lhe foi conferido pelo Imperador Dom Pedro II. Ao falecer em 1854, no auge da economia cafeeira, sem filhos, portanto sem descendência, sua esposa Maria Tereza herda a fortuna e o grandioso solar que fazia dois anos havia sido concluído, passando daí em diante, a ser conhecido como o “*Solar dos Fortes*”.

Francisco Tereziano e *Maria Tereza de Souza Fortes*, sua esposa, eram primos do primeiro grau, pois o pai de Francisco Tereziano, Francisco Dyonisio, era irmão do pai de Maria Teresa, *Luiz Fortes de Bustamante e Sá* (não confundir com o juiz-de fora Luiz Fortes Bustamante e Sá). Morto seu marido, Maria Tereza passou a administrar a fazenda com a ajuda de seu irmão mais novo, Carlos Theodoro, para quem, através de testamento, e por não ter herdeiros diretos, deixa a Fazenda Santa Clara. Por atos de benemerência, Maria Tereza recebeu o título de Baronesa do Monte Verde, em 1861, e, mais tarde, em 1867, o de Viscondessa do Monte Verde.

Carlos Theodoro de Souza Fortes era casado com sua prima de 1º grau Isabel Henriqueta de Souza Fortes. Apesar da fama de haver dilapidado parte da fortuna, continuou a investir na propriedade, adquirindo mais terras e cafezais. No ano de 1887, faltando um ano para a abolição da escravatura, foi agraciado com o título de Barão de Santa Clara. Carlos Theodoro morre aos 91 anos de idade, viúvo, praticamente cego, e sem filhos ou herdeiros. Deixa a fazenda para o amigo João Evangelista de Souza, apelidado Joanico, que acaba hipotecando-a para o Banco Hipotecário do Brasil / Banco de Crédito Real, perdendo sua posse para sempre. Arrematada pelo comendador Modesto Leal, foi vendida ao Coronel João Honório, e hoje, pertence aos seus descendentes. Assim, Carlos Theodoro foi o último dos *Fortes Bustamante* a dirigir a fazenda; entre o início e o final da saga, transcorreram 127 anos.

O solar tem, em seus três andares, um imenso salão nobre, 52 quartos, 16 amplas salas, uma capela, a senzala e a prisão dos escravos, os terreiros de café, tudo isso realçado pelas trezentas e sessenta e cinco janelas, muitas delas falsas, de fachadas imponentes.

Resumo da cadeia de domínio da Fazenda Santa Clara:

1º Dono: **Francisco Dyonisio Fortes de Bustamante**, Visconde de Monte Verde (filho de Ritta Luiza) – de 1760 a 1824;

2º Dono: **Francisco Tereziano Fortes**, Barão de Monte Verde (filho de Francisco Dyonisio) – de 1824 a 1854;

3º Dono: **Maria Tereza de Souza Fortes**, Baronesa de Monte Verde e mais tarde Viscondessa de Monte Verde (esposa de Francisco Tereziano) – de 1854 a 1869; e

4º Dono: **Carlos Theodoro de Souza Fortes**, Barão de Santa Clara (irmão de Maria Tereza) – de 1869 a 1893.

Notas sobre a Fazenda Santa Clara sob a administração do Comendador Francisco Tereziano Fortes, o Barão do Monte Verde

Esta matéria é cópia fiel e integral de artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, página “*Geral – História*”, no sábado, 5 de maio de 2001, de autoria de **Murilo Fiuza de Melo**.



Título: ***Fazenda tinha centro de reprodução de escravos***

Dona da Santa Clara revela que comendador mantinha 360 negras e 40 negros no “plantel”.

“Às margens do Rio Preto, no pequeno município mineiro de Santa Rita de Jacutinga, na divisa com o Rio, uma fazenda em estilo neoclássico esconde um segredo histórico: na primeira metade do século 19 o local foi usado para a reprodução de escravos angolanos. Inédito na historiografia brasileira, que só reconhece a existência de fazendas de reprodução no sul dos Estados Unidos, o caso é contado pela professora Adélia Felícia de Paula Nogueira, uma das herdeiras da Fazenda Santa Clara, a 500 quilômetros de São Paulo e a 250 do Rio.

Entre 1824 e 1860, 400 escravos (360 mulheres e 40 homens), comprados em Luanda, foram usados pelo comendador Francisco Tereziano de Bustamante Fortes para fins reprodutivos. Não há documentos, mas a história de Adélia, que lhe foi repassada por seus pais e avós, é contada em detalhes. *“Ao contrário do que dizem os historiadores, o Brasil teve, sim, uma fazenda de reprodução de escravos e foi a Santa Clara. O comendador vendia negros para fazendeiros de todo o Brasil”*, diz a professora, de 52 anos, que depois de uma trombose deixou o Rio, onde morava, para cuidar da casa. Adélia chegou a trazer um especialista de Angola, em 1997, que confirmou a história contada por seus antepassados.

Localizado estrategicamente em cima de uma colina sobre o Rio Preto, o casarão se sobressai na seca paisagem da região pela sua grandeza. São 52 quartos, 17 salões, 177 portas, 365 janelas e 3 cozinhas, num total de 6.000 metros quadrados de área construída. Em 1999 serviu de locação para a novela *Terra Nostra*, da Rede Globo. O local era a casa do fazendeiro Gumerindo, personagem interpretado pelo ator Antônio Fagundes.

O mais interessante, porém, está na construção à direita da casa. De longe, pode-se contar 29 janelas. Todas falsas. Por trás das paredes de argila e saibro, ficava a senzala, onde os 400 escravos angolanos eram usados para reprodução. A circulação do ar era garantida por 40 respiradouros, construídos sobre as janelas falsas. Ao lado da senzala, ficava o “paridouro”, onde as mulheres angolanas tinham os seus bebês.

“O comendador Tereziano fez isso para esconder da Coroa a forma como realmente ganhava dinheiro: com a procriação de escravos”, conta Adélia. Segundo ela, o fazendeiro resolveu montar o negócio em 1824, quando começaram as pressões inglesas para que o Brasil abolisse o trabalho escravo no País. *“Naquela época, já se ouvia falar que os ingleses estavam querendo proibir o tráfico negreiro no Atlântico”*. De fato, o tráfico acabou sendo proibido em 1850, com a decretação da Lei Eusébio de Queirós.

De fachada, a Santa Clara era uma fazenda de café como muitas na região. No amplo pátio interno do casarão, o dono chegou ao capricho de manter pés de café apenas para o consumo próprio. Havia tulhas para secagem dos grãos e ainda uma casa anexa com oito máquinas inglesas para limpar e lavar as sementes de café. *“Tudo não passava de uma farsa bem montada. A terra da Santa Clara nunca foi boa para plantação de café”*, afirma a professora.

Segundo Adélia, os escravos angolanos eram considerados *“de elite”* e não se misturavam com os fulas, ou crioulos, negros nascidos no Brasil. Somando os fulas e angolanos, o comendador tinha um *“plantel”* de saltar aos olhos: eram 2.800 cativos, espalhados por suas quatro fazendas na região. A Santa Clara está aberta ao público todos os dias, mediante cobrança de ingresso.

Meninos eram vendidos e meninas começavam a procriar aos 13 anos

A reprodução de negros era um negócio lucrativo. Para cada angolano, havia nove mulheres. Quando atingiam três anos, os filhos homens eram vendidos por 17 contos de réis. As meninas eram separadas e levadas para a casa grande, onde Tereziano mantinha uma creche. “As crianças recebiam cuidados especiais das mucamas da casa”, diz Adélia. Aos 13 anos, elas eram levadas para a senzala e “iniciadas no processo reprodutivo”. “Em média, cada angolana tinha 15 filhos. O ciclo reprodutivo dessas mulheres durava até os trinta anos”, diz a professora.

Estimada em R\$ 3 milhões, a Fazenda Santa Clara tem um incalculável valor histórico, mas está deteriorada pela ação do tempo e a falta de investimentos para manutenção. Além da senzala dos angolanos, a Santa Clara guarda relíquias, como uma sala de sarau toda mobiliada com cadeiras austríacas, com medalhão Luís XV, um tapete persa e um piano francês do século 19.

O mais impressionante é a masmorra. O local fica embaixo da sala de jantar da casa-grande e ainda guarda grilhões e três troncos fixos onde os escravos tinham suas mãos e pés presos. É possível identificar as marcas de sangue nos troncos e as unhas nas paredes, feitas pelos escravos durante as horas de dor e sofrimento.”

Mais alguma história sobre a Fazenda Santa Clara

Esta matéria é cópia fiel e integral da página de turismo, do jornal *O Estado de Minas*, de sexta-feira, 5 de maio de 1972, de autoria de **Fialho Pacheco**.



Título: ***Solar de Santa Clara (III)***

O turismo mergulha na história

“Em 1919, o coronel João Honório de Paula Mota comprou a fazenda Santa Clara. Seus filhos, desde então, cuidam não somente do solar, mas também preservam a fauna e a flora da enorme fazenda de 900 alqueires, à margem esquerda do Rio Preto.

O turista que visita a fazenda não vive só das belezas naturais e arquitetônicas. O seu interesse vai ao passado e quer saber como foi construída tal obra ou como viviam os seus donos. Estamos reunindo um pouco da história dos primeiros proprietários da Fazenda Santa Clara e as lendas que existem sobre os crimes, amores, tragédias e a vida escrava de 2.800 seres humanos, que eram chicoteados e amarrados aos troncos. Os descendentes do coronel João Honório resolveram deixar para os turistas e historiadores um pouco daquilo que representou o sofrimento de centenas de escravos: os troncos, as correntes e as coleiras de ferro. O interior do solar possui pouca coisa – os antigos donos carregaram tudo para outras regiões, quando a derrocada dos *Fortes* se concretizou. A libertação dos escravos levou-os à miséria, pois não podiam contar com o braço negro para plantar e colher café e transportar o gado para o Rio de Janeiro. O *Comendador Francisco Tereziano Fortes* herdou a fazenda de seu pai e organizou o trabalho dos escravos. Era considerado o maior escravocrata do Brasil Colonial. Para transportar o café e o gado para o Rio de Janeiro, o comendador possuía, ao longo dos caminhos, sítios com escravos e animais. Após dois ou três dias de viagem, a tropa era substituída pelos animais do sítio. Outra turma de escravos era encarregada de levar os animais até o próximo sítio, no caminho do Rio de Janeiro. Tudo isso custava muito pouco para Tereziano, que tinha o braço negro para torná-lo um dos homens mais ricos do Império. A Abolição e a República provocaram a debandada dos escravos e a falência dos “*Fortes fortes*”, como eram conhecidos os senhores do Solar Santa Clara.

O Barão de Santa Clara

Tereziano morreu e não deixou filhos. Em seu testamento indicou o seu cunhado *Carlos Theodoro de Souza Fortes* como seu inventariante. A viúva de Tereziano, a Viscondessa de Monte Verde, *D. Maria Tereza de Souza Fortes*, entregou a administração da fazenda ao seu irmão Carlos Theodoro, que mais tarde foi agraciado com o título de Barão de Santa Clara. Tereziano lutou na revolução de 1842 e recebeu o Duque de Caxias na ponte que ligava sua fazenda ao Estado do Rio, sobre o Rio Preto.

As lendas contam que Carlos Theodoro, antes de assumir o controle da fazenda, vivia dominado por sua irmã, a Viscondessa de Monte Verde, e o próprio

Tereziano. Ele concordou em entregar aos filhos de José Floriano, filho natural de *Francisco Dionysio Fortes de Bustamante*, pai de Tereziano, parte da herança. Carlos Theodoro chegou a assinar promissórias e ordens de pagamento aos chamados “*Fortes fracos*”, irmãos e filhos de José Floriano. Houve reação da família e Carlos Theodoro simulou o seu sequestro, quando assinou aqueles documentos. A Viscondessa do Monte Verde não concordou e o caso foi parar no judiciário. Os filhos de José Floriano ficaram presos. Após 10 anos, a Corte os absolveu.

Os milagres

O Comendador Tereziano aproveitava os conhecimentos do português Manoel Pereira da Silva Júnior, que construiu várias pontes naquela região. Manoel Pereira era um sonhador e sempre dizia que iria trabalhar para jogar o Rio Paraíba e seus afluentes através da Serra do Mar.

Antônio Joaquim Fortes de Bustamante e *Gabriel Ploesquelles de Bustamante* discordaram do português por causa da construção de uma outra ponte. Foi o estopim para as atrocidades praticadas contra Manoel Pereira. Em 20 de maio de 1863, pessoas que passavam pelo Rio Preto viram um corpo boiando. Era o cadáver de Manoel Pereira, que havia sido mutilado e amarrado com pesadas correntes. A polícia prendeu dois escravos como autores do crime. Posteriormente o médico Antônio Joaquim e Gabriel Ploesquelles foram apontados como mandantes do crime. Gabriel foi para a ilha de São Tomé, na costa da África e fundou uma grande fazenda. Foi assassinado. O médico (Antônio Joaquim) deixou Rio Preto e os historiadores não registraram o seu fim.

As orelhas de Manoel Pereira foram salgadas e guardadas numa das gavetas do solar Santa Clara. Nas festas dos Fortes, as orelhas eram exibidas. Dizem que Manoel Pereira é considerado santo pelos que vão ao seu túmulo em Rio Preto ou no local onde está uma cruz de madeira, à margem esquerda do rio. Há muita gente que acredita nos milagres, porque “*o corpo boiou, mesmo amarrado com correntes*”. Há romaria ao túmulo e à cruz. As correntes estiveram durante muitos anos sobre a sepultura de Manoel Pereira. Ninguém sabe se elas foram roubadas ou retiradas pelos descendentes dos Fortes. A cruz está sempre coberta com roupas de pessoas que dizem ter recebido graças do português. Velas e peças de cera são colocadas no túmulo de Manoel Pereira, que passou a ser santo para muita gente.

Romance do português

As lendas indicam que a mutilação do corpo de Manuel Pereira revela que o crime foi passional. O português tinha um romance proibido com uma jovem da família Fortes, e foi trucidado como vingança. Os seus órgãos foram exibidos à sua amante, numa reunião entre os “*Fortes fortes*”, logo após o crime. O Barão de Santa Clara

reprovou o crime contra Manoel Pereira. Um dos escravos suicidou-se na prisão e o outro foi mandado para Fernando de Noronha. Os mandantes foram expatriados, é o que nos conta José Marinho de Araújo, em seu policial-colonial “*A Testemunha Muda*”.

Estranho herdou

Os Fortes (donos da Santa Clara) não deixaram muitos descendentes. Francisco Dyonisio Fortes deixou quatro filhos legitimados e mais José Floriano, que era o “*Fortes fraco*” da família; Francisco Tereziano, casado com sua prima do 1º grau, Maria Tereza, não deixou filhos, e o Barão de Santa Clara, Carlos Theodoro, não deixou herdeiros. Ficou viúvo e passou a proteger um rapaz que não era da família. João Evangelista de Almeida, o Joanico, tornou-se amigo íntimo do Barão de Santa Clara e recebeu toda a herança. O barão mandou Joanico para o seminário de Mariana e ele voltou, antes de se tornar padre. Sem o braço do negro e sem conselheiros para orientá-lo na administração dos bens deixados pelo barão, recebeu a fazenda hipotecada e transferida a José Leal, irmão do comendador Modesto Leal, um dos diretores do banco que ficou com a hipoteca, o Banco Hipotecário do Brasil. A fazenda foi comprada por 107 contos de réis e vendida mais tarde por 900 contos de réis ao Coronel João Honório de Paula Mota, que a recuperou, tornando-a lucrativa. A Santa Clara esteve por algum tempo em mãos do Joanico.

O médico Thomé Dias dos Santos Brandão, em seu livro “*História da Família Brandão*”, nos dá notícias de Joanico. Ninguém sabe como ele terminou seus dias. Joanico tornou-se dono da Santa Clara nos primeiros dias da República (portanto, no final do ano de 1889).”

TÍTULO V

“O JUIZ DE FORA INCRIMINADO?”

PASSAGEM QUE CITA A INCRIMINAÇÃO DO JUIZ DE FORA

Vamos encontrar nas anotações diárias de um viajante de meados do século XVIII, como também em uma ou outra reportagem que menciona fatos ocorridos na primeira metade dessa mesma época, alusão a uma possível incriminação do Juiz-de-fera Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá, pela simpatia ou atitude amigável junto aos franceses que haviam invadido e se apossado da cidade do Rio de Janeiro. Uma dessas notícias pode ser encontrada no diário da jornada que fez *Caetano da Costa Matoso*, ouvidor da comarca de Vila Rica, entre os anos de 1749 a 1752. Caetano da Costa Matoso fez anotações diárias das ocorrências e observações entre 27 de janeiro e 7 de fevereiro de 1749, enquanto seguia viagem entre o Rio de Janeiro e Vila Rica (Ouro Preto), para assumir o posto de ouvidor da comarca.

Desde os primórdios da mineração aurífera, especialmente após a Guerra dos Emboabas (1709), a entrada ou saída da região aurífera começou a ser controlada; ninguém entrava ou saía sem permissão das autoridades reais. Abrir caminhos nas direções Leste – Oeste também era proibido, e nos caminhos oficiais havia uma severa vigilância, tanto militar quanto burocrática. A mata do Leste constituía-se em uma verdadeira barreira natural; era intransponível em face das próprias condições naturais e dos indígenas que atacavam pequenos grupos ou pessoas isoladas. Caetano da Costa Matoso ficou impressionado com a grandiosidade e hostilidade dessa mata; o Ouvidor, ao longo do relato, deixa claro sua estupefação, mas também deixa registrado, com abundância, nomes e fatos vistos ou ouvidos. Tendo percorrido pelo que já então era conhecido pelo nome de “*Caminho Novo*”, no seu sexto dia de marcha entra pela divisa de Minas Gerais, passando pelo posto de fiscalização denominado “*Várzea dos Três Irmãos*”; deixa registrado no diário o que se segue, com grifos e sublinhados nossos:

“(...) Vim continuando todo este caminho sempre entre matos, como até aqui, e sempre subindo e descendo mais e menos, com pouca ou nenhuma diferença, e sempre com cada vez piores caminhos; passei, // e sempre seguindo ao norte, o sítio de Simão Pereira, que está em um baixo com seu rancho, suas casas de

madeira e sobrado e sua ermida, fundação do princípio deste caminho; e daí vim seguindo em perto de uma légua aonde estava a rocinha desta roça, e depois veio o caminho, correndo junto, e à vista sempre do rio Paraibuna que aqui corria; e aí passei a rocinha de Matias Barbosa, e sempre seguindo o mesmo rio em mais de uma légua, já precipitado, mais e menos, cheguei pelas onze e meia, junto a ele, a um sítio a que chamam Matias Barbosa, onde estava disposta a minha acomodação, que foi com descanso meu até a manhã seguinte.” (Aqui se pesam todas as cargas de fazenda, o que antes faziam no registro da Borda do Campo).

Continua a viagem sempre subindo e descendo morros no mato fechado e no sétimo dia de sua jornada, um domingo, tendo passado por um pequeno rancho a que chamavam de rocinha do Matias Barbosa e por um outro chamado de rocinha do Medeiros; um pouco mais além, volta a aparecer o rio Paraibuna; a narrativa prossegue:

*“(..) E daí vim, sempre à vista deste rio, por iguais caminhos, em distância de mais // de uma légua, e junto a ele cheguei a um sítio a que chamam o **Juiz de Fora**, pelo meio dia, a que faz cinco léguas. É este sítio como os mais; tem uma casa de sobrado e suas acomodações para os mais passageiros, e é chamado do **Juiz de Fora** porque foi erigido por um **Luiz Fortes**, juiz de fora que tinha sido no Rio de Janeiro, a quem, parece, criminaam por amizade com os franceses na ocasião em que ultimamente se apoderaram daquela cidade, e depois veio para este sítio, em que viveu. Em pouca distância para trás deste sítio se considera pelos experientes ser o meio do caminho, computadas as subidas e descidas de todo ele.”*

Faz referência a tempestades de raios em Juiz de Fora e, no oitavo dia de sua viagem prossegue caminho, sempre temeroso de que viessem novas trovoadas no interior da mata: *“(..) em que fazem maior eco e pela quantidade de chuva que lançam, como sucedeu nesta tarde, que se armou outra não pequena”*. No dia 4 de fevereiro, nono da jornada, prossegue sua viagem até chegar no sítio denominado João Gomes (atual Santos Dumont): *“Neste dia se me mostrou para a parte de Oeste uma altíssima serra chamada Ibitipoca, que nasce o Rio Paraibuna”*. No dia 5 de fevereiro, décimo da viagem, chega à aldeia de Mantiqueira, na Serra da Mantiqueira. O viajante, pela primeira vez, vê a terra descoberta de mato. Diz sentir-se desafogado: *“(..) vendo que respirava e se estendiam mais ao longe os objetos da vista, deixando aquele afogado e*

melancólico caminho em que em dez dias não via outra coisa senão o mato e árvores imediatas a mim. Assim, neste maior desafogo, cheguei pelo meio-dia a uma baixa em que há um sítio chamado a Borda do Campo [Barbacena], por nele se acabar o caminho do mato, e aqui faz seis léguas donde saí. A partir daí em direção a Ouro Preto e São João del-Rei, não mais a mata contínua, mas apenas capões de mata e capoeiras” (fonte de referência: Compilado do Códice Costa Matoso, Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 1999, páginas 882 a 897).

Nota: O Códice Costa Matoso, como é conhecido, é uma obra de grande valor histórico, que reúne memórias sobre os primeiros descobrimentos das minas de ouro na América Portuguesa, legislação, dados econômicos, tributários, administrativos e documentos relacionados aos temas de grande significado da época, como o acesso às minas, as terras em disputa com a Espanha, as riquezas, os rendimentos da Fazenda Real e do bispado mineiro. É também uma rica fonte de informação sobre o cotidiano e os costumes do povo da então capitania das Minas Gerais. O Códice é uma coletânea de 145 documentos do século XVIII reunida por Caetano da Costa Matoso, ouvidor-geral da Comarca do Ouro Preto, nos anos de 1749 a 1752.

TÍTULO VI

RASTREANDO A ORIGEM DE “FORTES DE BUSTAMANTE”

Como já vimos anteriormente, o sobrenome Fortes é um sobrenome patronímico, isto é, formado a partir de um nome próprio masculino, ou melhor dizendo, o nome do pai. Trata-se de um antigo nome de batismo medieval, provavelmente originado do latim *Fortún* (fortuna, de bem afortunado; sorte). Na Espanha sua ocorrência mais remota encontra-se na região de Astúrias, com a grafia *Fuertes* (forte, poderoso), originado em um dos castelos ou casas fortificadas construídos no Concelho de Cangas a mando do rei Afonso II das Astúrias, o Casto (*759 -842), que, após a vitória contra os mouros na chamada Batalha de Lutos (ocorrida no ano de 794), precisava proteger todo aquele território contra novas invasões. E era justamente no Concelho de Cangas que estava localizada a *Casa e Solar dos Fuertes*. Muitas linhagens com essa denominação provaram a sua nobreza nas Ordens de Santiago, Calatrava, Alcántara e Montesa – corporações nascidas para lutar contra os mouros, cooperar com a reconquista do território e garantir a ordem, protegendo os peregrinos e os desfavorecidos. Séculos mais tarde alguns dos descendentes da família migraram e se estabeleceram em Portugal, dando origem à variação **Fortes**, existindo, também, outras variantes: Forte, Fortiz, Hortiz, Ortiz, Hortez e outras mais. Na linha genealógica da família Fortes Bustamante sua ocorrência mais antiga encontra-se na pessoa de *Gonzalo Fuertes*, conforme veremos a seguir.

1. GONZALO FUERTES

Na linhagem da família dos Fortes que compunham o Baronato dos Lordes de Casa de Andès, o ascendente mais antigo encontrado foi *Gonzalo Fuertes de Cangas*, um cavaleiro que viveu durante os anos de **1350** em diante na já citada região de Cangas (daí a alcunha no final de seu nome). Foi possível fixar essa data em decorrência de uma escritura que outorgou a sua mulher, **INÈS GONZALEZ**, em 10 de agosto de 1364, doando muitos bens ao Monastério de San Juan de Corias, nos Concelhos de Cangas e Tinèu. Gonzalo Fuertes foi o Senhor da Casa e Solar dos Fuertes.

Filho(s): Arias Gonzalez Fuertes.

2. ARIAS GONZALEZ FUERTES

Viveu na época do Rei Dom Henrique II de Castela (*1333 +1379). Devido a diferenças particulares, *Arias Gonzalez Fuertes de Cangas* foi assassinado

violentamente por Alvaro Alfonso, filho de Lope Rodriguez, pessoa igualmente poderosa naquele Concelho. A vingança por essa morte era desejada pelo primo do falecido, Ares Gonzalez de Somiedo, o qual desafiou publicamente o assassino. Entretanto o Rei interveio e evitou o desafio, condenando aquele que causou a morte a pagar por três mil missas rezadas no Mosteiro de San Juan de Corias. Tudo isto está registrado numa escritura que se encontra no Mosteiro, datada de 31 de março de 1377.

Filho(s): Rodrigo Fuertes.

3. RODRIGO FUERTES

Rodrigo Fuertes foi também o Senhor da Casa e Solar dos Fuertes, e um dos mais mortais cavaleiros a serviço do reinado de Dom Juan II, de quem era fervoroso seguidor, tendo deixado – conforme era o costume da época – diversos bens e serviços aos cuidados do Monastério de San Juan de Corias.

Filho(s) Arias Gonzalez Fuertes e Alvaro Perez Fuertes.

4. ARIAS GONZALEZ FUERTES

Arias Gonzalez Fuertes foi também o Senhor da Casa e Solar dos Fuertes, tendo sido casado com **MARIA RODRIGUEZ**.

Filho(s): Gonzalo Fuertes e diversos outros.

5. GONZALO FUERTES

Gonzalo Fuertes de Cangas foi também o Senhor da Casa e Solar dos Fuertes, tendo sido casado com **SANCHA RODRIGUES DE SIERRA**, filha de *Juan Rodriguez de Sierra*, Senhor dessa ilustre e antiga Casa em Cangas. Este cavaleiro outorgou testamento no ano de 1462, no qual informa quem foram seus pais e diz que a razão de fazer aquele documento é que seus inimigos da Torre de Piedrafita de Babia de Suso queriam lhe matar, de modo que ordenava que se assim o acontecesse que fosse então seu cadáver sepultado no Monastério de San Juan de Corias, onde jaziam seus antecessores. Declarou ainda estar casado com a já citada *Sancha Rodrigues de Sierra*, a qual estava grávida, e que se viesse a nascer um menino, seria chamado de Arias Gonzalez, como o seu pai, e se fosse uma menina, que se chamasse Maria Rodriguez, como a sua mãe. E, por fim, nomeou por Curador de seu filho ou filha que

nascesse, *Alvaro Perez Fuertes de Anleo*, seu tio, irmão de seu pai, para que seu filho ou filha atingisse a idade necessária, que lhe fosse entregue os bens que tinha, especialmente aqueles localizados nos lugares de Mindelo, Parrondo e Carbazosa.

Filho(s): Arias Gonzalez Fuertes.

6. ARIAS GONZALEZ FUERTES

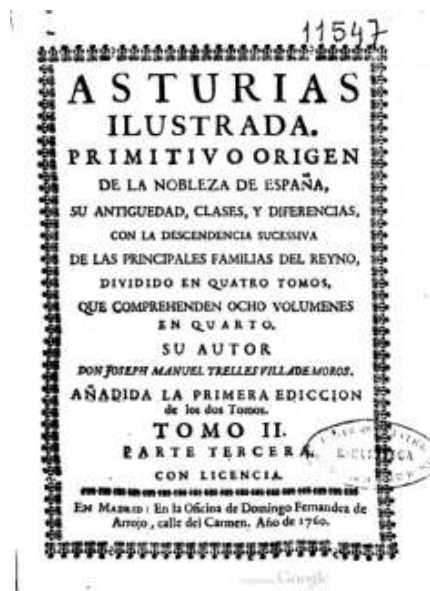
Arias Gonzalez Fuertes de Sierra recebeu seu nome em conformidade com o que foi determinado por seu pai e foi o Senhor da Casa e Solar dos Fuertes, em Cangas. Porém foi criado na Casa de Anleo, sob a tutela de Alvaro Perez Fuertes de Anleo, seu tio, irmão de seu avô, e havendo falecido este Alvaro Perez, seu filho Juan Alonso de Navia continuou com a educação de seu sobrinho Arias Gonzalez, sendo que quando este chegou à idade adulta lhe dispôs casar com uma parente sua, chamada **MARIA ALVAREZ DE NAVIA**, a qual era filha e herdeira de *Lope Rodriguez de Navia* e de sua mulher *Maria Alvarez de Navia*. Este Lope Rodriguez era descendente varão da antiquíssima Família dos Rodriguez de Navia, de modo que por este matrimônio entre Arias e Maria, e com os bens que foram adquiridos pelos Senhores da Família Fuertes, passaram a ter propriedades que iam de Cangas até Navia, onde passaram a residir – mas conservaram a antiga Casa e Solar dos Fuertes, em Cangas. Lope Rodriguez de Navia manteve o vínculo que tinha com suas propriedades em Lugar dos Andès e todos os demais bens no Concelho de Navia, passando a sucessão para os filhos de sua filha e de seu marido Arias, seu genro, conforme consta em seu testamento outorgado no ano de 1520.

Filho(s): Domingo Fuertes.

7. DOMINGOS FUERTES

Domingos Fuertes de Sierra passou a ser o novo Senhor da Casa e Solar dos Fuertes, em Cangas. Pelo que temos notícia este cavaleiro casou-se com **LEONOR RODRIGUEZ DE PAREDES**, filha única de *Sancho Menendez de Luarca* e de sua primeira mulher *Maria Mendez de Paredes*, sendo esta filha de *Garci Mendez de la Plaza* e de *Leonor Rodrigues de Paredes*. Seu testamento foi outorgado em consonância com sua mulher no ano de 1543, vinculando os bens localizados nos lugares de Mindelo, Parrondo, Carbazosa e no Concelho de Cangas, assim com outros mais que possuíam em Navia.

Até este ponto de nossos estudos estávamos nos guiando pelas anotações e transcrições constantes no tomo II do livro *Asturias Ilustrada – Primitivo origen de la nobleza de España, su antigüedad, clases, y diferencias, con la descendencia sucessiva de las principales familias del Reyno*, publicado em Madrid no ano de 1760 e de autoria de *Don Joseph Manuel Trelles Villademoros*, historiador e genealogista asturiano, natural de Trelles Villademoros em Talarén (uma vila do município de Navia, na Espanha).



Filho(s): Catherina Alvarez Fuertes de Sierra, Gonzalo Fuertes, Melchor Fuertes e Maria Alvarez Fuertes de Sierra, que casou-se com Juan Fernandez Avella.

8. CATHERINA ALVAREZ FUERTES DE SIERRA

Catherina Alvarez Fuertes de Sierra foi casada com **JOÃO FERNANDEZ ABELHO**, da Casa e Solar dos Abelhos em Castelã. A partir daqui saímos da relação de descendentes constantes na *Asturia Ilustrada* e através de informações contidas no *Anuário Genealógico Brasileiro* de 1948, sob a coordenação de *Salvador de Moya* – no qual o descendente Garcia Rodrigues Paes Leme e Fortes, quinto neto de João Fernandez, traça sua genealogia para comprovar a ancestralidade – pudemos confirmar muitas das pesquisas que já foram feitas a respeito dessa família, em especial as constantes nos sites de genealogia *Geni* (pesquisas de Amanda Raíssa Fortes Macêdo Linhares), *Family Search* (pesquisa de Adriana Oliveira Vargas Barbosa) e *MyHeritage*. *Catherina* e João tiveram ao menos um filho.

Filho(s): Gaspar Fernandez Fuertes.

9. GASPARE FERNANDEZ FUERTES

Natural de Andès, Espanha. Sem mais notícias – nem mesmo qual seria o nome da mãe de seu filho.

Filho(s): Antonio Fernandez Fuertes.

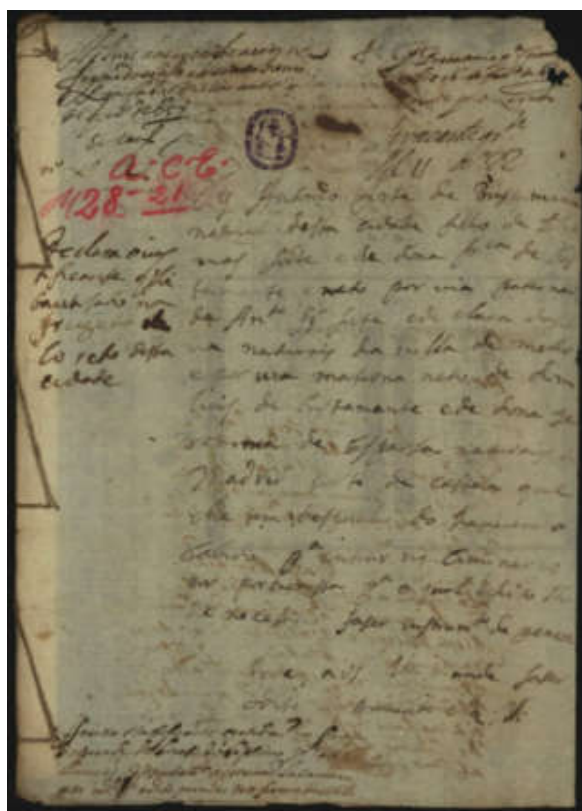
10. ANTONIO FERNANDEZ FUERTES

Nascido em Portugal, casou-se com **CLARA DA SILVA**, filha de *Francisco da Silva* e *Isabel Froes*.

Filho(s): *Thomás Fortes da Silva*.

11. THOMÁS FORTES DA SILVA

Perceba-se que aqui começa verdadeiramente a “Família Fortes” com sua atual grafia. O fato de Antonio, pai deste *Thomás Fortes da Silva*, ter nascido em Portugal demonstra que provavelmente já vem de uma linhagem ilegítima (não reconhecida para fins de herança), o que se confirma pelo fato de que estas quatro últimas gerações não são citadas no livro *Asturias Ilustrada* (vide fontes). E demonstrando o entrelaçamento com a família portuguesa dos Bustamante, temos que casou-se com **FRANCISCA DE BUSTAMANTE**, filha de *Luiz de Bustamante* e de *Jerônima de Esparsa*. O Processo de Habilitação De Genere de seu filho trouxe estas informações, conforme podemos verificar no registro abaixo (esta e outras imagens podem ser visualizadas em seu tamanho original em <http://www.legal.adv.br/gen>).



Filho(s): *Antônio Fortes de Bustamante*.

12. ANTÔNIO FORTES DE BUSTAMANTE (*1653)

Foi através de *Antônio Fortes de Bustamante* que pela primeira vez se teve notícia da junção dos nomes dessas duas famílias num só formato, o qual, com algumas pequenas variações, iria se manter por diversas das gerações seguintes, principalmente para aqueles radicados no Brasil. Nascido na Vila de Ourém, Santarém, em Portugal, casou-se com **ANGÉLICA MARIA DE SÁ E FIGUEIREDO**, filha de *Manuel de Sá e Figueiredo* com *Bárbara Soares Barreto* e neta, pela parte materna, de *Álvaro Taborda* e *Ana Barreto*. Há notícias que tiveram, ao todo, cerca de 11 filhos, sendo de se destacar os seguintes:

Filho(s): Luiz Fortes de Bustamante e Sá e Manoel Fortes Bustamante de Sá e Figueiredo (que se uniu à Casa dos Paes Leme, descendentes de Fernão Dias Paes, o Caçador de Esmeraldas).

TÍTULO VII

“FORTES DE BUSTAMANTE” NO BRASIL

SUBTÍTULO I

LUIZ FORTES DE BUSTAMANTE E SÁ (*1678 +1741)

Nascido em 02/05/1678 na Vila de Ourém, do Concelho de Ourém, Distrito de Santiago, em Portugal, *Luiz Fortes de Bustamante e Sá* formou-se bacharel em 1700 na Universidade de Coimbra. Foi ainda em Ourém que em 03/06/1704 veio a casar-se com **LUIZA MARIA XAVIER DE AFONSECA**, batizada em 27/02/1677 em São Lourenço de Carnide, Portugal, filha de *Manuel Pereira Fonseca* e de *Ana Teresa Pereira*. Foi nomeado pelo Rei D. João IV como juiz de fora da cidade do Rio de Janeiro, tendo chegado ao Brasil já com parte da família no ano de 1711. Um “juiz de fora” era um magistrado nomeado pelo Rei de Portugal para atuar em concelhos (uma subdivisão territorial de um município) onde era necessária a intervenção de um juiz isento e imparcial, visando zelar pelo cumprimento da justiça em nome do rei e de acordo com as leis do reino. Normalmente eram de fora da localidade para a qual haviam sido nomeados e sua autoridade era muito superior à dos juízos ordinários dos concelhos, muitas vezes, inclusive, assumindo um papel político junto à sociedade em que viviam. Em 1713 ele foi agraciado com uma sesmaria próxima ao Caminho Novo, numa região em Minas Gerais que passou a ser conhecida como “Sesmaria do Juiz de Fora”, tendo surgido um povoado nas proximidades e que mais tarde viria a se tornar a cidade de Juiz de Fora. Mais tarde, por volta de 1720, Luiz migrou com quase toda sua família para São João del-Rei, onde veio a falecer em 07/10/1741, aos 63 anos de idade, com numerosa descendência e uma grande incidência de homônimos através das gerações – o que sempre trouxe muitas dificuldades nos estudos e levantamentos dessa árvore genealógica. Luiz Fortes de Bustamante e Sá é considerado o Patrono do Tronco da Família Fortes de Bustamante no Brasil. Há notícias que tiveram, ao todo, dez filhos, dentre os quais os seguintes:

1. Antonio Fortes Bustamante de Sá
2. Maria Angélica de Sá e Menezes
3. Francisca Xavier Bustamante
4. João Pedro de Bustamante e Sá
5. Francisco Xavier Fortes de Bustamante e Sá

6. Luiz Fortes de Bustamante de Sá
7. Rita Luísa Vitória de Bustamante e Sá
8. Thomaz Fortes Bustamante e Sá
9. José Fortes de Bustamante e Sá

Capítulo 1º

Antonio Fortes Bustamante de Sá

1. **Antonio Fortes Bustamante de Sá**. Nascida na Vila de Ourém, Portugal. Sem mais notícias.

Capítulo 2º

Maria Angélica de Sá e Menezes

2. **Maria Angélica de Sá e Menezes (*1706)**. Também encontrada como *Maria Angélica de Sá e Figueiredo*, nasceu em Ourém, Portugal, e 08/07/1720 casou-se com o Magistrado Roberto Carr Ribeiro, Desembargador do Fisco, nascido na Freguesia de Santos-o-Velho, da cidade de Lisboa, Portugal, com quem teve 3 filhos. Em 1728 comprou de seu pai a “Sesmaria do Juiz de Fora”, vendendo-a dez anos depois.

2-1. Feliciano Carr Ribeiro (*1723). Sem mais notícias.

2-2. Tomás Carr Ribeiro de Bustamante (*25/05/1732 +13/03/1806). Foi casado com Severina Maria Pereira Pinto, natural do Rio Grande do Sul, filha de Francisco Barreto Pereira Pinto (*1709 +1775), nascido na Freguesia de Vila da Feira, Santa Maria da Feira, Aveiro, Portugal e falecido em Viamão, RS, tendo sido sepultado em Rio Pardo, RS, e de sua mulher Francisca Velosa Fontoura (*1729 +1769), nascida em Congonhas do Campo, MG, e falecida em Rio Pardo, RS. Tiveram ao menos um casal de filhos.

2-2-1. Tomásia Severina Carr de Bustamante (*1776). Nascida no Rio de Janeiro, casou-se com João Roberto de Vasconcelos Coimbra (*15/03/1773), também nascido no Rio de Janeiro.

2-2-2. Roberto Carr de Bustamante Pinto da Fontoura (+29/03/1842). Natural de São Gonçalo, RJ, casou-se com Feliciano Roberto de Moraes e Araújo (+20/03/1833), nascida e falecida no Rio de Janeiro.

2-3. Antonio Fortes de Bustamante e Sá (*26/17/1733). Nascido no Rio de Janeiro.

Capítulo 3º

Francisca Xavier Bustamante

3. Francisca Xavier Bustamante. Nascida no Rio de Janeiro veio a casar-se em 10/05/1742 em Barbacena, MG, com Manoel Rodrigues Pereira (já viúvo de Maria Josefa de Assunção), filho de Antonio Rodrigues e de Izabel Rodrigues Pereira.

Capítulo 4º

João Pedro de Bustamante e Sá

4. João Pedro de Bustamante e Sá (*1729 +02/07/1811). Batizado em Barbacena, MG, em 14/11/1729. Faleceu solteiro, completamente cego e sem herdeiros.

Capítulo 5º

Francisco Xavier Fortes de Bustamante e Sá

5. Francisco Xavier Fortes de Bustamante e Sá (+24/04/1820). Nasceu no Rio de Janeiro, RJ, e foi ordenado padre secular em 20/07/1755. Mesmo assim veio a ter um filho "exposto" de nome João (*1787), batizado em 16/08/1787.

Capítulo 6º

Luiz Fortes de Bustamante de Sá

6. Luiz Fortes de Bustamante de Sá (*1732). Capitão-mor das Ordenações da Vila de São João del-Rei por patente de 14/10/1801. Foi casado com Ana Teodora de Melo, com geração. Teve, ainda, um relacionamento com Joana Felizarda, do qual advieram pelo menos os dois seguintes filhos:

6-1. Alexandre Fortes de Bustamante de Sá (*1791). Casou-se com Bráulia da Veiga Barbuda, filha de José da Veiga Barbuda e de Matilde Mariana de Oliveira Quintanilha. Com geração.

6-2. Felício Fortes de Bustamante de Sá (*1801). Em 19/01/1826 casou-se com Maria Justina de Oliveira Quintanilha, com quem teve ao menos 2 filhos.

6-2-1. Felício Fortes de Bustamante de Sá (*1827). Foi casado com Maria Angélica de Miranda Prado, filha de José Eugênio do Prado e sm Izabel Maria da Cruz Miranda.

6-2-2. Augusto Cândido Fortes de Bustamante de Sá (*1834 +31/01/1874). Nascido no Rio de Janeiro. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, serviu na Campanha contra o Paraguai como Primeiro Cirurgião do Hospital Militar da Corte, o que lhe valeu as honras de Cirurgião Mor da Brigada e como Vogal da Junta Militar de Saúde. Oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Membro da Sociedade Amante da Instrução e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Faleceu no Rio de Janeiro de uma febre perniciosa.

Capítulo 7º

Rita Luísa Vitória de Bustamante e Sá

7. Rita Luísa Vitória de Bustamante e Sá. Natural da Cidade do Rio de Janeiro, RJ, e falecida em São João del-Rei, MG, recebeu em 1790 uma sesmaria “*de meia légua de terra em quadra, no lugar chamado ‘Domingos dos Reis’, na Vila de São João del-Rei*”. Foi uma abastada fazendeira e respeitável matrona da família Fortes naquelas paragens. Casou-se em 17/11/1755, em Barbacena, MG, com o Capitão-Mor Manoel Antunes Nogueira (*01/12/1705 +13/12/1779), nascido na Freguesia de São Romão da Nogueira, Arcebispado de Braga, Portugal, filho de Brás Antunes (*1677) e de Páscoa Taveira (*1678), neto paterno de Gaspar Antunes e de Ana Francisca, neto materno de Gonçalo Rodrigues e Isabel Taveira. Manoel foi sócio em uma empresa de mineração juntamente com o Capitão Felisberto Caldeira Brant. Faleceu em São João del-Rei, MG. O casal teve, que se tem notícias, ao menos 6 filhos:

7-1. Ana

7-2. Luiza Felícia Sinforosa de Bustamante

7-3. Francisco Dyonísio Fortes de Bustamante

7-4. Maria Angélica de Sá Menezes

7-5. Manoel de Sá Fortes de Bustamante Nogueira

7-6. Luiz Fortes de Bustamante de Sá

7-1. Ana (*1763). Foi batizada em 15/01/1763. Sem mais notícias.

7-2. Luiza Felícia Sinforosa de Bustamante (+22/03/1845). Natural de São João del-Rei, MG. Faleceu solteira.

7-3. Francisco Dyonísio Fortes de Bustamante (*1766). Batizado em 19/10/1766 na Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del Rei, MG. Casou-se com Joaquina Felisberta da Silveira. Tiveram somente um filho

7-3-1. Francisco Thereziano Fortes (+1854). Detalhamento em 7.6.4, a seguir.

7-4. Maria Angélica de Sá Menezes. (também encontrada como *Maria Angélica de Bustamante Menezes*). Casou-se em 10/08/1791 com o Coronel Carlos José da Silva. Quando casou-se com Maria Angélica ele já era viúvo de Inácia Rosa da Silva, com quem também deixou geração. Tiveram ao menos 5 filhos.

7-4-1. Teodoro Carlos da Silva (+1867). Coronel. Natural de Ouro Preto, MG, foi inventariado em 1867 com testamento de 1865, sendo seu inventariante seu irmão, o Barão de Pouso Alto. Morreu solteiro, sem geração.

7-4-2. Rita Leocádia da Silva. Foi citada no testamento do irmão Teodoro. Moradora em São João del-Rei, MG, em 1867.

7-4-3. Carlota Camila da Silva. Também foi citada no testamento do irmão Teodoro e também era moradora em São João del-Rei, MG, em 1867.

7-4-4. Carlos José da Silva (*1804). Em 04/05/1840 casou-se com sua sobrinha Maria Izabel da Silva (7-4-5-1), filha de seu irmão Francisco Teodoro da Silva. Natural de Ouro Preto, MG, mas passou a residir no Rio de Janeiro, RJ. Foram três seus filhos.

7-4-4-1. Pedro (*1842). Batizado em 04/10/1842.

7-4-4-2. Carlota (*1852). Batizada em 27/04/1852.

7-4-4-3. Luiza (*1853). Batizada em 19/02/1853.

7-4-5. Francisco Theodoro da Silva (*1795 +07/06/1868). Tendo nascido por volta de 1795, foi o primeiro e único Barão de Pouso Alto, tendo sido também agraciado como Comendador da Ordem de Cristo. Casou-se com

Rita de Cássia Pereira da Silva, filha de *Miguel Pereira da Silva e Isabel Maria do Espírito Santo*, neta paterna de *Vicente Pereira da Silva* e de *Teresa Angélica*, neta materna de *Antonio Veirida Carneiro* e de *Inácia Maria da Silva*. Faleceu em 07/06/1868. Tiveram 7 filhos.

7-4-5-1. Maria Izabel da Silva. Casou-se com o irmão de seu pai, seu tio Carlos José da Silva (7-4-4), com geração.

7-4-5-2. Joaquim Carlos da Silva Pereira. Casou-se com Maria do Carmo e Silva, filha de Miguel José da Silva e de Maria Silvéria do Carmo e Silva (também encontrada como *Maria Silvéria Nogueira*). Em 1845 Joaquim requereu dispensa do impedimento de consanguinidade em segundo grau para se casar com Maria do Carmo. Em 1884 o casal tinha 5 filhos, sendo 3 mulheres, dentre eles o a seguir identificado.

7-4-5-2-1. Francisco Teodoro da Silva (*1862). Nasceu em Pouso Alto, MG. Requereu dispensa do impedimento de consanguinidade em terceiro grau atingente ao segundo grau e outros, para se casar com Malvina Pereira da Silva, também nascida em Pouso Alto, MG, em 1869, filha de Antonio Pereira da Silva e de Rita Honorina Pereira da Silva.

7-4-5-3. Isabel Maria da Silva Pereira. Foi casada duas vezes, primeiro, com dispensa do impedimento de consanguinidade requerida em 1841 com seu tio materno Capitão Vicente da Silva Pereira, nascido em 1797 e que foi proprietário da Fazenda da Lagoa, em São José do Campo Belo, Rezende, RJ. Da segunda vez, mediante dispensa requerida em 1856 de “*Consanguinidade em terceiro grau misto de segundo por ser o avô da oradora irmão do pai do orador*” e “*Afinidade licita em segundo grau porque a oradora foi casada com o primo irmão do orador*”, Isabel casou-se com Joaquim Pereira da Silva. Isabel e seu primeiro marido Vicente tiveram ao menos um casal de filhos.

7-4-5-3-1. Miguel da Silva Pereira (*1845). Nascido no ano de 1845. Sem mais informações.

7-4-5-3-2. Sabina Amélia da Silva Pereira (*1844). Em 15/01/1861 casou-se com o irmão de sua mãe, seu tio Carlos Teodoro de Bustamante e Sá (7-4-5-4).

7-4-5-4. Carlos Teodoro de Bustamante e Sá (*1830). Casou-se com sua sobrinha Sabina Amélia da Silva Pereira (7-4-5-3-2), filha de sua irmã. Dispensados do impedimento de consanguinidade duplicado de segundo grau misto de primeiro "*Mãe da oradora é irmã do orador*" e segundo grau transversal igual "*porque o finado pai do orador Vicente da Silva Pereira era irmão da mãe da oradora Rita de Cássia Pereira e Silva*".

7-4-5-5. Rita Deolinda da Silva Junqueira (*1835). Casou-se com Antônio Ovídio Diniz Junqueira (*03/06/1821 +22/05/1883), filho de *João Pedro Diniz Junqueira* e de *Helena Constança Junqueira* (Livro "*Família Junqueira: sua História e Genealogia*", página 156, em que pese equivocada a descrição dos pais de Rita). Antônio foi batizado em 10/08/1821 na Capela do Favacho, conforme consta no Livro de Batismos de Baependi, MG, 1803/1826, pág. 491v. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, RJ, onde residiu, clinicou e também veio a falecer. Tiveram pelo menos quatorze filhos (cuja geração consta em detalhes no livro de genealogia retro citado), quais sejam:

7-4-5-5-1. Maria Auta Silva Junqueira. Casou-se com seu parente Antônio Torquato Fortes Junqueira, filho de *José Frauzino Junqueira* e de *Ignácia Carolina Fortes de Sá* (7-5-1-1-4 a seguir).

7-4-5-5-2. Helena Constança Junqueira. Casou-se com seu parente Gabriel Francisco do Mé Junqueira (que depois de viúvo veio a casar-se com sua irmã Constança, 7-4-5-5-5 a seguir).

7-4-5-5-3. Ovídio Diniz Junqueira. De alcunha "Nhonhô". Casou-se duas vezes: a primeira com Augusta Penna Junqueira, com quem teve duas filhas; a segunda com Rita Penna Junqueira, com quem teve uma filha.

7-4-5-5-4. Rita Diniz Junqueira. Casou-se com seu parente Rodolpho Fortes Diniz Junqueira.

7-4-5-5-5. Constança Junqueira. Casou-se com seu parente Gabriel Francisco do Mé Junqueira, viúvo de sua irmã Helena, 7-4-5-5-2 acima.

7-4-5-5-6. Rodolfo Diniz Junqueira. Casou-se com Ana. Não tiveram filhos.

7-4-5-5-7. Ambrosina Diniz Junqueira. Ou “Ambrosina Silva Diniz Junqueira”. Casou-se com José Alves Ferreira da Silva. Não tiveram filhos.

7-4-5-5-8. Carlota Diniz Junqueira (+19/01/1952). Ou “Carlota Silva Diniz Junqueira”, apelidada de “Lolota”. Casou-se com o Almirante Antônio Alves Ferreira da Silva, filho de *José Alves Ferreira da Silva* e de *Maria Antônia Dias Alves Ferreira*. Tiveram dez filhos

7-4-5-5-9. Irineu Diniz Junqueira. Faleceu solteiro.

7-4-5-5-10. Torquato Diniz Junqueira (+18/01/1942). Casou-se no Rio de Janeiro, RJ, com Aida Camargo Junqueira, natural de São Paulo, filha de *Felício Ribeiro dos Santos Camargo* e de *Josefina Augusta de Camargo*. Tiveram sete filhos.

7-4-5-5-11. Pedro (*1854). Foi batizado em 08/06/1854 na Capela do Favacho. Faleceu na infância.

7-4-5-5-12. Júlio. Faleceu na infância.

7-4-5-5-13. Alice. Faleceu na infância.

7-4-5-5-14. Theodoro. Faleceu na infância.

7-4-5-6. Antonio Teodoro Fortes (*1839). Faleceu solteiro.

7-4-5-7. Carlota Alaíde da Silva Miranda (*1837). Casou-se com Luiz da Rocha Miranda, natural do Porto, Portugal, filho de João Antonio da Rocha Miranda e de Rita de Cássia. Foram proprietários da Fazenda Boa Vista, também em São José do Campo Belo. Tiveram 3 filhas, as quais por sua vez foram casadas com 3 irmãos, todos eles filhos de Gabriel José Pereira Lima e de Maria José Pereira Lima.

7-4-5-7-1. Josefina Carlota de Miranda. Natural de Quatis, RJ. Casou-se em Freguesia da Glória, RJ, com Gabriel José Pereira Lima, nascido em Paty do Alferes, RJ, filho de Gabriel José Pereira Lima e de Maria José Pereira Lima. Tiveram 3 filhos.

7-4-5-7-1-1. Alcina (*17/02/1878). Batizada na data de 04/07/1878 em Quatis, RJ.

7-4-5-7-1-2. Gabriel (*03/05/1881). Batizado na data de 24/06/1881 em Quatis, RJ.

7-4-5-7-1-3. Irene (*14/03/1892). Batizada na data de 10/01/1893 em Quatis, RJ.

7-4-5-7-2. Luiza Miranda (*1862). Batizada em Quatis, RJ, em 19/03/1862, mesmo local onde veio a se casar em 24/06/1880 com Pedro Alcântara Pereira Lima, também filho de Gabriel José Pereira Lima e de Maria José Pereira Lima.

7-4-5-7-3. Deolinda Miranda. Casou-se com José Ignácio Pereira Lima, outro dos filhos Gabriel José Pereira Lima e de Maria José Pereira Lima. Ou seja as três irmãs casaram-se com os três irmãos.

7-4-5-7-3-1. Armando (*14/04/1877). Batizado em Quatis, RJ.

7-5. Manoel de Sá Fortes de Bustamante Nogueira (*1759 +11/06/1809). Nascido em São João del-Rei, MG, foi batizado em 21/10/1759 em Barbacena, MG. Fez o curso de Direito em Coimbra. Casou-se com Mariana Leocádia da Silva, filha do Coronel Carlos José da Silva e de sua primeira esposa, Inácia Rosa Angélica da Silva. O casal Manoel e Mariana tiveram 6 filhos.

7-5-1. Inácia Carolina Fortes Bustamante (*1793 +03/02/1814). Nasceu e faleceu em Barbacena, MG. Foi a primeira esposa de seu tio materno Coronel Antônio Luís de Noronha e Silva (que mais tarde viria a casar-se com Ana Dolina Honória Junqueira, com geração) e deixou uma única filha, sendo que seu inventário foi aberto na Fazenda Curral Velho.

7-5-1-1. Ignácia Carolina Fortes de Sá (*1813 +17/04/1857). Também encontrada como *Ignácia Fortes Silva*. Em 16/09/1833 casou-se com o Major José Frauzino Junqueira (*1806 +18/11/1880), batizado em 24/08/1806 na Capela de São José do Favacho, filho do Capitão *João Francisco Junqueira* (*1759 +1812) e de sua mulher *Maria Ignácia do Espírito Santo*, neto paterno do português *João Francisco Junqueira* (*1727 +1819), sendo este o Patriarca da Família Junqueira no Brasil, e de sua mulher Elena Maria do Espírito Santo (*1737 +1810), sendo esta

neta pelo lado materno de Antônia da Graça, uma das famosas irmãs conhecidas como Três Ilhoas, que praticamente povoaram o território mineiro. José Frauzino foi um dos pilares para o desenvolvimento da raça Mangalarga no Brasil. O casal foi proprietário da Fazenda Favacho, em São José do Favacho, MG. De seus nove filhos, sete viveram até a idade adulta.

7-5-1-1-1. Ignácia Fortes Diniz Junqueira. Em 20/10/1855 casou-se em São Tomé das Letras, MG, com seu parente José Franklin Diniz Junqueira (*13/03/1832 +05/05/1886). José faleceu no Rio de Janeiro, vítima da febre amarela. Foram moradores em Baependi, MG, e tiveram doze filhos (descritos com detalhes no Livro “Família Junqueira: sua História e Genealogia”, página 161).

7-5-1-1-2. João Bráulio Fortes Junqueira (*1836). Tenente Coronel. Casou-se com sua prima Gabriella Victalina Diniz Junqueira, filha de *Francisco Antônio Junqueira* e de *Genoveva Clara Diniz Junqueira*, com quem teve três filhos e vasta geração (livro de genealogia retro citado, página 633).

7-5-1-1-3. Maria Ignácia Fortes Junqueira (*1837). Em 1861, quando da abertura do inventário de sua mãe, tinha 24 anos. Faleceu solteira.

7-5-1-1-4. Antônio Torquato Junqueira (*21/04/1839 +13/12/1936). Foi batizado em 06/05/1839 na Capela da Fazenda Favacho, filial de Baependi, MG. Casou-se duas vezes, em ambas com suas parentes pela Família Junqueira. Com sua primeira esposa, Maria Auta Silva Junqueira (+1881) filha de *Antônio Ovídio Diniz Junqueira* e de *Rita Deolinda da Silva Junqueira* (7-4-5-5 acima), não teve filhos. Já com sua segunda esposa, Helena Fausta Diniz Junqueira (+16/12/1901), filha de *Francisco Marcolino Diniz Junqueira* e de *Maria de Paula Junqueira Franco*, com quem casou-se em 23/04/1884, teve oito filhos (geração no livro de genealogia retro citado, página 648). Antônio faleceu na Fazenda Tapiratuba, de propriedade de seu filho, em Morro Agudo, SP.

7-5-1-1-5. José Frauzino Fortes Junqueira (*05/04/1843 +15/12/1933). Nasceu em Baependi, MG, e foi batizado em 02/08/1843 em São Tomé das Letras, MG. Casou-se com sua parente pela Família Junqueira, Ignácia Gabriella de Andrade Junqueira (*18/05/1853 +18/08/1892), filha de *João Pedro Diniz Junqueira* e de *Anna Gabriela de Andrade Junqueira*, sendo esta filha de *Gabriel Francisco Junqueira* (Primeiro Barão de Alfenas) e de *Inácia Constância de Andrade* (Baronesa de Alfenas), e esta por sua vez filha de *José de Brito Peixoto* e de *Mariana Vitória do Nascimento* (Livro “Família Andrade de Minas Gerais: 500 anos de História”, página 115). Ambos administravam a Fazenda Traituba, em Cruzília, MG, onde vieram a falecer. Tiveram oito filhos (geração no Livro “Família Junqueira: sua História e Genealogia”, página 652).

7-5-1-1-6. Manoel de Sá Fortes Junqueira (*09/05/1848 +08/08/1934). Foi batizado em 11/05/1849 na Capela da Fazenda Favacho. No Oratório do Campo Lindo, dispensados dos impedimentos de consanguinidade, casou-se com sua prima Genoveva Clara Fortes Junqueira (*19/04/1850 +01/06/1897), filha do Comendador *Manoel Ananias de Assis Junqueira* e de *Maria Clara Diniz Junqueira*, tendo sido batizada em 03/09/1850 no Oratório da Fazenda Angahy, sendo que ela própria era conhecida como “Geni do Angahy”. Apesar de Genoveva ter falecido cedo, ainda assim o casal chegou a ter sete filhos (geração no livro de genealogia retro citado, página 662).

7-5-1-1-7. Rita de Sá Fortes Junqueira (*1850). Casou-se com seu parente João Pedro Diniz Junqueira, filho de *João Pedro Diniz Junqueira* e de *Anna Gabriela de Andrade Junqueira* (irmão de Ignácia citada em 7-5-1-1-5 acima), com quem veio a ter nove filhos (geração no livro de genealogia retro citado, página 151). João Pedro foi o formador da Fazenda Aterrado, na Freguesia das Dores do Piraí, RJ, onde o casal residiu.

7-5-1-1-8. Francisco Olyntho Fortes Junqueira (*03/12/1851 +09/02/1901). Apelidado de “Nenê”, nasceu e faleceu na Fazenda

Favacho, local onde foi batizado em 30/01/1852. Casou-se em 07/07/1877 em Aiuruoca, MG, com sua parente (“*dispensados do impedimento de consanguinidade do terceiro grau atingente ao segundo, e em quarto duplicado atingente ao terceiro*”) Adelina Clara Diniz Junqueira (*18/07/1862 +27/03/1946), nascida na Fazenda Invernada e Falecida em São Joaquim da Barra, SP, filha do Capitão *Francisco Marcolino Diniz Junqueira* e de *Maria de Paula Franco Junqueira*. O casal teve nove filhos ao todo (geração no livro de genealogia retro citado, página 671).

7-5-1-1-9. Marianna. Já falecida quando da abertura do inventário de seu pai, em 1880. Sem mais informações.

7-5-2. Rita Leocádia de Sá (*1795). Batizada em 09/03/1795.

7-5-3. Carlos de Sá Fortes (*1797). Batizado em 18/02/1797. Em 1831, aos 34 anos, ainda era solteiro e morava com a mãe.

7-5-4. Antonio de Sá Fortes (*1799). Batizado em 26/02/1799.

7-5-5. Maria Luísa de Sá Fortes (*1804). Batizada em 10/04/1804.

7-5-6. Joana Leocádia da Silva (*1807). Batizada em 07/01/1807.

7-6. Luiz Fortes de Bustamante de Sá (*1755). Capitão-Mor. Nascido em São João del-Rei, MG, fez o curso de Matemática em Coimbra e foi Juiz Ordinário em 1806. Foi casado com Ana Teresa de Mello Almeida Souza Menezes, natural da Freguesia dos Anjos da Cidade de Lisboa, Portugal, filha do Comendador Luiz de Souza Brandão Menezes e de Felipa Antonia Mello de Noronha Almeida (esta natural da Freguesia da Encarnação da Cidade de Lisboa, Portugal). Luiz e Ana tiveram pelo menos 11 filhos. Mas ele também teve outros 9 filhos de seu relacionamento com Maria Leonarda da Silveira (*1805) – também encontrada como *Maria Leonídia da Silveira* – filha de Capitão João Peixoto do Amaral e de Ana Barbosa de Magalhães. Esta foi uma sessão particularmente “espinhosa” dos levantamentos genealógicos, muitas vezes sendo necessário utilizarmos do raciocínio lógico com relação às datas e idades dos indivíduos, uma vez que exatamente este mesmo nome surge na árvore na pessoa de seu avô, de seu tio e de seu filho.

Filhos de Luiz Fortes com Ana Teresa:

7-6-1. Antônio de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes. Foi o que acompanhou seu irmão Luiz de Souza Fortes para a região de Livramento, no Piauí. Aparentemente casou-se e faleceu jovem. Teve ao menos 1 filho.

7-6-1-1. Antônio Fortes Bustamante de Sá Menezes (*20/02/1802 +22/12/1869). Capitão Geral da Parnaíba. Faleceu em Piracuruca, PI. Deixou geração de seu casamento com Henriqueta Rosa Castello Branco (+14/06/1890), que também veio a falecer nessa mesma localidade.

7-6-2. Luiz de Souza Fortes Bustamante de Sá e Menezes (*1782). Nasceu em Minas Gerais e faleceu em Livramento, PI. Juntamente com seu irmão Antônio de Souza Fortes mudou-se para a Parnaíba, PI, em fins do século XVIII, onde foi fazendeiro e chegou a ser vereador em Campo Maior, de 1822 a 1824. Foi casado duas vezes, a primeira em 1807 na Barra do Longá, antigo Município de Buriti dos Lopes, PI, com Maria da Assumpção Pires Ferreira (*1788), nascida no sítio-fazenda Santa Cruz das Pedras Preguiças, no Município de Barreirinhas, MA, filha de José Pires Ferreira e de Marianna de Deus Castro Diniz. Maria Assumpção faleceu na propriedade de seu pai, na Barra do Longá, em decorrência do parto de seu terceiro filho, o qual também não sobreviveu. Da segunda vez Luiz casou-se com Anna Rosa do Lago Castello Branco, filha de Francisco Gil Castello Branco e sm Maria Eugênia Lopes da Costa, np de Francisco da Cunha e Silva Castello Branco e de Anna Rosa Pereira Tereza do Lago, pelo lado paterno deste, bisneta de Manoel Carvalho de Almeida e de Carla da Cunha e Silva Castello Branco e por esta trineta de Francisco da Cunha Castello Branco e de Maria Eugênia de Mesquita.

Filhos de Luiz de Souza Fortes e Maria da Assumpção:

7-6-2-1. Luiz de Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes (*1808). No ano de 1833 casou-se com Mariana de Deus Pires Ferreira (*1819), natural de Barras, PI.

7-6-2-2. José Pires Ferreira [neto] (*16/06/1809 +1908). Nasceu no Maranhão e faleceu no Rio de Janeiro, tendo no decorrer de seus 99 anos de vida se casado quatro vezes – com geração dos três primeiros casamentos. Em 1833 casou-se com Maria Joaquina de Jesus Castello

Branco Carvalho de Almeida (+20/02/1856), natural de Barras, PI. Em 1858 casou-se com Umbelina Antônia de Lima Castello Branco, natural de Brejo dos Anapurus, MA. Já em 24/06/1878 foi a vez de Adelaide Rosa de Carvalho Castello Branco (*02/07/1842 +1883), também nascida em Barras, PI. Por fim, em 1884 casou-se com Rosa Lina do Rego Castello Branco (*1867), sendo esta a única com quem não teve filhos – até porque ele tinha 75 anos e ela apenas 17 aninhos!

Filhos de Luiz de Souza Fortes e Anna Rosa:

7-6-2-3. Antônio de Souza Fortes (*1813). Nasceu e faleceu em Livramento, PI, assim como também sua esposa, Raymunda Corrêa de Jesus Castello Branco (*16/04/1825 +30/07/1873). Com geração.

7-6-2-4. Clemente de Souza Fortes (*1814 +14/07/1893). Natural de Livramento, PI, tendo se casado pela primeira vez em 1853 com Carolina Pires Ferreira (*1839), natural da Parnaíba, PI. Casou-se da segunda vez com Maria da Silva Coutinho, também natural de Livramento, PI. Com geração nos dois casamentos.

7-6-2-5. Marianna de Souza Fortes (*1815 +1910). Natural de Livramento, PI, casou-se com José Francisco de Sant'Anna, natural de Peixe, PI. Com geração.

7-6-2-6. Amância Florinda de Menezes Fortes (*1820). Nasceu e faleceu em Livramento, PI, onde casou-se e teve filhos com Manuel da Silva Coutinho, também natural de Livramento, PI.

7-6-2-7. Delphina de Menezes Fortes (*03/11/1828 +1911). Nascida em Livramento, PI, em 19/09/1849 casou-se com Antônio Florêncio da Costa (*1826), natural de Barras, PI.

7-6-3. Luiza (*1790). Foi batizada em 17/09/1790. Sem mais informações.

7-6-4. Maria Thereza Fortes de Bustamante (*1793 +26/05/1868). Nascida em São João del-Rei, MG, foi batizada em 26/12/1793. Casou-se com seu primo, o Capitão Francisco Thereziano Fortes (+1854), filho do Comendador Francisco Dyonísio Fortes de Bustamante e de Joaquina Felisberta da Silveira, e em razão do casamento tornou-se proprietária da Fazenda Santa Clara. Ele foi Cavaleiro da Ordem de Cristo, Capitão do

Corpo de Ordenanças de São João del-Rei e proprietário, ainda, do Sítio João Batista e de diversas casas em Rio Preto e chácaras no Rio de Janeiro, tendo falecido em São João del-Rei, MG. Maria Thereza foi responsável, com o marido, pela construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Passos, em Rio Preto, em 05/02/1861 foi agraciada com o título de Baronesa de Monte Verde e em 17/04/1867 foi elevada à Viscondessa de Monte Verde. Faleceu na própria Fazenda Santa Clara, sem geração.

7-6-5. Alexandre (*24/07/1795). Foi batizado no mês seguinte ao de seu nascimento.

7-6-6. Afonso (*1796). Foi batizado em 28/10/1796.

7-6-7. Ana (*17/09/1798). Também foi batizada no mês seguinte ao de seu nascimento.

7-6-8. Maria Benedicta de Souza Fortes (*08/12/1799 +30/06/1869). Foi em São João del-Rei, MG, que em 21/05/1828 casou-se com Gabriel André Maria de Ploesquelles, Físico-mor da Província de Goiás, filho de Boaventura Maria de Ploesquelles e sm Maria Antonieta Gallays de Resmental. Maria Benedicta é considerada a Matriarca da Família Ploesquelles no Brasil. Tiveram ao menos um filho.

7-6-8-1. Gabriel de Ploesquelles Fortes de Bustamante.

7-6-9. Carlos Teodoro de Souza Fortes (*1801 +02/09/1893). Batizado em 30/08/1801. Comendador. Cavaleiro da Ordem da Rosa, proprietário da Fazenda Santa Clara – que recebeu por herança de sua irmã – foi ele que contribuiu para a construção da estrada que ligava Conservatória a Bom Jardim de Minas e de pontes no município de Rio Preto, onde foi político e benfeitor importante. Casou-se com sua prima Maria Isabel Henriqueta Fortes, irmã de Francisco Thereziano (7-6-2 acima). Recebeu ainda o título de Barão de Santa Clara. Faleceu em São João del-Rei, MG.

7-6-10. Antonio (*1808). Batizado em 20/02/1808, gêmeo de Francisco, a seguir.

7-6-11. Francisco (*1808). Batizado em 20/02/1808, gêmeo de Antonio, acima citado.

Filhos de Luiz Fortes com Maria Leonarda:

7-6-12. Francisco José Soares. Era morador do Termo do Rio de Janeiro em 1805. Foi casado duas vezes. Sua primeira esposa foi Rita Joaquina da Conceição, que faleceu antes de 1810. Sua segunda esposa, com quem casou-se em 17/08/1810, foi Felícia Maria de Jesus, natural de Lorena, SP, filha de Joaquim Correa e sm Maria Ferreira.

7-6-13. Antonio Fortes de Bustamante (*1781).

7-6-14. Luiz Fortes de Bustamante e Sá (*1784 +21/07/1832). Guarda-mor. Natural de São João del-Rei, MG, onde também veio a falecer solteiro, tendo entretanto instituído em seu testamento como herdeiros os 9 filhos naturais que teve com Alvina Cândida do Sacramento, também encontrada como *Albina Cândida de Jesus*.

7-6-14-1. Carlota Roberta Fortes e Bustamante. Casou-se em 03/05/1827 com Francisco de Assis Pinto de Campos, filho de Domingos Pinto Correa e de Ana Maria de São José. Tiveram pelo menos 4 filhos.

7-6-14-1-1. Maria do Patrocínio de Assis. Em 15/07/1849 casou-se com Antonio Alves Pereira da Cunha Torga (+07/09/1901), Bibliotecário Municipal de São João del-Rei, MG, onde veio a falecer. Ele era filho de José Alves Pereira da Cunha Torga e de Lizandra Maria Ignez Vera Cruz, sendo que tiveram pelo menos 2 filhos.

7-6-14-1-1-1. Francisco de Salles Torga (+03/04/1921). Padre, foi vigário e vereador em Arcângelo, MG.

7-6-14-1-1-2. Antonio Alves Pereira da Cunha Torga Júnior. Casou-se com Maria Clothildes de Paula, filha de Francisco de Paula Celeste e sm Inácia Francelina de Mesquita. Com geração.

7-6-14-1-2. Francisco Tereziano de Assis (+07/05/1886). Padre. Foi comissário da Ordem de São Francisco em São João del-Rei, MG, onde veio a falecer.

7-6-14-1-3. Miguel Arcanjo de Assis ()+01/04/1876). Padre, também. Faleceu em São João del-Rei, MG.

7-6-14-1-4. Cassiana Cândida de Assis.

7-6-14-2. Cândido Roberto Fortes. Foi em 15/07/1849 que casou-se com Maria de Jesus, "*exposta a Jerônimo José Martins*".

7-6-14-3. Messias Roberta Fortes (*1785). Foi casada com João Epifânio Pinto.

7-6-14-4. Francisco (*1788). Há notícias de que foi casado.

7-6-14-5. Antonio (*1790).

7-6-14-6. Maria (*1795).

7-6-14-7. Luiz Fortes Bustamante (*1798). Casou-se em 27/11/1850 com Felisbina Mafalda Duarte, filha de Ana Garcia Duarte.

7-6-14-8. Joaquim (*1800).

7-6-14-9. Mariana Carolina Fortes (*1801). Em 14/08/1848 casou-se com Manoel José Dias, filho de Jesuína Honória.

7-6-15. Cândido Xavier de Andrade (*1785).

7-6-16. Maria (*1795).

7-6-17. Joaquim (*1800).

Capítulo 8º

Thomaz Fortes Bustamante e Sá

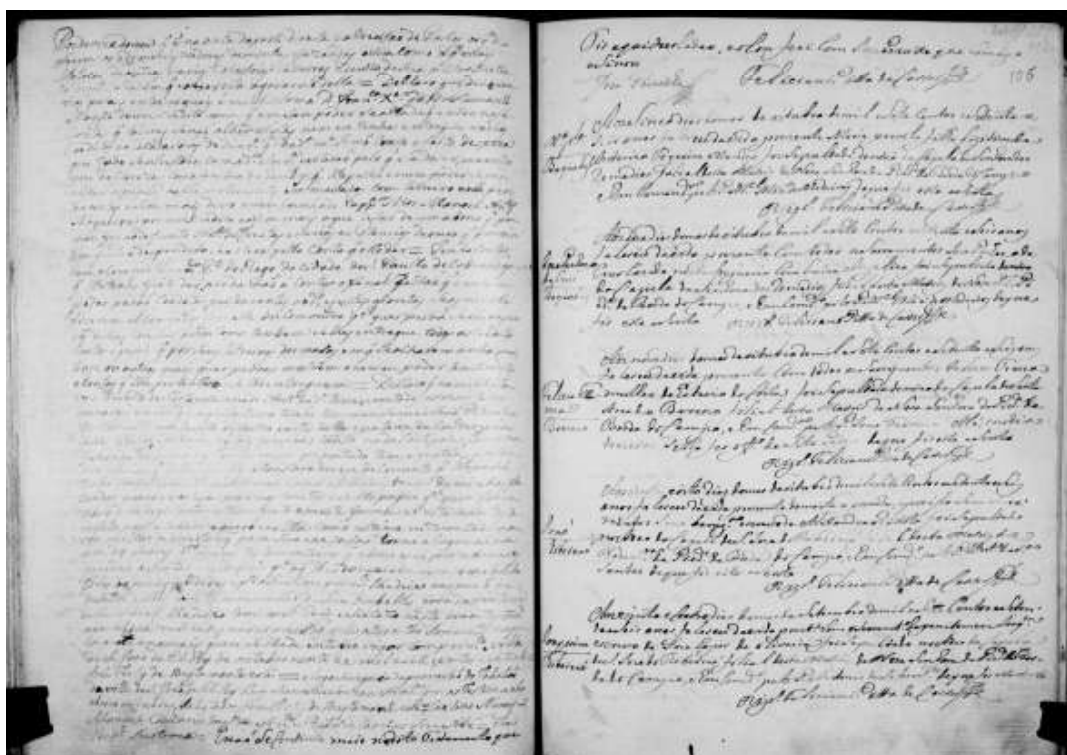
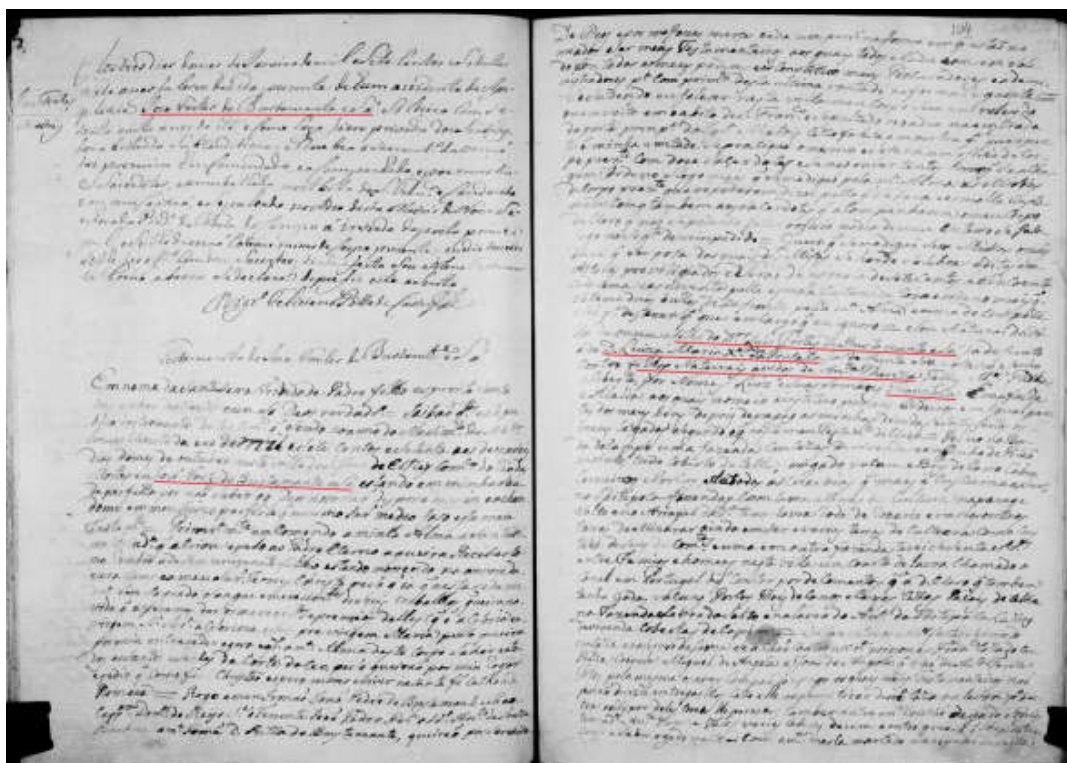
8. Thomaz Fortes Bustamante e Sá. Nasceu no Rio de Janeiro, RJ, e se mudou para São João del-Rei, MG, com a família. Mais tarde retornou ao Rio de Janeiro, RJ, onde se casou e deixou descendência.

Capítulo 9º

José Fortes de Bustamante e Sá

9. José Fortes de Bustamante e Sá (*1709 +03/01/1777). Nasceu na Vila de Ourém, Santarém, Portugal. Era o proprietário de muitas terras na região da Comarca do Rio das Mortes, tendo conseguido obter o título de "Familiar do Santo Ofício e Ordem de Cristo". Faleceu em São João del-Rei, MG. Foi somente em seu testamento, escrito em 16/10/1770, que reconheceu ter cinco

filhos com Antonia Teresa Telles, parda forra² conforme consta no registro de óbito e no testamento a seguir.



2 “Parda forra” era a qualificação atribuída à segunda geração de indivíduos cujos pais, escravos, teriam sido alforriados (libertados).

9-1. Eulália Angélica de Bustamante (*1765).

9-2. Mafalda Felícia de Bustamante (*1766).

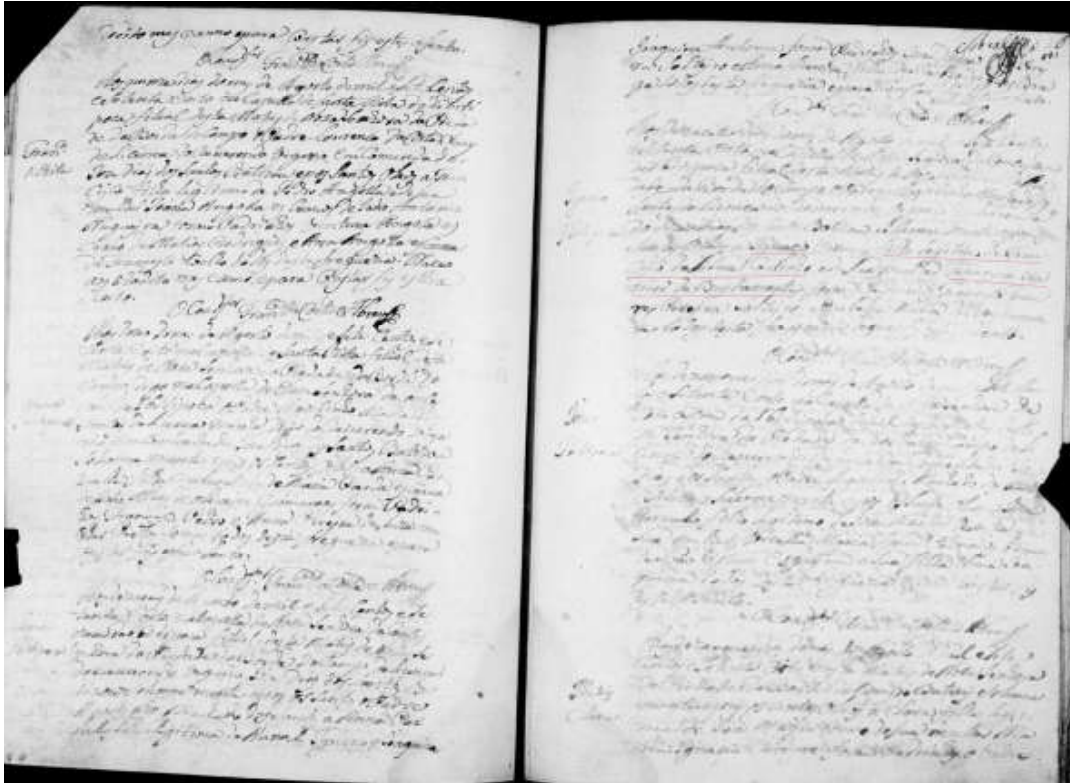
9-3. Luiz Francisco de Paula Bustamante (*1768). Em 28/09/1795 casou-se com Maria Pereira do Bom Sucesso. "exposta" em casa de Manoel Fernandes de Siqueira.

9-4. Luiza Xavier de Bustamante (*31/05/1771).

9-5. Francisca Xavier de Bustamante (*1763). Batizada em 09/06/1763, nasceu e faleceu em Barbacena, MG. Casou-se com Francisco Coutinho da Silva, o qual também foi nascido e falecido em Barbacena, MG. Tiveram pelo menos 2 filhos.

9-5-1. Ana Teresa de São Pedro (*1780). Tendo sido batizada em 16/04/1780, casou-se em Aiuruoca, MG, na data de 26/11/1794, com Julião de Souza Lima, filho de Pedro de Souza Lima e de Izabel de Siqueira Portes.

9-5-2. Ignácio de Loyola e Silva (*1778). Foi batizado em 17/08/1778 na Capela de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca, em Barbacena, MG (conforme registro de batismo a seguir). Há notícias de que foi Alferes e que faleceu em Pouso Alto, MG. Teve ao menos um filho de seu casamento com Francisca Silvéria de Oliveira (*1775 +27/09/1827), nascida e falecida em Pouso Alto, MG, filha de *Antonio José Ribeiro de Carvalho* (*1732), nascido em Rossas, Vieira do Minho, Arcebispado de Braga, Portugal, e de *Maria Gonçalves Torres*, natural de Pouso Alto, MG. Francisca era irmã de Jerônima Ribeiro, casada com Antonio José Fernandes, sendo estes pais de Anna Flora de São José que casou-se com Ignácio Loyola Bustamante Fortes, filho do casal.



9-5-2-1. Ignácio de Loyola Bustamante Fortes (*1793 +1836). Foi filho de Ignácio de Loyola e de Francisca Silvéria, trineto do Juiz de Fora, Luiz Fortes Bustamante e Sá, e que deixou vasta geração que se espalhou pelo Sul de Minas Gerais e São Paulo, cujos descendentes serão detalhadamente relacionados no Subtítulo III a seguir.

Nesta parte de nossas pesquisas, de modo a confirmar os vínculos de parentesco, baseamo-nos nas informações constantes no Projeto Compartilhar (links no final, juntamente com as fontes), um excelente site de pesquisa criado por *Bartyra Sette* e *Regina Moraes Junqueira* que tem como “missão” disponibilizar de forma gratuita centenas de documentos históricos (registro de batismos, de casamentos, de óbitos, testamentos, inventários, etc) que foram coletados diretamente por essas duas pesquisadoras ou mesmo oferecidos por colaboradores.

SUBTÍTULO II

MANOEL FORTES BUSTAMANTE DE SÁ E FIGUEIREDO (*1698)

Natural da Vila de Ourém, do Concelho de Ourém, do Distrito de Santarém, Portugal, onde nasceu em 1698, *Manoel Fortes Bustamante de Sá e Figueiredo* foi filho de *Antônio Fortes de Bustamante* e de sua mulher *Angélica Maria de Sá e Figueiredo* e irmão de *Luís Fortes de Bustamante e Sá*, sendo este último o Patrono do Tronco da Família Fortes de Bustamante no Brasil. Morou por algum tempo em Pitanguy, MG, porém mais tarde fixou-se na Capital de São Paulo, que tornou-se o polo irradiador deste segundo ramo da família. Em 1722 casou-se com **LUCRÉCIA LEMES BORGES DE CERQUEIRA**, nascida em 1707, filha do Guarda-mor *Garcia Rodrigues Paes* (*1661 +1738) e de *Maria Antonia Pinheiro da Fonseca*; neta pelo lado paterno de *Fernão Dias Paes* (*1608 +1681), sertanista que ficou conhecido pela alcunha de "O Caçador de Esmeraldas", e de sua mulher *Maria Garcia Betting* (*1642); neta pelo lado materno de *João Rodrigues da Fonseca* e de *Antonia Pinheiro Raposo Tavares*. Pela linha paterna de seu avô a ascendência de *Lucrecia* sobe por mais cerca de 12 gerações, passando pelas famílias Leme, Paes, Barros, Câmaras e outras até meados do século XV. Tiveram pelo menos 6 filhos, dentre eles:

1. Manuel Joaquim Fortes de Bustamante
2. José Manuel Teothio Fortes de Bustamante
3. Garcia Rodrigues Paes Leme e Fortes (*1720)
4. Maria (*1723)
5. Antonio Fortes de Bustamante Sá Leme

Capítulo 1º

Manuel Joaquim Fortes de Bustamante

1. Manuel Joaquim Fortes de Bustamante.

Capítulo 2º

José Manuel Teothio Fortes de Bustamante

2. José Manuel Teothio Fortes de Bustamante.

Capítulo 3º

Garcia Rodrigues Paes Leme e Fortes

3. **Garcia Rodrigues Paes Leme e Fortes (*1720)**. Nasceu em Minas de Pitangui, MG.

Capítulo 4º

Maria

4. **Maria (*14/11/1723)**. Nascida e batizada em Paraíba do Sul, RJ.

Capítulo 5º

Antonio Fortes de Bustamante Sá Leme

5. **Antonio Fortes de Bustamante Sá Leme (*1721 +1773)**. Nasceu em Pitangui, MG. Doutor de Capelo, foi professor na Universidade de Coimbra, Portugal. Casou-se com Anna Maria Xavier Pinto da Silva, filha única do Mestre de Campo *Diogo Pinto do Rego* (*1709 +1768), natural de Santos e falecido na Parnaíba, e de sua mulher *Izabel Maria Caetana de Araújo*, neta paterna do Sargento-mor *André Cursino de Mattos* e *Anna Pinto da Silva* e pelo materno de *Timotheo Correa de Góes* e *Daria Lemes das Neves*. Antonio e Anna Maria tiveram 9 filhos: 2 homens e 7 mulheres, sendo que algumas não se casaram e outras se tornaram freiras. Ele foi assassinado em Pitangui, MG, por seu primo Dr. Francisco Joaquim Fortes.

5-1. **Antonia**.

5-2. **Izabel**.

5-3. **José Manoel**. Sem informações se foi casado ou se teve descendentes.

5-4. **Maria Josepha**.

5-5. **Emerenciana da Luz Fortes**.

5-6. **Manoel Joaquim de Sá Pinto do Rego (+1790)**. Não deixou geração, pois faleceu solteiro, na prisão, como cúmplice da Inconfidência Mineira.

5-7. **Joaquina Josepha**. Foi a primeira esposa do Ouvidor Geral Francisco Leandro de Toledo Rendon (+1810). Não tiveram filhos.

5-8. Anna Leoniza de Abelho Fortes. Foi a segunda esposa do Ouvidor Geral Francisco Leandro de Toledo Rendon (5-7 supra), com quem teve duas filhas.

5-8-1. Joaquina Josepha de Abelho Bustamante Rendon.

5-8-2. Anna Rita dos Prazeres de Bustamante Rendon.

5-9. Marianna Angélica Fortes de Bustamante Sá Leme (*1763 +14/02/1811). Teve um filho de seu relacionamento com Bernardo José Maria da Silveira e Lorena (*20/04/1756 +1818), o quinto Conde de Sarzedas, nascido na Freguesia de Campo Grande do Concelho de Lisboa, Portugal, e falecido na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, era filho de *Nuno Gaspar de Távora* (*1704 +1789) e de sua segunda esposa *Maria Ignácia da Silveira* (*1723 +1802), neto paterno de *Bernardo Antonio Filipe Néri de Távora* (*1681 +1744), segundo Conde de Alvor e de *Joanna de Lorena* (*1687) e neto materno de *Brás Baltazar da Silveira* (*1674) e de sua segunda esposa *Joanna Inês Vicência de Menezes* (*1700). Anteriormente Bernardo havia sido casado com Anna Ribas, com quem teve 2 filhas gêmeas. Marianna faleceu em São Paulo, Capital.

5-9-1. Maria Ignácia da Silveira e Lorena. Gêmea de Maria Antonia.

5-9-2. Maria Antonia da Silveira e Lorena. Gêmea de Maria Ignácia.

5-9-3. Francisco de Assis Márcio de Lorena Silveira (*28/07/1789 +1835). Foi casado com Maria Ritta de Almeida de Souza e Faro.

SUBTÍTULO III

IGNÁCIO DE LOYOLA BUSTAMANTE FORTES (*1793 +1836)

Nascido em 1793 em São João del-Rei, *Ignácio de Loyola Bustamante Fortes* (também encontrado como “Fortes Bustamante”) foi filho de *Ignácio de Loyola e Silva* e de *Francisca Silvéria de Oliveira* (9-5-2 do Subtítulo I deste Título VII) e era o trineto do já citado Juiz de Fora – *Luiz Fortes de Bustamante e Sá* – e em 1820 casou-se com **ANNA FLORA DE SÃO JOSÉ**, nascida em 1806 em Pouso Alto, MG, onde também veio a falecer em 19/05/1888, estando sepultada no Cemitério de Santana do Capivari. Conhecida na família como “Dindinha”, era filha do português *Antonio José Fernandes* (*1760 +1828) e *Jerônyma Ribeiro* (*1767 +1841), neta paterna de *Manoel Gonçalves da Silva e Catarina Maria do Rosário* e neta pelo lado materno de *Antonio José Ribeiro de Carvalho* (*1732) e *Maria Gonçalves Torres* (que eram os pais de Francisca Silvéria de Oliveira, ou seja, a mãe de seu marido era sua tia e também veio a ser sua sogra). Sua mãe era irmã de *Maria Ribeira de Carvalho*, esposa do *Capitão Custódio José Ribeiro Pereira Guimarães*, conhecido como “Chapada” e proprietários da Fazenda Chapada Ribeiro e muito mais terras situadas tanto no município de Passa Quatro quanto de Itanhandu, que na época era distrito de Capivari, todos em Minas Gerais. Foi através do Processo de Dispensa de Impedimento – Arquivo da Cúria Diocesana de Campanha – POA-LPM-03 -181 3a 1821 – que foi possível traçar a correta ascendência deste Ignácio. Pela sua bisavó materna a ascendência de Anna sobe por mais 6 gerações, até meados do século XVI. Anna Flora já havia sido casada anteriormente, em 1815, com *José Pinto de Souza* (sem geração). O casal Ignácio de Loyola e Anna Flora foram os proprietários da Fazenda Chapada Ribeiro, na região do Município de Itanhandu, MG. Ignácio faleceu novo, com apenas 43 anos, em 02/01/1836 em Pouso Alto, MG, e mesmo assim tendo deixado numerosa descendência. Após seu falecimento, Anna Flora ainda veio a ter mais um filho com *Ignácio Joaquim Nogueira de Carvalho*, padre que foi pároco da Paróquia de Pouso Alto, MG, entre os anos de 1846 a 1850. Ignácio e Ana tiveram:

1. Anna Flora de Bustamante
2. Gerônima Fortes de Bustamante
3. Francisco
4. Antonio José Fortes Bustamante

5. Ignácio Loyola de Bustamante
6. Manoel José Ribeiro de Bustamante
7. Maria Romana Fortes de Bustamante
8. Ana Antonia Ribeiro
9. José
10. Francisca
11. Ignácio de Loyola Fortes Bustamante

Capítulo 1º

Anna Flora de Bustamante

1. **Anna Flora de Bustamante** (*1822 +24/03/1827). Nasceu em Passa Quatro, MG, e faleceu – com apenas 5 anos de idade – em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG.

Capítulo 2º

Gerônima Fortes de Bustamante

2. **Gerônima Fortes de Bustamante** (*1823). Também encontrada como *Gerônima Carolina de Bustamante*. Nascida em Passa Quatro, MG, e falecida em Pouso Alto, MG.

Capítulo 3º

Francisco

3. **Francisco** (*1824 *11/06/1847). Nasceu e faleceu, com apenas 23 anos, em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG. Sem geração.

Capítulo 4º

Antonio José Fortes Bustamante

4. **Antonio José Fortes Bustamante** (*27/07/1827 +06/05/1907). Nasceu em Itanhandu, MG, e faleceu em Pouso Alto, MG. Era conhecido como “Antonio Padre” – provavelmente porque devia ter estudado em um seminário. Casou-se duas vezes: a primeira com Emerenciana Ribeiro de Bustamante (*1835 +1890), que nasceu e faleceu em Pouso Alto, MG, filha de *Joaquim Ribeiro Bustamante* e de *Ana Cândida de Jesus*; a segunda vez com Francisca Ribeiro de Bustamante (*1831 +1899), irmã de Marianna Ribeiro de Jesus que era casada com Ignácio de Loyola, irmão de Antonio (Capítulo 11, a seguir). Deste segundo casamento não teve filhos.

4-1. Ignácio Fortes Bustamante (*05/03/1856 +01/07/1930). Nascido em Itanhandu, MG. Em 12/06/1875 casou-se com sua prima Maria Onolasca Bustamante (*31/01/1858 +31/05/1927), filha de *Ignácio de Loyola Fortes Bustamante* (Capítulo 11 a seguir) e de *Marianna Ribeiro de Jesus*. Faleceu em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG. Com geração em 11-3 a seguir.

4-2. Zózimo Fortes Bustamante (*07/09/1859 +04/11/1933). Nascido em Itanhandu, MG, na Fazenda Curral Falso, e falecido em Pedralva, MG. Foi casado com Francisca Gomes Ribeiro (*1859), filha de *Joaquim Ribeiro dos Anjos* e de *Francisca Gomes Ribeiro*, neta pelo lado materno de *Francisco Gomes* (*1759) e de *Ana Ribeiro Tavares* (sendo estes dois últimos os Patriarcas da também numerosa Família Gomes Ribeiro de Minas Gerais). Tiveram ao todo treze filhos, mas somente os cinco primeiros chegaram à idade adulta. Dizem que Zózimo, que morava em Passa Quatro, MG, veio visitar, no bairro de São João, município de Maria da Fé, MG, os parentes de sua mãe, da família Ribeiro. Ao ver a menina Francisca disse que iria esperar que ela crescesse para se casar com ela. E foi o que aconteceu. Francisca faleceu em Maria da Fé, MG, de modo que Zózimo chegou a casar-se novamente com uma viúva, mãe de Gentil Carnevalle, mas logo se separaram.

4-2-1. José Sérgio Bustamante. Conhecido como “Zezé”.

4-2-2. Maria Romana Bustamante Macedo (*07/02/1901 +05/03/1994). Casou-se com Francisco Macedo, irmão de José Macedo casado com Elvira Bustamante (4-2-8-4 a seguir). Maria e Francisco não tiveram filhos, mas criaram o sobrinho Aécio Zózimo Bustamante (11-4-1-6 a seguir). Maria Romana faleceu em Pedralva, MG.

4-2-3. João Ribeiro Bustamante. Conhecido como “Janjão”, era deficiente físico e faleceu quando criança.

4-2-4. Tarcila Ribeiro Bustamante. Faleceu ainda criança.

4-2-5. Emerenciana.

4-2-6. Tarcila. Segunda com o mesmo nome.

4-2-7. Joaquim Ribeiro Bustamante (*26/01/1894 +26/05/1953). Casou-se com Cecília Sousa Bustamante, nascida em Pedralva, MG, filha de *José Pinto de Sousa Guimarães* e de *Maria Amália Nogueira Sousa Pinto*, neta

pelo lado materno de *Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho* (Subtítulo IV a seguir, meio-irmão de Ignácio, bisavô de Joaquim) e de sua primeira esposa *Francisca de Paula Cândido Nogueira*.

4-2-7-1. Maria Cecília Bustamante Junho. Conhecida como "Cici". Casou-se com Fernando Moreira Junho e tiveram pelo menos três filhos.

4-2-7-1-1. Vera.

4-2-7-1-2. Maria do Carmo.

4-2-7-1-3. Ronaldo Junho Bustamante (*03/12/1944). Casou-se com Annelise Abreu Osório Junho (*23/10/1946). Ambos nasceram em Pedralva, MG, mas fixaram residência em Florianópolis, SC.

4-2-7-1-3-1. Anna Lívia Osório Junho (*14/05/1971).

4-2-7-1-3-2. Juliano Osório Junho (*09/04/1976).

4-2-7-2. Heloísa Sousa Bustamante.

4-2-7-3. Ivo Sousa Bustamante. Padre.

4-2-7-4. Maria Amália Bustamante Rennó (*27/07/1916 +25/05/1987). Conhecida como "Nini". Faleceu em Belo Horizonte, MG. Em 17/09/1936 casou-se com José Carvalho Rennó (*28/09/1914 +14/01/1996), natural de Santa Rita do Sapucaí, MG, faleceu em Itajubá, MG.

4-2-7-4-1. Benedito Bustamante Rennó (*04/06/1937). Foi em 09/12/1967 que se casou com Elizabeth Ribeiro Rennó, com quem teve três filhos.

4-2-7-4-1-1. Rodrigo Ribeiro Rennó.

4-2-7-4-1-2. Renato Ribeiro Rennó.

4-2-7-4-1-3. Rafael Ribeiro Rennó.

4-2-7-4-2. Luís Bustamante Rennó (*04/06/1938 +25/07/1980). Nasceu em Pedralva, MG, e faleceu em Santa Rita do Sapucaí, MG. Casou-se em 24/01/1966 com Ceres Moreira Rennó.

4-2-7-4-2-1. Alexandre Moreira Rennó (*29/04/1967).

4-2-7-4-2-2. Ricardo Moreira Rennó.

4-2-7-4-2-3. Christiane Moreira Rennó.

4-2-7-4-2-4. Carolina Moreira Rennó (*24/01/1990).

4-2-7-4-3. Virgílio Bustamante Rennó (*17/12/1941). Nascido em Pedralva, MG. Foi casado com Laís Maria Scarpa Rennó.

4-2-7-4-3-1. Fernando Scarpa Rennó (*10/06/1970).

4-2-7-4-3-2. Marcelo Scarpa Rennó.

4-2-7-4-4. Luciano Bustamante Rennó (*22/08/1947). Em 15/05/1976 casou-se com Vera Lúcia Gazola Rennó (*02/01/1949).

4-2-7-4-4-1. Daniel Gazola Rennó (*23/11/1977). Casou-se em 08/09/2007 com Flávia Fernandes Marques Rennó (*17/03/1981).

4-2-7-4-4-2. Raquel Gazola Rennó Paiva (*12/06/1979). Casou-se em 15/07/2006 com Leandro Leal Paiva (*26/07/1977).

4-2-7-4-5. Cecília Rennó Carneiro (*08/01/1951 +12/05/1989). Casou-se em 27/02/1972 com José Luiz Julidori Carneiro.

4-2-7-4-5-1. Cristiano Rennó Carneiro.

4-2-7-4-5-2. Elisa Rennó Carneiro (*01/07/1977).

4-2-7-4-5-3. Anelise Rennó Carneiro.

4-2-7-4-5-4. Gabriel Rennó Carneiro.

4-2-7-4-6. Ana Lúcia Bustamante Rennó Bovendorp (*05/12/1960). Casou-se com David Aguiar Bovendorp.

4-2-7-4-6-1. Pedro Rennó Bovendorp (*17/02/1989).

4-2-7-4-6-2. André Rennó Bovendorp.

4-2-7-5. Cláudio Sousa Bustamante (*05/08/1918). Natural de Pedralva, MG, assim como sua esposa Nair Abreu Bustamante (*29/06/1919), com quem casou-se em 01/09/1938. Tiveram sete filhos.

4-2-7-5-1. José Cláudio Abreu Bustamante (*18/02/1942 +09/07/1947). Natural de Pedralva, MG, faleceu quando tinha apenas 5 anos de idade.

4-2-7-5-2. Maria Nísia Bustamante da Rosa (*09/10/1940). Nascida em Pedralva, MG, foi casada com José Francisco da Rosa, também natural de Pedralva, MG, irmão de Terezinha (casada com Aécio Zozimo Bustamante), de Chiquitinha (casada com Antonio José Macêdo), Regina (casada com Marino Macedo) e Lourdes (casada com Paulo Carneiro Bustamante).

4-2-7-5-2-1. Maria Tereza Bustamante da Rosa Rezende (*14/08/1968). Casou-se com seu parente Rogério Bustamante Rezende (*01/02/1965), com geração em 11-3-2-1-5-8 a seguir.

4-2-7-5-2-2. Gustavo Bustamante da Rosa (*28/08/1970). Nasceu em Pedralva, MG, e casou-se com Adriana Aparecida Carneiro Rosa.

4-2-7-5-2-2-1. Eduardo Carneiro Rosa (*29/04/2005).

4-2-7-5-2-3. Daniel Bustamante da Rosa (*31/05/1975). Natural de Pedralva, MG, casou-se com Ana Paula Bustamante Abreu (*27/12/1976), natural de Itajubá, MG.

4-2-7-5-2-3-1. Pedro Bustamante de Abreu (*12/11/1995).

4-2-7-5-2-3-2. Caio Bustamante Abreu Rosa (*12/11/2004).

4-2-7-5-2-4. Míriam Bustamante da Rosa (*28/03/1983). Nascida em Pedralva, MG.

4-2-7-5-3. Luiz Marcelo Abreu Bustamante (*22/06/1939). Casou-se em 02/07/1967 com Maria Aparecida Goulart Bustamante (*08/07/1944), sendo ambos naturais de Pedralva, MG.

4-2-7-5-3-1. Guilherme Goulart Bustamante (*02/11/1969). Natural de Pedralva, MG, em 23/07/1994 casou-se com Silvana da Silva Bustamante (*28/10/1973), com quem teve três filhos.

4-2-7-5-3-1-1. Luiz Marcelo Goulart Bustamante (*30/03/1980). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-7-5-3-1-2. André Goulart Bustamante (*10/04/1973). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-7-6-3-1-3. Marcelly Silveira Bustamante (*10/01/1995).

4-2-7-5-4. Gaspar José Abreu Bustamante (*03/07/1946). Natural de Pedralva, MG. Casou-se em 05/05/1974 com Marisa Marx Bustamante. Residiam em Pouso Alegre, MG.

4-2-7-5-4-1. Paula Marx Bustamante (*06/03/1975).

4-2-7-5-4-2. Cláudia Marx Bustamante (*01/06/1979).

4-2-7-5-5. Paulo Abreu Bustamante (*25/05/1950). Nascido em Pedralva, MG. Casou-se em 16/09/1977 com Vera Lúcia Matrângolo Bustamante.

4-2-7-5-5-1. Rodrigo Matrângolo Bustamante (15/04/1978). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-7-5-6. Maria Lúcia Abreu Bustamante (*09/10/1951). Natural de Pedralva, MG, casou-se duas vezes. Seu primeiro marido foi Jorge Luiz da Costa, com quem casou-se em 22/05/1980. Voltou a casar-se em 27/07/1991, desta vez com Rubens Rodrigues da Silva.

Filhos de Maria Lúcia e Jorge:

4-2-7-5-6-1. Cibele Bustamante da Costa (*30/10/1981).

Filhos de Maria Lúcia e Rubens:

4-2-7-5-6-2. Ana Cláudia Bustamante Rodrigues (*07/09/1992).

4-2-7-5-7. Luiz Cláudio Abreu Bustamante (*04/06/1957). Nasceu em Pedralva, MG. Em 12/09/1978 casou-se com Beatriz Rezende Bustamante.

4-2-7-5-7-1. Mariana Rezende Bustamante (*15/02/1989).

4-2-7-6-7-2. João Paulo Rezende Bustamante.

4-2-7-6. Branca Bustamante Stephan (*11/07/1919). Natural de Pedralva, MG. Casou-se com Otto Stephan, nascido em Pouso Alegre, MG, com quem teve ao menos três filhos.

4-2-7-6-1. Rafael.

4-2-7-6-2. Priscila.

4-2-7-6-3. Letícia.

4-2-7-7. Luiz Sousa Bustamante (*05/01/1920). Foi casado com Maria Custódia. Moravam em Pedralva, MG, e mais tarde mudaram-se para Pouso Alegre, MG.

4-2-8. Eduwiges Bustamante Jardim. Casou-se com Gastão Jardim, filho de *Luiz Rodrigues Jardim*, que era primo de Delfim Pinho, citado em 1-6-1 do Subtítulo IV deste Capítulo VII. Gastão mudou para Aymorés, no norte de Minas Gerais, levando o filho caçula, onde constituiu uma segunda família.

4-2-8-1. Amélia Jardim. Casou-se com seu parente Belmiro Ribeiro Bustamante, filho de Pedro Ribeiro Bustamante e Maria de Cássia Fortes Bustamante, com geração em 11-4-1 a seguir.

4-2-8-2. Dalila Bustamante Jardim (*28/02/1903). Casou-se com Rafael Di Lorenzo. Viveu durante cinco anos com seu marido Rafalel e residiam em Baependi, MG, onde nasceram os filhos. Quando Rafael faleceu ela mudou-se para Pedralva, MG, onde foi professora. Após, mudou-se para Passa Quatro, MG, onde terminou os estudos morando com a irmã Maria das Dores, conhecida como "Dodô".

4-2-8-2-1. Neide Di Lorenzo Correa (*08/05/1925). Natural de Baependi, MG. Casou-se com Antero Cardoso Corrêa (*27/02/1923), nascido em Maria da Fé, MG, onde passaram a residir e, após, mudaram-se para Itajubá, MG.

4-2-8-2-1-1. Marcelo Di Lorenzo Correa. Casou-se com Valéria Hermeto Correa e tiveram dois filhos.

4-2-8-2-1-1-1. Maria Hermeto Correa.

4-2-8-2-1-1-2. Helena Hermeto Correa.

4-2-8-2-1-2. Luiz Antero Di Lorenzo Correa. Foi casado com Fátima, com quem teve pelo menos uma filha.

4-2-8-2-1-2-1. Eveline.

4-2-8-2-1-3. José Fábio Correa.

4-2-8-2-1-4. Rafael Di Lorenzo Correa. Casou-se com Estela.

4-2-8-2-1-5. Dalila Di Lorenzo Correa. Casou-se com Roberto e há notícias de que tiveram ao menos um filho.

4-2-8-2-2. Wilton Antonio Di Lorenzo (*09/06/1927). Natural de Baependi, MG. Casou-se em 01/06/1952 com Sebastiana Monti Di Lorenzo (*01/06/1930), nascida em Pedralva, MG, mesmo local em que residiram até 1973, quando então se mudaram para Itajubá, MG. Foram os pais de dez filhos.

4-2-8-2-2-1. Paulo Di Lorenzo.

4-2-8-2-2-2. Edson Di Lorenzo. Casou-se com Regina Célia Sales Di Lorenzo e tiveram ao menos dois filhos, sendo um deles a seguinte:

4-2-8-2-2-2-1. Cristiane Di Lorenzo.

4-2-8-2-2-3. Branca Di Lorenzo.

4-2-8-2-2-4. Sillas Di Lorenzo. Foi casado com Marilda.

4-2-8-2-2-4-1. Mariana.

4-2-8-2-2-4-2. Márcia.

4-2-8-2-2-5. Wilton Antonio Di Lorenzo.

4-2-8-2-2-6. Maria Dalila Di Lorenzo. Casou-se com Adriano Carlos Villas Boas, com quem teve três filhos.

- 4-2-8-2-2-6-1. Gustavo Di Lorenzo Villas Boas.
- 4-2-8-2-2-6-2. Lanna Di Lorenzo Villas Boas.
- 4-2-8-2-2-6-3. Gabriel Di Lorenzo Villas Boas.
- 4-2-8-2-2-7. Ana Alice Di Lorenzo Lopes (*06/01/1953). Natural de Pedralva, MG, casou-se com Fleyberg Lopes, nascido em Itajubá, MG.
- 4-2-8-2-2-7-1. Fleyberg Lopes (*02/08/1978). Nasceu em Itajubá, MG.
- 4-2-8-2-2-7-2. Rodrigo Di Lorenzo Lopes (*03/07/1980). Nasceu em Itajubá, MG.
- 4-2-8-2-2-7-3. Giovanni Di Lorenzo Lopes (*08/04/1982). Nasceu em Itajubá, MG.
- 4-2-8-2-2-8. Rafael Di Lorenzo (*04/02/1954). Nascido em Pedralva, MG, casou-se com Guiomar Souto Di Lorenzo (*05/02/1956), natural de Itajubá, MG.
- 4-2-8-2-2-8-1. Rafael Di Lorenzo Filho (*31/05/1986). Nasceu em Itajubá, MG.
- 4-2-8-2-2-8-2. Lucas Di Lorenzo (*09/05/1987). Nasceu em Itajubá, MG.
- 4-2-8-2-2-9. Heloísa Di Lorenzo Peixoto (*06/07/1955). Nascida em Pedralva, MG. Casou-se com Luiz Roberto Peixoto, natural de Amparo, SP.
- 4-2-8-2-2-10. Gabriel Di Lorenzo (*31/12/1956 +14/11/1995). Nasceu em Itajubá, MG, e casou-se com Angélica Muzo Di Lorenzo, com quem teve três filhos.
- 4-2-8-2-2-10-1. André Muzo Di Lorenzo.
- 4-2-8-2-2-10-2. Gbriel Di Lorenzo Júnior.
- 4-2-8-2-2-10-3. Karine Muzo Di Lorenzo.

4-2-8-3. Maria das Dores Jardim. Conhecida como “Dodô”. Foi casada com Davi Nogueira Mendes, filho de *David Alexandre Mendes*, português de Trás-os-Montes e de *Tereza de Jesus Nogueira*, também conhecida simplesmente como “Terezinha”, neto pelo lado materno de *Joaquim Rodrigues Nogueira* e de *Escolástica Nogueira* – e Davi era irmão de Escolástica, casada com Abel (4-2-9 a seguir), tios de Maria das Dores. Residiam em Passa Quatro, MG. Tiveram nove filhos.

4-2-8-3-1. Fábio (*16/12/1930 +01/08/1938).

4-2-8-3-2. Silas.

4-2-8-3-3. Fátima.

4-2-8-3-4. Rute.

4-2-8-3-5. Judite.

4-2-8-3-6. Maria.

4-2-8-3-7. Selma.

4-2-8-3-8. Míriam. Casou-se com Winson Menegale e residiram em Volta Redonda, RJ.

4-2-8-3-9. Sônia. Casou-se com Noé.

4-2-8-4. Elvira Bustamante Macedo. Foi casada com José Macedo, irmão de Francisco Macedo, marido de Maria Romana Bustamante Macedo (4-2-2 acima). Foram os pais de oito filhos.

4-2-8-4-1. Maria Aparecida Macedo Monti (*06/04/1936). Natural de Pedralva, MG, conhecida como “Chiinha”, em 24/05/1955 casou-se com Mário Rezende Monti, irmão de José Sebastião Rezende Monti, marido de Marília Bustamante Monti (4-2-9-6 a seguir). Tiveram sete filhos.

4-2-8-4-1-1. José Belmiro Monti Neto (*23/03/1956). Natural de Pedralva, MG, onde foi batizado em 25/03/1956. Casou-se em 11/05/1985 com Vanda de Sousa (*26/01/1950), natural de Pedralva, MG, batizada em 15/02/1950 e irmã de Sandra Lúcia Sousa casada com José Marcos Bustamante Miguel (4-2-9-2-2 a seguir).

4-2-8-4-1-1-1. Lucas Sousa Monti (*31/05/1991). Batizado em 06/09/1992).

4-2-8-4-1-1-2. Maria Zilá Macedo Monti (*27/03/1958). Natural de Pedralva, MG, batizada em 07/04/1958. Casou-se em 22/12/1989 com Robson Paoli (*19/01/1960).

4-2-8-4-1-2-1. Diego Monti Paoli (*29/12/1992). Nasceu em Santa Rita do Sapucaí, MG.

4-2-8-4-1-2-2. Mariana Monti Paoli (*12/12/1993). Nasceu em Santa Rita do Sapucaí, MG.

4-2-8-4-1-3. Mário Macedo Monti (*17/05/1959 +23/06/1959). Natural de Pedralva, MG, batizado em 24/05/1959, faleceu com apenas um mês de vida.

4-2-8-4-1-4. João Helder Macedo Monti (*22/06/1963). Natural de Pedralva, MG, batizado em 30/06/1963.

4-2-8-4-1-5. Ana Elvira Macedo Monti (*15/11/1966). Nascida em Pedralva, MG, batizada em 08/12/1966.

4-2-8-4-1-6. Ruth Macedo Monti (*24/09/1972). Natural de Pedralva, MG, batizada em 03/12/1972.

4-2-8-4-1-7. Mayra Macedo Monti (*05/08/1978). Também nascida em Pedralva, MG, foi batizada em 05/11/1978.

4-2-8-4-2. Antonio José Macêdo. Conhecido como "Tozé". Nascido em Pedralva, MG, casou-se com Francisca de Sousa Rosa Macedo, também conhecida como "Chiquitinha" e irmã de Terezinha (casada com Aécio Zozimo Bustamante), de Lourdes (casada com Paulo Carneiro Bustamante), Regina (casada com Marino Macedo) e José (casado com Maria Nísia Bustamante da Rosa). Tiveram cinco filhos.

4-2-8-4-2-1. Juscelino Rosa Macedo.

4-2-8-4-2-2. Luiz Francisco Rosa Macedo.

4-2-8-4-2-3. Antonio José de Macedo Júnior (*08/10/1957). Conhecido como “Guzu”. Natural de Pedralva, MG, casou-se em 28/02/1984 com Marta Heloísa Monti Macedo (*12/09/1959), também natural de Pedralva, MG, irmã de Pedro Sérgio que se casou com sua irmã Sônia, a seguir. Ou seja, um casal de irmãos casou-se com outro casal de irmãos.

4-2-8-4-2-3-1. Larissa Monti Macedo (*04/02/1987).

4-2-8-4-2-3-2. Thaís Monti Macedo (*19/12/1990).

4-2-8-4-2-4. Sônia Eliane Macedo Monti (*12/09/1959). Natural de Pedralva, MG, casou-se com Pedro Sérgio Monti (*05/12/1953), também natural de Pedralva, MG, irmão de Marta que se casou com seu irmão Antonio, acima. Ou seja, um casal de irmãos casou-se com outro casal de irmãos.

4-2-8-4-2-4-1. Pedro Sérgio Monti Júnior (*13/09/1978). Nasceu em Santa Rita do Sapucaí, MG.

4-2-8-4-2-4-2. Carolina Macedo Monti (*03/09/1982). Nasceu em Santa Rita do Sapucaí, MG.

4-2-8-4-2-5. Margareth Rosa Macedo. Teve um filho.

4-2-8-4-2-5-1. Henrique.

4-2-8-4-3. Marino Macedo. Natural de Pedralva, MG. Casou-se com Regina Rosa Macedo, irmã de Terezinha (casada com Aécio Zozimo Bustamante), de Lourdes (casada com Paulo Carneiro Bustamante), Francisca (casada com Antonio José Macedo) e José (casado com Maria Nísia Bustamante da Rosa). Residiram em Pedralva, MG, e, após, em Itajubá, MG. Tiveram quatro filhos.

4-2-8-4-3-1. Marcellus Rosa Macedo. Foi casado.

4-2-8-4-3-2. Lílian Rosa Macedo. Foi casada.

4-2-8-4-3-3. Ricardo Rosa Macedo.

4-2-8-4-3-4. Laís Rosa Macedo.

4-2-8-4-4. Maria do Carmo Macedo Hausner. Conhecida como "Carminha". Natural de Pedralva, MG. Casou-se com José Silvério Hausner.

4-2-8-4-4-1. Elisabeth Hausner Macedo (*08/11/1960). Casou-se com Francisco José de Macedo.

4-2-8-4-4-1-1. Thiago Hausner Macedo (*28/08/1984). Natural de Pedralva, MG.

4-2-8-4-4-1-2. Ana Maria Macedo Hausner. Casou-se com seu parente Luiz Paulo Rosa Bustamante, filho de *Paulo Carneiro Bustamante* e de *Lourdes Rosa Bustamante*. Com geração em 11-3-2-1-3-2 a seguir.

4-2-8-4-4-1-3. Thomaz Hausner Macedo (*29/05/1988). Nascido em Pedralva, MG.

4-2-8-4-4-1-4. Thales Hausner Macedo (*11/08/1990). Nascido em Pedralva, MG, e gêmeo de Thadeu, a seguir.

4-2-8-4-4-1-5. Thadeu Hausner Macedo (*11/08/1990). Nascido em Pedralva, MG, e gêmeo de Thales, acima.

4-2-8-4-5. Francisco Assis Macedo. Também conhecido como "Quiquinho". Nasceu em Pedralva, MG, e casou-se com Maria Helena Monti Macedo, também de Pedralva, MG, com quem teve ao menos cinco filhos.

4-2-8-4-5-1. Francisco Monti Macedo.

4-2-8-4-5-2. Régis Monti Macedo.

4-2-8-4-5-3. Lauro Monti Macedo.

4-2-8-4-5-4. Otávio Monti Macedo.

4-2-8-4-5-5. Audrei Macedo. Nascida em Pedralva, MG, foi casada com Ivan.

4-2-8-4-6. Maria Celeste Macedo Rezende. Natural de Pedralva, MG, casou-se com José Sérgio Rezende.

4-2-8-4-6-1. Lucile Macedo Rezende.

4-2-8-4-6-2. Sérgio Eduardo Macedo Rezende.

4-2-8-4-7. Maria Edith Macedo Biasoto (*30/06/1948). Nasceu em Pedralva, MG. Casou-se com José Biasoto (*04/01/1939), com quem teve dois filhos.

4-2-8-4-7-1. Francisco Biasoto Neto (*28/12/1978). Natural de Espírito Santo do Pinhal, SP.

4-2-8-4-7-2. Liliane Macedo Biasoto (*09/05/1982). Natural de Espírito Santo do Pinhal, SP.

4-2-8-4-8. José Arnaldo Macedo. Nasceu em Pedralva, MG. Casou-se com Maria Helena de Castro Macedo.

4-2-8-4-8-1. José Arnaldo de Macedo Júnior (*22/10/1968). Casou-se em Ribeirão Preto, SP, em 06/12/1999, com Cláudia Aparecida Cavichiollo Macedo.

4-2-8-4-8-2. Onilda Helena de Castro Macedo (*20/10/1969). Teve um filho.

4-2-8-4-8-2-1. João Luís de Macedo Reis (*25/12/1989).

4-2-8-4-8-3. Luiz Sérgio de Castro Macedo.

4-2-8-5. Irineu Bustamante Jardim. Foi levado pelo pai para Aymorés, no norte de Minas Gerais, quando criança. Há notícias de que se casou.

4-2-9. Abel Gomes Bustamante (*15/07/1895 +05/02/1978). Casou-se em 26/01/1919 com Escolástica Mendes Bustamante (+10/06/1939), nascida em Conceição do Rio Verde, MG, e falecida em Pedralva, MG, filha de *David Alexandre Mendes*, português de Trás-os-Montes e de *Tereza de Jesus Nogueira*, também conhecida simplesmente como “Terezinha”, neta pelo lado materno de *Joaquim Rodrigues Nogueira* e de *Escolástica Nogueira*. Era irmã de Davi Nogueira Mendes, casado com Maria das Dores Jardim (4-2-8-3 supra).

4-2-9-1. José Mendes Bustamante (*06/09/1921 +04/05/1970). Nascido em Passa Quatro, MG, falecido em Cachoeira de Minas, MG. Casou-se com Suzete Machado Homem, natural de Cachoeira de Minas, MG.

4-2-9-1-1. José Kleber Machado Bustamante. Foi casado.

4-2-9-1-2. Jeferson Machado Bustamante.

4-2-9-1-3. Andréa Machado Bustamante. Foi casada.

4-2-9-1-4. Helder Machado Homem.

4-2-9-1-5. José Mendes Bustamante Júnior.

4-2-9-2. Maria Bustamante Miguel (*09/11/1923). Também conhecida como "Mariinha". Nascida em Passa Quatro, MG, em 24/10/1955 casou-se com Jorge Miguel (*02/06/1923 +15/02/1959), que faleceu em Pedralva, MG.

4-2-9-2-1. Maria Escolástica Kern Bustamante (*27/03/1957). Nascida em Pedralva, MG, em 18/06/1975 casou-se com Luiz Carlos de Almeida (*01/03/1952 +07/06/1998), natural de Guaratinguetá, SP, falecido em Pitanga, PR.

4-2-9-2-1-1. Ricardo Bustamante de Almeida (*09/03/1976). Natural de Volta Redonda, RJ, teve ao menos um filho.

4-2-9-2-1-1-1. Filipe Ricardo Pouzo Bustamante (*26/04/1994). Nasceu em Itajubá, MG.

4-2-9-2-1-2. Lílian Bustamante de Almeida Sousa (*03/01/1977). Natural de Volta Redonda, RJ, casou-se com João Luiz Sousa, nascido em Pedralva, MG.

4-2-9-2-1-2-1. Ana Luiza Bustamante de Almeida Sousa (*07/09/1993). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-2-1-2-2. João Luiz Bustamante de Almeida Sousa (*16/04/1996 +24/10/1996). Nasceu em Pedralva, MG. Faleceu aos seis meses de idade.

4-2-9-2-1-2-3. Ana Clara Bustamante de Almeida Sousa (*30/10/1996). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-2-1-3. Marcelo Bustamante de Almeida (*11/11/1977). Natural de Volta Redonda, RJ.

4-2-9-2-1-4. Taís Bustamante de Almeida (*05/09/1979). Natural de Guaratinguetá, SP.

4-2-9-2-1-5. Luiz Carlos Kern Bustamante de Almedia (*01/03/1982).

4-2-9-2-2. José Marcos Bustamante Miguel (*24/04/1958). Natural de Pedralva, MG. Casou-se com Sandra Lúcia Sousa (*02/05/1958), também nascida em Pedralva, MG, e irmã de Vanda de Sousa, casada com José Belmiro Monti Neto (4-2-8-4-1-1 acima).

4-2-9-2-2-1. Daniela Sousa Bustamante (*22/03/1983). Natural de Pedralva, MG.

4-2-9-2-2-2. Sara Sousa Bustamante (*24/06/1988). Natural de Pedralva, MG, gêmea de Luísa, a seguir.

4-2-9-2-2-3. Luísa Sousa Bustamante (*24/06/1988). Natural de Pedralva, MG, gêmea de Sara, acima.

4-2-9-2-3. Laurelisa Bustamante Miguel (*21/06/1959). Também conhecida como “Lalá”. Nascida em Pedralva, MG, casou-se em 12/09/1981 com Antonio Eluísio Gomes, conhecido como “Luisinho”. Tiveram três filhos, mas divorciaram-se.

4-2-9-2-3-1. Lívia Bustamante Gomes (*18/07/1982). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-2-3-2. Leonardo Bustamante Gomes (*19/09/1984). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-2-3-3. Mateus Bustamante Gomes (*14/12/1986). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-3. Terezinha Mendes Bustamante. Nascida em Pedralva, MG, tornou-se Religiosa da Congregação da Providência de Gapp.

4-2-9-4. Antonio Mendes Bustamante. Nasceu em Pedralva, MG, e casou-se com Lucila Goulart Bustamante. Fixaram residência em Volta Redonda, RJ. Tiveram sete filhos.

4-2-9-4-1. Maria de Fátima Bustamante Celes. Conhecida como “Fatita”. Nasceu em Volta Redonda, RJ, e casou-se com Ricardo Monnerat Celes.

4-2-9-4-1-1. Adriana Bustamante Celes.

4-2-9-4-1-2. Cícero Bustamante Celes.

4-2-9-4-2. Maria Tereza Bustamante Teixeira. Apelidada de “Teita”. Nasceu em Volta Redonda, RJ. Casou-se com Faustino Teixeira, o “Dudu”, e foram morar em Juiz de Fora, MG.

4-2-9-4-2-1. Pedro Bustamante Teixeira.

4-2-9-4-2-2. João Bustamante Teixeira.

4-2-9-4-2-3. Tiago Bustamante Teixeira.

4-2-9-4-2-4. Daniel Bustamante Teixeira.

4-2-9-4-3. José Guilherme Goulart Bustamante. Natural de Volta Redonda, RJ, foi casado duas vezes, com geração em ambos os casamentos. Da primeira vez com Maria Alvim Bustamante. Divorciaram-se. Da segunda vez com Aparecida da Costa

Filhos de José Guilherme e Maria Alvim:

4-2-9-4-3-1. Mateus Alvim Bustamante.

4-2-9-4-3-2. Fernando Alvim Bustamante.

Filhos de José Guilherme e Aparecida:

4-2-9-4-3-3. Guilherme Costa Bustamante.

4-2-9-4-4. Ana Maria Goulart Bustamante. Natural de Volta Redonda, RJ.

4-2-9-4-5. Patrícia Goulart Bustamante. Natural de Volta Redonda, RJ, casou-se com Romero – mas divorciaram-se.

4-2-9-4-6. Paula Goulart Bustamante. Natural de Volta Redonda, RJ. Casou-se com Ricardo Pureza e foram morar em Teresópolis, RJ.

4-2-9-4-7. Vítor. Sem mais informações.

4-2-9-5. Francisca Tereza Bustamante Abreu (*15/04/1928). Conhecida como “Zuza”. Nasceu em Pedralva, MG, e foi batizada em 15/05/1928. Foi em 26/01/1952 que se casou com Raul de Abreu (*15/10/1923), também nascido em Pedralva, MG, e batizado em 25/12/1923. Tiveram quatro filhos.

4-2-9-5-1. José Haroldo Bustamante Abreu (*13/11/1952). Nasceu em Pedralva, MG, e foi batizado em 14/11/1952. Casou-se com Rute Oliveira, mas divorciaram-se. Fixou residência em Mato Grosso.

4-2-9-5-2. Raul de Abreu Júnior (*23/02/1954). Nasceu em Pedralva, MG, e foi batizado em 24/02/1954. Casou-se em 16/12/1978 com Gleda Fernandes Abreu (*23/10/1956), natural de Andrelândia, MG. Foram morar em Volta Redonda, RJ.

4-2-9-5-2-1. Estevan Fernandes Abreu (*06/07/1980). Natural de Volta Redonda, RJ.

4-2-9-5-2-2. Vivian Fernandes Abreu (*05/04/1983). Natural de Volta Redonda, RJ.

4-2-9-5-3. Eugênio Bustamante Abreu (*13/05/1958). Nasceu em Pedralva, MG, e foi batizado em 15/05/1958. Em 12/05/1984 casou-se com Marília Maria Carvalho Abreu (*03/06/1959), também nascida em Pedralva, MG.

4-2-9-5-3-1. Marcel Carvalho Abreu (*05/05/1985). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-5-3-2. Raul Abreu Neto (*15/06/1987). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-5-3-3. Letícia Carvalho Abreu (*23/09/1989). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-5-4. Rogério Bustamante Abreu (*01/10/1959). Nasceu em Pedralva, MG, e foi batizado em 08/10/1959. Casou-se com Maria das Graças Rodrigues Abreu (*27/03/1970), também nascida em Pedralva, MG.

4-2-9-5-4-1. Danilo Rodrigues Abreu (*19/08/1991). Natural de Pedralva, MG.

4-2-9-5-4-2. Aline Rodrigues Abreu (*01/06/1994). Natural de Pedralva, MG.

4-2-9-6. Marília Bustamante Monti (*16/06/1932). Conhecida como "Balila". Natural de Pedralva, MG, batizada em 12/09/1932. Casou-se em 18/02/1957 com José Sebastião Rezende Monti (*12/07/1929), também conhecido como "Zezé Monti", natural de Pedralva, MG, batizado em 11/08/1929. José era irmão de Mário Rezende Monti, casado com Maria Aparecida Macedo Monti (4-2-8-4-1 supra). O casal fixou residência em Itajubá, MG, e tiveram seis filhos.

4-2-9-6-1. Myriam Monti Branco (*15/07/1958). Natural de Itajubá, MG, foi batizada em 16/07/1958. Casou-se em 03/11/1984 com Luiz Antonio Branco (*02/01/1957), batizado em 09/01/1957. Tiveram:

4-2-9-6-1-1. Lucas Monti Branco (*02/09/1985). Natural de Itajubá, MG, batizado em 22/09/1985.

4-2-9-6-1-2. Pedro Monti Branco (*27/01/1987). Natural de Itajubá, MG, batizado em 08/02/1987).

4-2-9-6-1-3. Maria Carolina Monti Branco (*21/04/1989). Natural de Itajubá, MG, batizada em 21/05/1989.

4-2-9-6-1-4. Filipe Monti Branco (*23/09/1991). Natural de Itajubá, MG, batizado em 03/11/1991).

4-2-9-6-2. Mário Bustamante Monti (*1959). Nasceu em Itajubá e foi batizado em 02/09/1959.

4-2-9-6-3. Márcia Bustamante Monti Nardini (*21/09/1960). Nascida em Itajubá, MG, e batizada em 28/09/1960. Casou-se em 26/07/1986 com José Ítalo Crocetti Nardini (*15/08/1958), natural de Jacutinga, MG, batizado em 17/08/1958.

4-2-9-6-3-1. Bruno Monti Nardini (*09/10/1988). Nasceu em Itajubá, MG, e foi batizado na mesma data que seu irmão em 28/04/1991.

4-2-9-6-3-2. André Monti Nardini (*18/09/1990). Nasceu em Itajubá, MG, e foi batizado juntamente com seu irmão em 28/04/1991

4-2-9-6-4. Mônica Bustamante Monti Braga (*05/05/1962). Natural de Itajubá, MG, em 03/04/1988 casou-se com Alexandre Carneiro Braga (*14/09/1956), nascido em Pedralva, MG, que é irmão de André Carneiro Braga casado com sua parente Patrícia Bustamante Braga, ambos citados em 11-3-2-1-9-3 a seguir. Tiveram três filhos.

4-2-9-6-4-1. Tiago Monti Braga (*13/10/1989). Nasceu em Jacareí, SP, mas foi registrado em Pedralva, MG. Batizado em 28/07/1996 juntamente com seus irmãos.

4-2-9-6-4-2. Paulo Monti Braga (*07/07/1992). Nasceu em Jacareí, SP, mas foi registrado em Pedralva, MG. Batizado em 28/07/1996 juntamente com seus irmãos.

4-2-9-6-4-3. Luísa Monti Braga (*10/06/1994). Nasceu em Jacareí, SP, mas foi registrado em Pedralva, MG. Batizado em 28/07/1996 juntamente com seus irmãos.

4-2-9-6-5. Marina Bustamante Monti Benac (*30/08/1964). Natural de Itajubá, MG. Batizada em 12/09/1964. Casou-se em 20/08/1994 com Wilfred Gilbert Benac (*14/04/1963).

4-2-9-6-5-1. Ana Luísa Monti Benac (*31/01/1996). Nasceu em Itajubá, MG, e foi batizada em 21/04/1996.

4-2-9-6-6. Marize Bustamante Monti (*09/09/1974). Natural de Itajubá, MG, e batizada em 08/11/1974.

4-2-9-7. Maria Aparecida Bustamante Abreu (*29/12/1934). De alcunha “Picidinha”. Natural de Pedralva, MG, em 24/10/1955 casou-se com Antonio Nélcio de Abreu (*28/09/1932), nascido em Pedralva, MG, e batizado em 04/11/1932, tendo por apelido “Chinho”. Residiram em Pedralva, Varginha, Itajubá e novamente em Pedralva, sempre em Minas Gerais.

4-2-9-7-1. José Abel Bustamante Abreu (*28/10/1956). Natural de Pedralva, MG, foi batizado em 04/11/1956. Casou-se em 01/10/1983 com Maria Lúcia dos Santos Bustamante Abreu (*16/03/1958), nascida em Campos, RJ, e conhecida como "Malú". Residiram em Itajubá, MG, e em Juiz de Fora, MG.

4-2-9-7-1-1. Thales dos Santos Bustamante Abreu (*27/12/1985). Nasceu em Itajubá, MG.

4-2-9-7-1-2. Marcus dos Santos Bustamante Abreu (*03/02/1987). Nasceu em Itajubá, MG.

4-2-9-7-2. Maria Alice Abreu de Carvalho (*07/04/1958). Nasceu em Pedralva, MG, e foi batizada em 08/04/1958. Casou-se em 04/02/1978 com Luiz Sérgio Faria de Carvalho (*13/02/1954), natural de Poços de Caldas, MG.

4-2-9-7-2-1. Priscila Abreu de Carvalho (*13/05/1979). Nasceu em Itajubá, MG.

4-2-9-7-2-2. Denise Abreu de Carvalho (*11/10/1980). Nasceu em Itajubá, MG.

4-2-9-7-3. Maria Helena Abreu Aoun (*18/07/1959). Nascida em Pedralva, MG, batizada em 19/07/1959 e gêmea de Maria Heleny, a seguir. Em 13/02/1982 casou-se com Carlos Antonio Aoun (*11/02/1957).

4-2-9-7-3-1. Paula Abreu Aoun (*16/05/1983).

4-2-9-7-3-2. Patrícia Abreu Aoun (*28/01/1985 +04/04/1985). Faleceu aos dois meses em Itajubá, MG.

4-2-9-7-3-3. Marcelo Abreu Aoun (*09/09/1986).

4-2-9-7-3-4. Renata Abreu Aoun (*01/07/1988).

4-2-9-7-4. Maria Heleny Abreu Braga (*18/07/1959). Nascida em Pedralva, MG, batizada em 19/07/1959 e gêmea de Maria Helena, acima. Em 27/12/1981 casou-se com Luiz Gonzaga Pereira Braga (*20/06/1957), natural de Itajubá, MG.

4-2-9-7-4-1. André Abreu Braga (*21/05/1983). Nasceu em Itajubá, MG.

4-2-9-7-4-2. César Abreu Braga (*25/11/1984). Nasceu em Itajubá, MG.

4-2-9-7-4-3. Ana Abreu Braga (*11/06/1987). Nasceu em Itajubá, MG.

4-2-9-7-5. Marília Bustamante Abreu Marier (*25/11/1960). Natural de Pedralva, MG, em 24/06/1993 casou-se com Guy Marier (*19/07/1948), que foi batizado em 23/07/1948.

4-2-9-7-5-1. Júlia Bustamante Abreu Marier (*07/07/1994). Nascida em Itajubá, MG, foi batizada em 28/08/1994.

4-2-9-7-5-2. João Pedro Abreu Marier (*25/05/1999). Nascido em Itajubá, MG.

4-2-9-7-6. Sérgio Bustamante Abreu (*04/11/1963). Natural de Pedralva, MG, batizado em 10/11/1963, casou-se em 11/04/1992 com Anacleto Pereira Bustamante Abreu, nascida em Cristina, MG.

4-2-9-7-6-1. Nathália Pereira Bustamante Abreu (*15/09/1992). Nasceu em Cristina, MG.

4-2-9-7-6-2. Lucas Pereira Bustamante Abreu (*26/06/1997). Nasceu em Cristina, MG.

4-2-9-7-7. Ailton Bustamante Abreu (*20/02/1969). Nascido em Pedralva, MG, e batizado em 29/02/1969. Foi casado com Rita de Oliveira Abreu.

4-2-9-7-8. Ana Paula Bustamante Abreu (*27/12/1976). Nascida em Pedralva, MG, e batizada em 09/01/1977. Foi casada com Paulo Roberto de Souza e Silva (*04/01/1975).

4-2-9-7-8-1. Pedro Bustamante Abreu Souza (*11/12/1995). Nasceu em Pedralva, MG, e foi batizado em 04/02/1996.

4-2-9-8. Maria Inês Bustamante Braga (*15/04/1936). Casou-se com Tarcísio Gonçalves Braga, ambos nascidos em Pedralva, MG.

4-2-9-8-1. José D'Alencar Bustamante Braga (*04/06/1957). Chamado de "Caio". Natural de Pedralva, MG, foi casado com Heloísa Faria Braga.

4-2-9-8-1-1. Ana Paula.

4-2-9-8-1-2. Ana Flora.

4-2-9-8-1-3. Rafael.

4-2-9-8-2. Dayse Braga Lima (*01/09/1959). Nasceu em Pedralva, MG, e casou-se com Alexandre Magno de Castro Lima.

4-2-9-8-2-1. Juliana.

4-2-9-8-2-2. Alexandre.

4-2-9-8-2-3. Fernando.

4-2-9-8-3. Davi Bustamante Braga.

4-2-9-8-4. Tarcísio Bustamante Braga. Apelidado de "Tetê". Foi casado com Luciana Monti Braga.

4-2-9-8-4-1. Daniel (*18/02/1987). Natural de Pedralva, MG.

4-2-9-8-4-2. Leonardo. Natural de Pedralva, MG.

4-2-9-8-5. Dilma Bustamante Braga (*19/08/1964).

4-2-9-8-6. Diovani Vicente Bustamante (*29/02/1976).

4-2-9-9. Davi Abel Mendes Bustamante (*08/04/1938). Nascido em Pedralva, MG. Casou-se em 15/07/1966 com Nilza Rosa Bustamante, natural de Conceição das Pedras, MG.

4-2-9-9-1. Maria Eliane Rosa Bustamante Sousa (*07/04/1967). Nasceu em Pedralva, MG. Em 21/11/1992 casou-se com Écio Monti Sousa (*20/03/1963), também nascido em Pedralva, MG.

4-2-9-9-1-1. Alice Bustamante Sousa (*07/05/1996). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-9-2. Márcia Rosa Bustamante (*25/03/1969). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-9-3. Davi Abel Mendes Bustamante Júnior (*29/03/1974). Nasceu em Pedralva, MG.

4-2-9-9-4. Mônica da Rosa Bustamante (*14/05/1978). Nasceu em Pedralva, MG, e foi batizada em 04/06/1978.

Capítulo 5° Ignácio Loyola de Bustamante

5. **Ignácio Loyola de Bustamante** (*1828 +1828). Faleceu bebê.

Capítulo 6° Manoel José Ribeiro de Bustamante

6. **Manoel José Ribeiro de Bustamante** (*1830). Conhecido como “Neco do Pinheirinho”. Nasceu em Mariana, MG, e faleceu em Pouso Alto, MG. Foi casado com Mariana Leite Ribeiro (*1835), nascida e falecida em Pouso Alto, MG, filha de *José Leite Ribeiro* e *sm Maria Clara Luiza de Jesus*.

6-1. **Antonio Ribeiro de Bustamante**. Casou-se com Amância Cherubina de Jesus.

6-2. **Anna Rita Ribeiro Bustamante**. Casou-se com Antonio Pinto Gonçalves.

6-3. **Maria Luiza de Faria**. Casou-se com Antônio José de Faria.

6-4. **Philadelpho Ribeiro de Bustamante**. Casou-se com Marianna Ribeiro Bustamante.

6-5. **Virgínio Ribeiro de Bustamante**. Casou-se com Marianna Augusta de Siqueira.

6-6. **Clementino Leite Ribeiro**. Casou-se com Maria Luiza da Silva.

6-7. **Francisca Ribeiro Bustamante**. Casou-se com Antônio Fortes Bustamante.

6-8. **Amélia Ribeiro Bustamante**. Casou-se com Benjamin.

6-9. **Lucas Ribeiro Bustamante**. Casou-se com Marianna Ribeiro Bustamante.

6-10. Pedro Ribeiro Bustamante. Natural de Passa Quatro, MG, faleceu no Rio de Janeiro, RJ. Casou-se com sua prima Maria de Cássia Fortes Bustamante (*1860 +12/10/1936), filha de *Ignácio de Loyola Fortes Bustamante* e sm *Marianna Ribeiro de Jesus* (com geração em 11-4 a seguir).

Capítulo 7º

Maria Romana Fortes de Bustamante

7. Maria Romana Fortes de Bustamante (*1835 +01/06/1907). Nascida em Passa Quatro, MG, e falecida em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG. Solteira a vida inteira. Foi ela quem cuidou – praticamente criou – seu meio-irmão Philadelpho (Subtítulo IV a seguir), filho de sua mãe Anna Flora e do Padre Ignácio Joaquim. No Cemitério de Santana do Capivari, MG, ao lado do de seu irmão Antonio, fica o túmulo de Maria Romana, que contém os seguintes dizeres: “*Aqui jaz Maria R. de Bustamante, falecida a 1 de junho de 1907, com 72 anos de idade. Lembranças de seu sobrinho Ignacio Bustamante*”.

Capítulo 8º

Ana Antonia Ribeira

8. Ana Antonia Ribeira (*1833). Em 1846 casou-se com *José Antonio Ribeira*, filho de *José Ribeiro da Silva* (*1787) que em 1813 casou-se com *Rosa Maria* (*1798). Este José Ribeiro, além de sogro de Ana Antonia, era também seu tio materno, pois era irmão inteiro de sua mãe Anna Flora. Já pelo lado de Rosa Maria, sua sogra, esta era trineta de Bento da Costa Preto e sua terceira esposa, Izabel Pedrosa, enquanto que Ana Antonia era tetraneta (pelo lado materno) desse mesmo Bento da Costa Preto e sua segunda esposa Ana Maria Torres.

Capítulo 9º

José

9. José (*1835). Sem mais informações.

Capítulo 10

Francisca

10. Francisca (*1836). Sem mais informações.

Capítulo 11

Ignácio de Loyola Fortes Bustamante

11. Ignácio de Loyola Fortes Bustamante (*1836 +28/02/1911). Também encontrado como *Ignácio José Bustamante*, *Ignácio Fortes Bustamante* ou ainda *Ig Loyola Fortes Bustamante*. Natural de Passa Quatro, MG, veio a falecer em Pouso Alto, MG. Casou-se com Marianna Ribeiro de Jesus (*1840), a qual nasceu e faleceu em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG. Marianna era irmã de Francisca Ribeiro de Bustamante, que por sua vez foi a segunda esposa de seu cunhado, Antonio José Fortes Bustamante (4 acima). Ignácio e Mariana tiveram ao todo 10 filhos, a maioria nascida nas dependências da Fazenda Curral Falso, em Itanhandu, MG.

11-1. José Ribeiro Pinto. Conhecido como “Zequinha Pinto”, conta-se que filho adotivo do casal. Casou-se com sua sobrinha Emerenciana Cândida Bustamante Pinto (*07/06/1876 +30/04/1956), nascida e falecida em Itanhandu, MG, filha de *Ignácio Fortes Bustamante* (4-1 supra) e *Maria Onolasca Bustamante* (11-3 a seguir).

11-1-1. Maria Rita Bustamante Pinto. Casou-se com seu parente Belmiro Ribeiro Bustamante, filho de *Pedro Ribeiro Bustamante* (6-10) e de *Maria de Cássia Fortes Bustamante* (11-4), com geração em 11-4-1 a seguir.

11-2. Maria Anália Bustamante Nogueira. Nascida em Itanhandu, MG, falecida em Pouso Alto, MG. Casou aproximadamente em 1892 com seu parente Ignácio Philadelpho Nogueira de Carvalho – também nascido em Itanhandu, MG, por volta de 1866, e falecido em Pouso Alto, MG – filho de *Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho* (Subtítulo IV a seguir), meio-irmão de seu pai Ignácio, e de *Francisca de Paula Cândido Nogueira*. Tiveram pelo menos 6 filhos.

11-2-1. Enoch Nogueira de Carvalho (+18/01/1957). Nasceu em Pouso Alto, MG, e faleceu em Itanhandu, MG. Foi casado duas vezes: com Eulina Pereira Nogueira e com Áurea Diva Nogueira.

11-2-2. Fausto Nogueira de Carvalho. Nasceu e faleceu em Pouso Alto, MG, tendo sido casado com Isabel de Carvalho.

11-2-3. Ignácio Bustamante Nogueira. Foi casado com Anna de Carvalho. Nasceu em Pouso Alto, MG, tendo se mudado para o Mato Grosso, onde veio a falecer, na cidade de Campo Grande.

11-2-4. Philadelfo Bustamante Nogueira. Nasceu em Pouso Alto, MG e foi casado duas vezes: a primeira com Benedita Guimarães Pereira – com quem provavelmente teve pelo menos um casal de filhos – e, após, com Maria Martins. Trabalhou na Usina Pedrão e faleceu em Itajubá, MG.

Filhos de Philadelfo e Benedita:

11-2-4-1. Maria Aparecida Nogueira. A "Cidoca". Foi casada.

11-2-4-2. Tarcísio. Foi casado.

11-2-5. Marianinha Ribeiro. Nasceu em Pouso Alto, MG, e residia em Maria da Fé, MG, onde veio a falecer. Foi casada com João Ribeiro, com quem teve:

11-2-5-1. Zé Bicudo.

11-2-5-2. Zuza.

11-2-5-3. Alixe.

11-2-5-4. Célio.

11-2-5-5. Geralda.

11-2-5-6. Jucemar. Foi casada com Benedito Pereira.

11-2-5-7. Lázara. Foi casada com Lico Pereira, sobrinho do Benedito Pereira supra citado.

11-2-6. Maria Nália Ferreira Novo. Tendo nascido em Pouso Alto, MG, casou-se com Manoel Ferreira Novo e veio a falecer em Passa Quatro, MG.

11-3. Maria Onolasca Bustamante (*31/01/1858 +31/05/1927). Também grafado em alguns casos como simplesmente *Maria Nolasca* ou apenas *Nolasca*. Nasceu em Itanhandu, MG. Em 12/06/1875 casou-se com seu primo Ignácio Fortes Bustamante (*05/03/1856 +01/07/1930), nascido em Itanhandu, MG, filho de *Antonio José Fortes Bustamante* (4 supra) e de *Emerenciana Ribeiro Bustamante*. Ambos faleceram em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG.

11-3-1. Emerenciana Cândida Bustamante Pinto (*07/06/1876 +30/04/1956). Nasceu e faleceu em Itanhandu, MG. Casou-se com seu tio José Ribeiro Pinto (11-1), filho adotivo de *Ignácio de Loyola Fortes Bustamante* (11 supra) e sm *Mariana Ribeiro de Jesus*. Com geração em 11.1.1.

11-3-2. Antônio Fortes Bustamante (*02/06/1878 +29/01/1967). Conhecido como “Antoninho”. Nasceu e faleceu em Itanhandu, MG. Casou-se em Passa Quatro, MG, com Francisca Ribeiro Leite.

11-3-2-1. José Fortes Bustamante (*14/11/1898 +05/05/1970). Nasceu em Itanhandu, MG, e faleceu em Pedralva, MG. Foi casado duas vezes. Com sua primeira esposa Ignácia Costa Bustamante, natural de Pedralva, MG, teve 9 filhos. Após enviuvar casou-se com sua segunda esposa, Ana Carneiro Bustamante (*15/09/1912 +10/08/1990), cujo apelido era “Nãna” e era prima da falecida, com quem teve mais 4 filhos. Ana faleceu em Pedralva, MG.

Filhos de José Fortes e Ignácia:

11-3-2-1-1. Guiomar Bustamante. Natural de Pedralva, MG. Religiosa da Congregação das Irmãs da Providência de Gapp.

11-3-2-1-2. I Costa Bustamante. Natural de Pedralva, MG (provavelmente “Ignácio”).

11-3-2-1-3. Paulo Carneiro Bustamante. Natural de Pedralva, MG. Casou-se com Lourdes Rosa Bustamante, também natural de Pedralva, MG, irmã de Terezinha (casada com Aécio Zózimo Bustamante), de Chiquitinha (casada com Antonio José Macedo), Regina (casada com Marino Macedo) e José (casado com Maria Nísia Bustamante da Rosa). Tiveram 5 filhos.

11-3-2-1-3-1. João Marcos Rosa Bustamante. Casou-se com Ana Cristina Abreu Osório. Ambos naturais de Pedralva, MG.

11-3-2-1-3-2. Luiz Paulo Rosa Bustamante. Natural de Pedralva, MG, foi casado com sua parente Ana Maria Macedo Hausner, filha de *Francisco José de Macedo* e *Elisabeth Hausner Macedo* (4-2-8-4-4-1 supra). Tiveram ao menos um casal de filhos.

11-3-2-1-3-2-1. Gabriel.

11-3-2-1-3-2-2. Suzana.

11-3-2-1-3-3. José Guilherme Rosa Bustamante. De alcunha "Leco", nasceu em Pedralva, MG, mesmo local em que veio a se casar em 18/05/1991 com Andreyra Monti Osório, natural da mesma cidade. Tiveram:

11-3-2-1-3-3-1. Paulo Fortes Osório Bustamante (*07/11/1991).

11-3-2-1-3-3-2. Pedro Fortes Osório Bustamante (*26/04/1994).

11-3-2-1-3-3-3. Thaís Osório Bustamante (16/01/1997).

11-3-2-1-3-4. Maria Luiza Rosa Bustamante. Natural de Pedralva, MG.

11-3-2-1-3-5. Rute Maria Rosa Bustamante. Nasceu em Pedralva, MG, e em 17/07/1992 casou-se com Marcelo Martins Miguel, com quem teve:

11-3-2-1-3-5-1. Daniel Fortes Bustamante Martins Miguel (*02/01/1995).

11-3-2-1-3-5-2. João Fortes Bustamante Martins Miguel (*09/05/1997).

11-3-2-1-4. Maria de Lourdes Costa Bustamante (*01/12/1921). Nascida em Pedralva, MG. Conhecida como "Filhinha".

11-3-2-1-5. Maria Tereza Bustamante Rezende (*12/02/1922). Nascida em Pedralva, MG, casou-se em 07/12/1948 com Geraldo Carneiro de Rezende (*10/01/1928), seu tio pelo lado materno, eis que irmão das duas esposas de seu pai José Fortes. Tiveram 8 filhos.

11-3-2-1-5-1. Inácia Maria Rezende Bustamante (*02/11/1949). Nasceu em Pedralva, MG.

11-3-2-1-5-2. José Marcos Rezende Bustamante (*02/09/1951). Natural de Pedralva, MG, em 05/05/1987 casou-se com Rosaura Costa Papi Rezende (*04/12/1957), também nascida em Pedralva, MG.

11-3-2-1-5-2-1. Caroline Costa Papi Rezende (*01/05/1985).

11-3-2-1-5-2-2. Vinícius Costa Papi Rezende (*13/12/1987).

11-3-2-1-5-2-3. Jonas Costa Papi Rezende (20/06/1991).

11-3-2-1-5-3. Mariana Rezende de Jesus (*17/03/1953). Nascida em Pedralva, MG, casou-se em 30/12/1978 com Edson de Oliveira Jesus (*29/10/1952).

11-3-2-1-5-3-1. Plínio Rezende de Jesus (*11/12/1979).

11-3-2-1-5-3-2. Cíntia Rezende de Jesus (*29/12/1982).

11-3-2-1-5-3-3. Flávio Rezende de Jesus (*24/03/1984).

11-3-2-1-5-4. José Geraldo Rezende Bustamante (*03/03/1955). Tinha o apelido de “Lalado”. Foi casado com Lázara Lúcia Goulart Magalhães (*17/12/1963). Ambos eram naturais de Pedralva, MG, assim como seus 3 filhos.

11-3-2-1-5-4-1. Geraldo Carneiro de Rezende Neto (*29/04/1988).

11-3-2-1-5-4-2. Gaspar Magalhães Rezende (*07/06/1989).

11-3-2-1-5-4-3. Jussara Magalhães Rezende (*14/08/1994).

11-3-2-1-5-5. João Roberto Rezende Bustamante (*18/06/1956). Natural de Pedralva, MG. Em 30/12/1989 casou-se com Maria Helena Mendes Bustamante (*25/10/1963).

11-3-2-1-5-5-1. Samuel Mendes Bustamante (*10/02/1991). Nasceu em Itajubá, MG.

11-3-2-1-5-5-2. Mateus Mendes Bustamante (*10/05/1993). Nasceu em Itajubá, MG.

11-3-2-1-5-6. Rute Maria Rezende Bustamante (*10/06/1959). Tendo nascido em Pedralva, MG, em 30/12/1989 casouse com Jair Cunha Filho (*21/07/1960), natural de Itajubá, MG.

11-3-2-1-5-6-1. Eulália Rezende Cunha (*17/01/1992). Nascida em Itajubá, MG.

11-3-2-1-5-6-2. Guiomar Rezende Cunha (*19/12/1994). Nascida em Itajubá, MG.

11-3-2-1-5-7. Luiz Gonzaga Rezende Bustamante (*04/08/1961). Natural de Pedralva, MG. Em 11/01/1997 casou-se com Alessandra de Sousa Lopes (*04/04/1970), com quem teve pelo menos um filho.

11-3-2-1-5-7-1. Thiago Bustamante (+1999).

11-3-2-1-5-8. Rogério Bustamante Rezende (*01/02/1965). Nascido em Pedralva, MG, em 30/12/1994 casou-se com sua parente Maria Tereza Bustamante da Rosa Rezende (*14/08/1968), também nascida em Pedralva, MG, conhecida como "Teísa" e filha de *Maria Nísia Bustamante da Rosa e José Francisco da Rosa* (4-2-7-6-2 supra).

11-3-2-1-5-8-1. Marina Rosa Rezende (*06/05/1996). Natural de Pedralva, MG.

11-3-2-1-5-8-2. Maria Beatriz Rosa Rezende (*15/10/1997).

11-3-2-1-6. José Fortes Costa Bustamante (*28/02/1925). Nascido em Pedralva, MG, foi casado com Marilene Bacha Bustamante, também nascida na mesma cidade. Tiveram 7 filhos.

11-3-2-1-6-1. Vanessa Inácia Bacha Bustamante Junco (*09/12/1954). Natural de Pedralva, MG, onde em 07/10/1978 casou-se com Antonio José Junco (*04/01/1953), natural de São Paulo, SP, com quem teve 4 filhos.

11-3-2-1-6-1. Melissa Bustamante Junco (*22/04/1979). Natural de Alfenas, MG, em 25/07/1998, na cidade de

Pedralva, MG, casou-se com Ciro Leite Mendonça (*24/10/1971), nascido em Pedralva, MG.

11-3-2-1-6-1-1. Enzo Bustamante Junco Mendonça (*20/01/1999). Nasceu em Itajubá, MG.

11-3-2-1-6-2. Bruno Bustamante Junco (*17/01/1980). Nasceu em Pedralva, MG.

11-3-2-1-6-3. Caio Bustamante Junco (*11/02/1983). Gêmeo de Ciro, nasceu em Pedralva, MG.

11-3-2-1-6-4. Ciro Bustamante Junco ((11/02/1983). Gêmeo de Caio, nasceu em Pedralva, MG.

11-3-2-1-6-2. José Fortes Bustamante Neto (+11/06/1983). Natural de Pedralva, MG.

11-3-2-1-6-3. Jorge Bacha Bustamante (*02/02/1955). Natural de Pedralva, MG. Em 04/10/1986 casou-se com Maria Aparecida Ribeiro, conhecida como “Cicilda”, também natural de Pedralva, MG.

11-3-2-1-6-3-1. Sarah Ribeiro Bustamante (*13/03/1989).

11-3-2-1-6-3-2. Lucas Ribeiro Bustamante (*05/02/1993).

11-3-2-1-6-4. Anna Maria Bacha Bustamante (*06/10/1957). Nascida em Pedralva, MG, casou-se com João Camargo.

11-3-2-1-6-4-1. Alexandre Bustamante Camargo.

11-3-2-1-6-5. Silvana Bustamante Monti. Casou-se com Antonio José Oliveira Monti, mais conhecido como “Tom”, ambos naturais de Pedralva, MG.

11-3-2-1-6-5-1. Hugo Bustamante Monti. Nasceu em Pedralva, MG.

11-3-2-1-6-6. Glauco Bacha Bustamante. Nasceu em Pedralva, MG. Casou-se com Maria Jandira Moreira Goulart.

11-3-2-1-6-6-1. Mário Goulart Bustamante (*11/08/1984).

11-3-2-1-6-6-2. Gabriel Goulart Bustamante (*19/06/1991).

11-3-2-1-6-7. Alexandre Bacha Bustamante (*25/04/1965 +12/02/1995). Nasceu em Pedralva, MG, e faleceu jovem, com apenas 29 anos. Foi casado com Francisca Helenice dos Santos, com quem teve 2 filhos, ambos também naturais de Pedralva, MG.

11-3-2-1-6-7-1. Thaís Santos Bustamante (*29/11/1991).

11-3-2-1-6-7-2. Alexandre Bacha Bustamante (*22/05/1995).

11-3-2-1-7. Rute Costa Bustamante (*05/01/1930 +18/07/1954). Nascida em Pedralva, MG, faleceu jovem, com apenas 24 anos.

11-3-2-1-8. Antonio Fortes Bustamante (*15/07/1934). Também nascido em Pedralva, MG, casou-se duas vezes. Sua primeira esposa foi Maria Cibele Carneiro Bustamante (*09/01/1942 +20/01/1984), natural de Pedralva, MG, com quem teve 5 filhos. Sua segunda esposa foi Maísa Piazza Bustamante (*16/12/1963), também natural de Pedralva, MG, com quem não teve filhos.

Filhos de Antonio Fortes e Maria Cibele:

11-3-2-1-8-1. Cláudia Carneiro Bustamante (*07/02/1965). Nascida em Pedralva, MG, foi casada duas vezes. Da primeira vez com Paulo Santana, com quem teve uma filha. Da segunda vez com José Gláucio Santana (*04/11/1941), com quem não teve filhos.

11-3-2-1-8-1-1. Amanda Bustamante Santana (*25/10/1994).

11-3-2-1-8-2. Antonio Fortes Bustamante (*11/02/1968). Nascido em Pedralva, MG.

11-3-2-1-8-3. Cristina Maria Carneiro Bustamante (*02/08/1970). Casou-se com Jorge Luiz Figueira.

11-3-2-1-8-4. Ana Izabel Carneiro Bustamante (*04/08/1972).
Nascida em Pedralva, MG, foi casada e teve uma filha.

11-3-2-1-8-4-1. Cibele Bustamante Matheus Rodrigues
(*08/12/1995). Natural de Pedralva, MG.

11-3-2-1-8-5. José Otávio Carneiro Bustamante (*01/03/1983).
Nascido em Pedralva, MG.

11-3-2-1-9. Elpídio Carneiro Bustamante. Natural de Pedralva, MG,
em 08/12/1962 casou-se com Vera Lúcia Monti Bustamante
(*10/12/1943), também natural de Pedralva, MG, com quem teve 4
filhos.

11-3-2-1-9-1. Sebastião José Bustamante (*16/10/1963). Em
22/02/1992 casou-se com Adriana Vivian Fernandes Bustamante
(*25/03/1969). Ambos nasceram em Pedralva, MG.

11-3-2-1-9-1-1. Isadora Fernandes Bustamante. Nasceu em
Pedralva, MG. Falecida.

11-3-2-1-9-2. Marta Inácia Monti Bustamante (*27/02/1966).
Natural de Pedralva, MG.

11-3-2-1-9-3. Patrícia Bustamante Braga (*24/04/1968). Casou-
se, em 03/02/1990, com André Carneiro Braga (*28/04/1959),
natural de Pedralva, MG, que é irmão de Alexandre Carneiro
Braga casado com sua parente Mônica Bustamante Monti Braga,
citados em 4-2-9-6-4 acima.

11-3-2-1-9-3-1. Isabella Bustamante Braga (*02/06/1992).

11-3-2-1-9-4. Ivan José Bustamante (*21/11/1974). Natural de
Pedralva, MG. Em 07/01/1995 casou-se com Karina Amanda
Ferreira Bustamante (07/08/1978), também natural de Pedralva,
MG.

11-3-2-1-9-4-1. Elpídio Carneiro Bustamante Neto
(*27/06/1995). Assim como seu avô, de quem carrega o
nome, também nasceu em Pedralva, MG.

Filhos de José Fortes e Ana Carneiro:

11-3-2-1-10. Maria do Carmo Bustamante Luna Dias (*23/12/1947).
Nascida em Pedralva, MG, casou-se em 28/09/1974 com Antonio
Paulino Luna Dias (*17/01/1946).

11-3-2-1-10-1. Leonardo Bustamante Luna Dias (*09/07/1976).
Gêmeo de Lenora, a seguir.

11-3-2-1-10-2. Lenora Bustamante Luna Dias (*09/07/1976).
Gêmea de Leonardo, acima citado.

11-3-2-1-10-3. Cyro Bustamante Luna Dias (*15/03/1982).

11-3-2-1-11. Maria das Graças Bustamante Carneiro (*21/07/1950).
Natural de Pedralva, MG.

11-3-2-1-12. Maria Bustamante Carneiro (*07/12/1951). Natural de
Pedralva, MG. Casou-se com Abelardo Monti Souza.

11-3-2-1-12-1. Alexandre Bustamante Monti Souza
(*28/01/1978).

11-3-2-1-12-2. Thaís Bustamante Monti Souza (*15/02/1979).

11-3-2-1-12-3. Lídia Bustamante Monti Souza (*12/09/1980).

11-3-2-1-12-4. Juliana Bustamante Monti Souza (*07/10/1982).

11-3-2-1-13. Maria da Glória Bustamante Carneiro (*13/08/1957).
Em 19/09/1981 casou-se com Cornélio José Van Wijk
(*28/12/1957). Ambos são nascidos em Pedralva, MG.

11-3-2-1-13-1. Débora Bustamante Van Wijk (*05/04/1983).

11-3-2-1-13-2. Lívia Bustamante Van Wijk (*07/02/1986).

11-3-2-1-13-3. Lucas Bustamante Van Wijk (*10/09/1990).

11-3-3. Edemundo Fortes Bustamante (*28/02/1881 +1881).

11-3-4. Maria Isolina Bustamante Motta (*05/03/1882 +03/03/1955).
Nasceu e faleceu em Itanhandu, MG. Casou-se com Antônio Motta Filho.

11-3-5. Maria Ribeira Bustamante Siqueira (*30/11/1883 +20/01/1930). Nasceu em Itanhandu, MG, mesmo local em que faleceu, com apenas 46 anos. Foi casada com José Hygino Siqueira, conhecido como “Ézio”.

11-3-6. Maria Francisca Bustamante Moreira (*29/01/1886 +20/10/1968). Nascida e falecida em Itanhandu, MG. Casou-se com José Gonçalves Moreira.

11-3-7. Edemundo Fortes Bustamante (*29/01/1888 +15/07/1892). Segundo com o mesmo nome. Nasceu e faleceu criança em Itanhandu, MG, segundo consta, vítima de queimaduras.

11-3-8. Maria de Cássia Fortes Bustamante (*30/08/1889 +05/11/1889). Nasceu e faleceu com apenas alguns meses de idade em Itanhandu, MG.

11-3-9. Rosalina Fortes Bustamante da Costa (*30/12/1891 +12/07/1969). Nasceu e faleceu em Itanhandu, MG. Casou-se com Antônio Fernandes da Costa.

11-3-10. Francisco Fortes Bustamante (*08/09/1892 +16/02/1963). Conhecido como “Padre Chiquinho”. Nasceu em Itanhandu, MG, faleceu em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG.

11-3-11. Oscar Fortes Bustamante (*20/11/1893 +03/08/1978). Nasceu e faleceu em Itanhandu, MG. Casou-se com Jandyra Hespanha (*18/08/1890 +19/01/1996), nascida em Macaé, RJ e que faleceu aos 105 anos em Itanhandu, MG.

11-3-12. Maria Guiomar Fortes Bustamante (*01/09/1896 +31/07/1977). Nasceu e faleceu em Itanhandu, MG. Foi casada com seu primo Ludgero Bustamante (11-6-3, onde consta sua geração), filho de *Agnello Esperidião de Bustamante* (11-6) e *Tereza Gomes Ribeiro*.

11-3-13. José Fortes Bustamante (*29/05/1900 +12/05/1978). De alcunha “Zezé”. Nasceu e faleceu em Itanhandu, MG. Foi casado com Zoraide Gonçalves.

11-4. Maria de Cássia Fortes Bustamante (*1860 +12/10/1936). Casou-se com seu primo Pedro Ribeiro Bustamante, filho de Manoel José Ribeiro de Bustamante e sm Mariana Leite Ribeiro (6-10 supra). Seu nome também

aparece nos registros como *Maria Dicássia*, apenas *Dicássia* ou *Dicácia*. Maria nasceu em Itanhandu, MG, e faleceu em Aparecida, SP.

11-4-1. Belmiro Ribeiro Bustamante (*09/10/1892 +15/01/1936). Nasceu em Passa Quatro, MG. Casou-se duas vezes, em ambas com suas parentes e com geração dos dois casamentos: Maria Rita Bustamante Pinto foi sua primeira esposa, filha de *José Ribeiro Pinto* e *Emerenciana Cândida Bustamante Pinto* (11-1 acima); e Amélia Jardim foi sua segunda esposa, filha de *Gastão Jardim* e *Eduwiges Bustamante Jardim* (4-2-8 acima). Belmiro faleceu em Itanhandu, MG.

Filhos de Belmiro e Maria Rita:

11-4-1-1. José.

11-4-1-2. Maria Rita.

11-4-1-3. Maria de Cássia.

Filhos de Belmiro e Amélia:

11-4-1-4. Léa. Foi criada pela madrinha, indo residir em São Paulo, onde faleceu.

11-4-1-5. Clécio.

11-4-1-6. Aécio Zózimo Bustamante. Residiu em Pedralva, MG, mais tarde transferindo-se para Itajubá, MG. Foi casado com Terezinha Rosa Bustamante, com quem teve três filhos.

11-4-1-6-1. Thaís Rosa Bustamante. Foi casada com Sérgio e teve 3 filhos(as).

11-4-1-6-2. Ernani Rosa Bustamante. Foi casado com Luciana Barros.

11-4-1-6-3. Nelma Rosa Bustamante. De seu casamento com José Augusto Maglioni, natural de Pedralva, MG, também conhecido como "Duda", teve 4 filhos: 2 homens e um casal de gêmeos.

11-4-1-6-3-1. Flávio.

11-4-1-6-3-2. Edgar, casado.

11-4-1-6-3-3. Theisa, gêmea de Caio.

11-4-1-6-3-4. Caio, gêmeo de Theisa.

11-4-2. Ignácio Ribeiro Bustamante. Nasceu e faleceu em Aparecida, SP. Foi casado com Julieta Bustamante.

11-4-3. Amélia Bustamante Arantes. Também nascida e falecida em Aparecida, SP, foi casada com Benjamin Arantes.

11-4-4. Herminda de Bustamante Reis. Nasceu em Juiz de Fora, MG, e faleceu em Aparecida, SP, tendo sido casada com Benedito Reis.

11-4-5. Pedro de Alcântara Bustamante. Casou-se com Cecília de Alcântara Bustamante. Pedro nasceu em Aparecida, SP, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ.

11-4-6. Amâncio Ribeiro Bustamante. Nasceu e faleceu solteiro em Aparecida, SP.

11-5. Albertino Fortes de Bustamante (*1865 +1917). Nasceu em Itanhandu, MG, faleceu em Itajubá, MG. Aproximadamente em 1882 casou-se com Francisca Esméria do Espírito Santo (+17/09/1934), que nasceu e faleceu em Itajubá, MG, e era filha de *Antonio Pinto de Mendonça* e sm *Floriana Maria de Jesus*. Ambos eram lavradores.

11-5-1. Antonio Pinto de Mendonça Neto (*07/10/1884 +19/07/1963). Natural de Itanhandu, MG, casou-se em 31/07/1906 com Jovita Ribeiro de Magalhães Dias (*1888 +02/08/1971), natural de Pouso Alto, MG, filha de *Domiciano Ribeiro de Magalhães* e de *Maria do Carmo de Souza Dias*. Ambos faleceram em Itajubá, MG.

11-5-1-1. José Ribeiro Pinto (*09/08/1907). Nasceu em Pouso Alto, MG. Consta que teve ao menos dois filhos e dois netos.

11-5-1-2. Benedito Ribeiro Pinto (*30/12/1910). Nasceu em Pouso Alto, MG. Há notícias de que teve ao menos três filhos e quatro netos.

11-5-1-3. Antônio Ribeiro Pinto (*13/01/1910). Nasceu em Pouso Alto, MG. Pai de um filho e avô de dois netos.

11-5-1-4. Maria Ribeiro Pinto. Nasceu em Pouso Alto, MG, teve ao menos um filho e dois netos.

11-5-1-5. Lourdes Ribeiro Pinto (*17/07/1916). Nasceu em Itajubá, MG, também teve ao menos um filho e dois netos.

11-5-1-6. Francisco Ribeiro Pinto (*22/01/1923). Nasceu em Itajubá, MG, e casou-se em 08/11/1952 com Francisca Simões de Souza (*07/09/1927), natural de Santa Rita do Sapucaí, MG, filha de Francisco Simão de Souza e J. M. Francelina de Jesus. Ambos faleceram em São Paulo, SP.

11-5-1-6-1. Anézio Ribeiro Pinto. Natural de São Paulo, SP, foi casado com Elizete e tiveram dois filhos.

11-5-1-6-2. Anilton Ribeiro Pinto. Natural de São Paulo, SP, foi casado com Maria Júlia e também tiveram dois filhos.

11-5-1-6-3. Anide Ribeiro Pinto (*13/09/1954). Nasceu em São Paulo, SP, e em 26/04/1997 casou-se com Vito Rao. Tiveram dois filhos.

11-5-1-6-4. Anete de Souza Ribeiro (*15/01/1958). Nasceu em São Paulo, SP, e em 03/12/1983 casou-se com Luiz Carlos de Carvalho e foram pais de ao menos dois filhos.

11-5-1-6-5. Ademir de Souza Ribeiro. Natural de São Paulo, SP, casou-se com Maria Aparecida. Também dois filhos.

11-5-1-6-6. Haydée de Souza Ribeiro. Nasceu em São Paulo, SP.

11-5-1-6-7. Adenilza de Souza Ribeiro. Nasceu em São Paulo, SP.

11-5-1-6-8. Anísio de Souza Ribeiro (*28/06/1964). Natural de São Paulo, SP, casou-se com Márcia Adolfo da Costa. Tiveram dois filhos.

11-5-1-6-9. Francisco de Souza Ribeiro (*06/10/1966). Nasceu em São Paulo, SP.

11-5-1-6-10. José Anis de Souza Ribeiro (*08/10/1968). Natural de São Paulo, SP, casou-se em 26/07/1997 com Ana Maria Basílio. Dois filhos.

11-5-1-6-11. Nívia de Souza Ribeiro. Nasceu e faleceu em São Paulo, SP.

11-5-1-7. João Ribeiro Pinto. Nasceu em Itajubá, MG. Teve ao menos um filho e dois netos.

11-5-1-8. Francisca Ribeiro Pinto. Nasceu em Itajubá, MG. Também teve ao menos um filho e dois netos.

11-5-1-9. Sebastiana Ribeiro Pinto. Nasceu em Itajubá, MG. Um filho e dois netos.

11-5-1-10. Delfim Ribeiro Pinto. Nasceu em Itajubá, MG. Também um filho e dois netos.

11-5-1-11. Expedita Ribeiro Pinto. Nasceu em Itajubá, MG. Teve ao menos um filho e dois netos.

11-5-1-12. Geraldo Ribeiro Pinto. Nasceu em Itajubá, MG. Há notícias de um filho e um neto.

11-5-1-13. Albertino Ribeiro Pinto. Nasceu em Itajubá, MG. Consta que teve um filho e dois netos.

11-5-2. José Bustamante (*07/09/1886). Natural de Itanhandu, MG.

11-5-3. Maria Amália Bustamante (*14/09/1889 +12/01/1891). Nasceu em Itanhandu, MG, e faleceu ainda bebê, com apenas 1 ano e 4 meses, de causa “desconhecida”, em Santana do Capivari, MG. Nasceu em casa, conforme consta no Cartório de Registro Civil e Notas de Santana do Capivari, no Livro de Registro Civil de Nascimentos nº 02, Registro nº 90. O óbito consta no Livro de Registro de Óbitos, no mesmo cartório, à página 28 sob o nº 103.

11-5-4. Joaquim Bustamante (*03/08/1891 +01/05/1990). Nasceu em Itanhandu, MG, em casa, às dez da noite e foi registrado em Pouso Alto, MG, no Cartório de Registro Civil e Notas de Santana do Capivari, Livro de

Nascimentos 02, Registro nº 281. Casou-se com Ana Ribeiro e veio a falecer em Jales, SP.

11-5-5. João Bustamante (*30/08/1893). Natural de Itanhandu, MG, nasceu em casa em "*findo da noite*" e foi registrado em Pouso Alto, MG, no Cartório de Registro Civil e Notas de Santana do Capivari, Livro de Nascimentos 02, Registro nº 478. Casou-se com Bertina.

11-5-6. Floriana Bustamante Guedes (*12/05/1895). Natural de Santana do Capivari, MG, também nasceu em casa, às oito da noite, e foi registrada em Pouso Alto, MG, no Cartório de Registro Civil e Notas de Santana do Capivari, Livro de Nascimentos 03, Registro nº 82. Nasceu em casa, pontualmente às oito da noite.

11-5-7. Fileto Fortes Bustamante. Nasceu em Pouso Alto, MG, faleceu em Jacareí, SP. Casou-se com Alzira Nogueira Bustamante, também natural de Pouso Alto, MG, também falecida em Jacareí, SP. Eles eram parentes entre si, pois Alzira era filha de *Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho* (Subtítulo IV a seguir) e de sua segunda mulher, *Maria Victória N. de Magalhães*. E Philadelpho, por sua vez, era meio-irmão de *Ignácio de Loyola Fortes Bustamante*, avô de Fileto.

11-5-7-1. José Nogueira Bustamante (*10/07/1904). Natural de Pouso Alto, MG, falecido em Jacareí, SP. Consta que teve ao menos um filho e dois netos.

11-5-7-2. Geraldo Nogueira Bustamante (*12/12/1910 +19/12/1931). Natural de Pouso Alto, MG, falecido em Jacareí, SP. Há notícias de que se casou em 19/12/1931 em Jacareí, SP (Cartório: Livro 13, Fl. 91v, Reg. 265) e teve ao menos dois filhos e três netos.

11-5-7-3. Paulo Nogueira Bustamante (*01/02/1913 +08/06/1977). Natural de Pouso Alto, MG, falecido em São José dos Campos, SP. Consta que teve ao menos dois filhos e dois netos.

11-5-7-4. Anna Nogueira Bustamante (*15/09/1915 +06/06/1977). Natural de Pouso Alto, MG, falecida em Jacareí, SP. Há notícias de que se casou em 27/07/1933 em Santa Branca, SP. Consta que também teve ao menos dois filhos e dois netos.

11-5-7-5. Antonio Nogueira Bustamante (*10/10/1918). Natural de Pouso Alto, MG, casou-se com Leonor Monteiro Bustamante em 08/09/1945 na cidade de São José dos Campos, SP, onde ela nasceu (Cartório: Livro 7A, Fl. 91v, Reg. 1892). Teve ao menos um filho e dois netos.

11-5-7-6. Francisco Nogueira Bustamante (*28/02/1921). Natural de Pouso Alto, MG. Há notícias de que teve dois filhos e três netos.

11-5-7-7. Benedicto Nogueira Bustamante (*08/05/1923). Natural de Pouso Alto, MG. Pai de ao menos um filho e com um neto.

11-5-8. Francisco Fortes Bustamante. Natural de Pouso Alto, MG, casou-se com Maria Lúcia.

11-5-9. Agnello Fortes Bustamante. Natural de Pouso Alto, MG, casou-se com Maria.

11-5-10 Mariana Ribeiro Bustamante. Nasceu em Pouso Alto, MG.

11-5-11. Maria Marta Fortes Bustamante. Natural de Pouso Alto, MG, casou-se com José.

11-5-12. Maria José Bustamante dos Santos (*29/04/1909 +30/07/1994). Nasceu em Pouso Alto, MG, e em 11/02/1925 casou-se com Benjamin Rodrigues Santos, natural de Portugal.

11-5-13. Maria Amália Bustamante de Paula. Natural de Pouso Alto, MG, casou-se com Benjamin.

11-5-14. Albertino Fortes Bustamante. Nasceu em Pouso Alto, MG.

11-6. Agnello Esperidião de Bustamante (*14/12/1870 +11/09/1931). Também encontrado como *Agnello Fortes Bustamante*. Nasceu em Itanhandu, MG, faleceu em Itajubá, MG, tendo sido casado com Tereza Gomes Ribeiro (ou *Tereza Gonçalves* ou ainda *Tereza Maria de Jesus*), filha de *Joaquim Ribeiro dos Anjos* e de *Francisca Gomes Ribeiro*, neta materna de *Francisco Gomes* (*1759) e de *Ana Ribeiro Tavares* (sendo estes dois últimos os Patriarcas da também numerosa Família Gomes Ribeiro de Minas Gerais). Tereza nasceu e faleceu em Itajubá, MG, tendo sido também a irmã de

Francisca Gomes Ribeiro, a qual por sua vez se casou com Zózimo Fortes Bustamante (4-2 supra), primo de seu marido.

11-6-1. Maria Bustamante (*15/08/1891). Natural de Itanhandu, MG (Cartório: Livro 02, Reg. 277). Nasceu em casa, às dez horas da manhã.

11-6-2. José Gomes Bustamante. Nasceu em Pedralva, MG. Foi casado com Cândida Gonçalves Bustamante (*01/06/1900), também conhecida como "Candolinha". Tiveram pelo menos 3 filhos.

11-6-2-1. Antonio Benedito Bustamante. Também encontrado como *Antonio Gonçalves Bustamante* e pela alcunha de "Didi".

11-6-2-2. Maria Tereza Bustamante. Ou *Tereza Gonçalves Bustamante*. Conhecida como "Terezinha".

11-6-2-3. José Gonçalves Bustamante (+15/09/1991). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ. Foi casado com Maria Lygia Przewodowska. Tiveram pelo menos um filho.

11-6-2-3-1. Oscar Przewodowska Bustamante (*1958 +16/03/1984).

11-6-3. Ludgero Bustamante (*17/10/1894 +22/11/1959). Nasceu em Pedralva, MG. Casou-se em 15/08/1914 com sua prima Maria Guiomar Fortes Bustamante (*01/09/1896 +31/07/1977), natural de Itanhandu, MG (11-3-12 supra), filha de *Ignácio Fortes Bustamante* (4-1) e *Maria Onolasca Bustamante* (11-3). Ambos faleceram em Itanhandu, MG.

11-6-3-1. Maria Elizabeth Bustamante (*29/03/1917 +1917). Nasceu e faleceu em Maria da Fé, MG, ainda criança.

11-6-3-2. Maria Aparecida Bustamante (*22/09/1920 +1920). Também nasceu e faleceu em Maria da Fé, MG, ainda criança.

11-6-4. Isaura Bustamante (+05/08/1949). Nasceu em Pedralva, MG, faleceu em Itajubá, MG. Não se casou, pois era religiosa da Congregação Irmãs da Providência de Gapp, com o nome de Irmã São Luiz.

11-6-5. Agnelo Bustamante (*02/11/1909 +14/03/1977). Nasceu em Pedralva, MG, faleceu em Itajubá, MG.

11-7. Maria Vergista Bustamante Ribeiro (*1873 +12/07/1903). Nasceu em Itanhandu, MG, e faleceu jovem, com apenas 30 anos, de “thysica” (tuberculose pulmonar) em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG. Seu marido foi Antônio Bernardino Ribeiro (*1866 +15/03/1945), que nasceu e faleceu em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG, conhecido como “Tônico”, e apesar do mesmo sobrenome não era ligado aos Ribeiros que casaram como os irmãos de Maria. Seus pais eram *Bernardino José Ribeiro e Maria do Rosário Penna e Silva*. Após o falecimento de sua primeira esposa casou-se novamente, em 23/04/1904, em Passa Quatro, MG, com Guilhermina Maria Guedes. Maria Vergista e Antônio tiveram pelo menos 5 filhos:

11-7-1. José Ribeiro Bustamante (*16/02/1892 +29/06/1973). Casou-se em 06/05/1913 com sua parente Francisca de Sousa Ribeiro Bustamante (*15/09/1894 +02/02/1963), apelidada de “Chiquinha”, filha de *José Pinto de Sousa Guimarães* e de *Maria Amália Nogueira Sousa Pinto*, neta pelo lado materno de *Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho* (Subtítulo IV a seguir, meio-irmão de seu avô Ignácio) e de sua primeira esposa *Francisca de Paula Cândido Nogueira*. Conforme registrado no Cartório de Registro Civil de Santana do Capivari, Livro nº 02, Registro nº 325, José nasceu em casa às duas da madrugada. Tanto José quanto Francisca nasceram em Pouso Alto, MG, e faleceram em Caxambu, MG.

11-7-1-1. Maria Isaura de Sousa Ribeiro Osório (*30/03/1914 +18/07/1978). Nasceu em Três Corações, MG, e faleceu em Caxambu, MG.. Casou-se com José Osório, que faleceu em São Lourenço, MG. Há notícias de que tenham tido pelo menos quatro filhos e quatro netos.

11-7-1-2. Argentina de Sousa Ribeiro Carneiro (*21/01/1916). Nasceu em Pouso Alto, MG, e casou-se com Darcy Carneiro.

11-7-1-2-1. Pércio Ribeiro Carneiro. Nasceu em São Paulo, SP.

11-7-1-2-2. Cláudio Ribeiro Carneiro. Nasceu em São Paulo, SP, e há notícias de que tenha tido ao menos um filho.

11-7-1-2-3. Priscila Ribeiro Carneiro. Não casou, morreu jovem.

11-7-1-2-4. Teresinha Ribeiro Carneiro. Nasceu em Presidente Prudente, SP.

11-7-1-3. Yvonne de Sousa Ribeiro (*20/05/1918). Solteira. Nasceu em Pedralva, MG, e fixou residência em Caxambu, MG.

11-7-1-4. Ignez de Sousa Ribeiro (*01/05/1920 +28/02/1995). Também solteira. Nasceu em Pedralva, MG, faleceu em Caxambu, MG.

11-7-1-5. Irene de Sousa Ribeiro (*27/11/1921 +02/09/2000). Mais uma solteira. Nasceu em Maria da Fé, MG, faleceu em Caxambu, MG.

11-7-1-6. Mirtes de Sousa Ribeiro (*07/05/1925). Outra solteira! Também nasceu em Maria da Fé, MG, e faleceu em Caxambu, MG.

11-7-2. Maria Vergista Bustamante Pereira (*08/09/1893 +15/10/1936). Nasceu em Santana do Capivari, MG e casou-se com Antonio Pereira da Silva, natural de Pouso Alto, MG, onde que ambos vieram a falecer. Conforme consta no Cartório de Paz de Santana do Capivari, no Livro de Registro de Nascimentos nº 02, Registro nº 479, Maria Vergista nasceu em casa.

11-7-2-1. Maria Bustamante Pereira. Casou-se com Porfírio Mancilha e residiam em São José dos Campos, SP. Tiveram ao menos três filhos e seis netos.

11-7-2-2. Jardilina Bustamante Pereira. Faleceu em Piquete, SP, e teve ao menos dois filhos e quatro netos.

11-7-2-3. Rita Bustamante Pereira. Casou-se com Antônio Ribeiro Pereira. Ambos faleceram em São Lourenço, MG.

11-7-2-3-1. Maria Goreti Ribeiro. Residia em São Lourenço, MG, e teve ao menos dois filhos.

11-7-2-3-2. Nice Ribeiro Furtado. Falecida em São Lourenço, MG. Casou-se com Antônio Furtado e tiveram dois filhos.

11-7-2-3-3. Milton Bustamante Pereira. Teve ao menos dois filhos.

11-7-2-3-4. Sérgio Bustamante Pereira. Faleceu criança em São Lourenço, MG.

11-7-2-3-5. Jair Bustamante Pereira. Teve ao menos um filho e fixou residência em Curitiba, PR.

11-7-2-4. Marianna Bustamante Pereira. Faleceu em São Lourenço, MG, com pelo menos dois filhos e quatro netos.

11-7-2-5. Maria Helena Bustamante Pereira. Morava em São Lourenço, MG, mesmo lugar onde teve seus doze filhos.

11-7-2-6. Maria Aparecida Bustamante Pereira (*1934). Tinha o apelido de “Doca”. Também residia em São Lourenço, MG, e também foi onde nasceram seus dez filhos.

11-7-2-7. Ilda Bustamante Pereira. Assim como suas irmãs residia em São Lourenço, MG, onde nasceram seus seis filhos.

11-7-2-8. Hercília Bustamante Pereira. Casou-se com José Cantão. Ambos faleceram no município de Ribeirão Vermelho, MG. Tiveram ao menos três filhos.

11-7-2-9. Tereza Bustamante Pereira. Residia em Piquete, SP. Não teve filhos.

11-7-2-10. Antônio Bustamante Pereira. Casou-se com “Miquita”, natural de Itamonte, MG, onde veio a falecer, com pelo menos três filhos e um neto.

11-7-2-11. João Bustamante Pereira. Casou-se com a irmã de Antônio Ribeiro (11-7-2-3 acima). Faleceram em São Lourenço, MG, com ao menos três filhos.

11-7-2-12. Geraldo Bustamante Pereira. Faleceu em São Lourenço, MG, deixando pelo menos três filhos e um neto.

11-7-2-13. José Bustamante Pereira. Casou-se com “Mariinha” e viveram em São Lourenço, MG, onde nasceram seus cinco filhos.

11-7-2-14. Pedro Bustamante Pereira. Fixou residência em Pouso Alto, MG. Consta que teve três filhos e seis netos.

11-7-3. Marianna Ribeiro Bustamante (*18/07/1895 +14/08/1896). Faleceu criança, com pouco mais de um ano. No Cartório de Registro Civil e Notas de Santana do Capivari consta no Livro de Registro de Nascimentos nº 03,

Registro nº 49, que nasceu na própria casa às duas da madrugada. Nascida e sepultada em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG.

11-7-4. João Ribeiro Bustamante (*22/12/1897 +02/03/1953). Foi em 14/02/1920 que casou-se com Maria José Ribeiro Bustamante (*17/04/1906), filha do *Capitão Francisco Pinto Ribeiro* (*16/05/1858 +10/08/1923) e sm *Maria José Pinto Ribeiro* (*08/08/1866 +17/10/1940), sendo que ambos nasceram e faleceram em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG. Segundo consta no Cartório de Santana do Capivari, no Livro de Registro Civil de Nascimento nº 03, Registro nº 91, João nasceu em casa às seis da tarde. E mais: na realidade o "casamento eclesiástico" já havia acontecido anteriormente, mas não foi possível registrá-lo em cartório pois na época Maria José tinha apenas *13 anos e dez meses*. Maria José era irmã de João Espírito Santo citado em 11-7-5 a seguir (ou seja, um casal de irmãos casou-se com outro casal de irmãos).

11-7-4-1. Maria Aparecida Bustamante (*21/01/1924 +16/04/1924). Nasceu e faleceu em Santana do Capivari, MG, com apenas três meses de idade, conforme consta no Livro de Registro de Nascimentos nº 02 do Cartório de Santana do Capivari.

11-7-4-2. João Ribeiro Bustamante Filho (08/08/1925 +22/01/1926). Também faleceu criança, aos cinco meses de idade, em Santana do Capivari, MG, conforme consta no Livro de Registro de Nascimentos nº 02 do Cartório de Santana do Capivari.

11-7-4-3. Isaura Ribeiro Mancilha (*29/05/1927). Nascida em Santana do Capivari, MG, casou-se em 28/07/1944 com Virgílio de Mancilha Filho (*23/02/1922), natural de Pouso Alto, MG. Residiam em Santana do Capivari, MG. Consta que tiveram pelo menos três filhos, sendo dois deles os seguintes:

11-7-4-3-1. Maria da Graça Mancilha (*09/06/1946). Nasceu em Pouso Alto, MG, havendo notícias de que teve pelo menos dois filhos e três netos.

11-7-4-3-2. João Virgílio de Mancilha (*11/07/1952). Nasceu em Pouso Alto, MG, havendo notícias de que teve pelo menos três filhos e um neto.

11-7-4-4. Terezinha de Jesus Ribeiro da Fonseca (*08/04/1928 +30/08/2001). Nasceu em Santana do Capivari, MG, e faleceu em Pouso Alto, MG. Em 28/07/1944 casou-se com Antônio Silvano da Fonseca (*02/12/1917), nascido em Pouso Alto, MG, filho de Antônio Joaquim da Fonseca e de Maria Rita de Mancilha. Antônio faleceu em Santana do Capivari, MG, e consta que tiveram ao menos dois filhos, três netos e três bisnetos.

11-7-4-5. Nair Ribeiro Bustamante (*27/10/1929 +24/01/1930). Faleceu criança, em Santana do Capivari, MG, conforme consta no Cartório local, Livro de Registro de Nascimentos nº 04, página 135.

11-7-4-6. José Bustamante (*28/01/1931). Natural de Santana do Capivari, MG, em 25/11/1951 casou-se com Maria José da Costa Bustamante (*29/08/1929), também nascida em Santana do Capivari, MG, filha de *José Silvestre da Costa e Olívia Passos Costa*. Residiam em Itanhandu, MG.

11-7-4-6-1. Heriberto Costa Bustamante (*23/08/1952). Nascido em Santana do Capivari, MG, em 02/01/1981 casou-se com Marli Bitate Bustamante (*06/05/1952), natural de Cruzeiro, SP. Residiam em Taubaté, SP.

11-7-4-6-1-1. Helessandra Bitati Bustamante (*08/03/1982). Nasceu em Itanhandu, MG, e teve ao menos dois filhos.

11-7-4-6-1-2. Heliete Bitati Bustamante (*26/01/1985). Nasceu em Itanhandu, MG, e teve ao menos um filho.

11-7-4-6-1-3. Helisângela Bitati Bustamante (*16/09/1990). Natural de Itanhandu, MG.

11-7-4-6-2. Helizete Costa Bustamante (*02/12/1953 +02/08/1958). Faleceu criança, com 4 anos e 8 meses, em Santana do Capivari, MG.

11-7-4-6-3. Henezita Costa Bustamante (*18/05/1956). Gêmea de Helenita, a seguir. Natural de Santana do Capivari, MG, casou-se em 13/12/1975 com João Ribeiro Passos (*21/02/1950), natural de

Itanhandu, MG. Fixaram residência em Baependi, MG, e tiveram ao menos três filhos.

11-7-4-6-4. Helenita Costa Bustamante de Araujo (*18/05/1956). Gêmea de Henezita, acima. Natural de Santana do Capivari, MG. Casou-se em 30/08/1986 com Sérgio Tadeu de Araujo (*1962), nascido em Lavras, MG. Residiam em Itanhandu, MG.

11-7-4-6-4-1. Cleyton Bustamante de Araujo (*30/10/1986). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-4-6-4-2. Mayara Bustamante de Araujo (*14/09/1990). Também nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-4-6-5. Hedilberto Costa Bustamante (*27/05/1957). Nascido em Santana do Capivari, MG. Em 26/05/1984 casou-se com Rosana Maria da Silva Bustamante, natural de Lorena, SP, e fixaram residência em Itanhandu, MG. Há notícias de que tiveram dois filhos, sendo um deles o seguinte:

11-7-4-6-5-1. Mário Lúcio da Silva Bustamante (*26/01/1984). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-4-6-6. Hedalberto Costa Bustamante (*26/09/1960). Natural de Santana do Capivari, MG. Casou-se em 27/12/1987 com Gláucia de Fátima Fonseca Bustamante, natural de Lorena, SP. Residiam em Itanhandu, MG.

11-7-4-6-6-1. Bárbara Fonseca Bustamante (*21/10/1991). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-4-6-6-2. Bianca Fonseca Pinto (13/11/1998). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-4-6-7. Henilberto Costa Bustamante (*25/05/1967). Natural de Santana do Capivari, MG, foi em 01/04/1989 que casou-se com Natalina Aparecida Galvão Bustamante, nascida em Pouso Alto, MG. Moravam em Santana do Capivari, MG.

11-7-4-6-7-1. Henilberto Costa Bustamante Júnior (*15/07/1989). Nasceu em Santana do Capivari, MG.

11-7-4-6-7-2. Pauliana Aparecida Galvão Bustamante (*30/01/1994). Nasceu em Santana do Capivari, MG.

11-7-4-6-7-3. Hênio Galvão Bustamante (*10/03/2000). Nasceu em Santana do Capivari, MG.

11-7-4-7. Rita Ribeiro Rabelo (*25/12/1948). Casou-se em 11/06/1965 com Darci Ribeiro Rabelo (*25/12/1939), filho de *João Ribeiro Santiago* e *Ana Benedita Rabelo*. Ambos nasceram e residiam em Santana do Capivari, MG, e consta que tiveram ao menos dois filhos e seis netos.

11-7-5. Marianna Ribeiro Bustamante (*03/06/1900 +28/06/1995). Foi a segunda com este nome. Nasceu em casa, às sete da manhã, conforme consta no Cartório de Registro Civil e Notas de Santana do Capivari, Livro de Registro de Nascimentos nº 03, Registro nº 43, página 182. Casou-se em 01/03/1919 com João Espírito Santo Ribeiro (*25/07/1901 +26/10/1982), filho do *Capitão Francisco Pinto Ribeiro* (*16/05/1858 +10/08/1923) e sm *Maria José Pinto Ribeiro* (*08/08/1866 +17/10/1940). Ambos nasceram e faleceram em Santana do Capivari, Pouso Alto, MG. João era irmão de Maria José citada em 11-7-4 acima (ou seja, um casal de irmãos casou-se com outro casal de irmãos).

11-7-5-1. José Pinto Bustamante (*31/12/1920 +15/10/1997). Nasceu em Santana do Capivari, MG, e faleceu em Jacaréí, SP. Em 27/05/1944 casou-se com Geralda Pinto Bustamante (*24/10/1926 +05/06/1990), filha de *Antonio Pinto Ribeiro* e de *Adelina Alves Pinto*, também nascida em Santana do Capivari, MG, onde veio a falecer.

11-7-5-1-1. Geraldo Pinto Bustamante (*23/07/1945 +26/03/2003). Natural de Santana do Capivari, MG, onde veio a falecer. Casou-se em 22/05/1965 com Isaura Ribeiro da Silva Bustamante (*11/10/1944), natural de Santana do Capivari, MG. Residiam em Itanhandu, MG.

11-7-5-1-1-1. Edna Ribeiro Bustamante (*10/04/1966).

11-7-5-1-1-2. Edson Ribeiro Bustamante (*09/08/1967 +28/10/2001). Nasceu em Santana do Capivari, MG, e faleceu em Cruzeiro, SP. Foi casado com Maria de Fátima Ferreira Leite.

11-7-5-1-1-2-1. Patrícia Leite Bustamante (*05/05/1989).
Nascida em Cruzeiro, SP.

11-7-5-1-1-2-2. Bruna Leite Bustamante (*17/03/1993).
Nascida em Cruzeiro, SP.

11-7-5-1-1-2-3. Sabrina Leite Bustamante (*26/07/1998).
Nascida em Cruzeiro, SP.

11-7-5-1-1-3. Geraldo Ribeiro Bustamante (*08/03/1971).
Natural de Santana do Capivari, MG, foi casado com Maria
Aparecida da F. Corrêa Bustamante, natural de Itamonte, MG.

11-7-5-1-1-3-1. Amanda Corrêa Bustamante (*21/10/1973).
Nascida em Santana do Capivari, MG.

11-7-5-1-1-4. Genivaldo Ribeiro Bustamante (*21/10/1973).
Nasceu em Santana do Capivari, MG.

11-7-5-1-2. João Bosco Pinto Bustamante (*22/10/1946). Natural de
Itanhandu, MG, casou-se em 29/10/1966 com Maria da Graça
Bustamante (*29/10/1947), natural de Barra do Piraí, RJ. Fixaram
residência em Aparecida, SP.

11-7-5-1-2-1. José Luiz Bustamante (*24/04/1968). Nasceu em
Itanhandu, MG, e casou-se com Andreza Guarino Maia
Bustamante, natural de Aparecida, SP. Consta que tiveram ao
menos dois filhos.

11-7-5-1-2-2. Ricardo Bustamante (*12/09/1970). Nascido em
Santana do Capivari, MG, casou-se com Fátima.

11-7-5-1-2-2-1. Grazielle.

11-7-5-1-2-3. Jefferson Bustamante (*25/09/1972 +24/09/1994).
Nasceu e faleceu em Cruzeiro, SP, solteiro, com apenas 22 anos.

11-7-5-1-2-4. Alexssandro Bustamante (*03/06/1973). Natural de
Cruzeiro, SP, teve ao menos um filho.

11-7-5-1-2-4-1. Jeferson.

11-7-5-1-3. Olavo Silvestre Pinto Bustamante (*31/12/1947). Nascido em Itanhandu, MG. Em 30/12/1967 casou-se com Maria Aparecida Rabelo Bustamante (*05/05/1950), natural de Santana do Capivari, MG, e residiam em Itanhandu, MG.

11-7-5-1-3-1. Mônica Merici Bustamante de França (*06/10/1969). Nasceu em Itanhandu, MG. Casou-se com Evandro Sidney de França (*30/05/1967), natural de Itamonte, MG.

11-7-5-1-3-1-1. Ana Heloísa Bustamante Rodrigues (*15/01/1989).

11-7-5-1-3-1-2. Alice Bustamante de França (*09/01/1996).

11-7-5-1-3-2. Marli Bustamante (*24/08/1973). Nasceu em Pouso Alto, MG.

11-7-5-1-3-3. Magda Bustamante (*27/11/1974). Natural de Santana do Capivari, MG, casou-se com Rogério Pamplona da Silva, nascido em Itamonte, MG.

11-7-5-1-3-3-1. Rogério Pamplona Bustamante da Silva (*30/05/1996).

11-7-5-1-3-3-2. Rafaela Pamplona Bustamante da Silva.

11-7-5-1-3-4. Murilo Bustamante (*20/07/1984). Nasceu em Santana do Capivari, MG.

11-7-5-1-4. Mariana Bustamante dos Santos (*12/02/1950). Natural de Santana do Capivari, MG. Casou-se em 22/12/1967 com Paulo Ribeiro dos Santos (*06/11/1947), natural de São Sebastião do Rio Verde, MG, e fixaram residência em Itanhandu, MG.

11-7-5-1-4-1. Claudete Bustamante dos Santos (*26/09/1969). Natural de Santana do Capivari, MG. Casou-se com Luís.

11-7-5-1-4-1-1. Diego.

11-7-5-1-4-1-2. Felipe (04/01/2000).

11-7-5-1-4-2. Enedina Bustamante dos Santos (*13/02/1973). Nascida em Santana do Capivari, MG, casou-se com Odair.

11-7-5-1-4-2-1. Blenda.

11-7-5-1-4-3. Fernanda Bustamante dos Santos. Casou-se com seu parente Marcos Roberto Bustamante Ribeiro (*24/05/2008), filho de *José Milton Ribeiro* e de *Ângela Maria Pinto Bustamante Ribeiro*. Com geração em 11-7-5-1-6-4 a seguir.

11-7-5-1-5. José Ubaldo Pinto Bustamante (*16/05/1951 +17/10/1977). Nasceu em Itanhandu, MG, na Fazenda do Pinhal, e casou-se em 21/05/1977 com Neide Maria Moreira Bustamante, natural de Cruzeiro, SP. Faleceu jovem, com apenas 26 anos, poucos meses após seu casamento e sequer chegou a presenciar o nascimento de seu filho. Foi sepultado em Cruzeiro, SP.

11-7-5-1-5-1. José Luiz Bustamante (*16/07/1978). Casou-se com Andreza.

11-7-5-1-5-1-1. Jeferson Luís.

11-7-5-1-5-1-2. Luís Guilherme.

11-7-5-1-6. Ângela Maria Pinto Bustamante Ribeiro (*04/01/1954). Natural de Itanhandu, MG. Em 23/08/1979 casou-se com José Milton Ribeiro, natural de Passa Quatro (*1954), MG. Moravam em Jacareí, SP.

11-7-5-1-6-1. Silmara Bustamante Ribeiro.

11-7-5-1-6-2. Anderson Bustamante Ribeiro.

11-7-5-1-6-3. Silvana Bustamante Ribeiro.

11-7-5-1-6-4. Marcos Roberto Bustamante Ribeiro (*24/05/2008). Natural de Jacareí, SP, casou-se com sua parente Fernanda Bustamante dos Santos Ribeiro, nascida em Cruzeiro, SP, filha de *Paulo Ribeiro dos Santos* e de *Mariana Bustamante dos Santos* (referenciada em 11-7-5-1-4-3 supra). Tiveram ao menos um filho.

11-7-5-1-6-4-1. Leandro Bustamante dos Santos Ribeiro (*16/09/2002). Nasceu em Jacareí, SP, na Santa Casa da Misericórdia às 03h58min. Quando tinha seis meses de idade tomou a vacina tríplice e foi acometido de efeito colateral da vacina que lhe causou uma doença conhecida como encefalite (reação raríssima e que ocorre na proporção de um caso a cada 1 a 2,5 milhões de vacinados), o que lhe deixou graves sequelas.

11-7-5-1-7. Maria Adelina Pinto Bustamante (*21/06/1955). Natural de Itanhandu, MG, casou-se em 19/11/1977 com Sílvio Bustamante Ribeiro (*21/12/1953), natural de Santana do Capivari, MG, filho de João Bustamante Ribeiro e Maria José Ribeiro (11-7-5-4 a seguir). Residiam em Itanhandu, MG.

11-7-5-1-7-1. Silmara Bustamante Ribeiro. Casou-se com Carlos.

11-7-5-1-7-1-1. Gabriela (*02/03/2002).

11-7-5-1-7-2. Silvana Bustamante Ribeiro (*10/08/1983). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-1-8. Antônio Pinto Bustamante (*23/09/1956). Nasceu em Santana do Capivari, MG. Casou-se com sua parente Maria das Graças Pinto Ribeiro, filha de *Francisco Pinto Ribeiro* e *Idalina Pinto Ribeiro* (11-7-5-2 a seguir), natural de Itanhandu, MG, onde fixaram residência e consta que tiveram ao menos dois filhos.

11-7-5-1-9. Lourenço Pinto Bustamante (*10/08/1958 +09/09/1958). Nasceu e faleceu bebê, em Santana do Capivari, MG, de diarreia.

11-7-5-1-10. Teresinha Pinto Bustamante (*04/10/1959). Nasceu em Santana do Capivari, MG, e faleceu em Itanhandu, MG. Não se casou mas teve, com José, os seguintes filhos:

11-7-5-1-10-1. Júlio César.

11-7-5-1-10-2. Juliana.

11-7-5-1-10-3. Josiane.

11-7-5-1-10-4. Janaína.

11-7-5-1-10-5. Jéssica.

11-7-5-1-11. Francisco Pinto Bustamante (*22/08/1960). Casou-se em 29/05/1982 com Francisca de Fátima Oliveira Bustamante (*03/06/1963). Ambos nasceram e viveram em Itanhandu, MG.

11-7-5-1-11-1. Elton Diego Oliveira Bustamante (*17/10/1983). Natural de Itanhandu, MG.

11-7-5-1-12. Sílvio Pinto Bustamante (*22/12/1961 +17/07/1962). Nasceu em Itanhandu, MG, e faleceu criança, com seis meses, em Santana do Capivari, MG.

11-7-5-1-13. Maria José Pinto Bustamante (*23/03/1963). Em 04/02/1984 casou-se com Manoel Gonçalves Martins (*09/02/1958). Ambos nasceram e viveram em Itanhandu, MG.

11-7-5-1-13-1. Benedito Carlos Bustamante Martins (*23/05/1984. Natural de Itanhandu, MG.

11-7-5-1-13-2. Bruno Bustamante Martins.

11-7-5-1-14. Ruy Cândido Pinto Bustamante (*03/07/1964). Nasceu em Itanhandu, MG, e em 19/01/1991 casou-se com Regina Lúcia dos Santos, natural de Potim, SP. Residiam em Itanhandu, MG.

11-7-5-1-14-1. Rubens Vítor dos Santos Bustamante.

11-7-5-1-14-2. Rosiane dos Santos Bustamante.

11-7-5-2. Francisco Pinto Ribeiro (*03/10/1922 +27/04/2003). Em 29/09/1945 casou-se com sua parenta Idalina Pinto Ribeiro (*26/04/1925 +11/12/1990), filha de *José Pinto Bustamante* e de *Adelina Alves Pinto* (11-7-5-1 acima), irmã de Geralda casada com José, irmão mais velho de Francisco. Ambos nasceram e residiram em Santana do Capivari, MG, bem como faleceram em Itanhandu, MG.

11-7-5-2-1. Antônio Pinto Ribeiro (*19/07/1946 +20/07/1946). Nasceu e faleceu em Santana do Capivari, MG, com apenas 7 horas de vida.

11-7-5-2-2. Maria da Conceição Ribeiro Mendes (*17/07/1947). Nasceu em Santana do Capivari, MG. Casou-se com Élvio Mendes e residiram em Itanhandu, MG.

11-7-5-2-2-1. Eliane Ribeiro Mendes (*03/03/1977). Natural de Cruzeiro, SP, casou-se com Luiz Cláudio.

11-7-5-2-2-1-1. Leonardo.

11-7-5-2-3. Olavo Pinto Ribeiro (*02/11/1948 +09/01/1949). Nasceu e faleceu em Santana do Capivari, MG, aos 2 meses de idade.

11-7-5-2-4. João Lázaro Pinto Ribeiro (*01/01/19502 +02/03/1951). Também nasceu e faleceu em Santana do Capivari, MG, com 1 ano e 2 meses.

11-7-5-2-5. Inácio Loiola Pinto Ribeiro (*31/07/1951 +01/04/1955). Outro que também nasceu e faleceu em Santana do Capivari, MG, com apenas 3 anos e 9 meses, de hepatite.

11-7-5-2-6. Francisco Sales Pinto Ribeiro (*05/02/1954 +19/01/1967). Nasceu e faleceu jovem, em Santana do Capivari, MG, com quase 13 anos, do coração.

11-7-5-2-7. Paulo Roberto Pinto Ribeiro (*19/06/1956). Natural de Santana do Capivari, MG, casou-se em 17/12/1977 com Mariana Adelina Lopes, natural de Itanhandu, MG, onde viveram.

11-7-5-2-7-1. Luciana Lopes Ribeiro.

11-7-5-2-7-2. Lucimara Lopes Ribeiro.

11-7-5-2-7-3. Emerson Lopes Ribeiro.

11-7-5-2-7-4. Mariana Lopes Ribeiro (*02/07/1989). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-2-8. Geraldo Magela Pinto Ribeiro (*04/10/1957 +23/12/1957). Mais um que nasceu e morreu criança, de diarreia, aos 2 meses e 19 dias, em Santana do Capivari, MG.

11-7-5-2-9. José Carlos Pinto Ribeiro (*09/01/1959). Natural de Santana do Capivari, MG, casou-se com Maria José. Residiram em Itanhandu, MG.

11-7-5-2-9-1. Carla (*03/11/1986).

11-7-5-2-9-2. Carlos Eduardo.

11-7-5-2-10. Maria das Graças Pinto Ribeiro (*05/05/1960). Em 28/11/1987 casou-se com seu parente Antônio Pinto Bustamante (*23/10/1956), filho de *José Pinto Bustamante* e de *Geralda Pinto Bustamante* (11-7-5-1-8 acima). Ambos nasceram em Santana do Capivari, MG, e fixaram residência em Itanhandu, MG. Consta que tiveram ao menos um filho.

11-7-5-2-11. Carlos Alberto Pinto Ribeiro (*04/03/1962). Natural de Santana do Capivari, MG, Casou-se em 04/02/1989 com Jeane de Fátima Fonseca Pinto Ribeiro, natural de Itanhandu, MG, neta de *José Bustamante Pinto* e de *Rosa Isaltina da Fonseca Pinto*, e bisneta de *José Ribeiro Pinto* e de *Emerenciana Cândida Bustamante* (11-1 acima). Residiram em Itanhandu, MG.

11-7-5-2-11-1. Francisco José Pinto Ribeiro (*07/07/1989). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-2-11-2. Ana Beatriz Pinto Ribeiro (*18/11/1992). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-2-12. Maria Aparecida Pinto Ribeiro (*04/05/1964). Natural de Itanhandu, MG, consta que teve ao menos um filho.

11-7-5-3. Maria Espírito Santo Ribeiro (*04/04/1924). Em 07/12/1948 casou-se com Dario Ribeiro dos Santos (*16/05/1926 +29/01/1949), que morreu afogado 53 dias depois de casado. Ambos nasceram e faleceram em Santana do Capivari, MG. Não tiveram filhos.

11-7-5-4. João Bustamante Ribeiro (*05/05/1926 +23/10/1998). Casou-se em 02/12/1950 com sua parente Maria José Ribeiro (*23/07/1932), filha de *José Ribeiro* (irmão de João Espírito Santo Ribeiro, 11-7-5

supra) e de *Maria do Rozário Ribeiro*. Ambos nasceram em Santana do Capivari, MG, e faleceram em Itanhandu, MG.

11-7-5-4-1. Hélio Bustamante Ribeiro (*25/10/1951). Natural de Santana do Capivari, MG, casou-se em 19/10/1974 com Maria Rita Aparecida Bustamante Ribeiro (*26/06/1957) e fixaram residência em Itanhandu, MG.

11-7-5-4-1-1. Cláudia Bustamante Ribeiro (*24/09/1975). Natural de Itanhandu, MG, casou-se com Cláudio Roberto e consta que tiveram ao menos dois filhos.

11-7-5-4-1-2. Alessandra Luzia Bustamante Ribeiro (*13/12/1978). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-4-2. Sílvio Bustamante Ribeiro (*21/12/1953). Natural de Santana do Capivari, MG, casou-se em 19/11/1977 com sua parente Maria Adelina Pinto Bustamante (*21/06/1955), natural de Itanhandu, MG. Com geração em 11-7-5-1-7 supra.

11-7-5-4-3. Rafael Bustamante Ribeiro (*29/03/1955). Casou-se em 22/07/1978 com Maria da Glória Martuscelli Ribeiro. Nasceram e residiram em Itanhandu, MG.

11-7-5-4-3-1. Evandro Martuscelli Ribeiro (*26/01/1979). Natural de Itanhandu, MG.

11-7-5-4-3-2. Érika Martuscelli Ribeiro (*13/04/1983). Natural de Itanhandu, MG.

11-7-5-4-4. Maria Aparecida Ribeiro dos Santos (*22/03/1958). Natural de Itanhandu, MG. Casou-se em 31/12/1977 com Afonso Daniel dos Santos (*01/12/1956), natural de Santana do Capivari, MG. Ambos moravam em Itanhandu, MG.

11-7-5-4-4-1. Humberto Ribeiro dos Santos.

11-7-5-4-4-2. Alessandra Ribeiro dos Santos.

11-7-5-4-4-3. Andréia Ribeiro dos Santos (*16/12/1983). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-4-4-4. Amanda Ribeiro dos Santos.

11-7-5-4-4-5. Maria do Rosário Bustamante Ribeiro (*10/12/1959). Natural de Itanhandu, MG. Não se casou.

11-7-5-4-4-6. Maria Inez Bustamante Ribeiro Monteiro (*02/07/1961). Casou-se em 26/05/1984 com Antônio Rubens Monteiro (*19/11/1951), sendo que ambos nasceram e viveram em Itanhandu, MG.

11-7-5-4-6-1. Evaldo Bustamante Ribeiro Monteiro (*29/07/1985). Natural de Itanhandu, MG.

11-7-5-4-6-2. Ednaldo Bustamante Ribeiro Monteiro (12/12/1988). Natural de Itanhandu, MG.

11-7-5-4-6-3. Elaine Aparecida Ribeiro Monteiro (*04/06/1990). Natural de Itanhandu, MG.

11-7-5-4-7. Maria José Bustamante Ribeiro (*17/09/1962). Natural de Itanhandu, MG, também não se casou, mas teve ao menos dois filhos, sendo um deles:

11-7-5-4-7-1. Cláudio.

11-7-5-4-8. João Luiz Ribeiro (*14/09/1965 +17/06/1997). Nasceu e faleceu em Itanhandu, MG, com apenas 32 anos de idade.

11-7-5-5. Antônio Bustamante Ribeiro (*16/10/1927). Em 31/05/1952 casou-se com sua parente Águeda Pinto Ribeiro (*25/10/1932 +16/02/2001), filha de *Antonio Pinto Ribeiro* e de *Adelina Alves Pinto*, irmã de Geralda (11-7-5-1) e de Idalina (11-7-5-2), ou seja, as três irmãs se casaram com os três irmãos. Tanto Antônio quanto Águeda nasceram em Santana do Capivari, MG, onde ela veio a falecer.

11-7-5-5-1. Maria Goreti Bustamante Ribeiro Martins (*21/03/1955). Nasceu em Itanhandu, MG, e em 25/03/1978 casou-se com Sidney Martins (*29/11/1954), natural de Buri, SP. Ambos residiam em Itanhandu, MG.

11-7-5-5-1-1. Alberto Magno Bustamante Martins (*21/04/1979). Natural de Itamonte, MG.

11-7-5-5-1-2. Tatiane Aparecida Bustamante Martins (*18/07/1981). Natural de Passa Quatro, MG. Não se casou, mas teve duas filhas:

11-7-5-5-1-2-1. Mariana Bustamante Martins (*24/05/1999).

11-7-5-5-1-2-2. Poliana Bustamante Martins (*03/11/2000).

11-7-5-5-1-3. Sidney Martins Júnior (*27/03/1991). Nasceu em Passa Quatro, MG.

11-7-5-5-2. Maria Rita Bustamante Ribeiro (*26/03/1958 +02/04/1973). Nasceu em Itanhandu, MG, e faleceu em Santana do Capivari, MG, do coração aos 15 anos de idade.

11-7-5-5-3. José Geraldo Bustamante Ribeiro (*15/11/1960). Nasceu em Itanhandu, MG. Casou-se em 23/07/1994 com Isabel Cristina Moreira da Silva Ribeiro (*16/08/1972), também de Itanhandu, MG. Foram morar em São Paulo, SP.

11-7-5-5-3-1. Lucas da Silva Ribeiro (*03/07/1995). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-5-3-2. Gabriella da Silva Ribeiro (*13/02/1999). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-5-4. Maria Aparecida Bustamante Ribeiro (*08/10/1963 +23/09/1973). Nasceu e faleceu em Itanhandu, MG, aos 9 anos e 11 meses, também do coração, como sua irmã Maria Rita.

11-7-5-5-5. Maria José Bustamante Ribeiro (*30/11/1964). Natural de Itanhandu, MG. Não se casou.

11-7-5-5-6. Maria das Graças Bustamante Ribeiro (*30/12/1967). Também de Itanhandu, MG. Também não se casou.

11-7-5-6. Olavo Bustamante Ribeiro (*17/10/1930 +24/04/1947). Nasceu e faleceu em Santana do Capivari, MG, com apenas 16 anos de idade, estando sepultado no mesmo túmulo de seus avós paternos.

11-7-5-7. Maria José Bustamante Ribeiro (*17/09/1932 +02/04/1969). Nasceu e faleceu solteira em Santana do Capivari, MG, aos 36 anos de idade.

11-7-5-8. Maria Aparecida Bustamante Ribeiro (*23/09/1934). Nasceu em Santana do Capivari, MG, e residia em Itanhandu, MG. Mais uma que não se casou.

11-7-5-9. Sylvio Pinto Bustamante (*08/05/1937). Nasceu em Santana do Capivari, MG, e casou-se em 11/12/1959 com Maria Aparecida Pinto Bustamante (*27/08/1937), natural de Itanhandu, MG, apelidada de "Doca". Residiam em Itanhandu, MG.

11-7-5-9-1. Maria Aparecida Pinto Bustamante Noronha (*11/09/1961). Foi em 27/12/1980 que casou-se com Luiz Sérgio Noronha (*15/05/1960). Ambos nasceram e viveram em Itanhandu, MG.

11-7-5-9-1-1. Sílvia Maria Bustamante Noronha (*04/05/1981). Nasceu em Itanhandu, MG, e casou-se com Rondineli.

11-7-5-9-1-2. Josemara Bustamante Noronha (22/01/1986). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-9-1-3. Juliana Bustamante Noronha (*20/05/1989). Natural de Itanhandu, MG, gêmea de Silmara, a seguir.

11-7-5-9-1-4. Silmara Bustamante Noronha (*20/05/1989). Natural de Itanhandu, MG, gêmea de Juliana, acima.

11-7-5-9-2. Maria José Pinto Bustamante (*21/09/1963 +05/05/1997). Natural de Santana do Capivari, MG, casou-se duas vezes. A primeira em 30/10/1982 com Antônio Geraldo Donizete Ribeiro (*01/02/1957), natural de Santana do Capivari, MG. A segunda vez casou-se com Moacir e teve filho dos dois casamentos. Faleceu em Itanhandu, MG.

Filhos de Maria José e Antônio:

11-7-5-9-2-1. Sílvia Donizete Bustamante Ribeiro (*24/02/1987).

Filhos de Maria José e Moacir:

11-7-5-9-2-2. Ellen.

11-7-5-9-2-3. Welley (*28/04/1997).

11-7-5-9-3. Paulo Henrique Pinto Bustamante (*12/09/1965). Natural de Itanhandu, MG, também casou-se duas vezes. A primeira com Zislene Junqueira Bustamante, natural de Cruzeiro, SP. Não tiveram filhos. A segunda com Nívea, com quem teve duas filhas. Residia em Cruzeiro, SP.

11-7-5-9-3-1. Flaviane.

11-7-5-9-3-2. Mariana.

11-7-5-9-4. Sílvio Pinto Bustamante Filho (*07/01/1967). Natural de Itanhandu, MG, em 20/05/1989 casou-se com Nádia Aparecida C. da Silva Bustamante, nascida em Cruzeiro, SP, onde fixaram residência. Tiveram ao menos dois filhos, sendo um deles:

11-7-5-9-4-1. Beatriz da Silva Bustamante.

11-7-5-9-5. Ednéia Maria Pinto Bustamante Pereira (*10/02/1969). Nasceu em Itanhandu, MG. Em 25/04/1992 casou-se com Antônio Carlos Pereira, natural de Itamonte, MG, onde viveram.

11-7-5-9-5-1. Thaís Bustamante Pereira (*26/06/1992). Nasceu em Itamonte, MG.

11-7-5-9-5-2. Edimara Bustamante Pereira (*22/08/1994). Nasceu em Itamonte, MG.

11-7-5-9-5-3. Thiago Bustamante Pereira (*12/04/2000). Nasceu em Itamonte, MG.

11-7-5-10. Mauro Ribeiro Bustamante (*03/06/1939). Nasceu em Santana do Capivari, MG, e em 05/05/1962 casou-se com Maria das Graças Pinto, natural de Itanhandu, MG, onde foram morar.

11-7-5-10-1. Mauro César Ribeiro Bustamante (*24/02/1963). Nasceu em Itanhandu, MG. Consta que teve ao menos dois filhos.

11-7-5-10-2. Marcelo Ribeiro Bustamante (*19/02/1964). Nasceu em Itanhandu, MG, e há notícias de que teve pelo menos três filhos.

11-7-5-10-3. Mario Luiz Ribeiro (*21/03/1965). Nasceu em Itanhandu, MG, sendo que em 14/06/1997 casou-se com Dilza de Fátima Gonçalves Ribeiro, também de Itanhandu, MG, onde moravam.

11-7-5-10-3-1. Luiz Alberto Gonçalves Ribeiro (*13/07/1998). Nasceu em Itanhandu, MG.

11-7-5-10-4. Marco Aurélio Ribeiro (*27/01/1966). Em 29/11/1997 casou-se com Maria Ignez Pinto Bustamante. Ambos nasceram e viveram em Itanhandu, MG, e tiveram ao menos dois filhos.

11-7-5-10-5. Márcia Joaquina Ribeiro Bustamante (*29/08/1971). Natural de Itanhandu, MG. Consta que teve dois filhos.

11-7-5-10-6. Maria Cristina Bustamante Ribeiro Lopes (*22/01/1977). Casou-se em 14/09/1996 com Antônio Dimas Lopes. Ambos nasceram e viveram em Itanhandu, MG.

11-7-5-10-6-1. Isabel Cristina Bustamante Lopes (*28/07/1997). Natural de Itanhandu, MG.

11-7-5-10-6-2. Daniela Bustamante Lopes (*07/05/2001). Natural de Itanhandu, MG.

11-7-5-11. José Ribeiro Bustamante (*12/01/1941 +12/01/1941). Nasceu morto em Santana do Capivari, MG.

11-8. Ludgero Fortes Bustamante (*06/03/1876 +11/02/1955). Nascido em Itanhandu, MG. Casou-se com Maria da Conceição Bustamante (*13/10/1880 +02/12/1922), filha de *Ignácio Lopes Guimarães* e de *Rita dos Santos Guimarães*, natural de Passa Quatro, MG, onde ambos vieram a falecer. No cemitério da cidade de Passa Quatro, MG, no túmulo nº 38 / Perpétua, além de Ludgero Fortes e sua esposa Maria da Conceição, seu filho Ludgero Lopes e sua esposa Stella Guimarães, também está sepultada *Tereza de Jesus*, filha de escravos africanos, tendo sido ela mesma também escrava dos pais de Maria da Conceição, liberta no ano de 1888. De seu nascimento não há nenhum registro,

mas veio a falecer em 26/11/1923. Com certeza ajudou a criar os filhos de Ludgero Fortes Bustamante, e, com certeza também, gozou de grande estima no seio dessa família.

11-8-1. Ignácio Lopes de Fortes Bustamante (*28/03/1898 +29/09/1984). Casou-se com Noemi Motta Bustamante (*06/01/1906 +01/11/1982). Ambos nasceram em Itamonte, MG, e ambos faleceram em Itanhandu, MG. “Ignácio Fortes”, como ficou conhecido ao longo da vida, nasceu na casa de seus avós maternos às sete horas da noite.

11-8-1-1. Gladstone Motta Bustamante (*14/03/1933). Natural de Itamonte, MG, casou-se com Sônia Pinto de Moraes Bustamante (*07/06/1942), natural de São Paulo, SP, onde fixaram residência.

11-8-1-1-1. Gislene Pinto de Moraes Bustamante Bonnemaïson (*18/03/1963). Nascida em São Paulo, SP, casada com Lloyd Paul Bonnemaïson (*28/02/1959), natural da França, moravam em São Paulo, SP.

11-8-1-1-1-1. Caymmi Tibor Bonnemaïson (*07/06/1995).

11-8-1-1-2. Karin Pinto de Moraes Bustamante da Silva Costa (*15/01/1965). Casou-se com Paulo Hoyer da Silva Costa. Ambos nasceram e viveram em São Paulo, SP.

11-8-1-1-2-1. Sabrina Bustamante da Silva Costa (*06/02/1996).

11-8-1-1-2-2. Paolma Bustamante da Silva Costa (*13/09/1997).

11-8-1-1-3. Vanessa Pinto de Moraes Bustamante Massa (*25/08/1968). Nascida em São Paulo, assim como seu marido Marcelo Massa, onde residiram.

11-8-1-1-3-1. Nathalia Bustamante Massa (*05/07/1994).

11-8-1-1-3-2. Nicole Bustamante Massa (*18/11/1995).

11-8-1-1-4. Gladstone Pinto de Moraes Bustamante (*26/02/1988). Nascido em São Paulo, SP.

11-8-1-2. Gláucia Motta Fortes Bustamante Monteiro(*29/10/1938). Natural de Itamonte, MG, casou-se em 01/05/1965 com Jefferson Monteiro (*09/11/1936), nascido em Aiuruoca, MG. Viveram em Belo Horizonte, MG.

11-8-1-2-1. Valeska Bustamante Monteiro Barbosa (*30/04/1966). Casou-se com Danilo Jaber Barbosa (*10/10/1960). Ambos nasceram e viveram em Belo Horizonte, MG.

11-8-1-2-2. Pérsio Bustamante Monteiro (*19/05/1969). Natural de Januária, MG, casou-se com Ana Teresa Teixeira Carneiro Monteiro (*03/01/1973), nascida em Belo Horizonte, MG, onde residiram.

11-8-1-2-2-1. Pedro Ignácio Carneiro Bustamante Monteiro (*21/04/2001).

11-8-1-3. Gladys Motta Bustamante (*20/02/1940). Nasceu em Itamonte, MG, viveu em Itanhandu, MG. Não se casou.

11-8-2. José Lopes Fortes Bustamante (*1900 +03/07/1939). Natural de Itamonge, MG, casou-se com Olga de Carvalho Bustamante (*1903 +06/02/1939), nascida em Mato Grosso, filha de *Leopoldo de Carvalho* e de *Laura Garcia de Carvalho*. Viveram em Santana do Capivari, MG, e faleceram novos ainda, ele com 39 anos e ela com 36 anos, de tuberculose. Tiveram apenas uma filha.

11-8-2-1. Laís de Carvalho Bustamante. Nasceu em Santana do Capivari, MG.

11-8-2-1-1. Wanderlei Lourenço.

11-8-2-1-2. Flávio.

11-8-2-1-3. Ana Suely.

11-8-2-1-4. Luís Sebastião.

11-8-2-1-5. Tânia.

11-8-2-1-6. Carlos Alberto.

11-8-3. João Lopes de Fortes Bustamante. Faleceu em Passa Quatro, MG.

11-8-4. Francisco Lopes Fortes Bustamante. Faleceu em Passa Quatro, MG.

11-8-5. Lauro Lopes Fortes Bustamante (*18/08/1906 +02/01/1986). Nasceu em Três Corações, MG. Casou-se com Dalila Clotilde Petri Bustamante (*18/01/1914 +21/08/2000), natural da cidade de Não Me Toque, RS, e fixaram residência em Florianópolis, SC.

11-8-5-1. Marly Anna Fortes Bustamante Mira (*08/03/1936). Natural de Joaçaba, SC, em 27/06/1963 casou-se com Waldyr da Silveira Mira (*09/09/1930). Residiram em Florianópolis, SC.

11-8-5-1-1. Alexandre Bustamante Mira (*05/10/1975). Nasceu em Florianópolis, SC, e casou-se com Fernanda Fernandes dos Santos.

11-8-5-1-1-1. Bruno Fernandes Bustamante Mira (*07/04/1997). Natural de Florianópolis, SC.

11-8-5-1-1-2. Camilly Fernandes Bustamante Mira (*31/03/2002). Natural de Florianópolis, SC.

11-8-5-1-2. Leonardo Leite Bustamante Mira (*26/12/1980). Nasceu em Florianópolis, SC.

11-8-5-1-3. Rafael Leite Bustamante Mira (*26/12/1985). Natural de Florianópolis, SC.

11-8-5-2. Dalila Clotilde Fortes Bustamante Della Giustina (*20/11/1943). Nasceu em Joaçaba, SC. Casou-se com José Celito Della Giustina e viveram em Florianópolis, SC. Tiveram ao menos um filho e um neto.

11-8-6. Ludgero Lopes Fortes Bustamante (*01/05/1912 +19/08/1990). De apelido “Gerinho”. Nasceu em Passa Quatro, MG. Casou-se em 31/05/1939 com Stella Guimarães Bustamante (*20/08/1916 +12/04/1988), natural de São Paulo, SP. Ambos faleceram em Passa Quatro, MG.

11-8-6-1. Aécio Mário Fortes Bustamante (*18/05/1940). Natural de Passa Quatro, MG, casou-se duas vezes. Primeiro foi casado com Sueli Alonso da Silva Bustamante (*31/01/1943), nascida no Rio de Janeiro,

RJ. Depois foi casado com Ana Lúcia Constan Freitas (*11/01/1961), também natural do Rio de Janeiro, RJ, onde residiram.

Filhos de Aécio e Sueli:

11-8-6-1-1. Luiz Fernando Alonso Fortes Butamante (*10/11/1966). Casou-se com Moema Novais Dias (*04/07/1977). Ambos nasceram no Rio de Janeiro, RJ, onde também viveram.

11-8-6-1-1-1. Flávia de Novais Fortes Butamante (*03/07/2000).

11-8-6-1-2. Ana Paula Alonso Fortes Bustamante (*22/12/1969). Nasceu e viveu com seu marido Leandro da Silva (*02/10/1976) no Rio de Janeiro, RJ.

11-8-6-1-2-1. Giulia Fortes Bustamante da Silva (*06/12/2000).

Filhos de Aécio e Ana Lúcia:

11-8-6-1-3. Fernanda Freitas Fortes Bustamante (*09/11/1981). Nasceu no Rio de Janeiro, RJ.

11-8-6-1-4. Beatriz Freitas Fortes Bustamante (*24/01/1986). Nasceu no Rio de Janeiro, RJ.

11-8-6-1-5. Ana Carolina Freitas Fortes Bustamante (*07/01/1989). Nasceu no Rio de Janeiro, RJ.

11-8-6-2. Márcio Fortes Bustamante (*14/01/1942 +25/04/2000). Natural de Itamonte, MG, casou-se em 30/01/1965 com Léia Maria Bustamante (*18/04/1945 +22/12/2001), natural de Pouso Alto, MG. Viveram em Santana do Capivari, MG.

11-8-6-2-1. Marco Aurélio Fortes Bustamante (*20/12/1965). Natural de Itanhandu, MG.

11-8-6-2-2. Márcia Cristine Bustamante Costa (*29/06/1969). Natural de Itanhandu, MG, em 25/04/1992 casou-se com José Maurício Bueno Costa (*20/03/1958), nascido em Taubaté, SP, onde fixaram residência.

11-8-6-2-2-1. Mariana Bustamante Costa (*02/05/1994). Nasceu em Caçapava, SP.

11-8-6-3. Leila Fortes Bustamante Moreira (*07/07/1943). Natural de Queluz, SP. Em 31/05/1964 casou-se com Olavo Campos Moreira (*19/04/1936), natural de Passa Quatro MG, onde viveram.

11-8-6-3-1. Ludgero Bustamante Moreira (*27/08/1965). Casou-se em 23/06/1990 com Mônica Maria Romagnoli Mendes Moreira (*21/04/1966). Ambos nasceram e viveram em Passa Quatro, MG.

11-8-6-3-1-1. Anayse Bustamante Mendes Moreira (*18/04/1992). Nasceu em Passa Quatro, MG.

11-8-6-3-1-2. Ananda Mendes Bustamante Moreira (*22/09/1994). Nasceu em Passa Quatro, MG.

11-8-6-3-2. Lavínia Bustamante Moreira (*03/07/1967). Casou-se em 03/11/1990 com Paulo Eustáquio Cancela Motta (*10/04/1964). Ambos também nasceram e viveram em Passa Quatro, MG.

11-8-6-3-2-1. Pedro Moreira Motta (*14/02/1995). Nasceu em Passa Quatro, MG.

11-8-6-3-2-2. Manuela Moreira Motta (*21/07/1997). Nasceu em Passa Quatro, MG.

11-8-6-3-3. Alessandra Bustamante Moreira (*01/03/1972). Natural de Passa Quatro, MG. De seu relacionamento com Daniel Ribeiro (*25/04/1971 +11/11/1995), que nasceu e faleceu em Itanhandu, MG, aos 24 anos, teve um filho:

11-8-6-3-3-1. Daniel Moreira Ribeiro (*04/06/1996).

11-8-6-4. Maria José Fortes Bustamante (*03/05/1945). Natural de Passa Quatro, MG, teve como consorte Maurício Palombini Motta (*21/12/1945), nascido em Itanhandu, MG, onde viveram.

11-8-6-5. José Amauri Fortes Bustamante (*06/08/1949). Natural de Passa Quatro, MG, teve duas filhas de seu relacionamento com Katya

Christina Heyer (*30/03/1960), nascida na Alemanha. Viveram no Rio de Janeiro, RJ

11-8-6-5-1. Stephanie Christina Heyer Bustamante (*15/06/1988). Nasceu no Rio de Janeiro, RJ.

11-8-6-5-2. Stephen Frederich Heyer Bustamante (*27/08/1989). Nasceu no Rio de Janeiro, RJ.

11-8-6-6. Mariléia Fortes Bustamante Barros (*27/08/1952). Nasceu em Passa Quatro, MG. Em 18/02/1977 casou-se com José Eduardo Steple da Silva Barros, natural do Rio de Janeiro. Mudaram-se, juntamente com suas duas filhas, para a cidade de Parede, em Portugal.

11-8-6-6-1. Juliana Fortes Bustamante Barros (*05/12/1979). Nasceu no Rio de Janeiro, RJ.

11-8-6-6-2. Joana Fortes Bustamante Barros (20/12/1982). Nasceu no Rio de Janeiro, RJ.

11-8-6-7. Isabel Cristina Fortes Bustamante (*28/11/1954). Natural de Passa Quatro, MG. De seu relacionamento com Wilson Bacelar de Carvalho (*26/05/1952), que nasceu em São Lourenço, MG, não teve filhos – entretanto o casal adotou uma menina:

11-8-6-7-1. Stela Conceição Bustamante Bacelar (*06/08/2002). Nasceu em São Lourenço, MG.

11-8-7. Benedita Lopes Fortes Bustamante.

11-8-7-1. João Batista Luz.

11-8-7-1-1. João Batista Luz Júnior.

11-8-7-1-2. Ivan.

11-8-7-1-3. João Ricardo.

11-8-7-1-4. Hilton.

11-8-8. Rita Bustamante de Azevedo (*16/11/1915). Nascida em Santana do Capivari, MG, em 27/12/1938 casou-se com José Nogueira de Azevedo, natural de Passa Quatro MG, onde foram morar.

11-8-8-1. Paulo Sérgio Azevedo. Casou-se com Izaura Gaudara Azevedo e fixaram residência em Brasília, DF. Não tiveram filhos.

11-9. João de Deus Fortes (*02/03/1881 +01/04/1977). Nascido em Itanhandu, MG, falecido em Passa Quatro, MG. Casou-se em 16/05/1903 com Francisca Ribeiro Pereira (*26/02/1886 +25/01/1973), filha de *Antonio Ribeiro Pereira* (*1840 +1917) e de *Balbina Ribeiro da Silva*, sendo este Antonio um dos Patriarcas de Passa Quatro, MG, onde Francisca nasceu e faleceu, tendo, após o casamento, alterado seu nome para *Francisca Ribeiro Fortes*.

11-9-1. Antonio Fortes (*18/04/1904). Nasceu em Passa Quatro, MG.

11-9-2. José Fortes (*27/12/1905). Nasceu em Passa Quatro, MG.

11-9-3. Marianna Fortes (*17/03/1907). Nasceu em Passa Quatro, MG.

11-9-4. Maria Fortes (*21/12/1908). Nasceu em Passa Quatro, MG.

11-9-5. Edilberto Fortes (*09/02/1910 +26/08/1943). Nasceu e faleceu em Passa Quatro, MG, tendo se casado duas vezes. A primeira vez com Nubélia Lopes de Freitas (*08/07/1912 +02/06/1981), também nascida e falecida em Passa Quatro, MG, tendo alterado seu nome após o casamento para *Nubélia Freitas Fortes*. Da segunda vez, viúvo, casou-se em 14/10/1982 com Maria das Dores Alves de Andrade, natural de Passa Quatro, MG, e com residência em Brasília, DF.

11-9-6. Arlete Fortes (*15/04/1911). Nascida em Passa Quatro, MG, casou-se em 14/12/1940 com Abel Fagundes.

11-10. Ignácio de Loyola Bustamante Fortes (*09/02/1864 +02/10/1946). Foi filho de Ignácio de Loyola Fortes Bustamante e de Marianna Ribeiro de Jesus, neto pelo lado paterno do homônimo *Ignácio de Loyola Bustamante Fortes* e sm *Anna Flora de São José*. Sua geração será vista com detalhes no Subtítulo V desta obra.

SUBTÍTULO IV

PHILADELPHO JOAQUIM NOGUEIRA DE CARVALHO (*1846)

Nascido por volta de 1846 em Pouso Alto, MG, *Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho* foi filho de *Anna Flora de São José* (Subtítulo III deste Título VII) – quando já estava viúva de seu segundo marido *Ignácio de Loyola Bustamante Fortes* – e de *Ignácio Joaquim Nogueira de Carvalho*, padre que foi pároco da Paróquia de Pouso Alto, MG, entre os anos de 1846 a 1850. Foi criado por sua meia-irmã Maria Romana de Bustamante (Capítulo 7º do Subtítulo III deste Título VII) e tinha o apelido de “Dão Dão”. Philadelpho foi casado duas vezes: a primeira vez com **FRANCISCA DE PAULA CÂNDIDO NOGUEIRA**, com quem teve pelo menos três filhos; a segunda vez com **MARIA VICTÓRIA N. DE MAGALHÃES**, com quem teve ao menos outros seis filhos.

Filhos de Philadelpho e Francisca de Paula:

1. Maria Amália Nogueira Sousa Pinto
2. Ignácio Philadelpho Nogueira de Carvalho
3. Clara Umbelina de Bustamante

Filhos de Philadelpho e Maria Victória:

4. Philadelpho Joaquim Nogueira
5. Alzira Nogueira Bustamante
6. Cesário Philadelpho Nogueira
7. Alda Philadelpho Nogueira
8. Cornélia Nogueira Passos
9. Maria Suzanna Fortes

Capítulo 1º**Maria Amália Nogueira Sousa Pinto**

1. Maria Amália Nogueira Sousa Pinto. Apelidada de “Mariquinha”, foi casada com José Pinto de Sousa Guimarães, com quem teve pelo menos oito filhos.

1-1. Argentino. De apelido “Duda”. Nascido em Pedralva, MG.

1-2. Philadelpho Sousa Nilo. Foi casado com “Mindoca”.

1-3. Marta. Casou-se com Agenor Gomes Pinto.

1-4. Maria Natividade Sousa Carneiro. Conhecida como “Dadica”, foi casada com José de Paiva Carneiro, nascido em Pedralva, MG, e conhecido como “Zé Carneiro”, filho de *Joaquim Carneiro Santiago Júnior* (apelidado de “Quim”) e de *Ana Sebastiana de Paiva Carneiro* (de apelido “Nicota”), neto paterno de *Joaquim Carneiro Santiago* e de *Maria Delfina Carneiro Santiago* (*06/08/1843 +1918), que tinha o apelido e “Mana”, e neto materno de *Gaspar José de Paiva* (*18/07/1838 +14/01/1910), falecido em Pedralva, MG, e de *Ana Cezárea de Abreu Paiva*, irmã da citada Maria Delfina. Por esta mesma Maria Delfina era bisneto de *Joaquim Machado de Abreu*, que em 24/11/1842 casou-se com *Maria Inácia Carneiro Santiago Abreu* (*07/03/1828 +27/08/1892). Joaquim, conhecido como “Machado Velho”, era Coronel da Guarda Nacional, Cavaleiro da Ordem de Cristo, nomeado pelo Imperador Dom Pedro II em 21/12/1849, sendo que a carta de nomeação foi referendada pelo Visconde de Monte Alegre, tendo sido um dos fazendeiros mais importantes no início da história da cidade de Pedralva, MG. José de Paiva, pelo lado de seu avô Gaspar era bisneto do homônimo *Gaspar José de Paiva* e de *Maria Cândida de Paiva*.

1-4-1. Maria Rachel Carneiro Lemos. Foi casada com Geraldo José Azevedo Ramos.

1-4-1-1. Maria Benita Lemos Guimarães. Casou-se com Romeu Francisco Junqueira Guimarães. Tiveram:

1-4-1-1-1. Fabiano Lemos Guimarães.

1-4-1-1-2. Daniela Lemos Guimarães.

1-4-1-2. Ronaldo Carneiro Lemos. Foi casado com Rosária de Fátima Amaral Lemos.

1-4-1-2-1. Rogério do Amaral Lemos.

1-4-1-2-2. Renato do Amaral Lemos.

1-4-1-2-3. Priscila do Amaral Lemos.

1-4-1-3. Rita de Cássia Carneiro Lemos. Sem mais notícias.

1-4-1-4. Helen Maria Carneiro Lemos Brizon. Casou-se com Sérgio Brizon Valério.

1-4-1-4-1. Suzan Lemos Valério.

1-4-2. Ana Aparecida Carneiro Mendes. De seu casamento com Sebastião Newton Mendes vieram onze filhos.

1-4-2-1. José Dawton Carneiro Mendes. Casou-se com Mariana Carneiro Mendes e tiveram dois filhos.

1-4-2-1-1. Adriana Carneiro Mendes.

1-4-2-1-2. Patrícia Carneiro Mendes.

1-4-2-2. Sebastião Newton Carneiro Mendes. Casou-se com Mariad e Maciel Oriente Mendes.

1-4-2-3. Antonio Amilton Carneiro Mendes. Foi casado com Rita de Cássia Gorgulho Mendes, com quem teve dois filhos.

1-4-2-3-1. José Amilton Gorgulho Mendes.

1-4-2-3-2. Lílian Maria Gorgulho Mendes.

1-4-2-4. Benedito Edson Carneiro Mendes. Casou-se com Maria Angélica Flores Mendes.

1-4-2-5. Joaquim Dilson Carneiro Mendes. Casou-se com Anelise Nogueira de Azevedo Mendes e tiveram ao menos um filho.

1-4-2-5-2. Dilson Azevedo Mendes.

1-4-2-6. Paulo Delson Carneiro Mendes.

1-4-2-7. Maria Aparecida Carneiro Mendes.

1-4-2-8. Pedro Éliton Carneiro Mendes. Foi casado com Christine Dutra Kinsk Mendes.

1-4-2-9. Maria de Fátima Carneiro Mendes.

1-4-2-10. Maria Elaine Carneiro Mendes.

1-4-2-11. Luiz Clayton Carneiro Mendes.

1-4-3. Ruth Carneiro Gorgulho. Casou-se com José da Silva Gorgulho, com quem teve sete filhos.

1-4-3-1. Maria Isabel Carneiro Gorgulho.

1-4-3-2. Maria Elisabeth Carneiro Gorgulho Bomcristiano. Casou-se com José Afonso Bomcristiano e tiveram dois filhos.

1-4-3-2-1. Francis Gorgulho Bomcristiano

1-4-3-2-2. Natali Gorgulho Bomcristiano.

1-4-3-3. Eliana Maria Carneiro Gorgulho Zanet. Casada com Celso Zanet. Dois filhos.

1-4-3-3-1. Caio Gorgulho Zanet.

1-4-3-3-2. Thiago Gorgulho Zanet.

1-4-3-4. Maria Cristina Carneiro Gorgulho.

1-4-3-5. Ruth Maria Carneiro Gorgulho de Gouveia. Casou-se com Luiz César Soares de Gouveia e tiveram ao menos uma filha.

1-4-3-5-1. Taís Gorgulho de Gouveia.

1-4-3-6. Maria Amália Carneiro Gorgulho.

1-4-3-7. José da Silva Gorgulho Júnior.

1-4-4. Benedito de Sousa Carneiro. Casado com Alzira Marly Teixeira Carneiro, pais de três filhos.

1-4-4-1. Benedito Marcos Teixeira Carneiro. Casou-se com Carmelita de Almeida Carneiro.

1-4-4-2. José Gláucio Teixeira Carneiro.

1-4-4-3. Paulo Sérgio Teixeira Carneiro.

1-4-5. Terezinha Carneiro de Freitas. Foi casada com Antonio Bueno de Freitas, com quem teve quatro filhos.

1-4-5-1. Múcio Antonio Carneiro de Freitas.

1-4-5-2. Luciano Carneiro de Freitas. Casou-se com Rita de Fátima Alves Freitas.

1-4-5-3. Maria Lúcia Carneiro de Freitas.

1-4-5-4. Nilson José Carneiro de Freitas.

1-4-6. José Celso Carneiro. De seu casamento com Euza Frassinete de Almeida Carneiro vieram cinco filhos.

1-4-6-1. Maria Helenice de Almeida Carneiro.

1-4-6-2. Maria Erestina de Almeida Carneiro.

1-4-6-3. Euza Maria de Almeida Carneiro. Teve uma filha.

1-4-6-3-1. Aline de Almeida Carneiro.

1-4-6-4. Celos José de Almeida Carneiro.

1-4-6-5. Elzeli Maria de Almeida Carneiro.

1-4-7. Joaquim Célio Carneiro. Casou-se com Jamile Ribeiro Carneiro e tiveram cinco filhos.

1-4-7-1. José Célio Ribeiro Carneiro.

1-4-7-2. Paulo Celso Ribeiro Carneiro.

1-4-7-3. Benedito César Ribeiro Carneiro.

1-4-7-4. Joaquim Hudson Ribeiro Carneiro.

1-4-7-5. Antonio Emilson Ribeiro Carneiro.

1-5. Nenê. Foi casada com o "Professor Brito".

1-6. Mimi. Foi casada com alguém de sobrenome Rennó e tiveram ao menos uma filha:

1-6-1. Zazá. Casou-se com Delfim Pinho Filho, filho de Delfim Pinho, que era primo de Gastão Jardim (4-2-8 do Subtítulo III deste Título VII).

1-7. Cecília Sousa Bustamante. Nascida em Pedralva, MG, casou-se com Joaquim Ribeiro Bustamante (*26/01/1894 +26/05/1953) e sua geração consta em 4-2-7 do Subtítulo III deste Título VII.

1.8. Francisca de Sousa Ribeiro Bustamante (*15/09/1894 +02/02/1963). Nasceu em Pouso Alto, MG, e faleceu em Caxambu, MG. Casou-se em 06/05/1913 com seu parente José Ribeiro Bustamante (*16/02/1892 +29/06/1973), filho de *Antônio Bernardino Ribeiro* e de *Maria Vergista Bustamante Ribeiro*. Com geração em 11-7-1 do Subtítulo III deste Título VII.

Capítulo 2º

Ignácio Philadelpho Nogueira de Carvalho

2. Ignácio Philadelpho Nogueira de Carvalho (1866). Nasceu em Itanhandu, MG. Por volta de 1892 casou-se com sua parente Maria Anália Bustamante Nogueira, nascida em Itanhandu, MG, filha de *Ignácio de Loyola Fortes de Bustamante* e de *Marianna Ribeiro de Jesus*. Ou seja, seu sogro era meio-irmão de seu pai. Com geração em 11-2 do Subtítulo III deste Título VII.

Capítulo 3º

Clara Umbelina de Bustamante

3. Clara Umbelina de Bustamante. Natural de Pouso Alto, MG, tendo nascido na Fazenda da Cachoeira, faleceu em Santana do Capivari, MG. Foi a primeira esposa de Ignácio de Loyola Bustamante Fortes (*09/02/1864 +02/10/1946), filho de *Ignácio de Loyola Fortes Bustamante* e de *Marianna Ribeiro de Jesus*. Sua geração será vista com detalhes no Subtítulo V desta obra.

Capítulo 4º

Philadelpho Joaquim Nogueira

4. Philadelpho Joaquim Nogueira. Casou-se com Maria Victoria Ribeiro.

Capítulo 5º

Alzira Nogueira Bustamante

5. Alzira Nogueira Bustamante. Nasceu em Pouso Alto, MG, faleceu em Jacareí, SP. Casou-se com Fileto Fortes Bustamante, também natural de Pouso Alto, MG, também falecido em Jacareí, SP. Eles eram parentes entre si, pois Fileto era neto de *Ignácio de Loyola Fortes Bustamante*, o qual, por sua vez,

era meio-irmão de *Philadelpho*, pai de Alzira. A geração deste casal está descrita em 11-5-7 do Subtítulo III deste Título VII.

Capítulo 6º

Cesário Philadelpho Nogueira

6. **Cesário Philadelpho Nogueira**. Casou-se com Maria da Natividade Nogueira (*08/09/1894 +12/08/1978), apelidada de "Nha" (com geração no Capítulo 4º do Subtítulo V deste Título VII).

Capítulo 7º

Alda Philadelpho Nogueira

7. **Alda Philadelpho Nogueira**. Casou-se com José Maximiano Nogueira.

Capítulo 8º

Cornélia Nogueira Passos

8. **Cornélia Nogueira Passos**. Casou-se com Vivaldo Passos da Silva. Tiveram ao menos uma filha.

8-1. **Dolores Passos Fortes**. Casou-se com seu parente José Fortes, filho de *João Lourenço Bustamante Fortes* e de *Rosalina Fortes*, descritos em 5-7 do Subtítulo V, a seguir.

Capítulo 9º

Maria Suzanna Fortes

9. **Maria Suzanna Fortes (*1885 +1950)**. Natural de Pouso Alto, MG, faleceu em Jacaré, SP. Era conhecida como "Vó Cota". Foi a segunda esposa de Ignácio de Loyola Bustamante Fortes (*09/02/1864 +02/10/1946), filho de *Ignácio de Loyola Fortes Bustamante* e de *Marianna Ribeiro de Jesus*. Sua geração será vista com detalhes no Subtítulo V desta obra.

SUBTÍTULO V
IGNÁCIO DE LOYOLA BUSTAMANTE FORTES
(*09/02/1864 +02/10/1946)

Ignácio de Loyola Bustamante Fortes nasceu em Itanhandu, MG, na data de 09/02/1864, filho de *Ignácio de Loyola Fortes Bustamante* e de *Marianna Ribeiro de Jesus* (Capítulo 11 do Subtítulo III deste Título VII), neto pelo lado paterno do homônimo *Ignácio de Loyola Bustamante Fortes* e de *Anna Flora de São José* (Subtítulo III deste Capítulo VII). Foi casado duas vezes. A primeira vez casou-se com **CLARA UMBELINA DE BUSTAMANTE**, natural de Pouso Alto, MG, tendo nascido na Fazenda da Cachoeira e eram primos, pois ela era filha do meio-irmão de seu pai *Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho* e de sua primeira mulher *Francisca de Paula Cândido Nogueira* (Subtítulo IV acima). Tiveram sete filhos até que ela veio a falecer em Santana do Capivari, MG. Após, da segunda vez, Ignácio casou-se com **MARIA SUZANNA FORTES** nascida em 1885 em Pouso Alto, MG, também filha de *Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho* e de sua segunda mulher *Maria Victória N. de Magalhães* (Subtítulo IV acima) – era, portanto, também sua prima, eis que meia-irmã de Clara (sua primeira esposa). Mais conhecida como “Vó Cota”, tiveram doze filhos, e faleceu em 1950 em Jacareí, SP. Já Ignácio faleceu em 02/10/1946 em Jacareí, SP.

Filhos de Ignácio de Loyola e Clara Umbelina:

1. Ignácio de Bustamante Fortes
2. Francisca Bustamante Fortes
3. José Benedicto Bustamante Fortes
4. Maria da Natividade Bustamante
5. João Lourenço Bustamante Fortes
6. Maria Anália Fortes Passos
7. Maria Luiza Bustamante Fortes

Filhos de Ignácio de Loyola e Maria Suzanna:

8. Ignácio Philadelpho Fortes
9. Marianna Bustamante Fortes Branco
10. Alzira Fortes Rangel
11. Izaura Bustamante da Silva
12. Nair Bustamante Junqueira
13. Laura Fortes Pareja

14. Pedro Bustamante Fortes
15. Abel Bustamante Fortes
16. Maria Aparecida Bustamante Bacaro
17. Antônio Bustamante Fortes
18. Francisco Bustamante Fortes
19. Joaquim Bustamante Fortes

Capítulo 1º

Ignácio de Bustamante Fortes

1. Ignácio de Bustamante Fortes (*10/10/1885). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira). Faleceu ainda criança em Santana do Capivari, MG.

Capítulo 2º

Francisca Bustamante Fortes

2. Francisca Bustamante Fortes. Nasceu em Pouso Alto, MG, na Fazenda Cachoeira. Sem mais notícias.

Capítulo 3º

José Benedicto Bustamante Fortes

3. José Benedicto Bustamante Fortes (*03/04/1892 +17/12/1971). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Casou-se com Stella Fortes.

3-2. José Benedicto Bustamante Fortes Filho. Teve pelo menos dois filhos e dois netos.

3-3. Benedicto Bustamante Fortes. De seu casamento com Dirce vieram dois filhos, sendo um deles:

3-3-1. Fábio Fortes. Casou-se com Luciane Barbosa Fortes e tiveram pelo menos dois filhos, sendo um deles:

3-3-1-1. Lucas Barbosa Fortes (*29/04/2003). Nasceu em Jacareí, SP.

Capítulo 4º

Maria da Natividade Bustamante

4. Maria da Natividade Bustamante (*08/09/1894 +12/08/1978). Adotou o nome de casada de "Maria da Natividade Bustamante" e tinha o apelido de

“Nha”. Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Foi casada com seu tio materno Cesário Philadelpho Nogueira (Capítulo 6º do Subtítulo IV deste Título VII).

4-1. Benedicto César Nogueira (*22/12/1929 +21/11/2001). Tinha o apelido de “Bilu”. Nasceu e faleceu em Jacareí, SP.

4-2. Abel César Nogueira (*06/03/1919 +03/07/1997). Natural de Pouso Alto, MG, falecido em Jacareí, SP, foi casado com Catarina Silva Nogueira.

4-3. Nair Bustamante Nogueira. Casou-se com “Deco”.

4-4. Philadelpho Bustamante Nogueira. Casou-se com Francisca Pareja.

4-5. Terezinha Bustamante Nogueira.

4-6. José Philadelpho Nogueira (*26/01/1916). Natural de Pouso Alto, MG, falecido em Jacareí, SP.

Capítulo 5º

João Lourenço Bustamante Fortes

5. João Lourenço Bustamante Fortes (*10/08/1896 +23/12/1955). Nasceu em casa, em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Casou-se com Rosalina Fortes (*09/06/1900 +10/06/1983), que também veio a falecer em Jacareí, SP.

5-1. Ignácio Fortes (+2005). Nascido em Jacareí, SP, falecido em São José dos Campos, SP. Teve ao menos dois filhos e três netos.

5-2. Coraci Fortes (*01/07/1932 +13/02/1995). Nasceu e faleceu solteiro em Jacareí, SP.

5-3. Mariana Fortes Bueno. Natural de Jacareí, SP, casou-se com Benedito Bueno, com quem teve pelo menos três filhos e quatro netos.

5-4. Nair Fortes. Natural de Jacareí, SP.

5-5. Rubens Fortes. Natural de Jacareí, SP.

5-6. Rui Fortes. Natural de Jacareí, SP.

5-7. José Fortes. Natural de Jacareí, SP. Casou-se com sua parente Dolores Passos Fortes, filha de *Vivaldo Passos* e de *Cornélia Nogueira Passos*, descritos em 8-1 do Subtítulo IV, acima. Tiveram três filhos

5-7-1. José Maria Fortes. Foi casado com a "filha do Docio".

5-7-2. Paulo Fortes. Foi casado com a "filha do Raul".

5-7-3. Benedito Fortes.

5-8. João Fortes. Natural de Jacareí, SP.

5-9. Ari Fortes. Nasceu em Jacareí, SP, onde fixou residência e teve ao menos três filhos.

5-9-1. Ademir Nogueira Fortes. Casou-se com Vera.

5-9-1-1. Ademir Nogueira Fortes Júnior (*17/07/1970 +20/11/1980). Nasceu em Jacareí, SP, mesmo local em que faleceu, com apenas dez anos de idade.

5-9-2. Adalberto Nogueira Fortes.

5-9-3. Ari Fortes Filho.

5-10. Rosalina Fortes. Natural de Jacareí, SP.

5-11. Maria Fortes Junqueira. Natural de Jacareí, SP, casou-se com José Junqueira Sobrinho.

5-12. Geny Fortes. Natural de Jacareí, SP.

Capítulo 6º

Maria Anália Fortes Passos

6. Maria Anália Fortes Passos (*29/09/1898 +30/01/2000). Conhecida como "Lila". Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Também consta como "Maria da Natividade Bustamante". Foi casada com Alípio da Silva Passos (*10/01/1896 +07/10/1979). Também natural de Pouso Alto, MG, também falecido em Jacareí, SP.

6-1. Laércio da Silva Passos (*15/12/1921 +11/02/2005). Nasceu e faleceu em Jacareí, SP. Teve ao menos três filhos e um neto, sendo dois deles os seguintes:

6-1-1. Maria Helena Passos. Há notícias de que teve um filho.

6-1-2. Laércio Passos Júnior.

6-2. Sílvio Passos. Consta que teve ao menos três filhos.

6-3. Hilda Passos Colli (*08/08/1927 +07/07/1978). Nascida em Jacareí, SP, casou-se com Pio Miguel José Colli (*22/07/1929 +24/04/2002). Ambos faleceram em Jacareí, SP, e consta que tiveram dois filhos e dois netos, sendo um deles a seguinte:

6-3-1. Regina Colli de Souza. Casou-se com José Souza e tiveram ao menos dois filhos.

6-4. Norival Passos. Teve pelo menos três filhos.

6-5. Terezinha Passos. Casou-se com Sérgio, com quem teve três filhos.

6-6. Maria Aparecida Passos Ferreira (*21/10/1925 +01/08/1998). Foi casada com José Ferreira. Ambos faleceram em Jacareí, SP, e tiveram pelo menos quatro filhos e quatro netos, sendo dois deles os seguintes:

6-6-1. Ana Maria Ferreira dos Santos. Casou-se com Mauro Pedro dos Santos. Dois filhos.

6-6-2. Dárcio Passos Ferreira. Também teve dois filhos.

6-7. Aracy Passos da Silva. Nasceu em Jacareí, SP, e casou-se com Francisco F. da Silva (*17/03/1934 +20/03/2004). Ambos faleceram em Jacareí, SP, e tiveram ao menos três filhos.

Capítulo 7º

Maria Luiza Bustamante Fortes

7. Maria Luiza Bustamante Fortes (*29/09/1899 +12/08/1978). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Casou-se com José dos Reis.

Capítulo 8º

Ignácio Philadelpho Fortes

8. Ignácio Philadelpho Fortes (*14/07/1904). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Foi casado com Maria

Fernandes Fortes (*03/04/1908 +15/05/1957), conhecida como "Lika". Ela também nasceu em Pouso Alto, MG, e faleceu em Jacareí, SP.

8-1. Ignácio Fernandes Fortes. Casou-se em 23/10/1955 com sua parente Eunice Bustamante Junqueira Fortes (*05/06/1932), filha de *Nair Bustamante Junqueira* e de *Sebastião Osmar Junqueira*, com geração em 12-2 a seguir.

8-2. Maria Fortes Serafim. Faleceu em Santa Isabel, SP. Foi casada com Antonio Serafim.

8-3. Mirtes Fortes Arantes. Casou-se com Alaor Arantes.

8-4. José Fernandes Fortes. Casou-se com Maria Elena Vilas Boas.

8-5. Olavo Fernandes Fortes.

8-6. Zulmira Fernandes Fortes.

8-7. Diobel Fernandes Fortes.

8-8. Clóvis Fernandes Fortes.

8-9. Zilda Fernandes Fortes.

Capítulo 9º

Marianna Bustamante Fortes Branco

9. Marianna Bustamante Fortes Branco (*06/03/1906 +20/06/1984). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP (informação prestada por José Anis de Souza Ribeiro, tirado de microfilme do CHF # 6830, Fl. 429, Livro C59). Foi casada com Joaquim Branco, de alcunha "Joaquim Cachuté", que faleceu em Jacareí, SP.

9-1. Guido Fortes Branco.

9-2. Vando Fortes Branco.

9-3. Espaci Branco Pacheco. Foi casada com José Pacheco.

9-3-1. Marcos Branco Pacheco. Casou-se com Esperança Pacheco.

9-4. José Fortes Branco. Tinha o apelido de "Juca".

9-5. Neusa Fortes Branco.

9-6. “Neném”. Sem mais informações.

Capítulo 10 **Alzira Fortes Rangel**

10. Alzira Fortes Rangel (*27/11/1907 +26/11/1944). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Casou-se com José Rodrigues Rangel (*01/11/1905 +24/07/1978), conhecido como “Zé Rita”, também nascido em Pouso Alto, MG, também falecido em Jacareí, SP.

10-1. José Fortes Rangel. Teve pelo menos um filho.

10-1-1. José Geraldo Rangel. Foi casado com Gláucia Rangel.

10-2. Antônio Raimundo Rangel (*1938). Casou-se com sua parente Odete Bustamante Rangel (*1939), filha de *Avelino Esmério da Silva* e de *Izaura Bustamante da Silva*. Com geração em 11-5 a seguir

10-3. Geraldo Fortes Rangel.

10-4. Maria Rangel Carvalho Nogueira. Casou-se com José Carvalho Nogueira.

10-4-1. Antônio Carlos Nogueira (*02/02/1957 +14/02/1983). Nasceu e faleceu em Jacareí, SP.

10-4-2. José Carlos Rangel Nogueira.

10-5. Ika Fortes Rangel. Casou-se com Guido.

10-6. Rita Fortes Rangel. Teve pelo menos duas filhas: uma que se casou com Raul de Almeida e Silva Júnior e outra que se casou com Carlos França, sendo este último casal os pais de Rodrigo.

10-7. Izaura Fortes Rangel. Casou-se com Gabriel Santana (*11/12/1916 +29/04/1986), falecido em Jacareí, SP.

10-8. Terezinha Fortes Rangel.

Capítulo 11

Izaura Bustamante da Silva

11. Izaura Bustamante da Silva (*1910 +1945). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Casou-se com Avelino Esmério da Silva (*1906 +1993), que faleceu em Jacareí, SP.

11-1. Maria Aparecida da Silva Rangel (*1931). Foi casada com Geraldo Rangel (*10/12/1929 +21/01/1981), de apelido "Lala", que nasceu e faleceu em Jacareí, SP.

11-1-1. Maria Regina Rangel Fortes (*02/04/1956). Natural de Santa Branca, SP. Casou-se com seu parente Wilson Roberto Fortes (*14/01/1949 +21/01/2004), filho de *Francisco Bustamante Fortes* e de *Maria dos Santos Fortes*, e que nasceu e faleceu em Jacareí, SP, onde residia o casal. Com geração em 18-2 a seguir.

11-1-2. Maria Suzana Rangel Simões (*1957). Casou-se com Marco Antônio Simões (*1958).

11-1-2-1. Amine Rangel Simões (*1984). Natural de Jacareí, SP.

11-1-2-2. Camila Rangel Simões (*1988). Natural de Jacareí, SP.

11-2. Iracema Bustamante de Faria (*1933). Foi casada com Sílvio de Azevedo Faria (*1932).

11-2-1. Mauro Bustamante de Faria (*1954). Casou-se com Maria Tereza Martins de Faria (*1953).

11-2-1-1. Hélio Martins de Faria (*1976 +1976). Nasceu e faleceu em Jacareí, SP.

11-2-1-2. Mauro César Martins Faria (*1980). Nasceu em Jacareí, SP.

11-2-1-3. Maurício Martins Faria (*1982). Nasceu em Jacareí, SP.

11-2-1-4. Marcel Martins Faria (*1987). Nasceu em Jacareí, SP.

11-2-2. Isaura de Fátima Faria da Cunha (*1956). Foi casada com Laerte da Cunha (*1952).

11-2-2-1. Marcelo Faria da Cunha (*1979). Natural de Jacareí, SP.

11-2-2-2. Marcos Aurélio Faria da Cunha (*1982). Natural de Jacareí, SP.

11-2-3. Therezinha Bustamante Faria (*1959 +1980). Nasceu e faleceu solteira em Jacareí, SP, aos 21 anos de idade.

11-2-4. Célia Aparecida Bustamante de Faria (*1960). Foi casada, mas separou-se e teve ao menos um filho.

11-2-4-1. Rafael Bustamante Faria Torres Rodrigues (*1993). Nascido em Jacareí, SP.

11-3. José Esmério da Silva (*1935). Casou-se com Wilma Vilas Boas da Silva (*1942).

11-3-1. Vera Lúcia da Silva (*1966).

11-3-2. Cláudia Cilene da Silva Pastore (*1968). Foi casada com João Vicente de Carvalho Q. Pastore (*1967).

11-3-3. Evandro Rogério Esmério da Silva (*1975).

11-4. Paulo Esmério da Silva (*1937). Foi casado duas vezes. Separou-se da primeira esposa, mas teve ao menos uma filha, que segue abaixo. Da segunda vez casou-se com Cely Terezinha Querido da Silva (*1946).

11-4-1. Rita de Cássia S. Silva Trindade (*1967). Foi casada com Cristóvão Alexandre da Trindade.

11-4-1-1. Ana Júlia da Silva Trindade (*1994). Natural de Jacareí, SP.

11-5. Odete Bustamante Rangel (*1939). Casou-se com seu parente Antônio Raimundo Rangel (*1938), filho de *José Rodrigues Rangel* e de *Alzira Fortes Rangel*, 10-2 acima.

11-5-1. José Antônio Ranchel (*1959). Casou-se com Adriana Micheleto Maria Rangel (*1963).

11-5-1-1. Ana Luiz Rangel (*1987).

11-5-2. Marta Aparecida Rangel Cenzi (*1961). Casou-se com José Alberto Cenzi (*1962).

11-5-2-1. Juliana Rangel Cenzi (*1992).

11-5-3. José Fernando Rangel (*1963). Casou-se com Elizete Machado Silva Rangel (*1963).

11-5-3-1. Aline Silva Rangel (*1989).

11-5-4. José Roberto Rangel (*1966).

11-5-5. Maria Aparecida Rangel (*1966 +1968). Faleceu criança, com apenas dois anos de idade.

11-6. Ivone Esmério da Silva (*1942). Casou-se com José Sebastião Costa (*1941).

11-6-1. Simone Cristina da Costa (*1969).

11-6-2. Luiz Cláudio da Costa (*1974).

11-7. Inácio Esmério da Silva (*1943). Casou-se com Nilce da Silva (*1943).

11-7-1. Sueli de Lima (*1966). Teve ao menos uma filha.

11-7-1-1. Paula de Lelis Silva Palma (*1992).

11-7-2. Solange da Silva Lima (*1973). Foi casada com Júlio César Borges de Lima (*1973).

11-7-2-1. Thaís Silva Borges de Lima (*1992).

11-8. Lauro Esmério da Silva (*1945). Casou-se com Maria Aparecida de Almeida Silva (*1946).

11-8-1. Marco Antônio de Almeida Silva (*1973).

11-8-2. Tarcila Maria de Almeida Silva (*1973).

Capítulo 12

Nair Bustamante Junqueira

12. Nair Bustamante Junqueira (*06/02/1912 +06/03/1997). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacaréí, SP. Casou-se em 11/06/1931 com Sebastião Osmar Junqueira (*20/01/1909 +08/08/1995), natural de Silvestre Ferraz, MG, filho de *Albertino Dias Ferraz* e de *Gabriela*

Clara Ribeiro Junqueira (Livro “Família Junqueira: sua História e Genealogia”, página 1400/1401). Sebastião faleceu em Jacareí, SP.

12-1. Osmar Bustamante Junqueira (*17/07/1933). Nasceu em Jacareí, SP, onde, em 26/05/1959, casou-se com Célia Martins Junqueira (*21/08/1938).

12-1-1. Cyntia Cristina Martins Junqueira de Queiroz (*24/05/1961). Natural de Jacareí, SP, mesmo local em que se casou em 09/05/1992 com Paulo Afonso Teles de Queiroz (*16/07/1949), também nascido em Jacareí, SP. Separaram-se.

12-1-2. Adriano Martins Junqueira (*23/01/1973). Natural de São José dos Campos, SP. Engenheiro. Casou-se em 17/07/1998, em Jacareí, SP, com Juliana Campos Junqueira (*01/02/1975), nascida em Jacareí, SP.

12-2. Eunice Bustamante Junqueira Fortes (*05/06/1932). Nasceu em Jacareí, SP. Casou-se em 23/10/1955 com seu parente Ignácio Fernandes Fortes, filho de *Ignácio Philadelpho Fortes* e de *Maria Fernandes Fortes*, descritos em 8-1 acima.

12-2-1. Regina Célia Fortes (*18/04/1957). Nasceu em Jacareí, SP.

12-2-2. Marisa Maria Junqueira Fortes Cardoso (*16/07/1960). Nasceu em Jacareí, SP. Casou-se em 11/01/1991, em Igaratá, SP, com Geraldo Graça Siqueira Cardoso (*12/10/1961), natural de Jacareí, SP.

12-2-1-1. Fernanda Junqueira Fortes Cardoso (*13/06/2001). Nasceu em Jacareí, SP.

12-2-3. Carlos Roberto Junqueira Fortes (*26/10/1963). Nasceu em Jacareí, SP.

Capítulo 13

Laura Fortes Pareja

13. Laura Fortes Pareja (*02/08/1914 +02/12/1971). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Entretanto o assento de batizado de Laura, compilado do Livro nº 04 da Igreja Matriz de São Sebastião do Passa Quatro, indica uma data de nascimento diferente, conforme a seguir transcrito: “Aos vinte dias do mês de setembro, do ano de mil novecentos e

quatorze, nesta Matriz de São Sebastião de Passa Quatro, batizei solenemente ("sub-conditione" por ter sido batizado privada e duvidosamente pelo avô materno Philadelpho Nogueira de Carvalho [sic]) a um inocente do sexo feminino, a quem dei o nome de Laura, nascida a vinte e seis de julho próximo passado, filha legítima de Ignacio Loyola Bustamante [sic] e de Maria Suzana Bustamante, desta freguesia. Foram padrinhos João de Deus Fortes e Francisca Ribeiro Fortes. E para constar, mandei lavrar este assento que assino. Vigário Hilário Monte-Raso." Laura foi casada com Antônio Pareja, o qual faleceu em São Paulo, SP. Tiveram ao menos dois filhos.

13-1. Paulo Inácio Pareja.

13-2. Suzana Maria Pareja. Casou-se com Milton.

13-2-1. Fernanda.

Capítulo 14 Pedro Bustamante Fortes

14. Pedro Bustamante Fortes (*06/06/1916 +08/02/1994). Batizado em 27/07/1916 na Igreja de Nossa Senhora do Monserrate, em Baependi, MG. Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Casou-se com Antônia Eugênia Bustamante Fortes, que também faleceu em Jacareí, SP.

14-1. Valdemar Bustamante Fortes. Casou-se com Maria Helena Francischini Fortes.

14-1-1. Valdemar Bustamante Fortes Júnior.

10-4-2. Sérgio Francisquine Fortes.

14-2. Valter Bustamante Fortes.

14-3. Nazareth Bustamante Fortes.

Capítulo 15 Abel Bustamante Fortes

15. Abel Bustamante Fortes (*1918). Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Foi casado com Guiomar Passos Fortes, conhecida como "Nenzinha". Faleceu em Jacareí, SP.

15-1. Darci Passos Fortes.

15-2. Doralice Passos Fortes.

15-3. Dirce Passos Fortes.

15-4. Dulce Passos Fortes.

15-5. Dorival Passos Fortes.

15-6. Dagmar Passos Fortes.

15-7. Vera Passos Fortes.

Capítulo 16

Maria Aparecida Bustamante Bacaro

16. Maria Aparecida Bustamante Bacaro (*1920). Também aparece como “Maria José Fortes Bustamante”. Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Casou-se com Sílvio Bacaro.

16-1. Sérgio Bustamante Bacaro. Há notícias que casou-se duas vezes, com geração em ambos os enlaces.

16-2. Celso Bustamante Bacaro.

16-3. Maria Elena Bacaro de Candia. Casou-se com Antônio Carlos Gonçalves de Candia.

16-4. Rosa Bacaro de Abreu. Casou-se com Marcos de Abreu.

16-4-1. Marcos de Abreu Júnior.

16-5. Neusa Bustamante Bacaro. Casou-se com João.

16-6. Vilma Bacaro Ferraz. Casou-se com João Ferraz.

16-6-1. Luciana Bacaro Ferraz.

16-7. Sílvia Bustamante Bacaro.

Capítulo 17

Antônio Bustamante Fortes

17. Antônio Bustamante Fortes (*23/07/1921 +24/08/1985). Também aparece como somente “Antônio Fortes”. Nasceu em Pouso Alto, MG (Fazenda da

Cachoeira), faleceu em Jacareí, SP. Casou-se em 20/10/1945 com Nair dos Santos Fortes (*12/06/1928), nascida e falecida em Jacareí, SP, filha de *Benedito Pereira dos Santos e Helena Floriano do Nascimento*, sendo esta natural de Conceição dos Ouros, MG. Era irmã de Maria dos Santos, mulher de Francisco Bustamante (Capítulo 18, logo abaixo).

17-1. Antônio Carlos Fortes (*22/09/1946). Natural de Jacareí, SP, casou-se com Benedicta de Araújo Fortes (*20/04/1948), também nascida em Jacareí, SP, onde residia o casal.

17-1-1. Carlos Eduardo Araújo Fortes (*30/01/1975). Nascido em Jacareí, SP, casou-se com Tatiana de Melo Ramos Fortes (*1981), natural de São José dos Campos, SP, onde fixaram residência.

17-1-1-1. Gabriel Ramos Fortes (*27/12/2003). Nasceu em São José dos Campos, SP.

17-1-2. Juliana Araújo Fortes (*17/03/1978). Natural de Jacareí, SP.

17-1-3. Carlos Felipe Araújo Fortes (*03/06/1981). Natural de Jacareí, SP.

17-2. Maria Suzana Braga (*1951). Nascida em Jacareí, SP, onde reside com seu marido Vítor Cesarino Braga.

17-2-1. Leandro Braga (*1974). Casou-se com Fabiana Vieira Carlos Braga (*1973), ambos naturais de Jacareí, SP.

17-2-2. Haroldo Braga (*1978). Casou-se com Micaela Font de Resende Braga (*1978), ambos naturais de Jacareí, SP.

17-2-3. Thiago Fortes Braga. Natural de Jacareí, SP.

17-2-4. Daniela Fortes Braga. Natural de Jacareí, SP.

17-3. Maria Elena Fortes Araújo (*27/08/1953). Natural de Jacareí, SP. Casou-se com Ariovaldo Boaventura Araújo e fixaram residência nessa mesma cidade de Jacareí, SP.

17-3-1. Fernanda Fortes Araújo (*1974). Nascida em Jacareí, SP. Teve um filho com Ailson de Oliveira Leite.

17-3-1-1. Camila Fortes Leite (*1994). Natural de Jacareí, SP.

17-3-2. Ana Carolina Fortes (*1986). Natural de Jacareí, SP.

17-4. Luiz Roberto Fortes (*16/03/1956). Nasceu em Jacareí, SP, e casou-se com Regina Fátima Hoffman França Fortes, sendo que o casal residia em Jacareí, SP.

17-4-1. João Paulo França Fortes (*1985). Nasceu em Jacareí, SP.

17-5. José Maria Fortes (*13/05/1959). Natural de Jacareí, SP, local onde fixou residência com sua esposa Ana Emília Bassi.

17-5-1. Ana Carolina Bassi Fortes (*1986). Nasceu em Jacareí, SP.

17-5-2. Ana Elisa Bassi Fortes (*1989). Natural de Jacareí, SP.

17-6. Carlos Alberto Fortes (*06/03/1961). Natural de Jacareí, SP. Teve um filho com Lúcia Moreto Fortes. Mais tarde firmou um novo relacionamento com Maria Tereza, de alcunha “Tuti”.

Filhos de Carlos e Lúcia:

17-6-1. Rafael Moreto Fortes (*1985). Nasceu em Jacareí, SP.

Capítulo 18

Francisco Bustamante Fortes

18. Francisco Bustamante Fortes (*21/04/1925 +26/05/2015). Nasceu em Jacareí, SP, mesmo local em que veio a se casar em 08/02/1947 com Maria dos Santos Fortes (*24/07/1929 +27/10/2010), também natural de Jacareí, SP, sendo que seu nome de solteira era “Maria Floriano dos Santos”, terceira filha do casal *Benedito Pereira dos Santos e Helena Floriano do Nascimento*, sendo esta natural de Conceição dos Ouros, MG, e irmã de Nair dos Santos, esposa de Antônio Fortes (Capítulo 17, logo acima). Maria faleceu de em Jacareí, SP, às 03h30min de neoplasia maligna reto, mal de Alzheimer. Já Francisco foi caminhoneiro profissional até se aposentar, conhecido como “Chico Fortes”. Ele faleceu em Jacareí, SP, às 11h40min, de sepse pulmonar, broncopneumonia, demência senil, e fibrilação atrial crônica. Tiveram ao todo nove filhos.

18-1. Nazareth dos Santos Fortes (*22/11/1947). Também encontrada como “Nazareth Bustamante Fortes” e “Nazareth Fortes de Oliveira”. Nascida em

Jacareí, SP, casou-se em 13/09/1969 com Jair Carlos de Oliveira (*30/11/1945), também natural de Jacareí, SP.

18-1-1. Jair Carlos de Oliveira Júnior (*24/07/1964). Natural de Jacareí, SP, em 04/01/2002 casou-se com Andréa Bueno Palácio (02/01/1966), nascida em Mogi das Cruzes, SP.

18-1-1-1. Andrey Palácio de Oliveira (*12/05/2005). Nasceu em Mogi das Cruzes, SP.

18-1-2. Beatriz de Oliveira (*13/09/1970). Nascida em Jacareí, SP, casou-se em 27/01/1989 com José Otávio Souza Costa (*04/05/1965), também nascido em Jacareí, SP. O casal teve um filho, mas se separou. Mais tarde, de seu relacionamento com Sebastião Costa Alves (*18/01/1976), natural de Bacurivero Viana, MA, teve mais um filho.

Filhos de Beatriz e de José Otávio:

18-1-2-1. Priscila de Oliveira Costa (*18/11/1989). Nasceu em Jacareí, SP.

Filhos de Beatriz e de Sebastião:

18-1-2-2. Gabriel Costa Alves (*12/06/2003). Nasceu em Jacareí, SP.

18-1-3. Jeferson Carlos de Oliveira (*30/09/1980). Natural de Jacareí, SP.

18-2. Wilson Roberto Fortes (*14/01/1949 +21/01/2004). Nascido e falecido em Jacareí, SP, casou-se em 28/12/1974 com sua parente Maria Regina Rangel Fortes (*02/04/1956), nascida em Santa Branca, SP, filha de *Geraldo Rangel* e de *Maria Aparecida da Silva Rangel*. Citados em 11-1-1 acima, viveram em Jacareí, SP.

18-2-1. Fernanda Regina Fortes (*06/04/1976 +11/06/1976). Nasceu e faleceu em Jacareí, SP, com apenas dois meses de vida.

18-2-2. Wilson Luís Rangel Fortes (*16/06/1977). Nasceu em Jacareí, SP.

18-2-3. Maria Cláudia Rangel Fortes (*08/12/1980). Nasceu em Jacareí, SP.

18-2-4. Vinícius Luís Rangel Fortes (*01/09/1985). Nasceu em Jacareí, SP.

18-3. Mauro José Fortes (*14/11/1951). Nasceu em Jacareí, SP, onde em 03/01/1976 casou-se com Maria José do Nascimento Fortes (*24/12/1953), filha de *José Joaquim do Nascimento* e de *Ana Pedroza do Nascimento*.

18-3-1. Carlos Rodrigo do Nascimento Fortes (*03/01/1978). Fisioterapeuta nascido em Jacareí, SP, na Maternidade da Santa Casa às 20h10min. Também foi em Jacareí, SP, que em 2006 casou-se com a advogada Sheila Moreira (*11/12/1976), também nascida na Maternidade da Santa Casa, em Jacareí, SP, às 09h30min, filha de *José André Moreira*, natural de Itaverava, MG, casado com *Laura de Siqueira Moreira*, natural de Jacareí, SP; neta pelo lado paterno de *Leônidas Moreira* e de *Adelina Rodrigues de Paula*; neta pelo lado materno de *Vitorino Soares de Siqueira* e de *Maria Justina da Conceição*. Rodrigo e Sheila tiveram:

18-3-1-1. Ana Clara (*19/05/2009). Nasceu em Jacareí, SP.

18-3-1-2. Rodrigo. Nasceu em Jacareí, SP.

18-3-2. Ana Paula do Nascimento Fortes (*23/06/1979). Natural de Jacareí, SP.

18-3-3. Maria Luiza do Nascimento Fortes (*10/03/1983). Nascida em Jacareí, SP.

18-4. Jaime Bustamante Fortes (*17/09/1954). Natural de Jacareí, SP, e irmão gêmeo de Jairo, a seguir. Casou-se com Marisa Martins Sampaio Fortes (*25/02/1958).

18-4-1. Carolina Sampaio Bustamante Fortes. Nasceu em Jacareí, SP.

18-5. Jairo Bustamante Fortes (*17/09/1954). Natural de Jacareí, SP, e irmão gêmeo de Jaime, acima. Casou-se em 19/04/1975 com Rosângela Vieira de Souza Fortes (*10/08/1953), nascida em Jacareí, SP.

18-5-1. Marcelo Alexandre Bustamante Fortes (*30/05/1976). Nascido em Jacareí, SP, casou-se em 09/10/2004 com Kênia Túlio Fortes (*13/12/1979), natural de Ribeirão Preto, SP, local onde o casal veio a fixar residência.

18-5-1-1. Eduardo Túlio Bustamante Fortes (*15/10/2005). Nasceu em Ribeirão Preto, SP.

18-5-2. Gláucia Maria Souza Fortes Silva (*13/07/1979). Nascida em Jacareí, SP, foi em 25/01/2002 que se casou com Sérgio Esmério da Silva Júnior (*13/12/1979), natural de Jacareí, SP.

18-5-3. Giliane Fortes Rossi (*18/10/1982). Nasceu em Jacareí, SP, e em 17/12/2004 casou-se com Adir da Silva Rossi Júnior (*08/02/1968), também natural de Jacareí, SP.

18-6. Maria Aparecida Fortes Faria (*05/05/1957). Nascida na maternidade da Santa Casa de Jacareí, em Jacareí, SP, às 07:00h, e batizada em 12/05/1957 na Paróquia de Nossa Senhora da Santíssima Trindade pelo Padre Geraldo M. Guimarães. Casou-se em 03/09/1977, em Jacareí, SP, com Francisco de Jesus dos Santos Faria (*15/09/1953), nascido em Jacareí, SP, segundo dos dez filhos de *Edir Azevedo Faria* (*26/11/1928), natural de Jacareí, SP, lavrador, que em 09/05/1951 casou-se com *Irinea dos Santos Faria* (*23/01/1934 +19/06/1997), nascida em Jacareí, SP, mesmo local que veio a falecer de choque hemorrágico, hemorragia digestiva. Francisco era neto pelo lado paterno de Hypolito Pinto de Faria e de Francisca de Azevedo Faria, e pelo lado materno de *Delfino Alves dos Santos* e *Avelina Faria Cursino*. Maria e Francisco tiveram dois filhos:

18-6-1. Milena Fortes Faria (*30/11/1979). Natural de Jacareí, SP, mesmo local onde, em 15/09/2006, casou-se com Carlos Henrique da Silva (*01/06/1979), nascido às 19h15min no hospital da Cidade de Caconde, SP, filho de *Célio da Silva* (*04/04/1949), natural de Iapuçu, SP, que em 17/06/1978 casou-se em Caconde, SP, com *Maria Cecília Pereira* (*10/02/1960), natural de Cabo Verde, SP. Irmãos de Célio: Elza, Luzia, Nair, Reinaldo e Antonio; irmãos de Cecília: Maira Inês, Selma Regina, Paulo Roberto e Antônio. Carlos Henrique era neto pelo lado paterno de *Benedicto da Silva Carreira* (*18/02/1918), natural de Tapiratiba, SP, lavrador que em 29/07/1940 casou-se em Caconde, SP, com *Yolanda Marrichi* (*07/05/1921 +20/12/1994), natural de Poços de Caldas, SP, falecida em Jacareí, SP; neto pelo lado materno de *João Pereira* (*20/07/1917), natural de Divisa Nova, MG, casado com *Tereza Conceição*, nascida em Areado, MG; bisneto pelo lado de seu avô paterno de *Anselmo da Silva Carreiro*, natural de São Joaquim da Serra Negra, MG, casado com *Izabel de Jesus*, natural de Caconde, SP; bisneto pelo lado de sua avó paterna de *Pedro Marrichi*, nascido na Itália, casado com *Anna Carante*, também natural da Itália; bisneto pelo lado de seu avô materno de Manoel José Pereira e de Olímpia Maria da Silva; por seu bisavô Anselmo trineto

do casal *Joaquim da Silva Carreiro* e *Maria Carreiro*; e por sua bisavó Izabel, trineto de *Joaquim André* e *Maria Balbina*. Milena e Carlos tiveram:

18-6-1-1. Artur (*15/05/2010).

18-6-2. Danilo Fortes Faria (*26/10/1982). Nasceu em Jacareí, SP, na Santa Casa de Jacareí, às 08h50min – mas por um erro do cartório em sua Certidão de Nascimento consta a data de 25/10/1982. Casou-se com Caroline Togni Rezende.

Nota: os demais irmãos de Francisco de Jesus dos Santos Faria, marido de Maria Aparecida, todos pertencentes à “Família Faria” de Jacareí, são os seguintes:

1. Antonio Maria Claret dos Santos Faria (*09/04/1952). Natural de Jacareí, SP. Casou-se em 08/04/1978 com Ângela da Aparecida Lopes Faria (*02/07/1959), nascida em Matias Barbosa, MG, filha de Leandro Lopes e de Maria Aparecida Bahia Lopes. Divorciaram-se em 02/06/1997.

2. Maria Cecília Faria de Alcântara (*15/11/1954). Nome de solteira: “Maria Cecília dos Santos Faria”. Casou-se em 05/04/1975 com João Pedro de Alcântara (*06/08/1947), nascido em Castilho, SP, filho de Antônio Pedro de Alcântara e de Luzia Ferreira de Lima.

3. Lúcia de Fátima Faria de Souza (*18/06/1957). Natural de Jacareí, SP. Casou-se em 18/06/1977 com Geraldo Adair de Souza (*06/09/1950), nascido em Zito Soares, MG, filho de José Dionísio de Souza e de Malvina Joana de Souza.

4. Maria Celeste dos Santos Faria (*10/12/1958). Casou-se em 27/04/1978 com Pedro Curi (*29/06/1958), nascido em Guaianases, SP, filho de Habib Curi e de Anilza de Souza Curi. Divorciaram-se em 1989.

5. Irineu dos Santos Faria (*01/12/1960). Casou-se em 07/08/1982 com Lúcia de Andrade Souza Faria (*17/01/1961), nascida em Jacareí, SP, filha de Sebastião Moura de Souza e de Maria Nogueira de Andrade Souza. Separaram-se em 10/05/1988.

6. Eugênio dos Santos Faria (*08/12/1961). Natural de Jacareí, SP. Casou-se em 29/10/1987 com Ivone de Oliveira Faria (*14/01/1961), nascida em Santa Branca, SP, filha de Cassemiro Brígido de Oliveira e de Jacira Teixeira de Oliveira.

7. *Dorotéia das Graças dos Santos Faria (*21/06/1964). Nascida na maternidade da Santa Casa de Jacareí, SP, às 03:00h. Solteira.*

8. *Irene Maria dos Santos Faria José (*31/10/1965). Natural de Jacareí, SP. Casou-se em 14/11/1981 com Carlos José (*18/07/1964), nascido em Jacareí, SP, filho de Cleantes José e de Yara Santos José.*

9. *Rodolfo dos Santos Faria (*06/01/1968). Natural de Jacareí, SP. Casou-se em 15/09/1988 com Gercina Maria da Silva Faria (*28/11/1968), nascida em Itumirim, MG, filha de Lázaro Xavier da Silva e de Conceição Emília da Silva.*

18-7. Lúcia de Fátima Bustamante Fortes (*30/04/1961). Nascida em Jacareí, SP, casou-se em 16/09/1989 com Egídio Antônio Coimbra (*11/01/1953 +05/12/1999), também natural de Jacareí, SP. Ela foi Presidente da entidade "Associação Humanitária Amor e Caridade" de atendimento aos idosos.

18-7-1. Egídio Antônio Coimbra Júnior (*03/03/1991). Nasceu em Jacareí, SP.

18-8. Francisco Carlos Fortes (*1963). Natural de Jacareí, SP, foi casado duas vezes. Primeiro com Lenita Paiva Faria Fortes, de quem divorciou-se. Após, com Andréa Delgado.

Filhos de Francisco e Lenita:

18-8-1. Laís.

Filhos de Francisco e Andréa:

18-8-2. Débora.

18-9. Marco Antônio Fortes (*07/02/1965). Natural de Jacareí, SP. Casou-se em 11/12/1987 com Ivone Cobra Teixeira Fortes (*05/10/1965), nascida em São Paulo, SP.

18-9-1. Mariana Cobra Bustamante Fortes (*30/07/1982). Nasceu em Jacareí, SP.

18-9-2. Leonardo Cobra Bustamante Fortes (*26/06/1998 +29/06/1998). Nasceu e faleceu em Jacareí, SP, com somente três dias de vida.

18-9-3. Rhuan Cobra Bustamante Fortes (*12/06/2000). Nasceu em São José dos Campos, SP.

Capítulo 19

Joaquim Bustamante Fortes

19. Joaquim Bustamante Fortes (*22/11/1927 +01/03/2004). Nascido e falecido em Jacareí, SP, tendo se casado em 24/03/1951 com Laura Maria da Conceição Fortes (*05/09/1931) ou “Laura Rangel Bustamante Fortes”, que também faleceu em Jacareí, SP.

19-1. Valdir Aparecido Fortes (*08/02/1954). Natural de Jacareí, SP. Casou-se com Marlene Fernandes Fortes.

19-1-1. Daniel Fernandes Fortes.

19-1-2. Aline Fernandes Fortes dos Santos. Foi casada com Leandro dos Santos.

19-1-3. Amanda Aparecida Fernandes Fortes.

19-2. Nadir de Lourdes Fortes Santana (*12/01/1952). Nasceu em Jacareí, SP, e casou-se com Echerman Santana.

19-2-1. Estefa Fortes Santana.

19-2-2. Tatiana Fortes Santana.

19-2-3. Salomão Fortes Santana.

19-3. Cilene Aparecida Fortes Gastão (*23/12/1956). Natural de Jacareí, SP. Casou-se com Sidnei da Silva Gastão.

19-3-1. Rodrigo Fortes Gastão.

19-3-2. Eduardo Fortes Gastão.

19-3-3. Priscila Cristina Fortes Gastão.

19-4. Alessandra Cristina Fortes Massuquim (*01/11/1971). Nasceu em Jacareí, SP, e foi casada com João Henrique Massuquim.

19-4-1. Luiz Felipe Fortes Massuquim.

19-4-2. Thiago Fortes Massuquim.

TÍTULO VIII

ÁRVORE DE ASCENDENTES

Tradicionalmente existem duas maneiras de se representar os trabalhos genealógicos: graficamente, através de genogramas (diagramas genealógicos), e analiticamente, através da descrição detalhada de cada um dos indivíduos. Enquanto que com os genogramas temos um trabalho visual e quase que artístico, já através da descrição analítica, para correta identificação de cada um dos componentes, é necessário lhes atribuir endereços ou códigos que permitam identificar corretamente sua posição dentro da estrutura familiar. Para isso existem diversos sistemas de numeração, cada qual com suas vantagens e desvantagens.

Ainda do ponto de vista analítico, existem basicamente dois tipos de árvores genealógicas: a *árvore de descendentes* e a *árvore de ascendentes*.

A *árvore de descendentes*, também conhecida como *árvore de geração*, ou ainda como *árvore genealógica direta*, é a árvore formada pelos descendentes de um indivíduo. Partindo do passado ela avança no tempo, multiplicando-se, geração após geração, e facilitando a visualização do antepassado comum de vários indivíduos na atualidade. Sua estrutura é orgânica e aleatória, pois não há como racionalizar o número de filhos de cada indivíduo. É exatamente o que se vê neste neste livro quando relacionamos os descendentes a partir de *Gonzalo Fuertes*, desde aproximadamente 1350, na Espanha, até os dias atuais, já no Brasil.

Já a *árvore de ascendentes*, também conhecida como *árvore de costados*, ou ainda como *árvore genealógica inversa*, é a árvore formada pelos antepassados de um indivíduo, partindo da atualidade e retroagindo no tempo, montando toda a linha de antepassados de um único indivíduo. Sua estrutura é geométrica e racional, pois para cada geração que subimos dobra-se o número de antepassados: dois pais, quatro avós, oito bisavós, e assim por diante.

Na prática, funciona da seguinte maneira: dá-se ao indivíduo base o número 1 e ao pai deste o dobro de seu número, ou seja, 2, enquanto à sua mãe é atribuído o dobro mais um, ou seja, 3, e assim sucessivamente, retroagindo no tempo. Dessa maneira, para encontrar o pai de determinado indivíduo, independentemente de sua posição, basta multiplicar seu número por dois – por

exemplo: o indivíduo 8, Francisco Bustamante Fortes, avô paterno do Rodrigo, é filho do indivíduo 16 (o dobro), que é seu bisavô Ignácio de Loyola Bustamante Fortes com o indivíduo 17 (o dobro mais um), que é sua bisavó Maria Suzanna Fortes. Este, por sua vez, é filho do indivíduo 32 (o dobro), seu trisavô Ignácio de Loyola Fortes Bustamante com o 33, Marianna Ribeiro de Jesus. Fácil, não?

Esse método (conhecido por *Stradonitz* ou *Ahnentafel*) nos fornece um tipo de árvore infinito e contínuo, onde todos os homens possuem número par e todas as mulheres possuem número ímpar, permitindo indefinidos acréscimos sem perturbação de sua rigorosa estrutura.

PRIMEIRA GERAÇÃO

1. a) Ana Clara (*2009)
- b) Rodrigo

SEGUNDA GERAÇÃO

2. Carlos Rodrigo do Nascimento Fortes (*1978)
3. Sheila Moreira (*1976)

TERCEIRA GERAÇÃO

4. Mauro José Fortes (*1951)
5. Maria José do Nascimento Fortes
6. José André Moreira
7. Laura de Siqueira Moreira

QUARTA GERAÇÃO

8. Francisco Bustamante Fortes (*1925 +2015)
9. Maria dos Santos Fortes (*1929 +2010)
10. José Joaquim do Nascimento
11. Ana Pedroza do Nascimento
12. Leônidas Moreira
13. Adelina Rodrigues de Paula
14. Vitorino Soares de Siqueira
15. Maria Justina da Conceição

QUINTA GERAÇÃO

- 16. Ignácio de Loyola Bustamante Fortes (*1864 +1946)
- 17. Maria Suzanna Fortes (*1885 +1950)
- 18. Benedito Pereira dos Santos
- 19. Helena Floriano do Nascimento

SEXTA GERAÇÃO

- 32. Ignácio de Loyola Fortes Bustamante (*1836 +1911)
(meio-irmão de Philadelpho, a seguir)
- 33. Marianna Ribeiro de Jesus (*1840)
- 34. Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho (*1846)
(meio-irmão de Ignácio de Loyola, acima)
- 35. Maria Victória N. de Magalhães

SÉTIMA GERAÇÃO

- 64. Ignácio Loyola Bustamante Fortes (*1793 +1836)
- 64. Anna Flora de São José (*1806 +1888)
- 68. Ignácio Joaquim Nogueira de Carvalho
- 69. Anna Flora de São José #65

OITAVA GERAÇÃO

- 128. Ignácio de Loyola e Silva (*1778)
- 129. Francisca Silvéria de Oliveira (*1775 +1827 – irmã de Jerônyma)
- 130. Antonio José Fernandes (*1760 +1828)
- 131. Jerônyma Ribeiro (*1767 +1841 – irmã de Francisca Silvéria)

NONA GERAÇÃO

- 256. Francisco Coutinho da Silva
- 257. Francisca Xavier de Bustamante (*1763)
- 258. Antonio José Ribeiro de Carvalho (*1732)
- 259. Maria Gonçalves Torres
- 260. Manoel Gonçalves da Silva
- 261. Catarina Maria do Rosário

262. Antonio José Ribeiro de Carvalho #258

263. Mria Gonçalves Torres #259

DÉCIMA GERAÇÃO

514. José Fortes de Bustamante e Sá (*1709 +1777)

515. Antonia Teresa Telles

516. Antonio Ribeiro de Carvalho

517. Jerônima da Silva

518. Vicente Gonçalves Preto (*1698)

519. Felipa Gaga do Prado

11ª GERAÇÃO

1028. Luiz Fortes Bustamante e Sá (*1678 +1741)

1029. Luiza Maria Xavier de Afonseca (*1677)

1036. Bento da Costa Preto

1037. Ana Maria Torres (+1700)

12ª GERAÇÃO

2056. Antônio Fortes de Bustamante (*1653)

2057. Angélica Maria de Sá e Figueiredo

2058. Manuel Pereira Fonseca

2059. Ana Teresa Pereira

2074. Vicente Gonçalves (*1658)

2075. Ana Ribeira de Escobar

13ª GERAÇÃO

4112. Thomás Fortes da Silva

4113. Francisca de Bustamante

4114. Manuel de Sá e Figueiredo

4115. Bárbara Soares Barreto

4148. Sebastião Gonçalves de Barros (+1669)

4149. Helena de Torres

4150. Domingos Arenço Botelho (+1676)

4151. Ana Ribeiro de Escobar

14ª GERAÇÃO

- 8224. Antonio Fernandez Fuertes
- 8225. Clara da Silva
- 8226. Luiz de Bustamante
- 8227. Jerônima de Esparsa
- 8230. Álvaro Taborda
- 8231. Ana Barreto
- 8296. Domingos Gonçalves
- 8297. Marta de Mendonça
- 8298. Lázaro de Torres
- 8299. Maria de Macedo

15ª GERAÇÃO

- 16448. Gaspar Fernandez Fuertes
- 16450. Francisco da Silva
- 16451. Isabel Froes
- 16598. Marcos Lopes
- 16599. Helena de Macedo

16ª GERAÇÃO

- 32896. João Fernandez Abelho
- 32897. Catherina Alvarez Fuertes de Sierra

17ª GERAÇÃO

- 65794. Domingos Fuertes de Sierra
- 65795. Leonor Rodriguez de Paredes

18ª GERAÇÃO

- 131588. Arias Gonzalez Fuertes de Sierra
- 131589. Maria Alvarez de Navia
- 131590. Sancho Menendez de Luarca
- 131591. Maria Mendez de Paredes

19ª GERAÇÃO

- 263176. Gonzalo Fuertes
- 263177. Sancha Rodriguez de Sierra
- 263178. Lope Rodriguez de Navia
- 263179. Maria Alvarez de Navia
- 263182. Garci Mendez de la Plaza
- 263183. Maria Mendez de Paredes

20ª GERAÇÃO

- 526352. Arias Gonzalez Fuertes
- 526353. Maria Rodriguez
- 526354. Juan Rodriguez de Sierra

21ª GERAÇÃO

- 1052704. Rodrigo Fuertes

22ª GERAÇÃO

- 2105408. Arias Gonzalez Fuertes

23ª GERAÇÃO

- 4210816. Gonzalo Fuertes
- 4210817. Inès Gonzalez

TÍTULO IX

O TRABALHO DE PEDRALVA E A AUTORIA COLETIVA

SUBTÍTULO I

“O TRABALHO DE PEDRALVA” – CITAÇÕES

Aqui pedimos licença ao *Senhor Chinho* e ao *Senhor Zezé Monti* para podermos fazer uso, ou mesmo transcrevermos parte da apresentação ou da nota introdutória do que passaremos a chamar, pela grande importância que teve para nós, de “*O Trabalho de Pedralva*”. Foi reconfortante não termos que reinventar a roda; para nós, foram utilíssimas as informações nele contidas.

O “O Trabalho de Pedralva” é um relatório genealógico que tem o seguinte título: “*Árvore genealógica de algumas famílias significativas na história de Pedralva: Bustamante, Abreu e Rezende*”. Foi divulgado na Internet através do website http://geocities.yahoo.com.br/pedralva_mg/abel.html. O trabalho é o resultado da dedicação, do empenho e da coordenação de dois pedralvenses: *Antônio Nélcio de Abreu (Chinho)* e *José Sebastião Rezende Monti (Zezé Monti)*. Esse trabalho, de novo repetimos, foi importante para nós, pois foi a partir dele, de quando o conhecemos, que planejamos e decidimos empreender a nossa “*Genealogia da Família Bustamante*”. Este seria um trabalho semelhante, porém concentrado apenas na descendência do patriarca *Ignácio de Loyola Bustamante Fortes* e sua esposa *Anna Flora de São José, a Dindinha*. Relacionado apenas à família Bustamante, houve a intenção de se produzir um trabalho um pouco mais extenso, tanto na amplitude do arco de antecedentes e descendentes de Ignácio de Loyola, como na intenção de ao longo dos registros dos nomes, inserir notas, comentários e tudo o mais que viesse contribuir para, além de tornar o trabalho instigante e prazeroso de ser manuseado, deixar registrado um pouco da história da vida de alguns dos membros da família, no contexto da época em que viveu.

A importância de “O Trabalho de Pedralva” vem de sua essência: uma quantidade enorme de nomes já catalogados e relacionados. Ao fim e ao cabo, um livro, ou melhor, um manual de genealogia, nada mais é na sua essência, do que uma torrente de nomes que se relacionam através de uma cadeia de afiliações, de uma linha contínua de descendência. Mas também, é importante pela motivação que ele é e foi capaz de provocar; do prazer de ter nas mãos um

livro que aberto, provoca lembranças, e vontade de saber mais sobre quem foram nossos avós, bisavós e correlatos, onde e como viveram.

Então, *Mestres Chinho e Zezé Monti*, primeiro, muito obrigado pela licença do uso dos dados e informações contidos em “*O Trabalho*”, segundo, por favor, nos permita, mais uma vez, transcrever parte das notas de apresentação do mesmo, o qual nos serviu de guia.

“Antigamente, o registro da pessoa ao nascer era feito apenas na Igreja. Depois da Proclamação da República (15-11-1889) tornou-se obrigatório o registro em Cartório de Registro Civil. Tanto um como o outro era feito sem regras preestabelecidas e por pessoas que não refletiam sobre o seu valor, muitas vezes. Às vezes se registrava apenas o nome. O sobrenome era colocado pela própria pessoa, ou pelo responsável pelo registro, segundo a “importância” de um dos progenitores. O nome e o sobrenome eram mudados ao bel prazer da pessoa ou do responsável pelo registro, e isso deixava de constar no registro original. O nome da mãe, às vezes, era o de solteira, às vezes com o acréscimo do sobrenome do esposo. Era mudada a data de nascimento para se evitar a multa. A cidade de nascimento, ora era colocada onde ocorreu o parto e ora onde residiam os pais. A grafia das palavras era muito variada. Até hoje, o registro não é fonte em que se pode confiar plenamente. O mesmo se pode dizer das informações obtidas através das pessoas da família.”

SUBTÍTULO II

AUTORIA COLETIVA – COLABORAÇÃO DA FAMÍLIA

Parafraseando, ainda outra vez mais, a apresentação do “*O Trabalho de Pedralva*”, devemos dizer que este novo trabalho também não tem dono. Coube a nós a pesquisa de base, a redação do “*Breve Histórico da Família*” e desta apresentação, bem como a tarefa de organização e sistematização dos dados e informações enviados pelos membros colaboradores da família. Porém, na essência, este trabalho é o resultado de um esforço coletivo, e que chegou à sua versão final graças à participação e a colaboração de um sem número de pessoas, as quais, de uma maneira ou de outra estão ligadas por algum grau de parentesco. Trata-se de um projeto que poderá e deverá ter prosseguimento. Na verdade este trabalho nunca estará terminado; é um trabalho permanentemente aberto, e que deverá receber manutenção constante. A continuação ou manutenção deverá vir das correções, acréscimos e atualizações de dados: novos nascimentos, novos casamentos e novos óbitos; a tarefa de manutenção continua sendo coletiva, prova de que esta obra não tem mesmo dono.

O objetivo proposto era o de traçar as quatro linhas de descendência de *Ignácio de Loyola Bustamante Fortes* e de *Anna Flora de São José, a Dindinha*. Na realidade, três foram os filhos homens de Ignácio de Loyola e Dindinha que se casaram e deixaram descendência: Antonio José, Ignácio de Loyola e Manoel José. O quarto filho, como dissemos anteriormente, era filho de Dindinha, tendo como pai Ignácio Joaquim Nogueira de Carvalho, filho esse que recebeu o nome de Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho.

Luiz C. P. Bustamante

Relação dos Principais Colaboradores:

Apresentamos abaixo a relação dos principais colaboradores. Certamente outro grande número de pessoas, também membros da família, de um modo ou outro colaborou nesta tarefa, e a elas somos gratos. Os colaboradores mais diretos foram:

I. Da linhagem de Antônio José de Bustamante:

Regina Maria Gonçalves Bustamante, Out/2000; Neilda Bustamante Moreira e Nélida Bustamante Moreira, Out/2000; Maria José Hespanha Bustamante, Nov/2000; Edson Galvão Franco da Rosa, Dez/2000 e Nov/2002; Fernando Mendes da Costa e Maria de Fátima Mendes da Costa, Set/2001; Maria Auxiliadora Perroni Bustamante, Fev/2001; Geraldo Fortes Bustamante e família, Mar/2001; Zely Penedo de Melo, Set/2001; Aécio Zózimo Bustamante e Terezinha Rosa de Sousa Bustamante, Set/2001; Paulo Bustamante Carneiro e Maria de Lourdes Rosa Bustamante, Set/2001; José

Carlos Bustamante Mendes, Set/2001, Fev/2002 e Mai/Dez/2003; Adélia Pinto Mendes, Nov/2001; Maria de Cássia Bustamante Scarpa e família, Nov/2001; Maria Adelaide R. Bustamante Mota e Lenita Bustamante T. de Melo, Mai/2002; Claudir Bustamante Silva Pinto, Ago/2002; João Roberto Rezende Bustamante, Ago/2002; Gláucio Nogueira Bustamante, Ago/2002; Luciano Bustamante Rennó, Ago/2002; Mirtes de Sousa Ribeiro, Ago/2002; Maria Aparecida Lopes Bernardine, Ago/2002; Maria Rita Guimarães Sierra, Set/2002 e Set/2004; Branca Di Lorenzo, Ago/2002; Maria de Jesus Leite Sobral, Set/2002 e Dez/2003; Antônio Galvão Guimarães, Set/2002; Rosemary Bustamante Godoy, Out/2002; LÍlian Bustamante Pereira de Carvalho, Set/2002; Antônio Mendes Bustamante e seus filhos Maria de Fátima Bustamante Celes e José Guilherme Goulart Bustamante, Set/2002; Belmiro Jefferson Bustamante, Set/2002; Sérgio Monteiro de Bustamante, Set/2002; José Abel Bustamante Abreu, Nov/2002; Ivan Cunha Bustamante, Nov/2002; Maria Mirtes dos Santos, Nov/2002; Esther Jardim Gonçalves, Dez/2002; Maria Andrea de Machado e Bustamante, Dez/2002.

II. Da linhagem de Manoel José Ribeiro de Bustamante:

Maria Martha Bustamante Monteiro, Mar/2002; Maria de Cássia Bustamante Scarpa, Nov/2001; Agostinho Bustamante Reis, Set/2002 e Nov/2002.

III. Da linhagem de Ignácio de Loyola Fortes Bustamante:

Gladys Motta Bustamante, Mai/2001; Maria Aparecida Bustamante Ribeiro, Jul/2001; Maria José Fortes Bustamante, Nov/2001.

IV. Da linhagem de Philadelpho Joaquim Nogueira de Carvalho:

Ignacio Bustamante Nogueira, Jun/2001; Zaida Maria Rennó de Carvalho, Ago/2001 e Nov/2002; Vera de Sousa da Costa Brito, Jul/2001; Marlene Carmelinda Gomes Mendes, Ago/2002; Maria Adelaide Nogueira Cunha e filhos, Jan/2003.

V. Das outras linhagens de descendência de Luiz Fortes Bustamante e Sá:

Éderson Bustamante, Mar/2004; Jacymar da Conceição Tótaro Pinheiro, Mar/2004.

VI. Coleta de dados e auxílio na pesquisa documental:

Aécio Zózimo Bustamante.

VII. Pesquisa, organização e sistematização:

Luiz Carlos Pinto Bustamante.

TÍTULO X

FONTES, REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Fontes indicadas no Trabalho Original

I. Cartórios de Registro Civil e Secretarias das paróquias das seguintes cidades do Sul de Minas:

Somos todos muito gratos às tabeliãs dos cartórios de registro civil dos municípios de Itanhandu – Sra. Iracema Martucelli e sua filha Sra. Flávia Martucelli; de Santana do Capivari – Sra. Lúcia, de Itamonte, Sra. Maria Auxiliadora Perroni Bustamante, que nos permitiram o acesso às informações contidas nos livros de registro de nascimentos, casamentos e óbitos, de seus respectivos cartórios. Agradecemos também ao Padre Rogério Rezende Vilela, pároco de Itanhandu, e a Sra. Lygia Maria Lessa Guedes, secretária, que também nos permitiram e facilitaram o acesso às fontes primárias de nossas pesquisas.

- Cartório do Registro Civil e Notas de Santana do Capivari, MG. Consulta aos livros de registro de nascimentos, de registro de casamentos e de óbitos. Tabeliã: Sra. Lúcia.
- Cartório do Registro Civil de Itanhandu, MG. Consulta aos livros de registro de nascimentos, de casamentos e de óbitos. Tabeliãs: Sra. Iracema Martucelli e Sra. Flávia Martucelli.
- Cartório do Registro Civil de Itamonte, MG. Consulta aos livros de registro de nascimentos, de casamentos e de óbitos. Tabeliã: Sra. Maria Auxiliadora Perroni Bustamante.
- Livros de assentamentos de batizados, casamentos e óbitos da Paróquia de Santana do Capivari, MG, sob a guarda da Secretaria da Paróquia de Itanhandu. Consultas autorizadas pelo Revmo. Pe. Rogério Rezende Vilela; secretária: Sra. Lygia Maria Lessa Guedes.
- Livro de registros de sepultamentos do cemitério de Itanhandu, MG.
- Livro de registros de sepultamentos do cemitério de Passa Quatro, MG.

- Livros de assentamentos de batizados, de casamentos e de óbitos da Paróquia de Itanhandu, MG. Consultas autorizadas pelo Revmo. Pe. Rogério Rezende Vilela; secretária: Sra. Lygia Maria Lessa Guedes.

II. Internet – Websites de Genealogia e outros afins:

- **Árvore genealógica de algumas famílias significativas na história de Pedralva** - Fornece dados sobre os descendentes de Ignácio de Loyola Bustamante Fortes. Página da Internet preparada e divulgada por: *Antônio Nélcio de Abreu (Chinho)* e por *José Sebastião Rezende Monti (Zezé)*, ambos genros do senhor Abel Gomes Bustamante, filho de Zózimo Fortes Bustamante. Antônio Nélcio de Abreu, o Chinho, é o diretor vice-presidente do jornal “O Centenário”, periódico mensal de Pedralva.
- **Manuel Bustamante** – Nasceu e mora na Cantábria, a uns 70 km do lugar onde se originou o nome da família Bustamante. *Bustamante Family Genealogy Forum, Nov. 1999.*
- **Rubens Câmara** – Mantém uma homepage que disserta sobre os sobrenomes portugueses de origem judaica no seguinte endereço: www.geocities.com/rubensrcamara/nomes, *Out. 2002.*
- **Cristina Bustamante** – Nasceu e mora em Santander, capital da Cantábria. *Bustamante Family Genealogy Forum, Mai. 2000.*
- **Sérgio de Freitas** – Autor da homepage que transcreve para a Internet a lista de títulos nobiliárquicos, no caso, a dos barões, tirada do “*Archivo Nobiliarchico Brasileiro*”.
- **Rodolfo Emilio Bustamante** – Originário das Ilhas Filipinas, cresceu na ilha de Negros Occidental, uma região açucareira das Filipinas; mora hoje, com a maior parte de sua família em Burlington, Ontário, Canadá. *Bustamante Family Genealogy Forum, Jul. 2000.*
- **Adrian Bustamante** – Vem de uma família procedente de Santander e emigrada para o Novo México, USA, em meados do século XVIII, quando este estado ainda pertencia ao México. *Bustamante Family Genealogy Forum, Fev. 2000.*

- **Documentos Mineiros** – Documentação referente a testamentos da Comarca do Rio das Mortes, arquivados no Museu Regional de São João del-Rei, MG.
- **História de São João del-Rei** – Internet-website / Homepage: São João del-Rei On-line / História/2002. <http://users.mgconecta.com.br/~sjonline/historia>.
- **Câmara Municipal de Juiz de Fora** - Homepage/Internet: A Cidade de Juiz de Fora/História; <http://www.camarajf.mg.gov.br>.

III. Bibliografia

- Mary Del Priore e Renato Pinto Venâncio. *História do Brasil*. Ediouro, 2001.
- Georges Duby. *Damas do Século XII – Lembranças dos Ancestrais*. Cia das Letras, 1997.
- Ângela Dutra de Menezes. *O Português que nos pariu*. Relume Dumará, 2000.
- Leonel I. A. Mello e Luís César Amad Costa. *História Antiga e Medieval*. Abril, 1985.
- Júlio José Chiavenato. *Inconfidência Mineira – As Várias Faces*. Contexto, 2000.
- Heitor Antunes de Souza. *Esboço histórico dos municípios de Itanhandu e Itamonte*. 1950.
- Francisco Fortes. *Família Souza Fortes Bustamante de Sá Menezes*. Halley S.A., Teresina, 2000.
- Leonel Junqueira. *Pouso Alto, 1692-2002 – Sua Gente e sua História*. Gráfica Varginha, 2001.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora. Ano IX – No. 9, Fev-1985.
- Edgardo Pires Ferreira. *A Mística do Parentesco*. Livraria Corrêa do Lago, São Paulo, 1990.

- Luiz Gonzaga da Silva Leme. *Genealogia Paulistana*. Website: www.geocities.com/lscamargo.
- Historia de Cantábria. Impresso do website: www.cantabriajovem.com/historia.

Fontes pesquisadas pelo Organizador deste livro

I. Fontes Bibliográficas:

- AMATO, Marta. Família Andrade de Minas Gerais: ascendência e descendência de Antônio de Brito Peixoto / 500 anos de história. 2016.
- BARATA, Carlos Eduardo e CUNHA BUENO, Antonio Henrique. Dicionário das Famílias Brasileiras (software). Verbetes: FORTES, BUSTAMANTE, BUSTAMANTE DE SÁ e FORTES BUSTAMANTE.
- CASTELLO BRANCO, Francisco da Cunha. Apontamentos Genealógicos de D. Francisco da Cunha Castello Branco. 1926.
- MATTOS, José Américo Junqueira de. Família Junqueira: sua história e genealogia. 2004. Volumes 1 e 2.
- MOYA, Salvador de. Anuário Genealógico Brasileiro. 1948. Volume 10.
- OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Ensaio. Famílias dos sertões da Mantiqueira. Revista do Arquivo Público Mineiro. 2012. Volume 48, Fascículo 1.
- RICHA, Lênio Luiz. Estudo: Genealogia Brasileira – Estado de São Paulo – Os Títulos Perdidos – Os Betim. Instituto Histórico IMPHIC – Betim. 2013.
- SILVA LEME, Luiz Gonzaga da. Genealogia Paulistana. 1903. Volume 2, Título Lemes.
- VILLADEMOROS, Don Joseph Manuel Trelles. Asturias Ilustrada: Primitivo origen de la nobleza de España, su antigüedad, clases, y diferencias, con la descendencia sucessiva de las principales familias del reyno. Madrid, 1760. Tomo II, Parte Tercera, pág. 55-60.

II. Fontes Documentais:

- Livro de Batismos de 1776 a Jun-1780 da Igreja Nossa Senhora da Piedade, em Barbacena, fls. 501.
- Livro de Registro de Nascimentos nº 53-A do Cartório de Registro Civil de Jacareí, fls. 131-v, registro nº 34.461.

III. Internet:

- <https://www.familysearch.org/tree/person/details/LDT7-Q63>
- <https://www.familysearch.org/tree/person/details/MY46-MFW>
- <https://www.geneall.net/pt/forum/62076/nobreza-de-portugal-e-brasil>
- http://www.geocities.ws/pedralva_mg/abreu.html
- https://www.geocities.ws/pedralva_mg/bustamante.html
- <https://www.geni.com/people/Luís-Fortes-de-Bustamante-e-Sá/6000000021291031665>
- <https://www.heraldrysinstitute.com/lang/pt/cognomi/Bustamante/idc/612150/>
- <https://www.heraldrysinstitute.com/lang/pt/cognomi/Fuertes/idc/651559/>
- <https://www.jacarei.sp.leg.br/wp-content/uploads/2015/12/Processo-n---1912015.pdf>
- <http://www.jacarei.sp.leg.br/wp-content/uploads/2016/06/Processo-n---0552016.pdf>
- <https://www.myheritage.com.br/site-family-tree-521438251/familia-bustamante-santa-rosa>
- <http://www.projetocompartilhar.org/Familia/cap01AntonioJoseRibeirodeCarvalho.htm>
- <http://www.projetocompartilhar.org/Familia/FortesdeBustamante.htm>

SOBRE O ORGANIZADOR

Então... Permitam-me contar um pouquinho sobre algumas de minhas outras publicações, tanto aquelas de minha própria autoria quanto outras que, às vezes até mesmo à revelia dos autores (mas nunca sem seu consentimento), acabei organizando, editando e também publicando. Assim vocês podem se sentir à vontade para avaliar e – quem sabe? – até mesmo adquirir o conjunto da obra! ;-)

Foi no ano de 1997, com a consolidação da Internet comercial no Brasil, que vim a conhecer plenamente esse novo mundo virtual que ainda estava nos primórdios de ser desbravado – ou, seja, quando eu cheguei ainda “*era tudo mato*”...

E foi no início de 1998, quando já pulsava nas veias deste velho fuçador a ansiedade por descrever minhas experiências, meus momentos e outros endereços úteis na então ainda incipiente Internet brasileira, que comecei a escrever, transcrever e compartilhar meus interesses, o que me vinha à cabeça ou o que estivesse à mão. A vontade de blogar já existia antes mesmo da existência do próprio termo.

Nesse novo começo de era, após já ter fuçado em muitas BBS da vida, comecei a ocupar meu próprio espaço com meus próprios sites, tendo inicialmente criado o ERGAOMNES, onde editei o e-zine CTRL-C, cerca de dois anos depois migrei para o HABEASDATA e finalmente, em meados de 2004, surgiu o LEGAL. E foi realmente a partir daí que comecei a blogar com certa regularidade, compartilhando textos e experiências bem e mau humoradas, como me é de praxe.

Somente em 2007, depois de um sinistro evento, começou a germinar a primeira semente que viria a transformar minhas garatujas que chamo de linhas em algum tipo de livro, vontade essa que se consolidou em 2011 e veio a gerar seus primeiros frutos em 2014, quando descobri a existência do *Clube de Autores*, um site que permite a criação, elaboração e “*autopublicação*” de livros.

Bicho arredio e desconfiado que sou, ainda assim resolvi testar essa bagaça. Juntei todo um material que já tinha de minhas pesquisas

genealógicas, dei-lhe formato de livro e segui o passo a passo para a publicação. E foi assim, em 2014, que teve origem a primeira edição do **Livro da Família Andrade**.

Ainda no ano de 2014 veio à luz **Filosofices de um Velho Causídico**, uma coletânea de textos e crônicas de meu blog, e, nesse mesmo ano, foi a vez de **Criança dá Trabalho**, que traz as aventuras e desventuras de diversas crianças de todas as idades, em especial as de meus três próprios filhotes.

No ano de 2015 trouxe à tona meu lado advogado em **Filosofices de um Velho Causídico – Juridicausos**, com uma coletânea de textos jurídicos (ou não), onde compartilhei um bocadinho das curiosidades que envolvem o cotidiano desses maravilhosos lunáticos que resolveram se lançar na carreira jurídica. Também 2015 presenciou a chegada de **Filosofices de um Velho Causídico – Outros Causos**, onde está reunido boa parte do que não foi utilizado no Filosofices original.

À parte de meus próprios livros também resolvi aproveitar o custo zero de publicação (mas não de aquisição!) para reunir e homenagear os textos de escritores e artistas que muito respeito. Daí em 2014 vieram os dois volumes de **Jesus me Chicoteia!**; em 2016, **Amarula com Sucrilhos, Juventude Perigosa e Balde de Gelo (reedição)**; em 2020, **O Alfarrábio**; e em 2021 **Genealogia da Família Fortes Bustamante** (todos eles descritos um pouco mais adiante).

É certo que desde o final de 2017 até este ano de 2021 acabei não publicando nenhuma nova obra impressa (de minha autoria) que fosse realmente relevante, mas garanto que lá no blog – www.legal.adv.br – vocês irão achar muita, mas *muita* coisa bastante interessante e, dentre outros, diversas elucubrações, bem como causos mais sérios, mais leves ou mais bem humorados.

Adauto de Andrade

OUTROS LIVROS PUBLICADOS PELO ORGANIZADOR

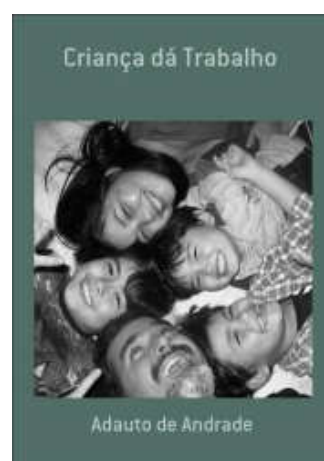
Filosofices de um Velho Causídico (2014 – 400p.)

Este livro é a coletânea de textos e crônicas de meu blog <http://www.legal.adv.br> na qual, através dos tópicos *Coisas de Casal*, *Criança dá Trabalho*, *Juridicausos*, *Vida Besta*, *Martelando o Teclado* e *Filosofices*, eu disponibilizo textos no geral curtos ou curtíssimos – só que às vezes não – onde falo um pouquinho da vida conjugal, da difícil arte de ser pai, de causos jurídicos, das bestagens que fazemos na nossa vida, de contos, pontos de vista, cultura inútil e coisas de antigamente, bem como também compartilho um tanto de elucubrações mentais que volta e meia passam por esta minha cabeça já atordoada por tanta vivência...



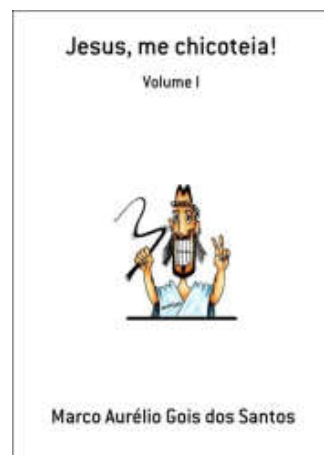
Criança dá Trabalho (2014 – 108p.)

Essa criança que um dia você já foi – regra universal insuperável – é a mesma que existe em todas as casas de todo o mundo. Com a mesma imaginação, criatividade, brincadeiras, disparates, carinho sincero, risada solta ou até mesmo choro sentido. E é disso que este livro trata. Algumas aventuras e desventuras, contos, causos, situações, tiradas e sacadas que só teriam como existir saídos da convivência e da fértil imaginação desses pequeninos seres iluminados.



Jesus me Chicoteia! (2014 – Volume I, 436p. e Volume II, 398p.)

[Autor: Marco Aurélio Gois dos Santos] Estes são os textos que restaram de um antigo blog que já teve seus dias de fama como ponto de encontro de uma vasta gama de hereges de todo tipo – <http://www.jesusmechicoteia.com.br>. Em verdade vos digo que eles são nada mais nada menos que uma paródia da Bíblia, tendo sido escritos com um humor ferino e sagaz, não sendo recomendados para crentes fervorosos de qualquer religião. Tá, para os não tão fervorosos também... [esgotados]



Filosofices de um Velho Causídico: Juridicausos (2015 – 200p.)

Este livro nada mais é que uma coletânea de textos jurídicos – ou não – pinçada lá do meu blog Legal, onde compartilho um bocadinho das curiosidades que envolvem o cotidiano dos assim chamados “Operadores de Direito”. Nele você vai encontrar um pouco do anedotário popular, casos que envolvem clientes, audiências e outras situações ainda mais estapafúrdias, sentenças, acórdãos e outras peças no mínimo pitorescas; enfim, vai ser possível explorar um pouco do Lado B desses maravilhosos lunáticos que resolveram se lançar na carreira jurídica!



Filosofices de um Velho Causídico: Outros Causos (2015 – 400p.)

Neste livro está reunido boa parte do que não foi utilizado no *Filosofices* original, bem como textos de minha autoria que produzi depois e, inclusive, o trabalho de outros blogueiros que simplesmente merecem ser lidos – desta vez distribuídos pelos tópicos *Martelando o Teclado*, *Passado a Limpo*, *Blog de Papel*, *Filosofices e Pensatas*. São, de um modo geral, casos que trazem um pedacinho de mim, um tiquinho de minh'alma, invariavelmente com bom humor, não dispensando a seriedade e nunca resistindo ao dramático!



Amarula com Sucrilhos: Bloguices, Contos Inacabados e Outros Surtos (2016 – 488p.)

[Autora: Alê Félix] Este livro reúne uma parte da vida virtual da autora, em especial as histórias que possuíam uma certa continuidade, como se percebe em *A mulher do pires*, *A saga do primeiro beijo*, *Ovo negro e os incompetentes no amor* e *O videotexto*. Em *Clube da Lulu* exercitou sua forma ferina de observar o mundo sob a ótica das mulheres, sempre com bom humor e até mesmo um quê de nostalgia, mas que invariavelmente nos leva tanto a rir quanto a pensar. E em *Querido Diário* nos brinda com histórias de sua própria vida – quer sejam verdadeiras ou não – de uma maneira tal que nos permite compreender um bocadinho de como funciona a mente sagaz dessa viajandona, lunática e sempre sorridente autora. [esgotado]



Juventude Perigosa

(2016 – Volume I, 180p. / 2021 – Volume II, 184p. / 2021 – Volume III, 172p.)

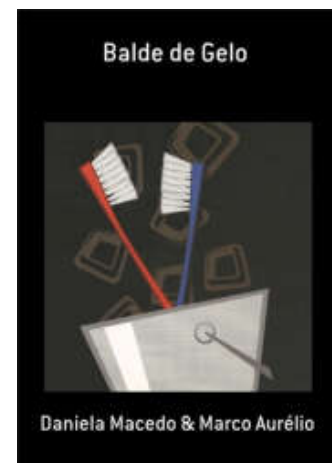
[Autor: Fernando Duarte] O livro traz uma compilação das tirinhas com as desventuras de Mariana e Claudinha (<https://juventudeperigosa.com>), personagens criadas pelo autor – que é animador digital, ilustrador e cartunista nas horas vagas. Esse casal de meninas escancara, com muito bom humor, a difícil arte de se manter um relacionamento, não só pelos perrengues comuns no dia a dia de qualquer casal, como também pela eventual homofobia que encontram na sociedade que as cerca. [esgotados]



Balde de Gelo (2016, 2ª Edição – 166p.)

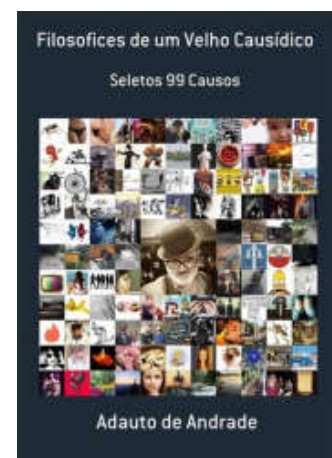
[Autores: Daniela Macedo e Marco Aurélio dos Santos]

A vida a dois não é complicada. Complicado é sambar em descida. A vida a dois é um milagre, isso sim. Só vivendo pra entender o que é aguentar maus humores, parentes, cachorro pentelho, ciúmes, amigos intrometidos. Mas também é só vivendo que se compreende a delícia de chegar em casa depois de um dia corno e encontrar quem se ama, receber cafuné assistindo filme, soltar pum sem precisar pedir desculpa. E Balde de Gelo traz todos esses ingredientes misturados com graça, leveza e humor – atributos indispensáveis para a sobrevivência de qualquer relação. E de qualquer um. [este livro está disponível para aquisição direta com os autores no site do Clube de Autores, em <https://clubedeautores.com.br/livro/balde-de-gelo>]



Filosofices de um Velho Causídico: Seletos 99 Causos (2016 – 270p.)

Apesar da luta que foi o processo de escolha, consegui me restringir a apenas 99 textos que são, resumidamente, os melhores, os de maior significância pessoal, os mais divertidos, os mais profundos, enfim, os mais relevantes que já publiquei (na minha nada humilde opinião, é claro). Distribuídos pelos capítulos *Coisas de Casal*, *Criança dá Trabalho*, *Juridicausos*, *A vida como ela é*, *Passado a Limpo*, *Martelando o Teclado* e *Filosofices*, falo um pouquinho da vida conjugal, da difícil arte de ser pai, acrescento mais um



tantinho de causos jurídicos, reclamo dos perrengues do dia a dia, do passado que tanto me guia quanto persegue, bem como desfilio um quê de crônicas, invenções e elucubrações de praxe...

O Alfarrábio: Elucubrações de um Roseano (2020 – 252p.)

[Autor: Paulo Bicarato] Este livro contém parte dos textos atemporais disponibilizados no blog Alfarrábio no período de 2001 a 2004 – <https://alfarrabio.org> – permitindo mergulhar nas lembranças do jornalista Paulo Bicarato, que resgata seu jeito sereno de se aproximar e que sabia, como ninguém, escrever a profundidade da vida e da alma, pois enxergava o mundo com os olhos de quem via todo o contexto, indo além das entrelinhas. Não se contentava com apenas algumas informações, eis que gostava dos mistérios escondidos e como Guimarães Rosa desbravava outras veredas, com diversos textos de sua autoria, bem como as elucubrações, pensatas, citações e notícias que ele descrevia e que tinham tudo a ver com ele.



Livro da Família Andrade (2021 – 224p.)

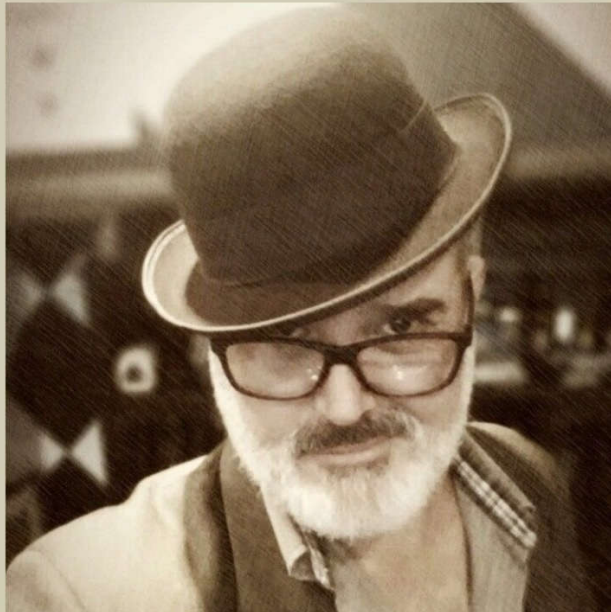
Este livro, de uma maneira bem sintética, conta as origens do sobrenome Andrade e faz uma pequena viagem pelo Vale do Paraíba, Sul de Minas e chega em Portugal, retroagindo até o nascimento da matriarca da família, em 1629. Mas seu maior mérito é conter o registro (com fotos!) até o final do ano de 2020 do meu ramo da família, com todos os 150 descendentes diretos a partir de Antonio de Andrade e Sebastiana dos Santos Maia, meus avós paternos, contabilizando em quatro gerações um total de 12 filhos, 39 netos, 80 bisnetos e 19 trinetsos.



Aos interessados de plantão: este livro foi feito através do sistema de “impressão sob demanda”, ou seja, somente é impresso na medida em que for encomendado, o que pode ser feito diretamente no Clube de Autores, onde meus outros livros também estão disponíveis.

O Organizador.

<http://clubedeautores.com.br/livros/autores/adauto-de-andrade>



Sobre o Organizador:

Adauto de Andrade - gênio, bilionário, playboy e filantropo...

NÃO, PÉRA!

Ah, tá: causídico (contador de causos), voz solitária, pai, marido, técnico, fuçador, escrevinhador, blogueiro, genealogista amador, advogado por opção, opaleiro de paixão, motoqueiro, temulento, curioso e rabugento - não necessariamente nessa ordem...

Do alto dos meus 52 anos, sou um joseense nascido e criado no bairro de Santana - um pedacinho de Minas Gerais na cidade de São José dos Campos, em São Paulo.

Dentre outras coisas, já fui cicleteiro, vendedor, publicitário, bancário, desenhista, técnico de informática, programador, funcionário público em mais de uma prefeitura e hoje sou um mero advogado que resolveu se meter a publicar (mais) um livro.

O “O Trabalho de Pedralva” é um relatório genealógico publicado na Internet com o seguinte título: “Árvore genealógica de algumas famílias significativas na história de Pedralva: Bustamante, Abreu e Rezende”. O trabalho é o resultado da dedicação, do empenho e da coordenação de dois pedralvenses: Antônio Nélcio de Abreu (Chinho) e José Sebastião Rezende Monti (Zezé Monti). Esse trabalho foi importante para nós, pois foi a partir dele, de quando o conhecemos, que planejamos e decidimos empreender a nossa “Genealogia da Família Bustamante”. Este seria um trabalho semelhante, porém concentrado apenas na descendência do patriarca Ignácio de Loyola Bustamante Fortes e sua esposa Anna Flora de São José, a Dindinha. Relacionado apenas à família Bustamante, houve a intenção de se produzir um trabalho um pouco mais extenso, tanto na amplitude do arco de antecedentes e descendentes de Ignácio de Loyola, como na intenção de ao longo dos registros dos nomes, inserir notas, comentários e tudo o mais que viesse contribuir para, além de tornar o trabalho instigante e prazeroso de ser manuseado, deixar registrado um pouco da história da vida de alguns dos membros da família, no contexto da época em que viveram.

A importância de “O Trabalho de Pedralva” vem de sua essência: uma quantidade enorme de nomes já catalogados e relacionados. Ao fim e ao cabo, um livro, ou melhor, um manual de genealogia, nada mais é na sua essência, do que uma torrente de nomes que se relacionam através de uma cadeia de afiliações, de uma linha contínua de descendência. Mas também, é importante pela motivação que ele é e foi capaz de provocar; do prazer de ter nas mãos um livro que, aberto, provoca lembranças e vontade de saber mais sobre quem foram nossos avós, bisavós e correlatos, e também onde e como viveram.

Luiz Carlos Pinto Bustamante